

FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2	
Nome da Pasta	DOM_ADRIANO_HYPOLITO KI-BR_125. 5
Autor/Instituição	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
Número de Documentos	1
Quantidade e tipo de documentação	1 caderno que contém recortes de jornais veiculados da imprensa brasileira, Circular (2/72) do Bispo Diocesano Dom Adriano, notas da Comissão Diocesana de Justiça e Paz de Nova Iguaçu, cartas, convites e comunicados. Total de páginas: 84
Dia/ Mês/Ano	1972- 1978
Formato	Ofício
Resumo	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veiculadas na imprensa brasileira, entre os anos 1972-1978, sobre a Diocese Nova Iguaçu, o Bispo Dom Adriano Hipólito e a Baixada Fluminense.
Palavras-Chave	Diocese; Nova Iguaçu, Bispo; Dom Adriano Hipólito; Baixada Fluminense
Notas explicativas	<p>A contagem de páginas obedece à regra: sempre a partir da primeira após a capa, sendo esta a “01”.</p> <p>A página 81 está parcialmente turva no documento original, e não um erro de digitalização.</p>



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM



CEDIM – CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM

Av. Governador Roberto Silveira S/N - CEP: 26020-740 - Centro - Nova Iguaçu-RJ

Bibliothek



Dom Adriano Hypólito 1972-1978

Institut für Brasilienkunde

KI-BR 125.5

Bibliothek

06.10.10

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

27. Sep. 1972 - 1978

Datum	Nummer
	KI 158-2

Presseart:

Adriano mostrava como as esportulas tinham a "aparência infeliz de compra e venda das coisas sagradas" e propunha uma reflexão sobre a diferença entre participar e dar esmola: "Gente, esmola quase sempre pode ser um troço humilhante porque aceita pacificamente duas medidas para o mesmo ser humano: o caridoso, porque pode e tem condições de andar passeando verticalmente por aí a sua dignidade humana, jogando ainda migalhas de supérfluo para os outros; e o mendigo, que só tem direito de receber as migalhas jogadas". No terceiro folheto, finalmente, as intenções das mensagens foram plenamente reveladas: a cobrança do centésimo (cada fiel deve contribuir para a manutenção da sua paróquia com 1% de seus rendimentos).

Na boca do túnel — A decisão de adotar o sistema do centésimo foi levada aos paroquianos com a cautela de um médico que precisa dar uma má notícia aos parentes de um doente. O quarto folheto, num diplomático arremate, procurou encorajá-los à participação: "Entre na jogada, participe do centésimo". E, através de analogias futebolísticas, dom Adriano argumentava: "Ficar na boca do túnel ou nas arquibancadas pode ser bacana, mas você sabe que só assistência e torcida não fazem seu time vencer".

A diocese de Nova Iguaçu é a primeira a tornar obrigatória a adoção do centésimo nas paróquias, tendo já emitido um decreto com as normas a serem seguidas. Até o fim do ano, entretanto, haverá um período de experiência, podendo os párocos continuar com as esportulas. O problema é que, apesar dos recursos de comunicação empregados por dom Adriano, os resultados até agora têm sido desanimadores, a julgar pelo balanço feito pelo vigário-geral, monsenhor Arthur Hartman, um gaúcho de 66 anos de idade: "Distribuí durante as missas cerca de 2 000 cartões de inscrição. Até hoje recebi oitenta de volta, a metade com contribuição de 1, 2 e, no máximo, 5 cruzeiros. Tenho apenas duas contribuições de 100".

Mas a diocese de Nova Iguaçu, como a Igreja no Brasil de um modo geral, acredita que tudo depende de esclarecer devidamente os fiéis sobre o significado de se contribuir com o centésimo. Ou, como diria dom Adriano: "No time da sua paróquia, você tem de suar a camisa para encher o placar de gols e sentir aquela senhora felicidade".



Mons. Hartman:
"Entre na jogada"

O gol do centésimo

Os fiéis das 48 paróquias da diocese de Nova Iguaçu, Estado do Rio, receberam recentemente quatro folhetos de cores diferentes — um por semana — com mensagens do bispo dom Adriano Mandarino Hipólito. De início, as intenções eram um pouco misteriosas. O folheto azul, distribuído na primeira semana, falava dos problemas financeiros da diocese e da inconveniência da cobrança de esportulas. "Ela destoa da visão da Igreja que o Espírito Santo nos ensinou com maior clareza nos últimos tempos." No folheto cor-de-rosa, o segundo, a linguagem tornou-se bem mais acessível: "Vamos limpar a nossa Igreja de toda aparência de comércio?" Dom

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
.	- 2 - 72	

PÁSCOA E BAIXADA FLUMINENSE

Circular 2/72 do Bispo Diocesano de Nova Iguaçu, RJ

Prezados diocesanos:

O enfoque desta mensagem de Páscoa é pastoral: como cristão, como sacerdote e como bispo diocesano me ocupo de problemas fundamentais de nossa Baixada Fluminense, desta área singular onde nos colocou a Divina Providência para o serviço da comunidade dos homens. Fala o cristão: não fala nem o economista nem o sociólogo nem o político nem o psicólogo de massas. Sim, fala apenas e sobretudo um cidadão brasileiro que é cristão e bispo. Fala o irmão que sente os problemas de todos os irmãos da Baixada, que sente a insegurança social de nossa região. Fala quem, apesar de tudo, ainda confia que, com a graça de Jesus Cristo ressuscitado, vencedor do pecado e da morte, é possível aos homens de boa vontade enfrentar a problemática da Baixada, para encontrar algumas soluções. Desde que tenhamos a humildade da verdade e a sinceridade da procura em comum.

Há muitos problemas agudos na Baixada Fluminense. Deixemos de lado explosão demográfica e instabilidade, transportes e pavimentação, luz e água, saneamento e urbanização, comércio e industrialização, cultura e práticas religiosas. E focalizemos alguns que, sendo sempre importantes, parecem ser para nós prioritários ou imediatos, além de fundamentais, para a solução das outras dificuldades. Creio que são os seguintes:

1) Educação

A educação é falha na Baixada Fluminense, como em todo o Brasil, mas aqui aparece mais falha, mais deficiente, em vista da concentração demográfica, da proximidade com o centro de cultura que é o Rio de Janeiro, da industrialização explosiva, do número de crianças que, para ajudarem o salário dos pais, deixam a escola pelo biscate. Faltam salas de aula, faltam escolas convenientemente distribuídas pela área. As escolas são mal instaladas e muitas vezes mal conservadas. As professoras são desestimuladas pois grande número delas são apenas contratadas, sem direitos, a não ser o salário que recebem periodicamente. Por que as professoras contratadas, algumas com longos anos de serviço, não recebem efetivação? por que ficam fora da legislação social do país? por que seu ordenado é retido? por que as professoras na medida do possível não são lotadas na área de sua residência? Por que não se fomentam as escolas particulares, com uma legislação realista e adequada à nossa situação, principalmente se considerarmos que o governo, nem no Brasil nem nos outros países, não está em condições de assumir todo ônus da educação? Por que então os entraves e arbitrariedades que uma fiscalização alheia à nossa situação ou exorbitante ou desonesta põe à atuação das escolas particulares? Um exemplo concreto: quase todas as escolinhas, gratuitas, das paróquias de nossa diocese se fecharam, em vista das dificuldades e exigências descabidas de um município ou estado que confessadamente não pode prescindir da colaboração de entidades particulares. Em nome da consciência cristã e da liberdade do Evangelho, em nome também da educação que a constituição do país e do estado garantem, pedimos que se dê mais condições de funcionamento aos colégios e escolas particulares (o que evidentemente significa uma legislação realista e o dever também de vigilância); que a educação seja de fato uma prioridade no orçamento do estado e dos municípios bem como no planejamento de nossa região; que as professoras sejam digna e pontualmente remuneradas; que o estado deixe de reter o salário das professoras contratadas. Do investimento feito em educação de-

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
.	- 2 - 72	

pende o crescimento orgânico de nosso país, inclusive de uma economia sólida e sadia.

2) Saúde

O setor saúde devia merecer mais atenção dos poderes públicos. São poucos os hospitais, postos de saúde, maternidades, ambulatórios etc. de nossa região. O caso de Nova Iguaçu que, sendo o 8º ou 9º município do país em população, tem apenas um hospital (este mesmo de uma associação de caridade) para atender o grande público, de modo particular os pobres e indigentes, sempre ameaçado de fechar à falta de recursos, é uma situação clamorosa que deveria levar os responsáveis a uma reflexão séria sobre as deficiências de nossa Baixada Fluminense. Os médicos que aqui trabalham sabem contar casos dolorosos e freqüentes, sem que se tomem as providências urgentes e necessárias para sanar os nossos males. Não se diga que a rede hospitalar da Guanabara atende a Baixada Fluminense. Como é que uma população de humildes trabalhadores pode pagar transporte especial para o Rio em casos urgentes? Apesar da propaganda otimista o INPS e outras entidades previdenciárias não atendem os seus associados com a solicitude, com a presteza, com a profundidade que os casos requerem, para não falar da massa de pessoas humildes que não participam das vantagens das leis sociais. As filas que começam já de madrugada, o atendimento limitado e superficial muitas vezes, o encaminhamento tardio, as receitas que não podem ser aviadas por falta de recursos — tudo se repete com tal freqüência que se torna impossível desculpar as falhas. Todo o sistema de atendimento, toda a estrutura da previdência, talvez todos os quadros humanos tenham de ser revisados, para achar-se a fórmula correta. Se a orientação do governo federal, como se tem proclamado tantas vezes, é a valorização da pessoa humana, custa compreender que os nossos irmãos das classes humildes sejam ludibriados, maltratados por institutos que foram criados e são mantidos, graças às contribuições de empregados e empregadores, exatamente para prestar auxílio (de justiça, não de caridade) na doença, na velhice, na invalidez. Nada justifica as filas enormes à porta de postos médicos, à porta de bancos, para um homem receber o que é seu por direito e justiça. A consciência cristã exige que seja reformado o sistema de atendimento a nossos irmãos mais pobres. É impossível aceitar que se brinque com a vida, com a sorte dos que, na sua humildade, no seu trabalho sofrido, na sua ordeiridade exemplar, constroem o Brasil do presente.

3) Segurança

Um mínimo de segurança, eis o que a sensatez exige para o progresso e para o desenvolvimento. Em nossa Baixada chegamos a uma situação de insegurança que desencoraja toda iniciativa e atuação honestas. Deveremos baixar todos ao nível dos marginais para podermos viver aqui? Deveremos todos empregar os mesmos recursos, para sobreviver? Os responsáveis podem tentar explicações técnicas ou sociológicas — geralmente superficiais e insustentáveis — quantas quiserem. Todo mundo vê e diz à boca pequena — inclusive pessoas lotadas na própria polícia, ainda que sob reservas e ameaças de desmentidos — que a insegurança social da Baixada Fluminense é em grande parte fruto da atuação de uma força policial mal recrutada, mal preparada, mal remunerada. Os jornais relatam fatos de policiais coniventes com marginais. Basta pensar nas peripécias dos processos feitos nos últimos meses contra os membros dos chamados Esquadrões da Morte que conseguiram inclusive repercussão no estrangeiro. Que forças poderosas invalidam e destroem a decisão dos homens honestos de acabarem com a praga social de uma polícia corrupta e mancomunada com os criminosos? No Estado do Rio, ao

contrário de muitos outros estados da Federação, os delegados de polícia são bacharéis: onde fica então o cultivo do direito, da justiça que deveria caracterizar a sua atuação em defesa da ordem pública e do bem comum? Os jornais noticiam constantemente fatos que depõem contra o sistema de segurança de nossos municípios. Não se nega que existam bons policiais, sacrificados e conscienciosos. Mas é também inegável, infelizmente, que o povo tem medo da ação arbitrária da polícia, das violências, dos maus tratos de homens primários que pertencem aos quadros policiais mas poderiam estar também participando de gangs de marginais; é também inegável infelizmente que o povo não confia na honestidade da polícia, aceitando sem dificuldade que os policiais são aliados dos criminosos. A consciência cristã exige que seja modificada essa imagem da polícia, que todos tenhamos nos policiais, bem recrutados, bem formados, bem remunerados, bem acompanhados por seus superiores, os cidadãos corajosos, honestos, justos, prestimosos que garantem a segurança pública, que merecem a nossa confiança e gratidão, que combatem o crime com armas de justiça, de direito, de moderação, sem nunca se rebaixarem à miséria de criminosos bárbaros. Aqui também se poderia pensar no que acontece nas cadeias públicas, graças a uma estrutura desumana e anticristã de promiscuidade, de torturas, de suborno. Onde está o nosso cristianismo? onde está o nosso sentimento de humanidade?

4) Política

A história dos costumes políticos da Baixada Fluminense ainda não foi escrita. Mas tem sido vivida há vários decênios. E não é uma história brilhante. Nem tampouco exemplar. Os meios de comunicação encarregam-se de projetar para o Brasil inteiro e para outros países do mundo a imagem do político da Baixada que não nos faz honra, infelizmente, ainda que devamos ressaltar as exceções aqui como noutros sectores da nossa vida social. Todas as comunidades de nossa região sofrem a inépcia ou o despreparo ou a desonestidade dos que se conseguem impor à decisão dos eleitores. Temos exceções, repito. Mas a imagem de nossos políticos é marcada pela mediocridade, pela incapacidade, pelo puxa-saquismo, pelo primarismo dos muitos que — será castigo de Deus, pondo-nos à prova para aprendermos a refletir, através do sofrimento, sobre a nossa responsabilidade cristã? — fazem política em nosso meio. Vícios inveterados, ambições mesquinhas, rivalidades menos do que provincianas, visão curta da realidade, atitudes demagógicas, despreparo para os cargos e funções, interesses bitolados: sobem e descem os políticos, vão e vêm as eleições, aparecem e desaparecem os grupos políticos, e nada se modifica definitivamente na paisagem destas formidáveis comunidades da Baixada Fluminense que bem mereciam melhor sorte. A falta de influência de nossa região é notável, a ponto de podermos indagar com curiosidade: que é que a União faz pela Baixada? que é que faz o estado? que é que fazem de grande e de útil os nossos municípios? Com exceção talvez do saneamento da Baixada, obra meritória que foi o ponto de partida para o crescimento ainda que desorganizado de nossa região, que planejamento, que estudo sério, que execução eficiente podem ser apresentados como sinal de interesse pelos nossos problemas? Quando é que as autoridades procuram atender os postulados — modestos, ordeiros, justos — dessa região excepcional da paisagem brasileira e deste povo trabalhador, sacrificado, que apesar de tudo constrói o Brasil sem ódio nem revolta? Não conheço no Brasil população que exceda em coragem, em operosidade, em resistência, em força de vontade esta população heróica da Baixada, recrutada de todos os sofrimentos espalhados pelo Brasil a fora. A consciência cristã exige que os nossos políticos assumam sua responsabilidade de promover o bem comum — pois para isto se faz Política, para isto são eleitos os políticos; que ultrapassem a mentalidade provinciana e primária de interesses egoístas, procurando conhecer a realidade de nosso povo e os princípios básicos de uma política ge-

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchive

Zeitung	Datum	Nummer
.	- 2 - 72	

nuína; que enfrentem os problemas com seriedade e humildade, na vontade firme de acertar; que esqueçam as divergências partidárias, quase sempre mesquinhas e desestimulantes, quando se trata de promover o bem de nossa Baixada Fluminense. Somente a conjugação de forças, com uma visão honesta do bem comum, pode modificar para melhor a imagem de nossa região, a imagem interna sobretudo.

5) Elites

Aqui se tornaria necessário um apelo ao pequeno grupo de elite que sente os problemas e misérias da Baixada Fluminense, a deformação de nossa imagem, os aspectos negativos de nossa realidade social. E não sente apenas: gostaria de corrigir a situação. Aqui se impõe a conscientização desta verdadeira elite, para enfrentar a situação e os aproveitadores da situação, assumindo entre outras a sua responsabilidade na política e na vida pública. Todos sabemos que o povo da Baixada é um povo bom, ordeiro, ativo, sofredor, com uma reserva inesgotável de paciência, de otimismo e de energia. O povo é admirável. Daí por que as elites responsáveis encontrarão colaboração decidida e grata em nosso meio. Não nos encontramos em situação irremediável. Ainda podemos contar com muita gente boa que aprovará as medidas de saneamento moral e com elas haverá de colaborar. O que nos falta é unirmos nossas forças para o bem de nosso povo. Que tarefa simpática, embora difícil, neste ano em que o Brasil comemora 150 anos de sua independência!

Os aspectos negativos que apresento lealmente à consideração de todos os homens de boa vontade, de todos os que amam verdadeiramente o Brasil, o Estado do Rio e a Baixada Fluminense, esses aspectos, de todos nós conhecidos, desafiam nosso cristianismo. Se somos cristãos. Se aceitamos como dado fundamental do cristianismo a mensagem salvífica da Páscoa: Cristo ressuscitou. A mensagem de Páscoa é mensagem realista de otimismo, de confiança, de co-responsabilidade. Com a graça de Deus que elevou Cristo como príncipe e salvador para dar-nos ocasião de arrependimento, de revisão, de perdão de nossos pecados (cf. Atos 5,31) conseguiremos em trabalho sério e honesto melhorar as misérias que afeiam a imagem da Baixada Fluminense. Serão achadas soluções se todos os que temos responsabilidade nos juntarmos para refletir. Tenho certeza de que a maldade não será tanta que paralise nosso esforço nem tão forte a influência dos maus que elimine a influência de cristãos conscientes de sua missão. Para tanto desejo convocar através desta mensagem de Páscoa todos os homens responsáveis de nossa área, todos os homens de boa vontade, cristãos ou não, todos os que numa convivência diária com os problemas de nossa comunidade desejam apressar o dia de nossa libertação. Sim, estou certo de que acharemos soluções a curto, a médio e a longo prazo, conforme os problemas, desde que enfrentemos os problemas com humildade, seriedade e vontade de acertar; desde que nos unamos em espírito de grandeza interior que corresponda à grandeza crescente de nossas comunidades; desde que saibamos optar pelo prioritário, com sacrifício da fachada, do brilhante, do demagógico. Aos que me lêem ou escutam peço reflitam sobre o que lhes digo em espírito de solidariedade cristã, num desejo imenso de servir o nosso bom povo, numa convicção amadurecida de nossas responsabilidades, numa visão compreensiva e objetiva dos fatos sociais e sobretudo a partir da mensagem de Cristo Ressuscitado, como Paulo a resume de maneira feliz: "Então vocês não sabem que todos nós que fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? Fomos sepultados com ele na sua morte pelo batismo, para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova" (Rom 6,3-4). Com os votos de Feliz Páscoa eis o que tinha a dizer-lhes, meus prezados diocesanos, seu irmão

† Adriano, bispo diocesano

(Separata do Boletim Diocesano de Nova Iguaçu, 2/72)

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
	26.5.76	

O Globo
26.5.76

Mais dois corpos na Baixada: em 48 horas, 11 execuções

Ladrão foi levado no porta-malas de Volks

A identificação de três homens que, dizendo-se policiais, fizeram embarcar no porta-malas de um Volks vermelho um dos assaltantes do armazém "Primo Pobre", no Jardim Metrópolis, em São João de Meriti, poderá esclarecer as execuções ocorridas nas últimas 48 horas na Baixada Fluminense.

A opinião é dos policiais da Delegacia de Homicídios, que receberam ordem do Secretário de Segurança de investigar o caso e prender os culpados. Eles também não afastam a hipótese de as execuções serem uma represália de companheiros do soldado Flávio Ramos da Anunciação, do 21.º Batalhão da PM, baleado por três assaltantes dentro de um ônibus da linha São João de Meriti-Nilópolis, na noite de sábado último.

Amiga de quase todos os policiais da Baixada Fluminense, Arlinete Santos Silva, de 31 anos, contou à polícia como foi assaltado no último sábado, o armazém de seu pai, Agnor Chagas dos Santos, morto por um dos ladrões:

— Quando cheguei com meu marido (Madel de Araújo Silva) os ladrões estavam lutando com meu pai. Peguei um taco de sinuca e bati na cabeça de um deles; consegui tomar sua arma, mas ele sacou outra e matou meu pai. Meu marido conseguiu agarrá-lo, quando seus companheiros já tinham fugido. Depois surgiram três homens, um deles armado de metralhadora, identificando-se como policiais. Eles colocaram o assaltante dentro do porta-malas de um Volks vermelho e foram embora.

Identificação

O sepultamento das 11 pessoas executadas misteriosamente na Baixada Fluminense foi suspenso, segundo o delegado Héber Murtinho. Ele acredita que os parentes dos mortos poderão ir ao necrotério identificá-los.

Ontem foram enviadas ao Instituto Félix Pacheco, no Rio, e ao Instituto Pereira Faustino, em Niterói, fichas datiloscópicas com as impressões digitais das pessoas mortas.

Héber Murtinho disse não ter dúvidas de que pelo menos quatro dos cinco homens executados na madrugada de domingo estavam presos no xadrez de alguma delegacia. Quanto ao pai-de-santo Almir Cunha da Costa, o único identificado até agora, teria sido assassinado apenas por ser testemunha da morte dos outros quatro.

Almir, segundo seus parentes, estava desaparecido desde quinta-feira da semana passada, quando saiu de sua casa em Bangu para ir a um centro espírita no Jardim Leal, em Caxias. Dos cinco executados, ele era o único que estava vestido.

Perito

— É preciso remover todos os policiais da Baixada Fluminense e transferi-los para outros locais. Há muitos alcagüetes usando armas e carteira da polícia — comentou ontem um dos policiais da Delegacia de Homicídios designado para investigar as execuções. Sem se identificar, ele informou ainda que a maioria dos policiais de São João de Meriti costumava jogar sinuca no armazém do comerciante Agnor Chagas dos Santos.

O perito Gilberto Gomes, que deveria depor ontem na Delegacia de Homicídios, não compareceu. Ele era amigo do proprietário do armazém assaltado, segundo a polícia. Gilberto Gomes, que trabalha na delegacia de São João de Meriti, foi quem fez a perícia nos locais em que foram encontrados os executados.

A Delegacia de Homicídios pediu às delegacias de Nova Iguaçu e de São João de Meriti que remetam as balas e as balas dos 11 cadáveres, para serem analisadas pelo Instituto de Criminalística.



Dom Adriano: — As autoridades devem impedir as execuções que ocorrem na Baixada Fluminense.

Bispo de Nova Iguaçu condena a matança

Comentando as declarações do delegado de São João de Meriti, Péricles Gonçalves, publicadas na edição do GLOBO de ontem, segundo as quais a polícia "deve matar os bandidos que resistirem", o Bispo de Nova Iguaçu, São João de Meriti, Nilópolis, Paracambi e Itaguaí, Dom Adriano Hipólito, disse que elas "refletem o que há de mais negativo entre os nossos policiais e ferem o que há de mais sério no sentimento cristão".

— Estamos numa situação jurídica ou na lei da selva — pergunta o bispo, acrescentando: — As autoridades federais devem imediatamente procurar pôr termo à matança na Baixada Fluminense, tirando da polícia os maus policiais.

Disse D. Adriano que "a população já não teme só os ladrões e assaltantes, mas também a própria polícia. A verdade é que o povo já suspeita do envolvimento de policiais nessas matanças e isto é muito ruim para a própria sociedade".

— A tese da defesa apresentada no julgamento dos policiais de Vila de Cava, segundo a qual eles mataram cumprindo ordens superiores, é uma tese puramente nazista que nenhuma pessoa de sã consciência pode aceitar. E há ainda uma grande diferença: os alemães matavam cumprindo ordens mas foram julgados e condenados em Nuremberg, e

continuam ainda sendo julgados. Infelizmente, aqui na Baixada mata-se no cumprimento do dever e nada acontece.

Disse ainda o bispo de Nova Iguaçu que "em muitos casos, o que é pior, descobre-se que a vítima é inocente, um cidadão comum. Então o que acontece? A polícia pede desculpas, diz que foi engano e fica por isso mesmo".

— Não é mais possível que o Presidente da República tenha que ler determinados fatos nos jornais e mande, ele próprio, tomar providências. É preciso que esses fatos não se repitam.

D. Adriano disse que não é contra a polícia mas acha necessária uma ampla reforma no sistema policial. "Armar a polícia com armas mais modernas só desperta reação do outro lado, não é solução".

— A solução está em as autoridades realizarem um recrutamento mais seletivo para os quadros policiais. Imagina-se que em uma profissão que tem um sentido social, como é a do policial, as pessoas que prestam este tipo de serviço estejam a serviço da pessoa humana e não contra ela. Um policial não pode prender uma pessoa por não ter documentos ou matá-la só porque ela começa a correr quando chega o carro da polícia. Não tem sentido.

Mais dois corpos foram encontrados ontem, crivados de balas, em Belfort Roxo, elevando para 11 o número de pessoas executadas na Baixada Fluminense, em pouco mais de 48 horas. Os corpos de um homem e uma mulher estavam junto ao portão da casa 350 da Avenida Americana. O homem, que aparenta 25 anos, vestia calça tipo Lee, estava sem camisa, descalço e manietado, com três ferimentos de bala na cabeça. A mulher, de 23 anos presumíveis, vestia um short e blusa estampada; estava descalça, encostada na calçada, com duas balas na cabeça e marcas de tortura no corpo.

Na casa, que parece ter sido resistida, a polícia encontrou sobre

uma mesa um diploma de conclusão do curso primário do Instituto N. de Fátima, datado de 1965, em nome de Jurandir Ferreira Veiga, e também um cartão de orçamento de tário da Clínica Nilo Peçanha, e o nome de Magnólia Nunes Santos.

Os corpos foram levados para o necrotério de Nova Iguaçu; o caso de Homicídios determinou retirada de impressões digitais no local. Além desses dois corpos, manecem no necrotério de Nova Iguaçu, sem identificação, mais dois cadáveres.

Segundo a polícia, na madrugada de ontem desconhecidos, ocupando dois carros, estiveram no local e o casal foi encontrado morto.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung
JB

Datum
6.6.76

Nummer

QUANDO SE QUER ENCONTRAR UM CADÁVER NA BAIXADA PROCURA-SE EM PRIMEIRO LUGAR

VIVER A BALA,

NA "LIXEIRA" DA AVENIDA ADRIANÓPOLIS BAIXADA FLUMINENSE
JORNAL DO BRASIL 6.6.76

MUITAS BALAS

— Trouxemos mais um pé de chinelo só para não chegar com o carro vazio.

— Cara, sobe aquela escada ali em frente, quando chegar numa sala grande cheia de gente, pergunta onde é o xadrez e vai entrando.

As duas frases do policial em serviço na delegacia de São João de Meriti encerram às 17h 30m uma blitz monstro. Os moradores da "área vasculhada" assistem com indiferença à movimentação pouco comum, algumas horas depois da notícia do encontro do 39º cadáver em pouco mais de um mês na Baixada Fluminense.

— Tem polícia por todo lado, no Centro de São João, mas as coisas por aqui só pioram.

D. Maria José Gomes mora há 10 anos no bairro Joaquim de Almeida Flores mas só pensa em "juntar um dinheirinho" para sair dali com o marido de 68 anos e sua pequena criação de cabras: "Até os animais os bandidos levam de nós".

Com 1 milhão 200 mil habitantes, o Município de Nova Iguaçu parece ter sido escolhido o preferido para a "desova dos presuntos" — como se diz ali. Belfort Roxo, Queimados, Adrianópolis, Tico-Tico, Piam são alguns dos bairros que presenciaram nestes dias a intensificação das atividades do Esquadrão da Morte.

O dia-a-dia de violência na Baixada acrescenta aos grandes, médios e pequenos roubos, aos crimes passionais, às rixas entre grupos rivais, à invasão de casas e violação de mulheres, a morte fria e premeditada — a bala, muitas balas. Nas imediações dos locais onde as últimas 39 vítimas foram deixadas, lojas e residências modestas destoam da paisagem dominante no local. Muito mato, grandes extensões desabitadas dão um aspecto de calma, aparente.

Chegando mais perto não é difícil notar marcas de balas, cicatrizes provocadas por arnas brancas e uma geral expressão de medo e pânico, de (ue a moça de 22 anos (que parece ter 35) é exemplo incontestável.

— Nasci aqui no Alto da Posse (Estrada de Adrianópolis) e acho que me acostumei a essa vida difícil. Todos os dias

vemos e somos vítimas de assaltos. Ali naquela calçada morreu à toa, semana passada, um amigo nosso de infância.

A vida metódica é imposta a todos pela realidade da região.

— Vamos para casa cedo e fechamos todas as portas. Ninguém tem coragem de sair à rua depois das 7 horas. Só quem não tem muito amor à vida se arrisca a ir a um cinema ou visitar um parente doente. Trabalho o dia inteiro na loja de materiais de construção do meu pai e, se não sair com meu namorado ou com uma amiga depois do expediente, em que hora vou viver? Sei que posso ser assaltada e até morrer, mas esse medo vai aos poucos fazendo parte da vida da gente.

Na padaria que já foi assaltada oito vezes, M. N. — "por favor esqueça o meu nome, porque se eles sabem que penso assim, vêm aqui e se vingam" — conta histórias dos assaltos, enquanto o grupo que rapidamente se forma em volta levanta a camisa ou os fios do cabelo para mostrar marcas de bala ou faca.

— Levei quatro tiros no último assalto. Eram uns meninos que mal sabiam empunhar as armas. Tive até pena. Meu posto de gasolina chegou a ser assaltado três vezes numa só noite.

Avançando alguns quilômetros pela Estrada de Adrianópolis, chega-se à famosa lixeira onde os corpos somem, engolidos pelos montes de lixo ou pelos urubus.

— Se algum dia vi algum corpo perto da lixeira? Prefiro dizer que não. A gente aqui tem medo do bandido, tem medo da polícia, tem medo de nunca conseguir sair daqui. Não se sabe quem é pior, polícia ou bandido.

Com tantos crimes e tantos problemas, é possível percorrer grande parte do município sem encontrar um só carro da Polícia ou guarda do vizinho Batalhão da PM, em Queimados. Uma autoridade da Baixada (quase tudo que se sabe por lá é anônimo) ri quando alguém comenta que não há PMs.

— Como colocar alguém fardado sozinho na rua? Aqui marginal e policial só existem em grupo.

O medo, às vezes, pode-se transformar em pânico:

— Não posso viver mais um minuto aqui — diz Maria das Graças, mãe de dois filhos, moradora em Belford Roxo — as crianças correm perigo e se meu marido chega meia hora mais tarde encontra todo mundo em casa chorando.

Mas também pode aparecer por trás de uma declarada indiferença:

— Mais um morto, menos um, pra mim tanto faz. A notícia de um novo assalto também não faz a menor diferença. De noite quando me deito, penso muito, mas durante o dia vou vivendo como é possível.

Quem diz isso é uma menina de 15 anos que perdeu dois irmãos no espaço de um ano.

— Eles eram gente muito direita, até que a nossa vida piorou. Fome não passamos, mas também não tínhamos nada. Todas as noites a gente ouve barulho de tiros para os lados de São Francisco. Acho que eles foram-se acostumando e acharam normal fazer o mesmo.

Em muitos bairros de Nova Iguaçu a maioria das famílias tem um código de comunicação para entrar em casa. Duas, três batidas na porta afastam a possibilidade de uma visita indesejável.

— A gente ouve passos, não sabe direito quem se aproxima e isso dá um certo medo. Só respiramos aliviados quando identificamos as batidas na porta (um funcionário da Usina de Furnas, morador em Santa Rita, Nova Iguaçu).

Outro hábito cultivado na região é o de não registrar aquela dos sucessivos assaltos. Uns por medo de represália dos assaltantes, outros por uma total desconfiança da eficácia da ação da Polícia. Por todos os lados se ouve dizer que depois do saque vem sempre a mesma observação:

— Não adianta avisar aos homens. Eles não vão fazer nada.

D. Hipólito para a Baixada

Última Hora
Rio de Janeiro 13.6.76



Handwritten signature in blue ink, possibly 'MEL'.

Quando olho Nova Iguaçu, me parece que se trata de uma cidadezinha de vinte ou trinta mil habitantes, que assiste espantada ao vaivém de um milhão de hóspedes, gente que não é de casa, nem pertence à família.

Violência, corrupção, Evangelho

José Castello Branco

Durante os momentos mais críticos vividos pela Baixada Fluminense, como a recente onda de mortes atribuída ao Esquadrão da Morte, D. Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu, tem sido sempre uma das primeiras vozes a se levantar. Nessa entrevista exclusiva a UH, D. Adriano fala da violência, da marginalidade, do misticismo, do Esquadrão da Morte e da missão libertadora da Igreja, na linha do Evangelho de Jesus Cristo. E fala principalmente dessa região enorme e praticamente desconhecida do carioca, que é a Baixada Fluminense.

UH - Por que a Baixada Fluminense só chega à manchete dos grandes jornais e merece atenção especial das autoridades quando surgem os crimes atribuídos ao Esquadrão da Morte?

Dom Adriano - De fato, os meios de comunicação social têm dado mais atenção à patologia da Baixada, ao monstruoso, ao anormal. Talvez porque a boa notícia seja a má notícia. Talvez porque a desordem atraia mais do que a ordem. Talvez porque a preferência do público, aliás em todo o mundo, se dirija para o sensacional. Agora, no caso da Baixada têm faltado líderes que assumam suas responsabilidades por amor à população, que entendam o cadinho social dessa região extraordinária e que deste amor e desta compreensão partam para a valorização da Baixada. Os problemas estão aí para serem resolvidos, não apenas para serem denunciados. Creio que os jornais cumprem o seu dever de denunciar, nos ajudam a refletir e - dentro de nossas possibilidades - nos ajudam a procurar soluções. É claro que um papel de suma importância nessa busca de soluções cabe à Política. A imagem da Baixada Fluminense ficou marcada pela figura dos políticos aventureiros do passado, não de todo extintos no presente.

UH - Os crimes em geral são atribuídos ao Esquadrão da Morte. Agora, seria um único esquadrão, ou seriam vários?

Dom Adriano - Talvez se possa dizer que o Esquadrão da Morte é mais uma ficção que procura exprimir uma realidade, do que propriamente uma instituição. Pelo menos não temos elementos objetivos para admitir o Esquadrão da Morte como uma organização de policiais. O mais grave em tudo o que tem acontecido na Baixada é a impunidade. Os aventureiros, que aparecem em todos os setores inclusive no religioso, têm certeza de que o Direito, a Lei, a Ordem não os atingem. Como o grosso da população é composto de pessoas humildes, indefesas, sacrificadas pelo dia a dia, e como as pessoas mais conscientes vivem amedrontadas, faz-se então um silêncio que favorece as aventuras. E que deixa impune os aventureiros. Mais grave, então, do que o crime é a atmosfera de insegurança em que vive a população na Baixada Fluminense.

UH - O senhor acredita que a violência existente nas mortes atribuídas ao Esquadrão da Morte seja a única violência existente atualmente na Baixada?

Dom Adriano - Repito que a atmosfera da Baixada hoje pode ser de insegurança e medo, mas não de violência. O povo é pacífico e bom. Basta olhá-lo nas longas filas do INPS e dos hospitais. Basta olhá-lo aguardando ônibus e trens. O povo da Baixada é ordeiro e paciente. Os violentos são poucos. Mas, como ficam impunes, alimentam de um lado a ousadia de uns poucos, e de outro a insegurança e o medo da imensa maioria.

UH - E quais são as consequências desse clima na vida da população?

Dom Adriano - Violência e impunidade de um lado. Insegurança e medo de outro. Os poucos que vivem fora da Lei ou acima da Lei e a imensa maioria dos habitantes: essa é a situação da Baixada. Junte então à insegurança e ao medo, a luta pela vida, as frustrações do mercado de trabalho, a insuficiência dos salários, a inexistência ou mau funcionamento dos serviços públicos. Tudo isso somado e multiplicado permite, a quem tiver sensibilidade, avaliar o sofrimento e a sobrecarga emocional em que vive o povo da Baixada. Mas assim mesmo o povo resiste, graça a sua riqueza interior.

UH - Que missão tem a Igreja diante da violência na Baixada?

Dom Adriano - Vamos entender a Igreja no sentido mais completo: todos aqueles que se sentem engajados na proclamação do reino de Deus e na libertação do homem. Não apenas bispos e padres, como tantas vezes se faz. Eu, como bispo da diocese, tenho que fazer um esforço enorme para levar a libertação do Evangelho a todos, para conscientizar, para despertar colaboradores, para renovar a Pastoral segundo o espírito do Vaticano II, para construir um mundo mais respirável. É nessa medida que me coloco quando desmascaro e denuncio certas aberrações de nossa vida pública, quando insisto numa transformação mais profunda e rápida de nossas estruturas eclesiais, quando repito que as elites têm que assumir com mais espírito de serviço as suas responsabilidades. Creio que tudo isso é contribuição para melhorar a atmosfera de nossa Baixada. A maioria dos agentes de pastoral tem amadurecido, tem também agido nessa linha. Esse é o sentido de nosso serviço como Igreja.

UH - Que saídas restam aos moradores da Baixada? O que devem fazer diante da violência?

Dom Adriano - O problema é complexo e a solução parece ser complexa também. Acho que a primeira coisa a desenvolver é uma consciência clara dos problemas da Baixada e de nossas responsabilidades. Há várias frentes a serem atacadas ao mesmo tempo. A primeira delas cabe necessariamente aos poderes públicos, isto é, à Política. Como os males são inveterados, compreende-se que a erradicação custará muito suor e exigirá muito tempo. Os moradores - e eu também sou um morador - temos que tomar nossas pequenas medidas de precaução, que se não resolvem o problema, ao menos nos defendem. Solução errada, ao meu ver e no da população em geral, é a pena de Talião - olho por olho, dente por dente. Porque essa lei de violência agrava sempre mais a espiral de violência. Também não devemos exagerar a violência que ocorre entre nós. Lamentavelmente, faltam estatísticas. Mas estou certo de que a criminalidade na Baixada está aquém do que seria de se esperar numa área problemática como é a nossa.

UH - Nos seus dez anos de vida na Baixada Fluminense, a que grandes transformações assistiu? E o que continuou igual?

Dom Adriano - Grandes transformações de fato não houve. A Política tem melhorado. Apesar das dificuldades, tenho a impressão de que vão surgindo algumas lideranças promissoras, que aos poucos poderão alijar os velhos caciques esgotados. Menciono em primeiro lugar a Política porque, sem dúvida, ela é o principal fator de promoção do bem comum. Por natureza, por essência. Um elemento positivo apareceu também depois da fusão: começamos a ter mais esperanças. Penso no problema da água que era uma tremenda ironia: da Baixada, sem água canalizada, saía quase toda a água para o Rio. Agora já se começou a resolver esse problema. Penso também na intervenção imediata da Secretaria de Segurança para apurar os crimes das últimas semanas. Embora uma intervenção momentânea não dispense a reorganização de todo o sistema de segurança pública. Há hoje em dia uma preocupação constante do gover-



Misticismo e miséria: constantes na B

no do Estado pelos problemas da Baixada. Há por conseguinte esperanças. O que é muito.

UH - O senhor já se referiu à Baixada como uma área neutra, uma espécie de zero social em que os migrantes recém-chegados perdem suas referências tradicionais e partem desesperadamente em busca de novos pontos de apoio e identidade. O que nos diz sobre isso? Aqui entraria uma explicação para a crescente onda de misticismo que envolve a Baixada Fluminense?

Dom Adriano - Realmente aqui se misturam os mais diversos elementos humanos, com toda a sua riqueza e problemática. Por volta de 1930, a Baixada Fluminense tinha trinta mil habitantes, hoje são mais de dois milhões. É um fenômeno de crescimento que mais parece inchação. Cresceu a população e as estruturas quase ficaram as mesmas. O que é a negação da comunidade, já que a comunidade supõe uma certa organicidade social. Quem vier de fora, dificilmente acha entre nós uma comunidade que o aceite e integre. Quando olho Nova Iguaçu, me parece que se trata de uma cidadezinha de vinte ou trinta mil habitantes que assiste espantada ao vaivém de um milhão de hóspedes, gente que não é de casa, nem pertence à família. É claro que esse desenraizamento dos imigrantes gera também insegurança social. Se pensarmos no fenômeno profundamente humano que é a Religião, vamos ver que a imensa maioria dos que chegam à Baixada vieram do Nordeste, de Minas, do Espírito Santo, do norte fluminense, áreas agrícolas onde a religião tradicional

é o catolicismo. É um catolicismo de feição popular, de tradições folclóricas, de práticas rituais profundamente integradas na vida comunitária. Em tais situações, a religião pode ser a expressão da fé, mas pode ser também apenas um fenômeno social: a religião é mantida e carregada pela estrutura comunitária. Vindo para a Baixada que, do ponto de vista religioso, é uma área neutra - isto é, uma área em que a moldura social deixa a pessoa a vontade, permitindo que realize sua sede de Deus onde lhe parece mais imediato - seu catolicismo ambiental, sua fé carregada pela comunidade, ficam desamparados. O homem sente-se solto, desamparado, desenraizado e, em consequência, procura satisfazer suas necessidades religiosas imediatas nas "religiões" mais práticas e imediatas. O emprego, o amor, as doências, a subsistência, as tensões familiares - tudo é levado para essas "religiões". Daí o crescimento constante das formas pentecostais do Protestantismo, e também do crescimento da Umbanda. Daí a proliferação dos milagreiros, líderes religiosos verdadeiros ou falsos (todos, se vistos mais profundamente, falsificantes) que dão a fórmula concreta imediata para as necessidades concretas imediatas do povo.

UH - Que relações existem entre a violência e o misticismo?

Dom Adriano - Genericamente, se pode dizer que muitas vezes violência e misticismo andam de mãos dadas, naturalmente entendendo-se aqui misticismo com deformação religiosa. Assim é curioso notar como certos jornais ditos populares exploram ao mesmo tempo o misticismo e a violência. Aos ingredientes de superstição, magia e violência se pode, ainda, unir o ingrediente sexo. Uma violência sexual que termina em esquartejamento seria um resumo desse exemplo. As man-

chetes variam: "Casal chacinado movimento polícia", ou "A força mágica da cruz de Caravaca". Agora, na Baixada, o fenômeno religioso é mais simples, não atinge nem de longe a aberração. O homem religioso deixou sua comunidade, onde o catolicismo era parte integrante, e veio para essa área neutra. Procura de qualquer forma satisfazer suas necessidades espirituais imediatas, quer encontrar respostas concretas e rápidas. Essa atitude merece respeito, mas também força a Igreja Católica a uma reflexão séria sobre sua pastoral. Na formação de uma comunidade aqui na Baixada, que acolha as pessoas e as integre, a Igreja tem um papel de importância fundamental.

UH - Mas em que medida o misticismo funciona como barreira para que a população compreenda os problemas da Baixada?

Dom Adriano - Superstição, misticismo, magia, são desvios do sentimento religioso. Enquanto a religião liberta, a magia escraviza e aliena. Poderíamos até estabelecer uma tese, discutível sem dúvida: "Só existe Cristianismo onde há um esforço consciente e constante de conscientização e libertação". Se refletirmos em profundidade sobre a mensagem de Jesus Cristo, veremos que não há força desmistificada mais eficaz que o Evangelho. E, se aqui ou acolá, certas formas de Cristianismo alienam ou mistificam, então se trata de deformações do Evangelho de Jesus Cristo. Na Baixada Fluminense deparamos com o fenômeno. Ou porque as tradições do lugar de origem da população alienaram os imigrantes, ou porque a renovação pastoral na Igreja da Baixada se realiza satisfatoriamente. Ou ainda porque as "religiões de consumo" - as que dão soluções imediatas aos problemas da vida concreta e são totalmente alienantes - ocuparam o vazio deixado pela Igreja e agravaram o problema da alienação e do misticismo na população.

UH - Que conseqüências essa proliferação de novas religiões de fundo intensamente místicos tem na ação pastoral da Igreja? A Igreja também estaria se distanciando da realidade da Baixada?

Dom Adriano - Isso nos força, em primeiro lugar, a uma reflexão sobre toda a nossa pastoral. Chamamos de pastoral a atividade da Igreja para libertar o homem na linha de Jesus Cristo. Essa reflexão deveria ser feita nas comunidades. Aí se deveria dar aos católicos muito mais do que a "fé ambiental". Deveria ser feita tanto nos pontos de onde as pessoas saem

na procura da Baixada e de outras áreas mais industrializadas, como na própria Baixada. Temos de apressar a constituição de comunidades católicas que acolham e integrem, da melhor maneira possível, os imigrantes católicos vindos de áreas tradicionalmente católicas. Quanto à possibilidade do Catolicismo se mistificar e, portanto, se alienar: essa possibilidade sempre existe e nos impõe uma constante volta à fonte puríssima do Evangelho e à melhor tradição da Igreja.

UH - Como vem, então, reagindo a Igreja da Baixada a essa onda de promessas místicas e novas religiões para o imigrante que chega desambientado e perdido? O que o senhor vem fazendo como bispo?

Dom Adriano - Minha reação parte sempre de um profundo respeito à pessoa humana, a sua decisão pessoal, a sua liberdade. O fenômeno religioso é sempre expressão da fome de Deus e também da fome de felicidade. Melhor é o homem supersticioso, que o homem irreligioso (se isto for, ou fosse, possível). O homem supersticioso, mágico, místico, está envolvido no processo da salvação. É o homem colocado na situação pré-Jesus Cristo. É o homem que espera o Salvador e Libertador. Logo, a religiosidade que eu encontro na Baixada Fluminense, procurando soluções imediatas em qualquer "religião de consumo", oferece um elemento positivo para a pregação do Evangelho. Nessa visão se funda o nosso esforço pastoral. A Igreja não está chamada a destruir, mas a desenvolver o sentimento religioso.

UH - O trabalho da Igreja, diante dos problemas concretos dos homens, é simplesmente assistencial?

Dom Adriano - De modo algum. Que em certos casos concretos a gente deva fazer assistência, é fora de dúvida. Por exemplo, no caso de uma creche, ou no caso de pessoas gravemente acidentadas. Contra esse tipo de assistência não se pode protestar. Devemos protestar e evitar é contra a assistência alienante e paralizante, a assistência que conduz a pessoa à ociosidade, à dependência, à escravidão. Há por aí uma falsa caridade que se realiza às custas da justiça social. Por exemplo: a dona-de-casa que paga um salário ridículo à empregada doméstica, mas se justifica dizendo que dá presentes de Natal, dá remédios, e o resto que a fantasia inventa para criar um alibi. Por isso, o principal trabalho da Igreja ficará na faixa da conscientização. É da promoção: levar a pessoa a assumir-se e a assumir sua responsabilidade, a crescer, a desenvolver-se, a lutar por seus direitos, a cumprir os seus deveres. Esse é também o sentido da pastoral de nossa diocese. Damos preferência ao trabalho de conscientização na linha do Evangelho, que é também - apesar de certas deformações - a linha mais autêntica da Igreja.

UH - Estatísticas já revelaram que 90% da população da Baixada ganha menos que o salário-mínimo. Que relações o senhor vê entre esse dado e a crescente violência na região?

Dom Adriano - O desemprego, e mais ainda o subemprego, são uma realidade indissociável de nossa região. Você poderá falar com os trabalhadores em qualquer bairro da Baixada, e terá sempre as mesmas respostas, que são expressão dos mesmos problemas. Mas o povo é ordeiro. Vive, como nas suas terras de origem do sertão, mais ou menos marginalizado. E são relativamente poucos os que têm consciência da injustiça social em que muitas vezes são envolvidos escandalosamente. É um povo marginalizado no processo social, mas de índole boa. Eu pelo menos não consigo ver conexões entre a injustiça dos salários e a violência suposta ou real.

UH - O que está acontecendo com a família na Baixada Fluminense? Diante de toda essa situação até aqui descrita, ela ainda consegue ser um núcleo de coesão social?

Dom Adriano - Francamente, não temos dados objetivos e seguros para responder essa pergunta. Precisaríamos ter algumas estatísticas que atingissem tanto as famílias proletárias, como as de outras camadas da população. É certo, a luta pela vida nas famílias pobres força um certo desmoronamento. O pai tem que trabalhar não apenas as 48 horas legais, mas também as horas-extras, incluindo domingos, feriados, tempo de férias, porque a família precisa sobreviver. Também a mãe deve fazer serviços fora de casa. Nessa situação, os filhos, sejam dez, ou cinco, ou dois, ficam muitas vezes entregues à própria sorte. Se bem que encontremos filhos entregues à própria sorte, e talvez em condições mais lamentáveis, na média e alta burguesia. A verdade é que, qualquer que seja sua situação econômica, todas as famílias, ora mais, ora menos, participam da desintegração do mundo moderno. O que resultará daí? De nossa parte procuramos realizar uma pastoral da família.

UH - Parece que, recentemente, o senhor recusou um cargo na prefeitura de Nova Iguaçu. Se é verdade, por que recusou?

Dom Adriano - É verdade que o prefeito João Batista Lubanco me convidou para assumir a presidência de um órgão de promoção e assistência da prefeitura municipal. É verdade também que não pude aceitar essa forma de colaboração. Não pude, nem posso. E por vários motivos. O mais grave deles está na minha missão de bispo. É uma missão absorvente, que me tira todas as disponibilidades. Como bispo da Igreja Católica, numa área difícil como a Baixada, seria irresponsável assumir tarefas que outros podem e devem fazer. Eu posso fazer muito pelo povo, sem precisar de uma incursão na área administrativa do município. E também sem precisar entrar na política partidária. Porque também esse é um motivo válido: o prefeito Lubanco, como homem da Arena, terá que marcar com a política partidária da

Arena todas as suas iniciativas de prefeito. Isso seria um envolvimento para mim, bispo de diocese. Em qualquer circunstância, devo ter total liberdade de agir e de exercer a missão profética da Igreja. O prefeito afirmou que convidou a Igreja para participar, e que a Igreja fugiu. Trata-se de um conceito de Igreja muito pobre. Ele não convidou a Igreja, convidou o bispo. A Igreja não fugiu: o bispo não aceitou. Na hora em que o prefeito se sente cristão e age como cristão na prefeitura, é a Igreja que está presente para o bem comum. Não é portanto a Igreja que foge.

UH - Que responsabilidade tem o poder público pelas violências que estão ocorrendo há algumas semanas na Baixada?

Dom Adriano - É claro que tem responsabilidade. E grande responsabilidade por tudo de bom ou de mau que acontece na Baixada. Como já disse, os males são antigos. Há nos decênios passados omissões lamentáveis. Isso aqui era terra de ninguém. Ou melhor: feudo de caciques políticos absolutos. Estamos sofrendo hoje as conseqüências de erros antigos. Precisamos compreender o que acontece: a violência da Baixada não provém do povo. Provém da mentalidade caciquista de antigamente - donos absolutos do poder. Provém ainda da mentalidade utilitarista e imediatista que se tem criado. É a corrida do ouro e ouro fácil. Que a polícia se envolveu em muita coisa ilegal e assim se tornou também foco de marginais, desconhece quem quer desconhecer. Os jornais dos anos passados, não apenas da Baixada, estão cheios de corrupção policial. Mas isto não desfaz, apesar de tudo, a importância da polícia para a segurança social. Esperamos que a fusão traga um corretivo notável à imagem negativa que, apesar de muitos bons policiais, tanto da Polícia Militar como da Civil, se fixou na mente de nosso povo. Há indícios seguros de melhora. Só que a melhora deve ser mais rápida e firme.

UH - Que consciência a população da Baixada tem de sua marginalidade? Como se dá, ou é impedida, essa consciência?

Dom Adriano - A índole pacífica do povo e a marginalização efetiva de suas terras de origem vieram para o Rio e para a Baixada porque julgaram que aqui estivesse o Eldorado brasileiro - mais ainda a luta pela vida e pela sobrevivência, o desafio contínuo dos problemas existenciais, tudo isso não permite que o homem da Baixada possa parar e refletir. Daí também a consciência fraca que tem de sua marginalidade e de sua marginalização. Confusamente, sabe que sofre as injustiças sociais. Conserva a esperança de dias melhores, mas não sabe pensar nas suas responsabilidades, nos seus direitos e nos seus deveres. Por isso a Baixada é também um campo formidável para a pastoral, um campo para levar as pessoas mais abertas e mais disponíveis até a participação. Esse trabalho de conscientizar oferece um dos mais importantes desafios à Igreja. Conscientizar para libertar, para assumir, para participar. A partir do Evangelho, encontramos muitas ocasiões para conscientizar e integrar. Aqui está minha missão.

UH - Que lições a Igreja tira da realidade cotidiana da Baixada?

Dom Adriano - A realidade é, sem dúvida, a matéria-prima da pastoral. Todo cristão engajado tem que conhecer os dados mais importantes da região onde atua. A Igreja sempre está aprendendo. Aprende, por exemplo, a desinstalar-se, a simplificar suas estruturas, a desburocratizar-se ao máximo, a participar com mais intensidade do sofrimento do povo. Todos esses são, para a Igreja, valores evangélicos, valores que ela deve e pode praticar, seguindo o exemplo do povo da Baixada.

UH - Qual será o futuro da Baixada, e de que depende ele? A Igreja tem estudos, planos, propostas concretas para a região?

Dom Adriano - Se observarmos os imensos valores humanos que há na Baixada Fluminense, devemos admitir que essa região tem um grande futuro. Mais cedo ou mais tarde, a população estará integrada no processo social. Não houvesse essa perspectiva e a Baixada deveria levar uma vida marginal até o extermínio. Creio no futuro da Baixada. Ela é um laboratório formidável para experiências sociais, políticas, religiosas, culturais. O futuro da Baixada depende de nós, de todos os que têm uma parcela de responsabilidade. No que toca à Igreja, temos o nosso esforço de conscientização. Tentamos tudo para a integração daqueles que se abrem a nossa influência. E também daqueles que, embora não se julguem católicos, esperam da Igreja uma contribuição válida para o processo social. Temos já algumas casas de formação, como o Centro de Formação de Líderes, em Nova Iguaçu, que foi construído com auxílio de católicos alemães e suíços. No ano passado, mais de catorze mil pessoas usaram o centro para encontros, retiros, congressos, seminários. Temos ainda o Centro de Pastoral Catequética (CEPAC) que contribui para a conscientização de catequistas, professores, operários e jovens. A característica do movimento de cursilhos na Baixada é que, entre os participantes, predominam de longe os operários, os trabalhadores, as pessoas humildes. Temos mais de sessenta "clubes de mães" funcionando na região. Atingem moças e senhoras que geralmente vivem marginalizadas, sem qualquer atendimento, e lhes dão noções básicas de educação, higiene do lar, artesanato doméstico, corte e costura, cozinha. Temos um centro profissional, no bairro de Cabuçu. Poderíamos fazer muito mais, se uma legislação emperrada e exigências surrealistas não pusessem obstáculos à colaboração da diocese. O futuro da Baixada é promissor. Cabe à diocese um papel importante na preparação desse futuro, sobretudo pelo seu esforço de conscientizar e integrar o homem, na linha de Jesus Cristo e do Evangelho.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
JB	22.7.73	

Jorn. d. Brasil

Bispo de Nova Iguaçu cria na cidade um bem montado centro para formar líderes

22/7/73

O Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, inaugurou ontem à tarde no bairro Moquetá, com a bênção do prédio e uma sessão solene, o Centro de Formação de Líderes, "uma instituição católica aberta a qualquer um que exerça papel de liderança em sua atividade".

O Centro, localizado a 10 minutos do centro da cidade, possui acomodações e refeitórios para mais de 60 pessoas, e será utilizado pela Cúria Diocesana para seus cursos, onde procura sensibilizar a comunidade para assumir a responsabilidade sobre seus próprios problemas.

SALÕES AMPLOS

Com a inauguração do Centro de Formação de Líderes, a cidade ganhou ainda um local para a realização de congressos, seminários e jornadas, o que Nova Iguaçu não possuía. A Cúria pretende oferecer as instalações do prédio para outras entidades com esse fim, assistindo-as na parte de infra-estrutura.

O prédio, que fica também próximo à Rodovia Presidente Dutra, possui quatro salões amplos para reuniões, sendo um deles no terraço, refeitório, bar, lavanderia, 35 quartos com banheiro e camas beliche.

FONTES

A maior parte dos fundos para a construção do Cen-

tro veio da cidade de Nordhorn, no Norte da Alemanha, através das arrecadações feitas por padres amigos de D. Adriano Hipólito. As outras fontes foram as feiras da Primavera realizadas em 1970 e 1971 e a entidade religiosa alemã Adveniat, que colaborou com um terço das despesas.

O Bispo de Nova Iguaçu define o Centro como destinado aos "agentes multiplicadores da comunidade: pais de família, professores, empresários e políticos", procurando, através do Evangelho, incutir nesta e em outras classes a responsabilidade de assumir os problemas da comunidade, que ele considera desamparada administrativamente pela omissão das elites.

COMISSÃO DIOCESANA DE JUSTIÇA E PAZ - NOVA IGUAÇU

SOBRE A GREVE DE FOME NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES

A COMISSÃO DIOCESANA DE JUSTIÇA E PAZ - NOVA IGUAÇU, em perfeita consonância com seus Estatutos, os quais visam sobretudo a hipotecar solidariedade humana e cristã a todos aqueles que a ela recorrem, independentemente de credo político ou religioso, e em respeito aos postulados da DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, vem de público esclarecer sua atitude em relação à greve de fome, iniciada na última terça-feira, dia 5 de setembro, às 22 horas, no Centro de Formação de Líderes da Diocese de Nova Iguaçu, por parte de jovens pertencentes ao movimento denominado Convergência Socialista.

A COMISSÃO DIOCESANA DE JUSTIÇA E PAZ esclarece que achou por bem acolher os membros deste movimento, por não ver neles nenhum caráter de ilegalidade. Trata-se de um movimento legal e pacífico, tanto sob o aspecto jurídico como político, que surgiu da interpretação de uma política de abertura, preconizada pelo próprio Governo. Ora, apregoa-se a necessidade de uma participação mais efetiva da juventude no processo político nacional, não sendo portanto de se admitir que, na prática, todas as portas sejam fechadas à participação destes jovens.

Por tal motivo, a COMISSÃO DIOCESANA DE JUSTIÇA E PAZ entende a greve de fome, iniciada em protesto contra a prisão de 22 membros do movimento Convergência Socialista, dos quais 8 já foram libertados, como forma válida, encontrada pela juventude brasileira, para denunciar de modo pacífico as contradições, impossíveis de serem entendidas, e o anseio justo de participarem de um processo decisivo na vida política nacional.

A atitude da COMISSÃO DIOCESANA DE JUSTIÇA E PAZ é coerente com o Documento EXIGÊNCIAS CRISTÃS DE UMA ORDEM POLÍTICA, aprovado pela 15ª. Assembléia Geral da CONFÉRENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, em Itaipava, São Paulo, em 1977. É também coerente, repete-se, com a DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, oficialmente aceita e aprovada pelo Governo brasileiro.

Citamos o primeiro Documento: "Estimular a participação consciente e responsável no processo político, social, cultural e econômico é um dever primordial do Estado. Tal participação constitui um dos elementos essenciais do bem-comum e uma das formas fundamentais da aspiração nacional. A educação do povo é um pressuposto necessário para sua participação ativa e consciente na Ordem Política. Por sua missão divina, cabem à Igreja o direito e o dever de colaborar nesta tarefa" (EXIGÊNCIAS CRISTÃS DE UMA ORDEM POLÍTICA, nº 25).

"A participação exige o direito de se reunir e constituir associações, bem como o de conferir a estas associações a forma que, a seus membros, parecer mais idônea à finalidade almejada, contanto que não atente contra o bem-comum" (IDEM nº 26).

"A participação política é uma das formas mais nobres do compromisso a serviço dos outros e do bem-comum... A falta de educação política e a despolitização de um povo, especialmente dos jovens, pela qual fossem reduzidos à condição de simples espectadores ou atores de uma participação meramente simbólica, prepararia e consolidaria a alienação da liberdade do povo nas mãos da tecnocracia de um sistema" (IDEM nº 27).

Citamos agora a DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS: "Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão. Este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e procurar, receber e transmitir informações e idéias, por quaisquer meios, independentemente de fronteiras" (Art.19). - "Todo homem tem direito à liberdade de reunião e associação política" (Art.20).

Como estes jovens que nos procuraram, a COMISSÃO DIOCESANA DE JUSTIÇA E PAZ não encontra justificativa para as arbitrariedades cometidas contra um movimento que, valendo-se da abertura política concedida pelo próprio Governo, nunca se ocultou na clandestinidade, no sentido de tornar públicas suas atividades político-ideológicas. O que o movimento pretende - e isso é público e notório - é a formação do Partido Socialista, sem extravasar os limites legais, ditados pelo Governo.

Convencida da legalidade quer do movimento Convergência Socialista, quer da greve de fome como protesto contra as prisões - estas, sim, ilegais - a COMISSÃO DIOCESANA DE JUSTIÇA E PAZ não poderia deixar de acolher os jovens que a procuraram e dedicar-lhes a mais irrestrita solidariedade humana e cristã.

Vivemos hoje o Dia da Pátria, quando certamente os discursos vão, mais uma vez, fazer as variações rotóricas de praxe sobre a juventude como esperança da Pátria, na base de slogans, tipo: "A JUVENTUDE DEVE PARTICIPAR!" "A JUVENTUDE É O FUTURO DA NAÇÃO!" Participar como, se ela está amordaçada naquilo que tem de mais transformador da sociedade, que é sua inquietação natural e sua vontade engajada por um mundo menos corrompido e desigual.

Deste modo, a COMISSÃO DIOCESANA DE JUSTIÇA E PAZ não pôde deixar de render-se às motivações generosas destes jovens que, deixando de lado os confortos burgueses, são capazes de arriscar a própria saúde, em protesto pacífico, para apontarem a nós, mais velhos, os enormes pecados de uma Ordem Política e Social que se denomina cristã, mas que insiste em ficar baseada e construída sobre os alicerces da desigualdade entre as pessoas, deixando abertas à pequena minoria todas as portas da acumulação acintosa - isso em meio a um povo pobre - e fechando todas as portas à maioria do povo de cretado a permanecer em sua miséria.

Nova Iguaçu, 07 de setembro de 1978

COMISSÃO DIOCESANA DE JUSTIÇA E PAZ

CARTA DO DR. ALCEU DE AMOROSO LIMA

Rio, 7 de setembro de 1978

Meus jovens amigos

Há muito que sustento, em política internacional, a campanha universal dos Direitos Humanos, como base da paz internacional; em política nacional, como uma das bases do sistema democrático, o pluralismo partidário; como um dos processos mais eficazes da não-violência, na luta pela promoção das classes sociais e pelo progresso político da humanidade, a legitimidade moral das greves de fome.

É na base desses três princípios que não hesito em dar a minha solidariedade às greves de fome que, no momento, estão eclodindo, como protesto contra as prisões de pessoas acusadas de promoverem a fundação de um partido político denominado Convergência Socialista. Essas prisões contradizem frontalmente os propósitos a pregoados pelas próprias autoridades públicas, no sentido da liberalização do regime político vigente para alcançarmos um Estado de Direito e não de Arbítrio, como o atual.

Os jovens que, voluntariamente, estão dando seu testemunho moral admirável, pela greve de fome, de suas convicções políticas baseadas na liberdade e na justiça, merecem, a meu ver, todo o apoio de uma opinião pública brasileira, cada vez mais consciente dos seus deveres de participação nos destinos de nossa Pátria.

Escrevendo estas palavras na própria data comemorativa da Independência Nacional, faço votos para que o espírito de sacrifício dos jovens que participam desse protesto pacífico representem o próprio estado de espírito da atual mocidade brasileira.

Rio, 7 de setembro de 1978

Alceu Amoroso Lima

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Datum

Nummer

Comunicado ao Povo de Nossa Diocese

DOM ADRIANO HYPOLITO, nosso irmão e pastor, foi selvagemmente sequestrado, encapuçado, torturado e algemado, em companhia de Fernando, seu sobrinho, na noite do dia 22 de setembro. Os autores do monstruoso crime nós os conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja, em defesa dos direitos humanos.

A CEGUEIRA DESSES ASSASSINOS impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã: "Felizes sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós" (Mateus, 5, 11-1.º).

O PRÓPRIO FILHO DE DEUS foi preso, torturado e morto na cruz, por amar os mais humildes. Os altares da Igreja estão repletos de santos mártires, que foram vítimas dos "filhos das trevas" os quais, em todas as épocas de opressão, tentaram abafar os "clamores do povo" (Êxodo 3,7).

NINGUEM IGNORA QUE, nesses últimos anos, nos países da América Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e bispos — foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso Continente foram presos na cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o sequestro e a tortura de Dom Adriano não é um ato isolado.

O FATO É MAIS UMA TENTATIVA de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas não devemos temer tais ameaças: "Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Entretanto não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. É pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação" (Lucas 21, 17-19).

FAZEMOS UM APELO a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações, a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nosso compromisso de anunciar a Verdade, na consciência de que a cruz é o caminho da ressurreição.

SACERDOTES, RELIGIOSAS E LEIGOS DA
DIOCESE DE NOVA IGUAÇU, REUNIDOS
COM O VIGÁRIO GERAL.
23 DE SETEMBRO DE 1978

Terror sevicia Bispo e joga bombas no Rio

O Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito foi sequestrado na Posse ontem às 19h30m e encontrado duas horas depois, sem roupa, pintado com mercurocromo, com pulsos e pés amarrados, na Rua Japurá, em Jacarepaguá. Seu sobrinho Fernando, que o acompanhava, continua desaparecido. As últimas horas da noite um carro explodiu em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Largo da Glória.

Aos 30 minutos de hoje, a Rádio JB recebeu telefonema de pessoa que mandou tomar nota de uma mensagem, com rapidez, pois ia desligar em seguida: "O Bispo Dom Hipólito Mandarino acaba de ser sequestrado, castigado e abandonado num subúrbio da Zona Norte. O carro dele foi mandado como aviso para a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O jornalista Roberto Marinho também acabou de receber advertência. Tudo da Aliança Anticomunista Brasileira."

Uma bomba foi jogada na Rua Cosme Velho, 1105, residência do Sr Roberto Marinho, nos primeiros minutos de hoje. A bomba, que parece ter sido jogada de um carro em movimento, explodiu nos fundos da casa e feriu o copeiro Teotônio de Queirós, solteiro, 22 anos, que foi medicado no HMC.

Terror Indesejável

diário do Brasil

24/9/76

O terrorismo ganhou novo alento entre nós, agora agindo mais diretamente e estendendo as suas garras ao corpo de um homem e à residência de um cidadão comum. Antes, já havia mostrado a força irracional de suas bombas e punhos contra três entidades, uma auditoria militar e um estudante universitário. Seus agentes, infelizmente, ainda não foram capturados para que sejam levados à Justiça.

Não tem o terrorismo brasileiro, em sua nova edição, uma característica localizada. Primeiro agiu no Rio, seguindo depois para São Paulo, Rio Grande do Sul e Belo Horizonte. Por ser nacional deve merecer, no tratamento punitivo, a atenção do Governo federal.

Três entidades de classe com reconhecimento nacional — Ordem dos Advogados do Brasil, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e a Associação Brasileira de Imprensa — foram as primeiras vítimas do novo surto de terrorismo. Depois o Centro Brasileiro de Pesquisa e a Auditoria Militar de Porto Alegre. Em Belo Horizonte, um estudante universitário, dirigente estudantil, também foi alvo do terrorismo, espancado em sua residência por desconhecidos.

O terrorismo não é um privilégio brasileiro.

O mundo registra hoje sua presença por toda parte. Entre nós, até recentemente, vivia-se em clima de tranquilidade, o que servia ao próprio Governo na comparação com o resto do mundo. Eramos — mas já não somos a ilha de tranquilidade.

As bombas têm designios. O Governo, que infelizmente silenciou nos primeiros casos, está agora diante de outra oportunidade de esclarecer a opinião pública nacional sobre as investigações que procede para, dentro da lei, deter os agentes das ações terroristas e os seus inspiradores-mandantes. Vivemos, afinal, num país moralmente compromissado com a decência e, por origem e destino, alheio a qualquer proselitismo da irracionalidade e da força.

A custa de muito sacrifício e até mesmo parcela da liberdade individual, tentamos, Governo e população, edificar um país civilizado. Nas sociedades civilizadas defendem-se a harmonia social e o desenvolvimento contra a violência. Por isto é que a sociedade brasileira tem o direito de ser informada e as autoridades o dever de informar.

As bombas não podem ficar no anonimato.



Em frente à CNBB, os destroços do carro: um aviso de violência

TERRORISMO

A noite dos atentados

Durante mais de duas horas, no começo da noite da última quarta-feira, o bispo Adriano Mandarino Hypolito esteve longe do mundo. Seqüestrado de dentro do carro no qual saíra da sede de sua diocese, fincada na turva Nova Iguaçu, cidade de 1,3 milhão de habitantes da legendaria e violenta baixada Fluminense, ele foi conduzido num carro através de várias ruas, espancado, humilhado e finalmente abandonado, nu e com o corpo borrado de vermelho, no subúrbio de Jacarepaguá. "Eu sou um padre", gritava, pedindo socorro, o homem de 58 anos, de pulsos e pernas amarrados, a quem passasse pela escura rua Japurá. "Pensei que fosse um louco, ou uma nova técnica de assalto", contava, horas depois, numa delegacia, o repórter fotográfico Adyr Mera, que circulava pelo local — e que, finalmente, devolveu dom Adriano ao convívio da civilização.

O resgate foi penoso. Ao desviar-se de um caminhão e de um automóvel que vinham em sentido contrário, o carro de Mera jogou seus faróis sobre a figura encolhida num canto da rua. "Me dêem uma roupa, pelo amor de Deus!", gritava o homem. Levado a um asilo de velhos, a 600 metros dali, com as calças e a camisa que o fotógrafo lhe aranjara e sob a escolta de um grupo de curiosos recrutado numa padaria, ele provocaria ainda o espanto do padre que lhe abriu as portas: "Dom Adriano, o que o senhor está fazendo aqui?" Ele não sabia — não acreditava sequer que estivesse em Jacarepaguá.

Quando o bispo, ainda na noite de quarta-feira e ainda com as manchas vermelhas da tinta jogada em seu corpo, dava as primeiras e confusas explicações,

já se desenhavam as demais linhas de um enredo que nas horas seguintes se completaria. Às 23h35, no largo da Glória, bem longe do local onde havia ocorrido o seqüestro e bem em frente à sede da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, o carro do qual dom Adriano tinha sido retirado à força explodia em pedaços — sua buzina foi achada num dos buracos do vizinho metrô em construção, a 100 metros, e parte de sua lataria voara até o 5.º andar do edifício. Dez minutos depois da meia-noite, finalmente, uma outra bomba explodia em local ainda mais distante, no quieto bairro do Cosme Velho, na casa cercada de árvores de Roberto Marinho, o comandante supremo do jornal *O Globo* e da Rede Globo de Televisão, que naquela tarde havia gravado uma hora de programa justamente com o bispo seqüestrado em Nova Iguaçu.

"Uma advertência" — Era a volta do terrorismo — e numa operação ainda mais ampla desde sua aparente ressurreição, no dia 19 de agosto, quando uma bomba explodiu na sede da Associação Brasileira de Imprensa e outra foi encontrada na sede da Ordem dos Advogados do Brasil, sempre no Rio de Janeiro. Desta vez, de fato, houve vítimas individuais, uma combinação de seqüestro com explosões e, sobretudo, um grau a mais na escala de violência. E, enquanto manifestações de repúdio partiam do governo, do Congresso e das áreas militares, os serviços de segurança do Rio — que na semana passada recebiam mais quarenta dias de prazo para investigar os atentados anteriores — empenhavam-se em reconstituir os dramas da última quarta-feira.

Poucos minutos antes da explosão na casa de Roberto Marinho, o telefone tocou na sede da Rádio Jornal do Brasil. Alguém do outro lado do fio advertiu o jornalista Procópio Mineiro da Silva, secretário de redação da emissora. "Aqui da Aliança Anticomunista Brasileira", dizia a voz entre ruídos de tráfego ao fundo. "Acabamos de explodir o carro de um bispo em frente à CNBB e jogamos uma bomba na casa do Roberto Marinho. Isso é uma advertência." Não se tratava, como Procópio da Silva pensou no princípio, de uma brincadeira de mau gosto — e o nome da nebulosa e virulenta AAB, ligada às bombas contra a ABI e a OAB, ganhava mais uma vez, e de forma ainda mais dramática, o notário dos jornais.

No meio dos escombros e das incertezas da madrugada e de todo o fim de semana tentou-se, então, uma explicação para o novo e fulminante surto de violência. Cercado dos homens que o sofreram e ante a estupefação de policiais incrédulos, a primeira — e mais duramente atingida — das vítimas contava sua história. Ao delegado Godofredo César Mattos, que a princípio se julgou incompetente para cuidar do caso, alegando que o seqüestrado havia comparecido à própria delegacia, dom Adriano ainda precisou responder a uma estranha pergunta: "O senhor é comunista?" Sua resposta foi: "Não, não sou".

Dois carros — Seu calvário, na verdade, apenas continuava. Segundo contou naquela noite, a última em que os jornalistas puderam ouvir suas palavras dom Adriano desapareceria no dia seguinte, levado a "local seguro", segundo a CNBB, ele deixara a sede da diocese, em Nova Iguaçu, pontualmente às 6 e meia da tarde, em companhia de seu sobrinho Fernando Webereng e a noiva deste, Maria del Pilar Iglesias — todos a bordo do Volks de Webereng. Em baixa velocidade, logo os três começaram a ser seguidos por dois automóveis que a certa altura, colados ao carro dirigido por Webereng, ocuparam todo o espelho retrovisor. Nessa hora o motorista ordenou a Maria del Pilar: "Desça depressa e chame alguém".

Estavam a poucos metros da casa do bispo, na estrada de Adrianópolis, quando Webereng parou o carro e Maria del Pilar saiu correndo, na sua desesperada tentativa de buscar socorro. O bispo e seu sobrinho, porém, foram apanhados. Dom Adriano foi arrancado de seu carro por dois homens — um deles com o rosto cheio de marcas de varíola e um outro, de mais ou menos 30 anos e gatinho, usando lentes grossas sobre o rosto envermelhado. Socado na parte traseira do carro — provavelmente um Corcel, segundo suas embaraçadas lembranças — com uma chuva de pontapés e golpes de armas na cabeça, o bispo encolheu-se e foi en-

capuzado. "O cordão estava tão apertado que eu me sentia sufocado. Me prenderam com uma algema de corrente, acho que muito enferrujada", contou ele mais tarde.

O carro dos seqüestradores saiu então em disparada — e, de acordo com o que recorda dom Adriano, passou por curvas fechadas, ruas de terra batida, de paralelepípedos e asfaltadas. Seu diálogo — ou algo assim — com os seqüestradores foi bizarro e áspero. "Toma seu filho da p...", dizia um deles, enquanto batia e o forçava a engolir algo que dom Adriano supõe ser cachaça. "Por quê?", perguntava o bispo. A resposta, segundo contou, veio no meio de mais palavras e mais pancadas: "Você vale 40 milhas, velho. E só não vai morrer porque o chefe ainda não quer mortes".

Sem sangue — Enquanto corria os

lance de humor negro dos seqüestradores quanto ao não derramamento de sangue — afinal, a morte pelo fogo, como ele já presenciara em Nova Iguaçu, não provoca nenhuma hemorragia. Os dois homens discutiram (estavam achando o lugar deserto demais), andaram de carro mais uns 40 minutos e finalmente deixaram o bispo na rua Japurá — onde, pouco depois das 9 da noite, o fotógrafo Mera, acompanhado da mulher e dos dois filhos, passou providencialmente com seu carro.

Duas explosões — Naquele momento, segundo se soube depois, Maria del Pilar já estava em casa — ela não foi molestada, mas teve que tomar muitos calmantes no Hospital Sousa Aguiar. Quanto a seu noivo Fernando Webereng, capturado pelos restantes seqüestradores e conduzido por um roteiro diferente do



Dom Adriano, depondo na delegacia: "Não sou comunista"

quilômetros que dom Adriano presume ser da via Dutra, os seqüestradores trataram de ensaiar os lances mais rudes de todo o episódio. Um deles começou, então, a cortar os botões da batina do bispo com uma tesoura. Com gestos trêmulos, e sempre numa avalanche de insultos, ele foi rasgando os tecidos até reduzi-los a um monte de farrapos. Os seqüestradores ameaçaram, em seguida, cortar os órgãos genitais de dom Adriano. "Afinal, você não precisa dessas coisas", diziam. Mas, teatralmente, voltaram atrás: "Desta vez ainda não haverá sangue".

Amarrado, segundo relata, na posição típica dos torturados no "pau-de-arara", ele pensou a certa altura que seria enfim deixado numa rua — e sentiu, nesse momento, "uma coisa fria" sendo jogada em seu corpo. Imaginou que fosse gasolina e que se tratasse de um possível

de dom Adriano, havia sido abandonado numa lixeira na estrada do Catonho. Seu carro, então, foi levado até o largo da Glória e deixado lá — mas junto com uma poderosa bomba. Às 23h35, no único aposento do prédio da CNBB que dá para o largo, dom Nivaldo Monte, arcebispo de Natal, assistia ao tape de um jogo de futebol pela televisão. Ele lembra que ouviu um estrondo e presenciou "uma cena horrível" — e custou mesmo a perceber, no meio do fogo, que se tratava de um carro em chamas.

Naquela hora, uns poucos operários do metrô trabalhavam no local — eles nada souberam informar, porém. Os bombeiros vieram depressa, mas, como não havia nem água nem espuma contra o fogo, a carcaça do automóvel queimou até consumir — no chão, ficaram os documentos de dom Adriano, sapatos usados, restos de batina e um envelope con-



Webereng e Maria del Pilar no hospital: únicas testemunhas

tendo panfletos, cujo conteúdo a polícia não divulgou (seria uma lista com o nome de futuras vítimas da AAB, entre elas o bispo de Volta Redonda, dom Valdir Calheiros). Havia, ainda, transformados em cinzas, cerca de 6 000 cruzeiros destinados pelo bispo ao pagamento de títulos da nova catedral que está construindo em Nova Iguaçu.

Deixado o carro com a bomba no largo da Glória, finalmente, o grupo — que deveria ter um total de seis homens em dois carros, segundo as duas únicas testemunhas — rumou para o número 1105 da rua Cosme Velho, o heráldico casarão cor-de-rosa onde mora Roberto Marinho e sua família, permanentemente vigiado por dez guardas. No anexo de empregados, no fundo da casa, o copeiro Teotônio Queiroz estava dormindo mesmo depois de ter recebido, por volta das 23 horas, um telefonema "estranho" de alguém que falava na prisão de um bispo, de uma bomba na casa e "ainda fazia uns xingamentos". A bomba, jogada de um carro, aos 10 minutos da madrugada de quinta-feira, danificou uma parte do telhado, partiu vidros e deixou intatos um antigo crucifixo e a tapeçaria Lurçat que estavam perto do local onde explodiu. Haveria, ainda, um bilhete nestes termos, encontrado junto aos estilhaços: "Se é contra a propriedade, também somos contra você". E mais nada.

Mistérios — O verdadeiro significado da mensagem, que ninguém decifrou, combinava magnificamente bem com o clima algo sobrenatural de todas essas operações — agravado ainda pelo mistério com que se procurou envolver as investigações na casa, no dia seguinte. Na quinta-feira, Marinho gravou um tape mostrando os prejuízos em sua casa (tape de resto inédito, pois as emissoras de televisão e de rádio foram proibidas pela Polícia Federal, ao anoitecer, de mencionar o episódio) e decidiu manter um perfil discreto — limitando aos jornalistas de sua empresa o acesso à residência. Aos outros jornalistas reservou

uma nota oficial, declarando-se tranqüilo com o empenho demonstrado pelas autoridades policiais em esclarecer o caso — e exprimindo suas preocupações pelo estado de saúde do copeiro Queiroz, "ameaçado de perder a visão de um olho, atingido pelos estilhaços de vidro".

Ficou para as autoridades policiais, por certo, um número considerável de interrogações. A casa de Marinho, por exemplo, é uma delas. A bomba foi atirada da ladeira dos Guararapes, que passa nos fundos da residência, exatamente de uma altura onde o muro está pintado por uma grande bola vermelha. Mesmo visto do morro que cerca esta ladeira, o telhado é quase imperceptível por causa da grande quantidade de árvores em volta. Outro episódio com apêndices nebulosos é o desaparecimento dos tapes feitos pelo cineasta Joaquim Pedro de Andrade com o bispo de Nova Iguaçu e que seria utilizado num dos programas da série "Caso Especial" da Rede Globo. As autoridades militares requisitaram os tapes — onde dom Adriano não faz nenhuma declaração política, segundo pessoas que assistiram às projeções. Depois, esses tapes teriam sido alvo de uma tentativa de roubo: a perua na qual se encontravam antes da requisição foi vasculhada por desconhecidos. Inutilmente, de qualquer forma, pois a essa altura a Globo não mais estava com o material.

Condenação geral — Outros mistérios, enfim, voltaram à tona com as explosões e o seqüestro da semana passada — a começar pela identificação dos responsáveis pelos atentados a bomba, no mês passado, pedida por vários jornais e parlamentares. Em Brasília, porém, nenhum dos dois partidos se animou a avançar além disso e nenhuma nota oficial foi emitida. Foi perante um plenário quase vazio (com apenas oito deputados) que o deputado Airton Soares (MDB-SP) lembrou, então, que "as entidades até agora atingidas são aquelas que mais se



Dom Ivo: "Foi a extrema direita"

destacaram na defesa do regime democrático e nas garantias dos direitos humanos". No Senado, para uma lista ainda menor (três senadores), Evandro Carreira (MDB-AM) preferiu atacar o senador Flávio Brito e condenar "radicalismos".

A Arena, através de seus líderes, também lançou publicamente sua condenação aos atentados. Ao voltar do Planalto, após uma reunião de 80 minutos com o presidente Ernesto Geisel, presidente da CNBB, enquanto recusava de uma operação cardíaca em Porto Alegre, na casa de seu irmão Bruno. Dom Aloísio referiu-se elogiosamente ao trabalho do bispo seqüestrado, que seu colega de ginásio no Paraná, afirmou que "muitas pessoas não suportam a pregação dos evangelhos feita pela CNBB". E ponderou: "Lamentamos, mas vamos fazer disso um trauma nacional. O Senhor já predisse que seriam perseguidos e odiados".

Detalhes — A preocupação em não criar um trauma nacional era idêntica, também, à do governo. No mês passado, o presidente Geisel iniciou preparativos para uma contra-ofensiva ante a multiplicação das bombas. E, além de recomendações aos órgãos de segurança, pediu a considerar a hipótese de um pronunciamento pessoal através de uma rede de rádio e televisão. Desta vez, porém, na suposição de que os terroristas poderiam estar especificamente interessados em atingir, através do tumulto, a orientação política de seu governo e neutralizar os efeitos positivos de sua viagem ao Japão, ele decidiu desde então, o ministro Falcão de falar pelo governo — e este usou, ao condenar os atentados em sua nota ditada aos jornais — era preciso minimizar as consequências dos acontecimentos. Ainda assim, atraíram muita atenção quanto aos responsáveis e às vítimas — afinal, o ataque a dom Adriano? Aos 58 anos, torna-se um fator vital para a tran-

qüilidade. De fato, as investigações começaram em agosto não chegaram aos autores dos atentados à ABI e à OAB, mas estabeleceram alguns detalhes valiosos. A bomba que deixou de explodir na OAB, por exemplo, num momento em que havia mais de 400 pessoas no prédio, poderia ter provocado um morticínio. Ela só não explodiu porque o terrorista que a montou, ao encaixar o respectivo pavio, forçou-o demais com um alicate, secionando o conduto inflamável. Apurou-se, também, a existência de mais de uma organização clandestina, e a própria AAB teve o começo de sua ação fixado em 1974, antes das eleições, quando mandou cartas ameaçadoras a advogados de presos políticos em São Paulo. No mesmo ano, uma certa Voluntários da Pátria distribuiu uma série de folhetos atacando vários minis-

ano dom Adriano é o pastor de 59 paróquias e oitenta padres que atendem uma região de 1,6 milhão de pessoas. de seu trabalho na diocese ressalta o fato de que ele sempre pregou, com firmeza, contra os métodos do "esquadrão da morte", que encontra na Legião Fluminense seu principal campo de ação.

"Há bons e honestos policiais", dizia recentemente. "Mas as arbitrariedades, corrupção e a incompetência continuam marcando a imagem do policial. O povo tem tanto medo dos marginais quanto da polícia." Por tais posições, e por ter sido encontrado na mesma posição das vítimas do "pau-de-arara", dom Adriano poderia ser, segundo algumas suposições, uma vítima da vingança do "esquadrão". O secretário geral da CNBB, dom Ivo Lorscheiter, dizia aos jornalistas, na sexta-feira, que a bomba na casa de Roberto Marinho também poderia ter sido motivada pelas campanhas que *O Globo* fez contra o "esquadrão". "Mas não sei a quem possa interessar isso", ressaltou. "Foi um atentado de extrema direita."

"Críticas ao 'esquadrão da morte' nos temos feito", dizia a VEJA na última quinta-feira dom Aloísio Lorscheiter, presidente da CNBB, enquanto recusava de uma operação cardíaca em Porto Alegre, na casa de seu irmão Bruno. Dom Aloísio referiu-se elogiosamente ao trabalho do bispo seqüestrado, que seu colega de ginásio no Paraná, afirmou que "muitas pessoas não suportam a pregação dos evangelhos feita pela CNBB". E ponderou: "Lamentamos, mas vamos fazer disso um trauma nacional. O Senhor já predisse que seriam perseguidos e odiados".

Quando a dom Adriano, vítima de uma odisséia bem mais prolongada, os riscos talvez continuem. Desde 1963, ele usava em seu brasão uma foice e o lema "Mandai, Senhor, operários". A foice, dizia ele, espantado diante das insinuações, "tem uma força que provém da cruz", e o lema foi tirado do evangelho de São Lucas — algo que não parece de compreensão imediata. Ao delegado que, polidamente, lhe perguntou sobre sua eventual condição de comunista, durante o interrogatório na delegacia de Jacarepaguá, dom Adriano teve que negar e dar explicações — mas manifestou certeza na correção de tudo que fez até agora. Suas palavras finais, antes de desaparecer na segurança de algum local anônimo, foram de que continuará cumprindo, como disse, seus princípios religiosos e sua missão.

por dois desconhecidos. Enquanto um dos invasores — "moreno, alto e forte, vestido com uma camiseta de malha", segundo o universitário — vigiava a entrada, o outro — "menor que o primeiro e também moreno" — vasculhava a sala, atirando ao chão livros, roupas e papéis. Apolo tentou reagir, usando como arma uma garrafa de cerveja quebrada — e foi então espancado com socos e pontapés. "Como comecei a gritar", conta Apolo, "um deles me levou para o banheiro, onde tentou amarrar uma toalha em minha boca. Não conseguindo isso, bateu minha cabeça contra o espelho, que se espatifou." Em seguida, os dois se retiraram sem levar qualquer objeto e sem pronunciar uma única palavra. Mas deixaram gravado a faca, na porta, o nome de outro integrante do diretório acadêmico.



Marinho em casa: preocupação pelos ferimentos no copeiro Queiroz

tros do governo Geisel, especialmente Golbery do Couto e Silva. E tem sido notada, aqui e ali, a emergência de organizações como a Braço Clandestino da Repressão e a Centelha, que fazem ameaças a ex-presos políticos — além de lances isolados de grupos sem denominação.

Em Belo Horizonte, por exemplo, as freqüentes ameaças telefônicas e postais endereçadas a deputados do MDB e estudantes ganharam contornos reais no último dia 18, quando o universitário Sérgio Apolo, 21 anos, presidente do diretório acadêmico do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, teve sua residência invadida. Às 19 horas, logo depois de ter chegado ao apartamento que divide com seu irmão no bairro de Santo Antônio, Apolo ouviu soar a campainha e, ao abrir a porta, foi atacado

TERRORISMO Intimidação

"Irmãos" — assim o bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hypólito Mandado, vítima de seqüestro na semana passada, se dirigiu aos agentes do Departamento de Ordem Política e Social, que, farçados de fotógrafos, documentam sua entrevista coletiva terça-feira à noite, no Centro de Formação de Líderes da cidade Fluminense. Nesta sua primeira aparição em público desde o seqüestro, ele prestara numa delegacia aos ter sido abandonado pelos seqüestradores, numa rua escura de Jaca-

riamente em qualquer um dos inúmeros cemitérios da baixada". Mas se confessou "perplexo" e incapaz de explicar o atentado a bomba simultâneo contra a casa do jornalista Roberto Marinho, diretor-redator-chefe de *O Globo*.

No dia seguinte, contudo, em entrevista a Roberto Mello Silva, de VEJA, dom Adriano iria um pouco mais longe. Quanto ao atentado à casa do jornalista, lembrou "o bom relacionamento entre os órgãos de comunicação do sistema Globo e o governo". E ressaltou: "O atentado, visto desta maneira, é uma desmoralização. É provável que os terroristas pretendessem apenas demonstrar a incompetência das autoridades para reprimir e defender, sobretudo, os elementos de apoio do próprio sistema".

Baixada esquecida — Ainda na terça-feira, durante a entrevista coletiva, o presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, dom Aloísio Lorscheider, declarou estranhar a falta de manifestação pública do governo em solidariedade ao bispo. Dom Adriano, no entanto, deu sua explicação também para isso — segundo ele, na baixada Fluminense "já nos habituamos a ser relegados ao último plano da vida política, social e econômica do país". Há menos de um mês, lembrou ele, teve negado o pedido de um encontro com o presidente da Câmara dos Deputados, Célio Borja, para debater problemas da baixada, como a confusão criada entre os fiéis católicos pela Igreja Católica Brasileira. Sobre os responsáveis por seu seqüestro, porém, nada mais poderia informar — afinal, as investigações chegaram à última sexta-feira cercadas por grande sigilo. Sabe-se apenas que o delegado Borges Fortes "ouviu algumas pessoas com antecedentes ativos na história do terrorismo de direita no Brasil".

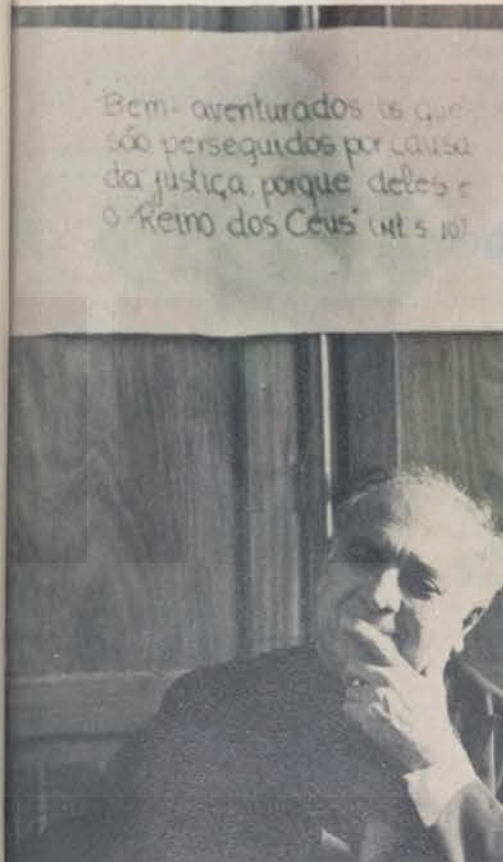
De qualquer forma, a Aliança Anticomunista Brasileira, que se responsabilizou pelos atentados no Rio, não parecia disposta a permanecer inativa — o seqüestro de dom Adriano e as bombas mostraram apenas a face mais agressiva de sua ação. No sábado retrasado, panfletos em nome da entidade foram jogados diante da entrada principal do Presídio Romão Gomes, no Barro Branco, em São Paulo, durante o horário de visitas aos 35 presos políticos ali recolhidos. Mimeografados a álcool e dirigidos "Aos presos políticos", os panfletos diziam, entre outras coisas: "O passado

é juiz de vossas ações. Os que não morreram nas celas morrerão ao obterem a liberdade. (...) Morte ou prisão. Os que de vós cuidam são muito condescendentes, isso é um mal". Convocados pela direção do presídio, os presos foram informados da panfletagem e ficaram sabendo que o fato já fora comunicado à Delegacia Estadual de Ordem Política e Social.

"Obra de psicopatas" — Não era a primeira vez que os presos políticos recebiam ameaças em São Paulo, em especial por meio de cartas, assinadas por siglas como MAC (Movimento Anticomunista) responsável também por pichações racistas em Canoas (RS) — "O sul para os brancos e Amazônia para os negros" — e em São Paulo — "Viva a África do Sul", ou por nomes como "Braço Clandestino da Repressão" ou "A Repressão". Em fevereiro último, uma dessas cartas dizia: "Este é um documento de algum órgão de informação. Pode ser da Oban, Dops ou qualquer outro por onde tiveram a oportunidade de passar, em decorrência de suas condições de terroristas. (...) Aliás tomamos conhecimento do documento redigido sobre nós e enviado à OAB. (...) Queremos um Brasil uno; democrata; nacionalista, não atrelado a nenhuma forma de imperialismo; livre da corrupção e da sanha vermelha". Essa carta, segundo advogados de presos políticos, era a resposta à denúncia sobre torturas enviada por quarenta presos políticos paulistas à Ordem dos Advogados do Brasil.

Também têm sido ameaçados, em São Paulo, por cartas ou telefonemas, advogados de presos políticos ou ex-presos políticos. De dois anos para cá, esse tipo de ameaça vem aumentando gradativamente, segundo suas vítimas constantes. Além disso, segundo a Comissão de Justiça e Paz, ligada à arquidiocese de São Paulo, na semana passada duas pessoas a procuraram para informar que receberam cartas com ameaças. O presidente da Comissão, advogado Dalmo de Abreu Dallari, declarando-se "contrário a qualquer forma de violência, parta de onde partir", estranha que "em outras circunstâncias tenha havido imediatamente inúmeras prisões de suspeitos, enquanto que nesses casos recentes os órgãos encarregados das investigações nem sequer suspeitam de quem possam ser os autores".

Já o secretário da Segurança Pública de São Paulo, coronel Erasmo Dias, declarou que a panfletagem no presídio "não passa de obra de psicopatas, esquizofrênicos, imitadores". E, com segurança, condenou o terrorismo ao mesmo tempo que assumia um compromisso: "Eu me responsabilizo pela vida dos presos políticos. Podem estar tranquilos".



Dom Adriano: lembrando a odisséia

paguá, ele avançou algumas opiniões sobre sua odisséia — e em nenhum momento se mostrou aborrecido com o fato de se ver vigiado pelas autoridades.

Dom Adriano declarou, por exemplo, que a finalidade de seu seqüestro e do atentado a bomba diante da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil foi a perturbação da tranquilidade e um talvez conseqüente endurecimento do sistema político. Descartou a possibilidade de o seqüestro ter sido motivado por seus pronunciamentos contra o "esquadrão da morte", que "teria me eliminado suma-

COMUNICADO AO POVO DE NOSSA DIOCESE
DE NOVA IGUAÇU

Dom Adriano, nosso irmão e pastor, foi selvagemmente sequestrado, encapuçado, torturado e algemado, em companhia de Fernando, seu sobrinho, na noite do dia 22 de setembro. Os autores do monstruoso crime nós os conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja, em defesa dos direitos humanos.

A cegueira desses assassinos impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã: "felizes sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós" (em Mateus, 5, 11 - 12).

O próprio Filho de Deus foi preso, torturado e morto na cruz, por amar os mais humildes. Os alteres da Igreja estão repletos de santos mártires, que foram vítimas dos "filhos das trevas" os quais, em todas as épocas de opressão, tentaram abafar os "clamores do povo" (Exodo 3,7).

Ninguém ignora que, nesses últimos anos, nos países da América Latina, inúmeros cristãos - leigos, religiosos, padres e bispos - foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso continente foram presos na cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o sequestro e a tortura de Dom Adriano não é um ato isolado.

O fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas não devemos temer tais ameaças: "Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Entretanto não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. É pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação" (Lucas 21,17 - 19).

Fazemos um apelo a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações, a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nosso compromisso de anunciar a Verdade, na consciência de que a cruz é o caminho da ressurreição.

Sacerdotes, religiosas e leigos da Diocese de Nova Iguaçu,
reunidos com o Vigário Geral.

23 de setembro de 1976.

Os atentados

Policiais acham que Esquadrão da Morte não seqüestrou bispo

Dom Ivo diz que extrema-direita não atemoriza Igreja

Dom Ivo Lorscheider, Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em novo pronunciamento, ontem, aos jornalistas no Largo da Glória, afirmou que "os terroristas da extrema-direita não fazem com que a Igreja se sinta atemorizada e que o covarde atentado a Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, reflete apenas o desespero daqueles que são contrários às obras de assistência social desenvolvidas no mundo inteiro em prol dos oprimidos". Ao mesmo tempo em que falava aos representantes de jornais, revistas, agências internacionais, rádio e tv, Dom Ivo confirmava as ameaças físicas contra sacerdotes "visados pela camarilha".

Momentos antes do pronunciamento da CNBB (o segundo oficial) o Vigário Geral de Nova Iguaçu, Monsenhor Arthur Hartmann, condenava os sequestradores de Dom Adriano e afirmava para centenas de fiéis na Diocese do município que "a cegueira desses assassinos impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja".

Pela manhã, durante uma missa de solidariedade ao Bispo de Nova Iguaçu e seu sobrinho sequestrado e torturado por seis desconhecidos, o Vigário Hartmann afirmou que as autoridades policiais "mais cedo ou mais tarde chegarão aos criminosos e seus comandados inimigos da paz e da tranquilidade".

Ontem, no Rio o ambiente era de grande tensão nas áreas da Segurança, com a série de denúncias sobre o surgimento de bombas em órgãos importantes, como a Cacex e a Vale do Rio Doce. Na sede da CNBB o movimento de repórteres, políticos, policiais e religiosos dava a entender que algo de anormal estava acontecendo, mas o Secretário-Geral Dom Ivo Lorscheider, única autoridade pastoral autorizada a emitir declarações, afirmava que "as quatro plantonistas da mesa telefônica já estavam cansadas de receber ameaças, mas que a CNBB não iria pedir segurança para o prédio e muito menos para qualquer um de seus prelados". Salientou que "o atentado a Dom Adriano, ao invés de atemorizar a Igreja, veio a demonstrar que estamos mais unidos do que possamos imaginar na ação social e nos nossos objetivos".

Em Nova Iguaçu, o Bispo Dom Adriano foi aconselhado por seus superiores a se manter em silêncio, sendo o Vigário Geral Monsenhor Hartmann autorizado a fazer declarações como essas: "Dom Adriano Hipólito nosso irmão e pastor foi selvagemmente sequestrado, encapuzado, torturado e algemado, em



Dom Ivo Lorscheider disse que a CNBB não vai pedir nenhuma proteção

companhia de Fernando, seu sobrinho, na noite do dia 22 de setembro. Os autores do monstruoso crime nós os conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja em defesa dos direitos humanos. A cegueira desses assassinos — afirma o vigário — impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã. Felizes sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a nossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós, cita São Mateus. O próprio filho de Deus foi preso, torturado e morto na cruz por amar os mais humildes. Os altares da Igreja estão repletos de santos mártires, que foram vítimas dos "filhos das trevas" os quais, em

todas as épocas de opressão, tentaram abafar os clamores do povo.

Prosseguindo diz o vigário de Nova Iguaçu: "Ninguém ignora que, nesses últimos anos, nos países da América Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e bispos — foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, Irisou, vários bispos de nosso Continente foram presos na cidade de Rio-bamba, no Equador. Tais fatos mostram que o sequestro e a tortura de Dom Adriano não são um ato isolado.

Concluindo, afirmou que "o fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas não devemos temer tais ameaças; "Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Entretanto, não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. É pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação (Lucas). Fazemos um apelo a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações, a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nossos compromissos de anunciar a Verdade na consciência de que a cruz é o caminho da ressurreição".

A declaração do Monsenhor Arthur Hartmann foi distribuída em todo o município de Nova Iguaçu e parte do Grande Rio.

FARIA LIMA LAMENTA

O Governador Faria Lima lamentou "profundamente" o atentado sofrido anteriormente pelo Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito. Durante a solenidade de inauguração do novo sistema de abastecimento de água de Piabetá, ele disse aos jornalistas que "enquanto nós estamos unidos, trabalhando para o bem do Estado e do País, existem ainda pessoas cuja ação criminosas possa trazer uma imagem má para o Estado do Rio de Janeiro e para o Brasil".

O Chefe do Executivo fluminense não entende também como tais meios possam ser colocados em prática "por pessoas que, no meu ponto de vista, não têm nenhuma condição humana de viver num país livre, como é o Brasil de hoje".

Quanto ao processo do Conselho de Contas do Município, que pede ao Executivo a intervenção do Município de São João de Meriti, Faria Lima explicou que só poderá tomar alguma decisão após as comprovações da Secretaria de Justiça e do parecer do Procurador-Geral do Estado.

Policiais de quatro delegacias da Baixada Fluminense com quem a reportagem conversou durante toda a manhã de ontem não aceitam como válida a hipótese de que o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e seu sobrinho Fernando Werbernig tenham sido seqüestrados e torturados por integrantes do Esquadrão da Morte, que teriam tomado tal atitude em represália à sistemática campanha movida pelo religioso contra as violências perpetradas pelo EM.

Por outro lado, o bispo e seu sobrinho não dormiram na residência oficial do bispado, em Vila de Posse. Também não estiveram na Catedral e nenhum dos seis empregados domésticos de Dom Adriano sabiam dizer que rumo ele tomara, acreditando-se que tenha recebido ordens superiores para não permanecer em Nova Iguaçu.

Segundo rumores que circularam ao cair da tarde nos corredores do prédio da Secretaria de Segurança, o DGIE já teria identificado dois dos seis elementos que participaram da operação-sequestro, seguida da explosão do carro do prelado em frente à sede da CNBB, no Largo da Glória, e que culminou com o atentado a bomba à residência do Sr. Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo.

Para os experts em crimes do Esquadrão, Dom Adriano não foi alvo de uma vingança dos assassinos encapuzados da Cavelra, que não têm como norma de trabalho deixar vivas suas vítimas, o que possibilita um possível futuro reconhecimento. Para uma vingança pura e simples, os matadores do EM precisariam apenas de surpreender Dom Adriano à porta de sua casa, numa rua deserta e sem iluminação e ali eliminá-lo, bem como possíveis testemunhas, no caso seu sobrinho.

Segundo está apurado, os seqüestradores do bispo não tiveram a menor preocupação em se esconder das pessoas que os viram dominar o sacerdote e Fernando Werbernig. Sem máscaras ou disfarces, quando chegaram à Rua Paraguassu, Vila de Posse, dialogaram com a jovem Maria Del Pilar, noiva de Fernando, e com a mãe da moça, dona Albina Vila Lourenzo, a quem mandaram que entrassem em casa. Outras pessoas, atraídas pela presença dos desconhecidos, não foram molestadas.

Posto num dos três carros utilizados pelos seqüestradores, o bispo foi manietado e algemado, tendo sua batina cortada a faca e arrancada aos pedaços. Esteve em poder dos criminosos cerca de uma hora, sendo obrigado a ingerir cerca de meia garrafa de cachaça. Não sofreu qualquer tipo de interrogatório mas lhe tomaram 5 mil cruzeiros e uma pasta contendo documentos.

Finalmente seria largado num terreno baldio da Rua Japurá, em Jacarepaguá. E mais uma vez os seqüestradores se apresentaram sem qualquer disfarce, o mesmo ocorrendo quando abandonaram Fernando Werbernig na Estrada do Catonho, também em Jacarepaguá, via deserta que serve de ligação com a Zona Sul pela Barra da Tijuca e utilizada tanto pelo Esquadrão como por criminosos comuns para a desova de corpos de suas vítimas.

Ainda com a mesma despreocupação de evitar um reconhecimento, os seqüestradores, de posse do Volks chapa FB—RJ 7591, do bispo, levaram o veículo até o Largo da Lapa e o explodiram com bomba de alta potência diante do prédio em que está instalada a CNBB — Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Não foi constatada a presença de nenhum negro entre os seqüestradores, cujas idades variam entre 30 e 40 anos, todos trajando roupas esporte de boa qualidade e utilizando carros novos.

Levantamento não oficial, realizado por agentes de diversos serviços de segurança, indica que a Catedral de Nova Iguaçu esteve sob observação durante uma semana por indivíduo que sabiam ser rotina a saída do templo por Dom Adriano que habitualmente tinha como motorista seu sobrinho Fernando. No banco traseiro do carro, ainda como de hábito, seguia a jovem Maria Del Pilar Iglezias Vila, funcionária da Secretaria da igreja e noiva de Fernando. Num percurso de apenas 15 minutos, Maria saltava na porta de casa (onde ocorreu o seqüestro), conversava ligeiramente com o rapaz enquanto o bispo (como sempre), ficava no carro que era manobrado num terreno baldio em seguida a casa da jovem.

Os seqüestradores conheciam todos esses pormenores. Tanto assim que dois deles foram imediatamente em cima de Fernando, dominando-o e arrastando-o para um dos carros. Dois outros dirigiram-se ao Volks do bispo a quem arrancaram com brutalidade do veículo, atirando-o ao chão. Em seguida Dom Adriano, já encapuzado, seria colocado em um outro dos veículos dos criminosos — um Corcel vermelho. Dona Albina, uma espanhola, mãe de Maria Del Pilar ainda tentou conversar com um dos desconhecidos, mas teve apontada uma arma para seu peito e recebeu ordens de entrar em casa. Não foi feito qualquer disparo.

Nenhum carro de ronda apareceu pelas imediações e a delegacia somente tomaria conhecimento do fato porque pessoas que assistiram ao seqüestro e que conheciam o bispo, dirigiram-se à catedral. Então um sacerdote, o padre irlandês David John Keegan, dirigiu-se à delegacia para o registro do fato delituoso. Mesmo assim nenhuma viatura policial deslocou-se para uma possível localização dos seqüestradores. Também as barreiras não foram alertadas e a Polícia não entrou de prontidão, como era de se esperar.

Ontem, às 16 horas, o corredor que dá acesso ao gabinete do Delegado Borges Fortes, do DGIE, foi interditado até mesmo para policiais que não estivessem lotados naquele departamento. Circulou o rumor, sem confirmação, que dois dos seqüestradores já estariam identificados e presos. A assessoria de Imprensa do Secretário de Segurança, General Osvaldo Inácio Dominguez, nada sabia sobre os fatos.

Peritos do Instituto Carlos Éboli, sob a supervisão do promotor Gil Castelo Branco, diretor do Departamento Técnico Científico da Polícia, examinaram estilhaços da bomba lançada sobre o telhado dos fundos da residência do Sr. Roberto Marinho, procurando estabelecer ligações com o petardo que destruiu o carro do Bispo Dom Adriano Hipólito em frente à CNBB. Nada transpirou com relação aos resultados dos exames. O Ministro da Justiça, Sr. Armando Falcão, que está sendo posto a par das investigações, determinou que a Polícia Federal, através de sua delegacia regional do Rio de Janeiro, passasse a colaborar nas diligências.

MENSAGEM DE AGRADECIMENTO

Através dos meios de comunicação social, sempre vigilantes na tarefa de bom informar a opinião pública, quero agradecer a todos os que nestes dias penosos me trouxeram palavras de conforto e de solidariedade.

Agradeço particularmente ao Sr. Nuncio Apóstólico D. Carmine Rocco, que ficou ao meu lado durante algumas horas; ao Cardeal D. Eugênio de Araújo Sales, que pôs todos os recursos da Arquidiocese à minha disposição, de modo especial o Centro de Estudos do Sumaré; à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, pelo seu secretário D. Ivo Lorscheiter; aos meus queridos irmãos no episcopado, religiosos e leigos da Diocese de Nova Iguaçu, que se sentiram atingidos pela violência feita ao seu irmão mais velho; aos meus parentes e amigos que tanto sofreram comigo. Agradeço a todos em meu próprio nome e no nome das vítimas inocentes que foram Fernando Leal Webering e Maria del Pilar Iglesias.

Temos certeza de que as autoridades públicas agirão com presteza e decisão, para descobrirem a trama que envolve não somente a mim pessoalmente, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, como ainda a Associação Brasileira de Imprensa e a Ordem dos Advogados do Brasil.

Estamos certos de que as autoridades farão tudo, já que estão empenhadas em garantir o bem estar da nação. Côncias de sua responsabilidade, não permitirão que os esforços de todos sejam prejudicados pelo fanatismo de alguns. Contam com todos os brasileiros.

Um agradecimento muito especial às autoridades públicas do Estado do Rio e do país, a todos que manifestaram sua revolta pelas violências perpetradas contra mim.

Por fim, quero manifestar minha gratidão particular aos meios de comunicação social pela cobertura que deram aos acontecimentos, pelas expressões de solidariedade humana que manifestaram.

Todo o meu desejo, como cidadão brasileiro, como cristão, como bispo da Santa Igreja tem sido somente servir aos meus irmãos. É neste desejo imenso de servir que tenho falado e agido. Estou plenamente seguro de que podemos construir um mundo melhor.

Hoje como ontem e como amanhã, me disponho a servir os meus irmãos, porque neles vejo a face de Jesus Cristo a quem quero servir.

Nova Iguaçu, 27 de setembro de 1976

Dom Adriano Mandarino Hypolito
Bispo de Nova Iguaçu.

Como toda a imprensa brasileira e internacional noticiou, nosso bispo diocesano Dom Adriano Hypolito, juntamente com seu sobrinho Fernando, foi traiçoeiramente sequestrado, torturado e depois abandonado, nu e ferido, por um grupo de criminosos, que declarou pertencer à já notória Aliança Anticomunista Brasileira.

A história se repete e, como no caso de Cristo indefeso, os criminosos também vieram à noite e em grande número. Eles sabem que os atos de bravura podem ser praticados à luz do dia. Eles sabem que as trevas da noite e vantagem numérica são o refúgio dos covardes, por isso fazem questão de não serem individualmente identificados pela consciência moral do povo.

A Diocese de Nova Iguaçu está solidária com a pessoa de seu Bispo, bem como com as linhas pastorais de denúncia profética contra tudo o que amedronta o povo e o marginaliza dos seus direitos. Estamos convencidos de que a verdade, embora aparentemente perdedora de muitas batalhas, é e será a vencedora de todas as guerras. Que os fanáticos não esqueçam: eles estão desde já programados para perderem a batalha final.

Estamos ofendidos e indignados com as sádicas atrocidades perpetradas na pessoa do nosso Bispo. Mas estamos também profundamente convencidos da coerência de tais fatos com tudo o que de mais glorioso aconteceu e acontece com a pessoa dos profetas, dos santos e dos mártires. Em vez de amedrontar e fazer calar, a nefanda agressão proclama que, sob a orientação de Dom Adriano, estamos no caminho certo do Cristo perseguido, torturado e morto.

Mas estamos principalmente no caminho do Cristo Ressuscitado, o Senhor da vida e da morte, aonde um dia todos chegaremos: os santos, profetas e mártires, como igualmente os seus torturadores e assassinos. Este Cristo Ressuscitado e presente entre nós, através da fome e sede dos cristãos pela justiça, é a motivação única e inarredável de nossa ação pastoral.

A Diocese de Nova Iguaçu, na pessoa de seu Vigário-Geral, convida você, irmão, convida todo o povo de Deus para, junto com Dom Adriano, celebrarmos a ressurreição de Cristo e sua vitória final sobre a hipocrisia e os fanatismos, sobre as maquinacões noturnas e o poder das trevas, sobre as torturas e sobre a própria morte.

Você, irmão, é nosso convidado de honra: venha celebrar conosco e com os irmãos os louvores do Cristo vencedor, cuja arma única e invencível é a Verdade. No dia 3 de outubro (domingo), às 16 horas, na Catedral de Santo Antônio de Nova Iguaçu, Dom Adriano, junto com muitos outros bispos, com seus padres e com seu povo, celebrará a santa missa, durante a qual lhe daremos o nosso apoio e a solidariedade para com sua orientação pastoral. Venha se unir conosco na força vitoriosa de Jesus Cristo.

Diocese de Nova Iguaçu, 24 de setembro de 1976

Mons. Arthur Hartmann - Vigário-Geral.

COMUNICADO DA CÚRIA DIOCESANA SOBRE O ASSASSINATO DO PE: PENIDO BURNIER

A Cúria diocesana, interpretando os sentimentos do povo cristão de Nova Iguaçu, acaba de enviar telegramas de solidariedade à família e aos nossos irmãos da Prelazia de Diamantino, onde o Pe. João Bosco Penido Burnier foi assassinado a bala por um soldado da Polícia Militar.

Não refeita do atentado escandaloso e ainda não desvendado contra nosso Bispo diocesano Dom Adriano Hipólito, a consciência cristã do povo brasileiro é novamente afrontada por mais um crime monstruoso e sem sentido.

Pe. João Bosco, da ordem jesuita, decidiu-se pelos pobres e pequenos e trabalhava entre os índios Bacairi, no Mato Grosso. No último dia 13, Pe. João Bosco acompanhou o Sr. Bispo diocesano, Dom Pedro Casaldáliga, até a delegacia policial de Ribeirão Bonito; o bispo ia reclamar e protestar contra os maus tratos e torturas que os soldados estavam infligindo a duas humildes mulheres do povo. A reclamação e o protesto dos dois aquleram ainda mais a má consciência e a fúria assassina dos torturadores, resultando daí o assassinato do padre por um soldado do destacamento.

A repetição crescente de crimes e ameaças contra aqueles que lutam na defesa dos direitos humanos, especialmente dos direitos daqueles que não possuem condições de buscá-los, mostra que a morte do Pe. João Bosco não é fato eventual e isolado: tem claramente algo a ver com a intolerância para com a Igreja que se decidiu a ser a consciência moral do mundo injusto, consciência que aponta para o esmagamento dos pequenos e fracos como fonte da desorganização da justiça e fraternidade e como fonte dos maus sentimentos que estão tornando esse nosso mundo tão violento e tão ruim.

Neste mundo assim, onde a tônica dominante é propagada é correr atrás das próprias vantagens imediatas e conseguir o tal progresso mesmo à custo dos mais fracos, Pe. Penido Burnier optou pelos pequenos, pelos índios e pelos posseiros. Mesmo para quem não o conheceu pessoalmente o Pe. Penido, seu assassinato, perpetrado justamente pelas forças que têm por missão garantir a paz, a ordem e os direitos do povo, repugna à consciência moral de qualquer ser humano, além de ser uma agressão escandalosa contra a fé religiosa do povo. Este fato, semelhante ao assassinato do missionário Pe. Lukenbein e ao sequestro e espancamento de Dom Adriano, retrata um clima de violência em que vivemos, clima que atinge os pequenos e fracos, na pessoa daqueles que se identificam com os sofrimentos do povo.

Em comunhão com o Sr. Bispo, com os sacerdotes e com o povo cristão da Prelazia de Diamantino, nós, cristãos da diocese de Nova Iguaçu, condenamos este clima de violência e arbítrio, e exigimos, em nome da consciência do povo brasileiro, que tais crimes não fiquem impunes.

Como tão bem expressou o cartaz da missa do Pe. João Bosco, "a Igreja de Diamantino recebeu um presente: Deus lhe deu um mártir". O Pe. João Bosco não morreu, apenas passou para a vida eterna, donde já brilha imortal como exemplo de coerência com a justiça do Reino de Deus. Seu exemplo e sua presença junto a Deus nos ajudem a, em nossa diocese de Nova Iguaçu, sermos também coerentes com o Evangelho, a não recuarmos ante a perseguição, a não temermos a morte corporal e passageira, a clamarmos como apóstolos de Cristo a justiça fraterna do Reino de Deus.

Nova Iguaçu, 15 de outubro de 1976.

CÚRIA DIOCESANA DE NOVA IGUAÇU.



A perícia ainda não revelou o tipo da bomba que explodiu o carro do Bispo, na Glória

Cardeal tem promessa sobre investigações

O Cardeal Dom Eugênio Sales garantiu ontem à tarde, no Palácio São Joaquim, que "estão bem adiantadas as investigações no sentido de se desvendar este atentado. As autoridades revelaram a mim o maior empenho e disposição para esclarecer tudo".

"Logo que soube do sequestro" — continuou — "comecei a telefonar para autoridades civis e da área do I Exército. Dei de 20 a 30 telefonemas. Quando estava falando com uma importante autoridade, ouvi um estrondo, fui para a janela e vi o carro estilhaçado. Mas não liguei um fato a outro. Só depois, através de dois contatos com Dom Ivo, soube que o carro era do sobrinho de Dom Adriano".

Os assessores de Dom Eugênio advertiram antes que ele só iria ler a nota oficial para as emissoras de TV e rádio e não responderia a qualquer pergunta. O próprio Cardeal, no primeiro andar do Palácio, repetiu:

"Vou me limitar a ler a nota. Se fizerem alguma pergunta vou ficar calado."

— Qual a reação das autoridades com as quais o Sr falou? — perguntaram os jornalistas assim que ele acabou de ler a nota.

"Estive com Dom Adriano Hipólito no Colégio San-

ta Marcelina, pela manhã. Ele estava em bom estado físico e psicológico. No carro, deram-lhe algumas pancadas na cabeça, para que ele não a levantasse muito. Depois cortaram a batina, para que passasse pelo vexame de ficar nu. Mas não foi um vexame tão grande assim porque tudo se passou no escuro.

Dom Eugênio disse que quiseram que Dom Hipólito bebesse um litro de aguardente, "mas ele não o fez. Então derramaram o litro sobre ele, que se sentiu um pouco tonto.

Os sequestradores diziam o tempo todo que Dom Adriano era comunista. Vocês sabem que isso é uma insensatez. Eu também já fiz várias declarações contra as atividades do Esquadrão da Morte. Nem por isso deixei de ir e voltar só, ontem à tarde, a um lugar longínquo, como Padre Miguel, onde fui rezar missa em comemoração ao jubileu de ouro do sacerdócio de um padre."

O Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro deveria presidir ontem pela manhã uma reunião dos vigários episcopais no Palácio São Joaquim, mas preferiu ir de encontro a Dom Adriano Hipólito, no Colégio Santa Marcelina.

Presidente interino da CNBB teme o medo

"Está se criando um ambiente meio pesado. As pessoas já começam a sentir medo. Não um medo como se sente na Argentina ou mesmo na Itália, mas de qualquer forma medo. Aqui a gente pede a Deus que a situação não fique como nestes países."

A princípio, o presidente interino da CNBB, Dom Geraldo Fernandes, Bispo de Londrina, não queria falar. Depois acabou dizendo que o fato de os recentes atentados visarem a Igreja, a Imprensa e Ordem dos Advogados deve ser "porque estas entidades são as que costumam falar. Nós é que emitimos opinião. E falamos claro".

ADVERTENCIA

"É claro que colocando o carro esfaqueado em frente à CNBB os terroristas pretendem nos fazer uma advertência. Há aí um grupo que nos quer intimidar para que não defendamos os injustiçados."

Dom Geraldo Fernandes disse que a Conferência não solicitará qualquer medida de segurança especial para ela e para os bispos. "A única coisa que podemos fazer é recorrer às autoridades para ver se deslindam este caso. Se vão chegar até o fim, também não sei."

"Eu, por exemplo, estou tão tranquilo ontem como hoje e me sinto ainda mais tranquilo sem ninguém me garantindo. Durante a Revolução, quiseram colocar soldados na minha porta para me proteger e eu recusei. Na época diziam que eu estava numa lista para ser enforcado. A lista teria sido preparada pelos comunistas."

Ele não acredita que a razão do atentado contra o Bispo de Nova Iguaçu seja a sua intensa ação social e as denúncias contra as atividades do Esquadrão da Morte, "pois isso seria um absurdo. Também é um absurdo dizer-se que padre é só para rezar. Todos somos, por exemplo, responsáveis pela segurança".

"Não sei quem é o responsável pelo atentado. Não faço parte da Polícia, não sou detetive. Quem pode saber o que significa esta Aliança Anticomunista Brasileira? Quais os membros? Quais os métodos? Ela pode até esconder uma outra organização. Sou muito medroso para acusar quem quer que seja. O meu forte é o Direito e em Direito a gente fia muito fino".

O presidente interino da CNBB tem quase certeza de que "a Sociedade de Defesa de Tradição, Família e Propriedade (TFP) não tem nada a ver com isso. Conheço eles muito bem, fiz até amizades com alguns de seus integrantes, embora nunca participasse dela, e sei que eles não adotam esses métodos".

Também não acha que o atentado intimide os bispos: "A gente pode morrer a qualquer hora, não é mesmo? Eu, por exemplo, talvez só sinta algum medo quando experimentar diretamente o perigo. Antes, não".

Antes da entrevista, Dom Geraldo Fernandes, em companhia do Bispo de Friburgo, Dom José Clemente, foi ao Colégio Santa Marcelina, de religiosas, no Alto da Boa Vista, visitar Dom Adriano, que ficou lá algumas horas, mas não o encontrou mais. Isso ele só revelou depois na entrevista. Antes, quando entrava no carro que o levaria para o Alto, fingiu muita surpresa ao ser interpelado sobre o sequestro.

"Não sei de nada. Não li os jornais. Realmente dormi aqui na CNBB e ouvi um estrondo, mas não muito forte. Nem dei importância porque estas explosões são hoje tão frequentes por aqui com a obra do metrô que a gente nem liga mais."

Ao voltar à CNBB, confessou: "É, me lembro que antigamente, quando vinha ao Rio, pegava um carro, passeava pelo Alto da Boa Vista e outros pontos turísticos isolados sem receio nenhum. Hoje, a gente tem até medo de pegar um táxi."

Dom Geraldo Fernandes confirmou que o Bispo de Nova Iguaçu esteve ainda de madrugada na sede da CNBB, na Glória. Depois foi para o Colégio Santa Marcelina.

"Realmente ele levou socos e pontapés, ouvi palavras agressivas, ficou totalmente despido segundo contou, mas não foi sequestrado. Não sei mais por que não conversei com ele."

REUNIAO

Pela manhã, desde 8h, esteve reunida — como ocorre a cada dois meses — a Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, com a presença do secretário-geral, Dom Ivo Lorscheiter, o presidente interino, Dom Geraldo Fernandes, além dos seis membros da Episcopal: os Bispos de Itapipoca (Ceará), Dom Paulo Ponte; de Teresina, José Freire Falcão; Friburgo, José Clemente Isnard; do Rio Branco, Moacir Crechi, e de Natal, Nivaldo Monte. No temário, entre outros assuntos, o comércio de armas e o assassinato de um padre, em Merure, Mato Grosso.

As 10h, interrompeu-se o temário para se discutir os termos da nota oficial sobre o sequestro de Dom Adriano Hipólito. A redação ficou pronta pouco antes de meio-dia. Até às 14h nenhum jornalista pôde entrar na sede da CNBB.

Quando a entrada foi permitida, para a entrega da nota, o Secretário-Geral Dom Ivo Lorscheiter negou-se a dar qualquer declaração. Ante a insistência, pediu a Dom Geraldo Fernandes que lesse a nota para as emissoras de rádio e TV. Dom Geraldo disse que se limitaria a ler a nota pois nada mais havia a esclarecer. Depois porém resolveu responder às perguntas.

As 15h30m, o Assessor de Imprensa da CNBB padre José Goulart, anunciou que Dom Ivo Lorscheiter marcou uma entrevista coletiva para as 11h de hoje.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Datum

Nummer

24-9-76

JORNAL DO BRASIL □ Sex

Nota do I Exército

A. O Exército, como o povo brasileiro, tem uma firme consciência democrática e, conseqüentemente condena e combate qualquer atividade extremista;

B. Fatos episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existentes na área;

2. O Governo do Estado do Rio de Janeiro através de sua Secretaria de Segurança está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente Inquérito Policial;

3. A confiança no Governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos.

Nota da CNBB

"A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal da Pastoral, em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1. Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando.

2. Reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos e, num fato como esse, na sequência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristão;

3. Agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vêm recebendo de todos os recantos do Brasil.

4. Renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venham e a quem quer que atinjam."

Nota da ABI

"Mais uma vez, a Associação Brasileira de Imprensa se vê na contingência de manifestar-se em defesa da segurança e da liberdade dos jornais e dos jornalistas, novamente agredidos, direta e indiretamente, pela ação do terrorismo.

O atentado a Roberto Marinho, diretor-redator-chefe de O Globo e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror. Depois da agressão à ABI, à Ordem dos Advogados do Brasil e a outras entidades representativas da inteligência e do pensamento liberal do país, a violência encapuzada lança-se, agora, contra a própria integridade individual, na pessoa de um bispo e de um empresário de imprensa.

É sintomático que os atos desta sanha — incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa.

A ABI entende, no entanto, que o objetivo estratégico do extremismo está mais longe — visando, em verdade, ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais, em que se envolve historicamente a Nação inteira.

É por isso que, ao tornar público o seu repúdio e a sua condenação aos arrebatamentos do terror, a Associação Brasileira de Imprensa insiste na necessidade de que a opinião pública se concentre na expectativa e no apoio das medidas indispensáveis à urgente e completa apuração desses crimes contra a Nação".



Foto fornecida por O Globo



Foto de A. Neto

A bomba partiu vidros, mas não afetou o antigo crucifixo, nem a tapeçaria do francês Lurçat

O Bispo Adriano Hipólito (E) foi à Delegacia depois de arrumar algumas roupas emprestadas

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Datum

Nummer

24.9.76

O GLOBO

Sexta-feira, 24/9/76

Repúdio em todo o País aos atentados da
quarta-feira no Rio

Ministro da Justiça acompanha investigações

BRASÍLIA (O GLOBO) — O Ministro da Justiça, Armando Falcão, declarou ontem que o Governo está acompanhando as investigações em curso no Rio para apurar a responsabilidade pelo atentado contra o Bispo de Nova Iguaçu.

A saída do Gabinete do Presidente Geisel, no Palácio do Planalto, o Ministro da Justiça ditou sua declaração aos jornalistas, que lhe perguntaram se o assunto havia sido tratado na reunião com o Presidente da República, em cuja pauta figurava a reforma do Judiciário. Antes de falar, quis saber que jornais os repórteres representavam. São estas as suas palavras:

— O Governo repudia, com veemência, os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro. Condena-os, parlan de onde partirem. Estamos

acompanhando as diligências de âmbito estadual, para descoberta de autoria e punição legal dos eventuais responsáveis.

Esta declaração foi prestada após uma advertência: "Cuidado com o que vocês vão escrever". E enquanto ditava, acompanhava as anotações dos repórteres, pedindo depois, a um deles, que lesse o que escrevera.

Depois, o Ministro Armando Falcão acrescentou que havia mantido contato telefônico, na manhã de ontem, com o Governador Faria Lima, que lhe relatou os fatos e as providências adotadas. Ao despedir-se dos jornalistas, o Ministro perguntou-lhes se estavam satisfeitos.

Governador do RJ

O Governador Faria Lima considerou "profundamente lamentável e con-

trário à índole do povo brasileiro" o atentado a bomba na residência do nosso companheiro Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, aos primeiros minutos de ontem. E afirmou que tudo está sendo feito para elucidar o fato:

— Foi com surpresa que tomei conhecimento do atentado. As providências estão sendo tomadas a partir dos depoimentos das vítimas. Acho que isso é uma ação localizada, que não terá influências no momento político brasileiro nem sobre as eleições de novembro. Por causa desses atentados os eleitores da Arena não deixarão de votar na Arena, nem os eleitores do MDB deixarão de votar no MDB.

Nenhum esquema especial será montado para as investigações, segundo Faria Lima:

— O esquema é o normal. A po-

licia não trabalha somente quando ocorrem esses casos, e toda a nossa ação está sendo desenvolvida em comum acordo com a Polícia Federal.

Governador do Piauí

— Ato dessa natureza merecem total repulsa, pois ferem a índole do povo brasileiro — declarou o Governador do Piauí, Dirceu Arcoverde, sobre o seqüestro e espancamento do Bispo de Nova Iguaçu.

Também o presidente do Tribunal de Justiça do Piauí, Desembargador Vicente Gonçalves, e o Vigário-Geral da Arquidiocese de Teresina, Monsenhor Mateus Rufino, manifestaram ontem repúdio total ao atentado.

O Desembargador Vicente Gonçalves se disse chocado com o que qualificou de "ato de vandalismo contra

as instituições e os seres humanos". Para o Vigário-Geral, "esse ato de extremismo e de radicalização demonstra que as coisas não vão bem no Brasil".

O Vice-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Vice-Almirante José Calvert Aranda, que está em Teresina com estagiários da Escola Superior de Guerra, respondeu assim à indagação de um repórter:

— Você, como brasileiro, lamenta? Eu também.

No Amazonas

O Governador em exercício do Amazonas, João Bosco Ramos de Lima, condenou ontem os atentados de quarta para quinta-feira contra o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e

à residência do nosso companheiro Roberto Marinho:

— Qualquer brasileiro de bom senso é contrário à utilização do terror. Ele não conduz a nada. Quer apenas quebrar a paz em que vive o povo brasileiro. Essas atividades, por serem condenáveis, devem ser reprimidas, e acredito que o Governo tenha condições de reprimi-las. Não vejo nenhuma razão para que algum grupo possa recorrer a métodos escusos — disse.

O Arcebispo Coadjutor de Manaus, Dom Milton Correa Pereira, não havia recebido, até ontem, qualquer comunicado da Igreja sobre o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, e afirmou que nada podia comentar antes que isso ocorra.

D. Eugênio vai a Nova Iguaçu

O Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, contou ontem, aos jornalistas, no salão nobre do Palácio São Joaquim, que estava falando ao telefone com "uma alta autoridade", na noite de ontem, quando ouviu "um estrondo". Segundo ele, era quase meia-noite, e a primeira impressão que teve foi de que havia acontecido alguma coisa nas obras do metrô, em frente ao palácio.

Logo em seguida ele recebeu um telefonema de Dom Ivo Lorscheiter, que também não sabia o que havia ocorrido. Poucos minutos depois, Dom Ivo voltou a ligar, dessa vez, para informá-lo sobre a explosão.

Vigília

Dom Eugênio Sales anteontem esteve fora do Palácio São Joaquim, por quase todo o dia. À noite, ele foi para a Paróquia do Sagrado Coração, em Padre Miguel, onde celebrou missa pelos 25 anos de sacerdócio do Padre Corrêa Sá. Já eram cerca de 21h30m quando regressou.

Alguns instantes após sua chegada, Dom Eugênio recebeu um telefonema avisando do seqüestro de Dom Adriano Hipólito. Ele quis se deslocar para Nova Iguaçu, mas os padres que falavam no telefone acharam mais conveniente que ficasse fazendo contatos com autoridades.

Imediatamente o Cardeal ligou para o Governador Faria Lima, o Prefeito Marcos Tamyoy e o Comandante do 1º Exército, com quem disse ter mantido "contatos constantes" durante toda a noite.

Dom Eugênio disse que a reação das autoridades com quem esteve em contato ontem "foi de perplexidade, e cooperação total na elucidação deste crime".

Ele disse que era difícil fazer qualquer tipo de prognóstico quanto à autoria do aten-

tado. "Tanto pode ser uma organização, quanto pessoas interessadas em fazer tumulto. Será difícil tanto o trabalho de apuração quanto a disposição em punir".

O Cardeal Arcebispo, ontem passou "uma parte da manhã" com Dom Adriano, e disse que somente poderia adiantar que "ele está com um problema de olhos". E que ao ser agredido, o Bispo de Nova Iguaçu teve suas lentes quebradas, o que o obrigou a ir ontem mesmo a um oculista.

— Dom Adriano está muito bem disposto, sem nenhum ferimento. O sobrinho dele é que está com problemas.

Dom Eugênio contou que ouviu um relato de Dom Adriano Hipólito, segundo o qual ele teria levado muitas pancadas na cabeça para que se mantivesse agachado no banco de trás do automóvel. "Os seqüestradores quiseram obrigá-lo a beber cachaça, mas ele resistiu. Eles então jogaram o álcool em cima de seu capuz".

Dom Eugênio disse que não tem medo de sofrer um atentado semelhante. "A prova disso é que hoje (ontem) de manhã eu saí só, e voltei só".

Nota oficial

É a seguinte a íntegra da nota oficial distribuída ontem pelo Palácio São Joaquim, assinada por Dom Eugênio:

"O seqüestro de Dom Adriano, Bispo de Nova Iguaçu, fere profundamente os sentimentos de nosso povo. Nessa oportunidade, reitero a veemente condenação desses atos terroristas, feita há poucas semanas. Aliás, eles não atingem o alvo desejado. Triste de um país onde a conduta dos cidadãos fica à mercê da insanidade de alguns. Sei que as autoridades estão firmemente empenhadas na identificação e castigo dos criminosos".

A notícia que chegou ao Vaticano

CIDADE DO VATICANO (O GLOBO) — O jornal do Vaticano, "L'Osservatore Romano", em sua edição de ontem, noticiou o assassinato do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito. "O cadáver do bispo, nu e manietado, foi encontrado num subúrbio do Rio de Janeiro", informou o diário. A notícia — que, segundo fontes do Vaticano, procedia de uma agência estrangeira — foi difundida também pela Rádio Vaticano.

"L'Osservatore Romano" lembrou que Dom Adriano tinha denunciado, em várias oportunidades, as atividades da organização denominada "Esquadrão da Morte".

Mais tarde, a Rádio Vaticano desmentiu a morte do bispo e informou que ele tinha sido libertado "pouco depois de ter sido raptado por uma organização extremista".

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Zeitung

Datum

Nummer

Descuido ajudou fuga da noiva

"Menina, se gritar ou correr vai morrer". A ameaça de um dos seis homens armados que a cercavam fez parar por uns instantes Maria Del Pilar Iglésias Vila quando ela tentava sair do banco traseiro do Volkswagen FB-7591 (RJ) — dirigido pelo seu noivo Fernando Leal Nebring e de propriedade do Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, ambos seqüestrados às 19h40m de quarta-feira próximo ao número 671 da Rua Paraguaçu, no Bairro da Posse.

Sob efeito de calmantes, ainda nervosa e gaguejando, Maria Iglésias disse ontem que conseguiu sair por descuido dos seqüestradores e porque sua mãe apareceu atraída pelos seus gritos. Os seis homens que levaram o Bispo e seu sobrinho vinham seguindo-os desde a Cúria Metropolitana, a cerca de seis quilômetros de distância do local do seqüestro — uma rua sem calçamento e sem iluminação.

Ação rápida

Maria Iglésias aparenta cerca de 20 anos e voltava, como faz diariamente, da Cúria Metropolitana — onde trabalha no arquivo — acompanhada por Fernando e o Bispo que moram perto de sua casa. Ela afirmou que já haviam notado que três carros os seguiam e, ao chegar perto de um terreno baldio ao lado de sua casa — na Rua Paraguaçu, 671 — foram abordados por um Corcel e um Volkswagen (ambos vermelhos). O terceiro veículo, não identificado, ficou estacionado próximo à esquina da Estrada do Ambai.

Os seis homens, todos com revólveres, abriram rapidamente as duas portas do Volkswagen do Bispo, e arrancaram primeiro Fer-

nando Leal, que dirigia o veículo. Nessa hora, Maria Iglésias tentou escapar pela porta aberta mas recebeu a ameaça de um dos homens, que ela não soube descrever. Parou por alguns instantes e, quando o Bispo foi retirado do carro, pela outra porta, aproveitou e correu gritando, para sua casa.

Ela viu ainda os seis homens colocarem um capuz no rosto de D. Adriano Hipólito, que já estava sendo espancado, caído no chão. Os seqüestradores colocaram Fernando no banco de trás e "me parece que o Bispo foi colocado no outro carro". Em velocidade, eles desceram pela Rua Paraguaçu, dobraram à direita para a Estrada do Ambai, e desapareceram. Nenhum vizinho ou funcionário da padaria que fica na esquina diz ter visto alguma coisa "a não ser gritos e os carros passando em velocidade".

Medo ainda

A disposição de Maria Iglésias para contar detalhes do seqüestro era confusa ontem pela sua mãe Albina Vila Lourenço, que, amedrontada com a presença de fotógrafos, fez a filha entrar em casa, trancando-a por volta das 10h e "pedindo que a deixassem em paz, depois de tudo o que aconteceu".

As duas portas da casa rosa e branca da Rua Paraguaçu ficaram fechadas a partir deste momento e só foram reabertas quando, duas horas depois, chegou à residência a Kombi verde FB-2335 (RJ) — com a irmã de D. Adriano, Sra. Helena Hipólito Cerqueira Passos — acompanhada de dois homens e outra mulher — que chorando foi falar com Maria Iglésias e sua mãe.

Ela se demorou por aproxima-

damente 10 minutos — e seus acampanhantes falaram apenas "que estavam ainda à procura de D. Adriano e de Fernando, ainda não localizados nem pela família, e por favor não insistam que não temos nenhuma outra informação" — seguiu direto para a casa do Bispo (Rua Comendador Francisco Rodrigues de Oliveira, lote 2, quadra 8). Alguns minutos depois, a Kombi voltou para pegar Maria Iglésias que, segundo sua mãe, "teria ido prestar depoimento no Rio".

A Rua Paraguaçu tem pequeno trecho de ladeira, sem calçamento, e não há luz em seus 100 metros iniciais — onde Fernando e D. Hipólito foram seqüestrados às 19h40m. Segundo os moradores, "a rua é pouco movimentada à noite e, mesmo às escuras, não há muitos assaltos".

Registro

A delegacia de Nova Iguaçu tomou conhecimento do seqüestro do Bispo e seu sobrinho às 20h15m. O livro 44, par, na ocorrência 4 481 registra que o Padre irlandês David John Keegan (de 49 anos, residente na catedral de Nova Iguaçu) comunicou que seis homens, em três carros — só um, o Corcel, teve sua marca anotada — haviam levado D. Hipólito e Fernando.

Diz a ocorrência que Maria Iglésias e sua mãe Albina assistiram ao seqüestro, sem anotar a placa dos carros, e diz que a delegacia comunicou o fato às 20h20m para a Central de Informações (tendo recebido a mensagem o plantonista Jorge) e a Delegacia de Polícia Política e Social foi avisada 10 minutos depois, e quem recebeu o comunicado foi o plantonista Souto Maior e o delegado Borges Fortes.



Fernando Leal, sobrinho do Bispo, sai do Souza Aguiar com a noiva, Maria Del Pilar

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Relato do padre na palavra de quem o socorreu

— Isso é para aprender, seu comunista sem-vergonha.

Esta é uma das poucas frases que o Bispo D Adriano Hipólito ouviu de seus sequestradores, conforme o relato que fez ao fotógrafo Adir Mera, que o encontrou amarrado e nu num terreno baldio em Jacarepaguá.

"Quando o encontrei, estava chelo de hematomas nas costas das pancadas que levou dos sequestradores, principalmente na região dos rins", diz Mera. Mesmo assim, "depois de ver que estava seguro, contou-me tudo o que aconteceu".

Relato do Bispo

"Eu saía da Casa Paroquial de Miguel Couto, com meu sobrinho e sua noiva, quando percebemos que dois carros arrancaram em nossa direção, assim que entramos no meu Volkswagen. A princípio não ligamos, mas os carros se aproximavam e ameaçavam nos fechar. Meu sobrinho parou de repente e eles também. A sua noiva saiu correndo e não deu para nós fazermos o mesmo. Eram seis homens. Dois ficaram, agarraram meu sobrinho; outros dois a mim. Os restantes levaram meu carro.

Dirigiram-se a nós logo dizendo que "era um assalto. Você" — referindo-se a mim — "vale 40 milhas". Em seguida começamos a apanhar. Ainda deu para ouvir meu sobrinho gritando agonizado que parassem. Logo em seguida, os carros arrancaram e fui encapuzado. A corda que o prendia estava muito apertada e eu não respirava direito. Um deles, que não posso identificar, arrancou todos os botões da minha batina e com uma tesoura a cortou em pedaços, assim como a roupa de baixo. Fiquei totalmente despido, apenas os trapos da batina estavam sobre mim.

A única coisa que posso dizer dos sequestradores é que um era alto, magro, imberbe e usava óculos de lentes grossas. O motorista era gago. Pelo barulho que vinha da rua, percebi que tomávamos a Via Dutra. Em seguida, pegamos ruas de trânsito intenso porque parávamos muito. Logo depois rodamos por ruas esburacadas. Durante todo o trajeto não deixaram de me bater. Parecia que rodávamos há uma hora quando paramos. Eu estava com uma algema, velha, e foi quando escutei mais algumas palavras deles, antes de mais uma surra nas minhas costas.

24-9-76

Disseram que "isto é para você aprender, seu comunista sem-vergonha. Você só não vai morrer porque o chefe não quer que matemos ninguém agora." Voltamos a rodar um pouco e paramos num local deserto, menos que o primeiro lugar, e então jogaram no meu corpo um líquido e pelo cheiro pensei que fosse gasolina. Pensei que iriam me queimar. Percebi, pelo barulho, que era spray. Tiraram meu capuz, levei um chute nas costas e fui atirado ao chão, na posição que o senhor me encontrou."

Fotógrafo

Adir Mera encontrou D Adriano no momento em que os sequestradores acabavam de jogá-lo no terreno baldio, na esquina da Rua Japurá com Capitão Machado. Viu o carro que levava o Bispo, um Chevrolet vermelho, com o estepe no capô da mala, que lhe pareceu ser de 1955 ou 56.

"Eram aproximadamente 21h30m" — lembra Mera. "Saí com meus dois filhos, minha mulher e o filho de um amigo para levá-lo em casa. Quando passamos na esquina, eu e minha mulher vimos um carro vindo em nossa direção. Acendi o farol alto. Era o carro dos sequestradores, vindo em minha direção, a toda velocidade. Na mesma hora, vi o Bispo caído, todo vermelho. Pensei que fosse sangue."

Como o local é muito deserto e Mera pensou que fosse um assalto, correu à padaria, que fica na esquina da Rua Japurá com Capitão Meneses, onde pediu ajuda. Quatro rapazes foram com ele ao local.

"Até então não sabia do que se tratava. Cheguei perto e um senhor, despido e todo pintado de vermelho, gemia. Aproximamo-nos e vi pelos restos da batina que era um padre. Ele se identificou como D Adriano Hipólito. Fiquei na dúvida, mas, mesmo assim, atendi ao que ele queria: umas roupas. Corri em casa com minha mulher e peguei uma calça azul e uma camisa xadrez. Esqueci dos sapatos."

O Bispo vestiu-se entrou no carro e pediu a Mera para ser levado para Nova Iguaçu. O fotógrafo quis se certificar se se tratava de fato de um bispo e o levou à Casa Paroquial de Jacarepaguá.

"Cheguei lá e fiquei um bom tempo tocando a campainha, sem que ninguém atendesse. Nisso, veio um amigo meu, Major do Exército. Logo depois atendeu o Padre Pedro, que imediatamente identificou D Adriano Hipólito. Falamos em levá-lo ao Distrito, mas o Bispo não queria. Mesmo assim fomos até lá".

No distrito de Jacarepaguá, segundo Mera, o Delegado de plantão não queria registrar o fato, porque o sequestro tinha ocorrido em Nova Iguaçu. Chegaram autoridades da Secretaria de Segurança, já alertadas pela Delegacia de Nova Iguaçu, onde a noiva do sobrinho de D Adriano Hipólito apresentou queixa. De Jacarepaguá, o fotógrafo e o Bispo foram levados para o Departamento Geral de Investigações Especiais. Ali prestaram depoimento até às 6 horas.

Delegado vê ação comunista na explosão do Volkswagen

"Na verdade, tudo demonstra que se trata de uma campanha comunista, com o objetivo de colocar a opinião pública, através de uma camuflagem, contra os órgãos governamentais". A opinião é do Delegado da 9a. DP, Jack de Brito, ao registrar a explosão do Volkswagen, no Largo da Glória, no Livro de Ocorrências. A anotação tem o nº 3756.

Várias pessoas, entre as quais o Bispo de Nova Iguaçu, seu sobrinho e a namorada deste, foram ouvidas no início das investigações sobre o sequestro de D Adriano Hipólito, a explosão de uma bomba na casa do Sr Roberto Marinho e de uma outra no carro abandonado em frente à CNBB. Não houve prisões. A informação é da Assessoria de Comunicações Sociais, da Secretaria de Segurança Pública.

Pistas

A cueca do Bispo, com manchas que podem ser de sangue, cordas e pedaços de esparadrapos com que ele e seu sobrinho foram amordagados e manietados e que poderiam servir de pista na caça aos sequestradores, foram desprezadas no local onde as vítimas sofreram sevícias. Trata-se de um terreno baldio, na Estrada do Catonho, que

até o final dos anos 60 serviu de cemitério ao Esquadrão da Morte.

Na Rua Japurá, onde D Adriano foi deixado nu, na noite de quarta-feira, ninguém comenta o assunto. Apenas um homem de cabelos grisalhos disse que uma mulher — cujo nome não quis revelar — viu quando dois homens deixaram um outro, completamente despido e amarrado, na calçada em frente ao nº 365.

Os moradores da casa que fica no fundo do terreno que tem o número indicado pela testemunha afirmam que nada viram naquela noite. Dizem que se recolhem cedo porque o comércio fecha antes das 21h e, com a rua deserta, cresce o risco dos assaltos.

Bomba

Só a comparação dos fragmentos poderá determinar se a bomba lançada contra a residência do Sr Roberto Marinho, no Cosme Velho, é do tipo da que explodiu na ABI, afirmou ontem o diretor do Departamento Geral de Investigações Especiais, Delegado José Nicanor de Almeida.

Ele disse que, devido ao caráter sigiloso do inquérito, nada mais poderia revelar, a não ser a transmissão de todas as informações recebidas do Secretário de Seguran-

ça Pública, General Osvaldo Inácio Dominguez. A maioria dessas informações foi obtida junto ao Delegado Borges Fortes.

O carro

No Livro de Ocorrência de sua Delegacia, o delegado Jack de Brito diz que no Volkswagen abandonado na Glória, após a explosão, foram encontrados sapatos, documentos pessoais e do veículo, além de pedaços de calça e camisa. Quando se encontrava no local, acrescenta, foi informado por D Ivo de que o automóvel pertencia a D Adriano Hipólito, sequestrado horas antes em Nova Iguaçu.

O policial afirma ainda que soube, através de um soldado-bombeiro, de uma informação prestada por uma criança, segundo a qual um dos ocupantes do carro pôs um envelope num monte de terra. Nesse envelope havia uma mensagem, com ameaças, assinada pela Associação Anticomunista Brasileira. Em meio às providências que eram tomadas, destaca o Sr Jack de Brito, surgiram autoridades do Departamento Geral de Investigações Especiais, às quais foi transferido o material arrecadado, após os exames periciais realizados pelo perito Pires.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
0 Dia	24-9-76	

erroristas que atacaram Bispo já fugiram do Rio

Agentes do DPF em ação conjunta com a Polícia carioca para a captura dos bandidos — D. Eugênio Sales fala sobre o atentado — Repercussão — Várias notas oficiais — Órgão oficial do Vaticano esclarece má interpretação — Comunicado da Diocese de Nova Iguaçu — Secretaria de Segurança Pública empenhada na apuração total das responsabilidades — I Exército condena e combate qualquer tipo de extremismo (Leia na oitava página)





D. Adriano Hipólito relatou, na delegacia, todos os lances da violência de que foi vítima; ao centro, o automóvel destruído pela bomba no Largo da Glória e, à direita, Maria Del Pilar

Exército condena e combate qualquer atividade extremista

Várias notas oficiais foram distribuídas ontem, sobre o atentado. São as seguintes: Do Comando do I Exército: «1) O Comando do I Exército em face dos acontecimentos ocorridos na noite de ontem e na madrugada de hoje, envolvendo o Bispo de Nova Iguaçu e a residência do Dr. Roberto Marinho, tem o dever de esclarecer:

a) O Exército, como o povo brasileiro, tem uma firme consciência democrática e, conseqüentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

b) Fatos episódicos criminosos não afetam a tranqüilidade e paz existentes na área;

2) O Governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente Inquérito Policial;

3) A confiança no Governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos.»

Da ABI: «Mais uma vez, a Associação Brasileira de Imprensa se vê na contingência de manifestar-se em defesa da segurança e da liberdade dos jornais e dos jornalistas, novamente agredidos, direta e indiretamente, pela ação do terrorismo.

O atentado a Roberto Marinho, Diretor-Geral de O Globo e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror. Depois da agressão à ABI, à Ordem dos Advogados do Brasil e a outras entidades representativas da inteligência e do pensamento liberal do País, a violência encapuzada lança-se, agora, contra a própria integridade individual, na pessoa de um Bispo e de um empresário de imprensa.

É sintomático que os alvos desta sanha incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa.

A ABI entende, no entanto, que o objetivo estratégico do extremismo está mais longe — visando, em verdade, ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais, em que se envolve historicamente a Nação inteira.

É por isso que, ao tornar público o seu apêndice e a sua condenação aos arrebancos do terror, a Associação Brasileira de Imprensa insiste na necessidade de que a opinião pública se concentre na expectativa e no polo das medidas indispensáveis à urgente completa apuração desses crimes contra a ação.»

Do Sr. Roberto Marinho: «A bomba explodiu sobre o telhado de minha casa às primeiras horas de hoje (ontem), destruindo pequena parte do telhado e da vidraça. Não sei qual tenha sido a motivação, nem a autoria deste atentado. O caso está entregue às autoridades policiais que, desde os primeiros momentos, demonstram estar empenhadas na elucidação. Confio totalmente nelas e estou, assim como minha família e meus companheiros de trabalho, tranqüilo. O que me dá todo lamento é que esse brutal atentado tenha atingido um dos meus empre-

gados e que está ameaçado, inclusive, de perder um olho, atingido pelos estilhaços de vidro. Seu estado de saúde é, neste momento, o fator de nossa maior preocupação.»

COMUNICADO

A diocese de Nova Iguaçu distribuiu o seguinte comunicado:

«Dom Adriano Hipólito, nosso irmão e pastor, foi selvagemmente seqüestrado, encapuzado, torturado e algemado, em companhia de Fernando, seu sobrinho, na noite do dia 22 de setembro. Os autores do monstruoso crime nós os conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja, em defesa dos direitos humanos.

A cegueira desses assassinos impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã: «Felizes sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós» (Mateus, 5,11-12).

O próprio Filho de Deus foi preso, torturado e morto na cruz, por amar os mais humildes. Os altares da Igreja estão repletos de santos mártires, que foram vítimas dos «filhos das trevas» os quais, em todas as épocas de opressão, tentaram abafar os «clamores do povo» (Exodo 3,7).

Ninguém ignora que, nesses últimos anos, nos países da América Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e bispos — foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso Continente foram presos na cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o seqüestro e a tortura de Dom Adriano não é um ato isolado.

O fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas não devemos temer tais ameaças: «Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Entretanto não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. E pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação» (Lucas 21,17-19).

Fazemos um apelo a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações, a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nosso compromisso de anunciar a Verdade, na consciência de que a cruz é o caminho da ressurreição.

Sacerdotes, religiosos e leigos da Diocese de Nova Iguaçu, reunidos com o Vigário-Geral, Mons. Arthur Hartmann — Vigário-Geral.

REPÚDIO

O presidente do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil do Rio de Janeiro, Sr. Valdemar Zuveiter, afirmou que «a Ordem repudia todo e qualquer ato extremado e consubstanciado na violência praticado por terroristas. A própria sede da entidade no RJ há pouco sofreu atentado semelhante. Entendemos que esses atos, a par de constituírem-se em absoluto desrespeito à dignidade

e aos direitos fundamentais da pessoa humana e da ordem pública, refletem, a evidência, interesses escusos de minorias extremistas que se intitulam de direita e às quais não interessa o restabelecimento pleno da democracia em nosso País. Relembra-se que a reiteração desses fatos interligados pelos panfletos distribuídos demonstra a onda crescente que está a exigir das autoridades constituídas, energias medidas para seu esclarecimento e devida punição aos culpados.»

O Professor Caio Mário, presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, classificou os atentados como «manifestações que só concorrem para exarcebar os espíritos e dificultar a realização dos objetivos anunciados pelo Presidente Gesteira no sentido de se efetivar a distensão». Lembrou que «os atentados, em geral, têm como objetivo atingir instituições desarmadas e empenhadas na solução dos problemas sociais do Brasil. E salientou que, como presidente da OAB, é fiel aos princípios que a orientam no sentido de prestigiar a ordem jurídica. Manifesto minha repulsa a esses atentados — afirmou — e mais uma vez formulei meu apelo para que as autoridades públicas apurem a sua autoria e coibam a sua repetição». Disse ainda que não foi informado de nada concreto por parte da Polícia com relação ao atentado da OAB e que o conselheiro Wilson Mirza, está acompanhando o trabalho do DPPS.

O presidente do Instituto dos Advogados do Brasil, Sr. Eduardo Seabra Fagundes, declarou:

«É preciso que o Governo, que já está de posse dos instrumentos legais e técnicos para isso, identifique os culpados por esta série de atentados, a fim de devolver a tranqüilidade à Nação. A Nação brasileira espera que essa série de atos de vandalismo contrário aos sentimentos e tradições do povo brasileiro tenha parado o quanto antes. Até aqui não se tem notícia de resultados das investigações realizadas em torno de atentados anteriores. Mas é de esperar que diante da repetição dos fatos de tal gravidade os trabalhos de identificação dos responsáveis sejam ativados e conduzam a bom termo as pesquisas que devem estar sendo realizadas. Esse tipo de ação não ajuda nem ao Governo e nem a Oposição. Por isso preclama-se ser colibidos energicamente para que o País não se veja ainda mais intranqüilizado.»

FARIA LIMA NEGA A EXISTENCIA DO ESQUADRÃO DA MORTE

O Governador Faria Lima considerou o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, e a explosão de uma bomba na residência do diretor de «O Globo», Roberto Marinho, «uma ação localizada», que não terá repercussões sobre o quadro político e muito menos no resultado das eleições de novembro.

Em rápida conversa com repórteres, Faria Lima afastou a hipótese sobre a participação do Esquadrão da Morte no seqüestro do bispo, que tem feito reiterados apelos contra a matança de marginais. O Governador foi categórico: «Essa estória de Esquadrão não existe, é invenção.»

Faria Lima disse que tomou conhecimento da ação terrorista logo após ter sido praticada e admitiu que a Polícia estadual fora tomada de surpresa. No entanto, afirmou que os órgãos policiais do Estado, com a Polícia Federal, agirão normalmente, sem qualquer esquema especial, porque «não trabalhamos apenas quando acontecem fatos lamentáveis e desagradáveis como esse».

FATO ESTRANHO

O presidente do Congresso, Senador Magalhães Pinto, condenou o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu e o atentado contra a residência do diretor de «O Globo», recusando-se a admitir que eles possam contribuir para atrasar o desenvolvimento político do país, «porque importaria em dar ganho de causa aos radicais».

O senador identificou nos acontecimentos «sinal de que os radicais estão atuando e isso não é bom. Todos nós devemos nos unir na condenação aos episódios e no prestígio ao Governo no combate a eles. É estranho que peguem, ao mesmo tempo, um bispo que dizem de esquerda e joguem bomba na residência do jornalista Roberto Marinho, que é veemente na condenação das esquerdas, muito nítido nesta posição».

Ele se negou a admitir que os atentados possam impedir ou atrasar a volta da normalização política do país:

— Não devem atrasar. Porque aí seria dar ganho de causa aos radicais. Eles estão fazendo isto, porque não estão satisfeitos com as eleições e com o caminho que o Brasil está tomando. O Governo tem instruções para cobrir tais fatos e nós estamos de acordo em que recorra a elas, com estes objetivos».

NO VATICANO

VATICANO (AFP-O DIA) — O jornal do Vaticano, «L'Osservatore Romano» expressou ontem seu horror ante o «desaparecimento» do bispo de Nova Iguaçu. O termo «desaparecimento» foi interpretado, a seguir, pela Rádio do Vaticano no sentido de que o prelado tivesse sido assassinado.

Informações da AFP, procedentes do Rio de Janeiro, indicavam que Monsenhor Hipólito e seu sobrinho tinham sido seqüestrados e, algumas horas depois, encontrados nus e manietados num subúrbio carioca. Meios chegados ao Vaticano indicaram que a notícia do «desaparecimento» do bispo procedia de uma agência estrangeira.

«L'Osservatore Romano» lembrou que Monsenhor Hipólito tinha denunciado, em várias oportunidades, as atividades da organização de extrema-direita denominada «Esquadrão da Morte». O seqüestro do bispo foi reivindicado por uma organização denominada Aliança Anticomunista.

ATENTADO A ABI

O Delegado Borges Fortes, do DPPS, oficiou à 1ª Auditoria de Aeronáutica solicitando dilação de prazo para apuração do atentado a bomba praticado contra a ABI no dia 19 de agosto. O Julz Mário Moreira de Sousa concedeu mais 20 dias, a contar do término do prazo inicial.

Outro ofício do DPPS foi enviado à 1ª Auditoria da Marinha, este tratando do inquérito que apura a colocação de uma bomba — que não chegou a explodir — na sede da Ordem dos Advogados do Brasil.



O Cardeal D. Eugênio Sales quando falava sobre o seqüestro

CNBB considera atentados ameaça direta

«Não sou parte da Polícia nem detetive, mas entendo que a Igreja defende a quem merece e a quem deve ser defendido, no caso especial, Dom Adriano Hipólito, que tem grande folha de serviços prestados à Igreja e ao Brasil», disse o vice-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Geraldo Fernandes, durante entrevista coletiva, falando em nome do presidente, Dom Aloisio Lorscheider.

«A presidência da CNBB, afirmou, se sente perplexa diante do que consideramos uma ameaça direta do terrorismo, vindo fazer explodir uma bomba dentro do carro do sobrinho do Bispo de Nova Iguaçu, diante de sua sede, no Largo da Glória».

AMEAÇAS

«Isto é uma ameaça e o terror quer nos amedrontar. No entanto, acho a atitude um pouco ingênua, pois ela não leva a nada e nem atinge a Igreja como organismo vivo na defesa dos direitos humanos e dos humildes», acentuou. Depois, admitiu «que talvez haja um grupo diferente por trás da sigla Aliança Anticomunista Brasileira se escondendo no anonimato e que será muito difícil sua identificação».

Na opinião de Dom Geraldo, a Igreja suspeita de que possa haver elementos do chamado Esquadrão da Morte participando desses atos de terrorismo. «em razão de recentes pronunciamentos da Igreja contra a matança na Baixada Fluminense e da solicitação feita a todas as Secretarias de Segurança do País quanto à venda de armas e a concessão indiscriminada de portos de armas».

«Dom Hipólito, aliás, pregava esses objetivos contra a violência e defendia os problemas sociais da Baixada, abordando-os sempre nas suas pregações».

MEDO

Considera muito difícil

identificar os autores dessas ações e que, assim, o Rio se transforma «num ambiente um pouco pesado e impróprio para as pessoas que desejam passear com suas famílias».

«A Polícia, prosseguiu, nunca descobre os integrantes do Esquadrão da Morte. A gente começa a ter medo maior, que comparado com o medo na Argentina e na Itália».

Perguntado sobre se admitia a participação de membros da Tradição Família e Propriedade no atentado, disse que tinha experiência de haver cultivado por algum tempo a amizade de alguns diretores da TFP e que não acreditava.

FALAR CLARO

Outra pergunta foi sobre se Dom Geraldo fazia alguma ligação entre os atentados de anteontem — seqüestro do Bispo, explosões do carro na porta da CNBB e de uma bomba na casa do jornalista Roberto Marinho — e da explosões na ABI e ameaças à CNBB e à Ordem dos Advogados do Brasil, foi claro:

«E porque a Imprensa, a Igreja e a OAB, nós, juntos, costumamos falar claro. Somos nós que emitimos opiniões e por isso incomodamos».

METRÔ

Contou que oito bispos participam, no Rio, da reunião mensal da CNBB e que todos dormiam na hora da explosão.

«Pensamos que a explosão fosse nas obras do Metrô. No entanto, o Secretário-Geral, Dom Ivo Lorscheider, desceu e foi até ao carro, encontrando os documentos de D. Hipólito e confirmando o atentado».

Disse mais que recebeu telefonemas de quase todos os bispos e arcebispos do Brasil, destacando os dois cardeais D. Evaristo Arns, de São Paulo, D. Avelar Brandão, da Bahia e, D. Vicente Scherer, de Porto Alegre.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
	24-9-76	

Repulsa total aos atos do terror

O Comandante do I Exército condenou e combate qualquer atividade extremista. Lembra que o Exército confia no Governo.

A CNBB passou todo o dia de ontem reunida, analisando o caso do seqüestro. Em nota oficial, os bispos manifestam repúdio aos atos do terror.

Dom Eugênio Salles também condenou os atos do terrorismo. «Esse extremismo fere profundamente os sentimentos do povo.» E confia no castigo para o terrorismo

Toda a polícia carioca foi mobilizada para descobrir quem seqüestrou o bispo de Nova Iguaçu, destruiu seu carro e jogou uma bomba na residência do diretor do Globo

Para os bispos da CNBB, Dom Adriano Hipólito não está desaparecido. Ele se encontra em repouso num retiro, se reabilitando das atrocidades sofridas.



Estilhaços feriram muito Teotônio de Queiros



José Elias de Carvalho encontrou D. Adriano

Toda a polícia na caça ao terror

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reunida ontem com a Comissão Episcopal de Pastoral, manifestou sua repulsa contra o atentado de que foram vítimas o bispo da cidade de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito, de 58 anos, e seu sobrinho Fernando Leal Wedering. Em nota oficial distribuída à tarde, reafirmou que "considera uma glória para a Igreja do Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos".

Também a Secretaria de Segurança Pública distribuiu nota dando conta das diligências que estão sendo realizadas em caráter sigiloso, visando descobrir os autores do seqüestro do bispo e da explosão de seu carro, no Largo da Glória, bem como do atentado a bomba à residência do jornalista Roberto Marinho, diretor do jornal "O Globo", seu copeiro, Teotônio de Queirós, de 22 anos, sofreu ferimentos generalizados. Está em tratamento na Casa de Saúde São Silvestre.

Pela manhã, o Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugenio de Araujo Sales, acompanhado do Núncio Carmine Rocco, do Arcebispo de Niterói, Dom José Gonçalves da Costa, também Secretário Regional Leste 1, que compreende todas as dioceses do Rio de Janeiro e do Bispo Auxiliar, Dom Eduardo Koaik, avistou-se com o Bispo Adriano Mandarino Hipólito, que está em local ignorado e sob forte proteção policial. Os religiosos foram manifestar-lhe a solidariedade e comunicar-lhe as providências policiais que vêm sendo tomadas para descobrir os seus seqüestradores.

O seqüestro do bispo de Nova Iguaçu ocorreu por volta das 19h30min, de ontem, quando ele, em companhia de seu sobrinho Fernando Leal Wedering deixou a catedral de Nova Iguaçu, na rua Marechal Floriano Peixoto, naquele município, para levar a noiva do rapaz à sua casa, rua Paraguaçu 76L, Bairro da Posse, naquela cidade.

Os três embarcaram no fuscão vermelho RJ-EB 7591, de propriedade do sacerdote e que era dirigido por Fernando. Quando se aproximaram da residência da moça, o veículo foi fechado por dois outros carros — um Volks e um Chevrolet antigo —, saltando do segundo dois rapazes que agarraram o bispo e o obrigaram a acompanhá-los, enquanto um terceiro tomava o volante do fuscão.

A noiva de Fernando escapou. Correu até sua casa, entrando imediatamente em contato com as autoridades policiais de Nova Iguaçu, que transmitiram mensagens pelo rádio pedindo a todas as viaturas a apreensão dos três carros e a prisão dos seqüestradores.

O Bispo Adriano Hipólito e seu sobrinho ficaram durante mais de duas horas em poder dos bandidos, que acabaram abandonando o primeiro, completamente despido, manietado e com o corpo pintado de mercúrio-cromo, na rua Japarã, (Praça Seca), em Jacarepaguá. Fernando foi deixado horas depois, também despido e com os braços amarrados, no mesmo bairro.

José Menezes, que fazia propaganda eleitoral na rural RJ-KS 4252, dirigida pelo motorista Evandro Moreira (rua CM, 131, bloco 24, apt. 24, conjunto habitacional de Padre Miguel), quando passava pela rua Japarã avistou um homem despido e amarrado. A vítima se identificou como bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito, imediatamente conduzido à 29ª Delegacia Policial (Madureira), depois de receber roupas que lhe foram oferecidas pelo jornalista Acyr Mera, que mora nas imediações.

Em contato com as autoridades, o sacerdote relatou o seqüestro, sempre perguntando pelo destino de seu sobrinho, que aquela altura, ainda era ignorado. Disse que os bandidos, tão logo o apanharam, colocaram-lhe um capuz e que o carro passou por diversas ruas, algumas calçadas, outras esburacadas. Os seqüestradores, durante a viagem, cortaram sua batina, até deixá-la em frangalhos, e obrigaram-no a beber cachaça. Depois, pintaram seu corpo de mercúrio-cromo.

Os seqüestradores, segundo o bispo, disseram-lhe que pertencem à Aliança Anticomunista do Brasil e que haviam recebido ordens de seu chefe para não matá-lo naquele momento.

Minutos após a chegada do religioso àquela delegacia, ali compareceram para prestar-lhe solidariedade, o vigário da Catedral de Nova Iguaçu, Monsenhor Artur Hartemann, e os padres Manoel Monteiro, Chanceler, André Coeck e David Kigan. Também agentes do DPPS, do DGIE e de outros órgãos de segurança estiveram na Polícia para ouvi-lo, anotando todas as descrições que forneceu dos seqüestradores. O bispo reclamou que em seu carro havia duas pastas tipo 007 uma com 5 mil cruzeiros e a outra com documentos da Catedral de Nova Iguaçu.

As autoridades ainda interrogavam o bispo, quando foram informadas da explosão de um carro no Largo da Glória. Foi para lá o Delegado Jacques de Brito, acompanhado do perito Frascalle, do Instituto de Criminalística. Verificaram que era o fuscão do sacerdote e que o atentado havia sido praticado por dois rapazes, um de camiseta, outro sem camisa. Populares informaram à Polícia que os bandidos deixaram o carro quase no meio da rua e logo saltaram, tendo um deles jogado um embrulho debaixo do veículo. Depois, saíram correndo em direção à Rua Antônio Mendes Campos, ao mesmo tempo em que o carro voava pelos ares. A explosão ocorreu em frente à sede da CNBB, no Largo da Glória, 99.

Parte do veículo caiu sobre o canteiro do Metrô e outras partes foram atiradas a mais de 50 metros. A explosão causou pânico aos moradores, que julgaram a princípio ter sido alguma banana de dinamite das obras do Metrô. Muitos saíram para ver o que havia acontecido.

A Polícia recolheu um panfleto assinado pela Aliança Anticomunista do Brasil (AAB), anunciando que outras autoridades eclesásticas, consideradas comunistas, serão alvo de atentados semelhantes.

A mensagem não foi liberada para a imprensa, mas um policial deu a informação, sem contudo lembrar os nomes das próximas vítimas. O panfleto foi encontrado por policiais que seguiram a indicação de um menino. Ele viu quando o carro estacionou à porta da CNBB e dele desceram dois homens. Colocaram um envelope sobre um monte de terra, afastado do carro, e deixaram o local a pé. Pouco depois o carro explodiu.

Quando os policiais abriram o envelope e tomaram conhecimento da mensagem, mudaram seu comportamento em relação à imprensa. Os fotógrafos foram proibidos de continuar a tirar fotos do carro e alguns perderam os filmes já operados. A Delegacia de Polícia Política e Social (DPPS) do Departamento-Geral de Investigações Especiais centralizou todas as investigações em torno dos atentados contra o Bispo D. Adriano Hipólito e seu sobrinho, e contra a casa de Roberto Marinho, diretor de O Globo, onde foi jogada outra bomba.

A delegacia de polícia do município de Nova Iguaçu, em cuja jurisdição ocorreu o seqüestro, não fez o registro, porque não havia elementos suficientes, segundo o Delegado Amil Nei Reichaid.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Atentado

Bispos não se atemorizam. Voltam a condenar o terrorismo e violência

O Arcebispo de Londrina D. Geraldo Fernandes, Presidente em exercício da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, afirmou ontem, em entrevista coletiva à imprensa, que "um grupo terrorista tenta intimidar a Igreja Católica no País pela disposição de seus prelados em defender os oprimidos. Admitiu, também que o atentado ao Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, tenha ligações com a campanha que ele move contra os crimes do Esquadrão da Morte. "Por mais de uma vez D. Adriano foi contundente no seu ponto de vista quanto aos crimes bárbaros que se cometem no Grande Rio".

Momentos antes da fala do Presidente interino da CNBB os bispos reunidos há 72 horas na sede situada no Largo da Glória, 76, distribuíram nota oficial à imprensa repudiando o atentado sofrido por D. Adriano Hipólito e seu sobrinho Fernando Leal Wedering. Um boletim da CNBB do dia 6 de agosto, passado, contra o comércio ilegal e porte de arma, além de citações ao Esquadrão da Morte, também voltou a ser distribuído aos jornalistas "como sendo uma das principais razões dos atentados de anteontem".

Dr. Geraldo Fernandes, na condição de Vice Presidente da CNBB, foi quem presidiu as últimas reuniões.

D. Geraldo Fernandes, na condição de Vice Presidente da CNBB, foi quem presidiu as últimas reuniões dos bispos visando a eleição do novo presidente da Comissão Pastoral, uma vez que D. Aloisio Loscheider, atual titular, encontra-se no Rio Grande do Sul em tratamento de saúde. O Arcebispo de Londrina, que recebeu os jornalistas às 15 horas, declarou que estava acordado quando a bomba explodiu no Volks (RJ-EB 7591) de Fernando Leal Wedering, colocado em frente à sede da CNBB.

Zeitung	Datum	Nummer
O Fluminense	24-9-76	

Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Wedering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A Presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral, em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1) — manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão em favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;

2) — reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos e num fato como esse, na seqüência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristão;

3) — agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vem recebendo de todos os recantos do Brasil;

4) — renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venha e a quem quer que atinja".

A nota oficial da CNBB foi distribuída para todo o Brasil através de uma cadeia de rádio, televisão e jornais. As agências internacionais transmitiram em boletins direto da sede da CNBB. O ambiente na entidade do Largo da Glória era de grande tensão ao cair da noite, com telefonemas anônimos dando conta de novos atentados visando tumultuar uma reunião internacional que se realiza no Alto da Boa Vista, com a presença de Bispos da Argentina, Chile e Colômbia.

Para hoje, às 11 horas, a CNBB marcou uma segunda entrevista com a imprensa, ocasião em que o Secretário-Geral Bispo D. Ivo Loscheider, primo do Presidente D. Aloisio Loscheider, distribuirá uma segunda nota oficial sobre os entendimentos que a CNBB mantém com as autoridades. À tarde D. Eugênio Sales presidirá reunião no Palácio Episcopal e anunciará uma terceira nota de repúdio aos atentados.

— Confesso aos senhores que não me assustei porquanto aqui no Rio fazem muito barulho e até pensei que a explosão fosse na obra do Metrô. Minha janela fica bem em frente ao local onde o carro do sobrinho de D. Adriano foi alvo do atentado. Meia hora depois a telefonista de plantão dava a notícia de que um carro havia explodido. Não demos a menor importância ao fato, já que até às 2 horas da madrugada nada sabíamos a respeito do seqüestro de D. Adriano e seu sobrinho. Eles foram trazidos à sede na CNBB por volta das 4 horas da manhã depois que prestaram depoimentos às autoridades policiais".

— A CNBB atribui o atentado a grupos terroristas? — indagamos.

D. Geraldo respondeu que "evidentemente existem grupos interessados em nos intimidar pelas campanhas que desenvolvemos visando o bem-estar geral do povo brasileiro. Os senhores da imprensa são testemunhas de que a CNBB sempre pautou por uma linha neutra, porém, sempre na defesa dos oprimidos".

— Algum pedido de garantias para as reuniões dos bispos da CNBB?

— Não vamos pedir garantias porque nada tememos. Cada prelado tem sua missão e não aceitaremos intimidações. Os senhores da imprensa são testemunhas de que a CNBB sempre pautou por uma linha neutra, porém, sempre na defesa dos oprimidos".

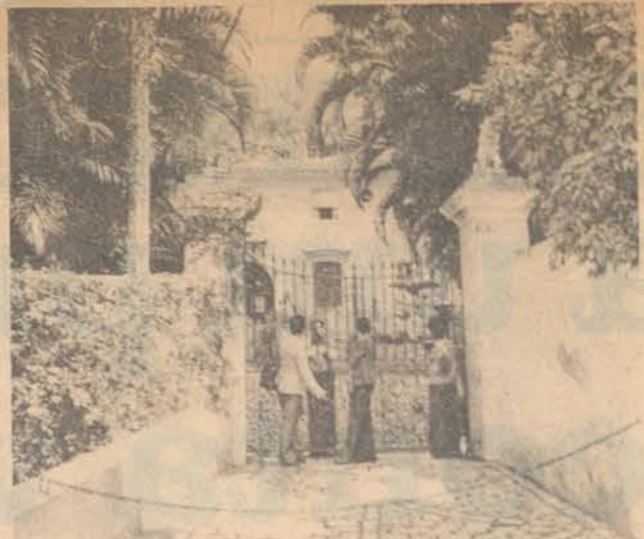
Durante todo o dia de ontem, um batalhão de jornalistas, inclusive do exterior, aguardou, na sede da CNBB, a nota oficial dos Bispos do Brasil sobre o atentado, de larga repercussão no País. Às 16 horas, o Secretário de Imprensa, padre José, teve autorização para liberar a declaração da CNBB, nos seguintes termos:

"A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom

O Assessor de Imprensa da CNBB, padre José, forneceu aos jornalistas o boletim de nº 32, de 6 de agosto de 1976, que a CNBB publicou, com relação ao controle, ao comércio e porte de armas. É o seguinte o texto: A Presidência e a Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, em sua última reunião, a 29 de julho, p. passado, estudaram alguns aspectos assustadores do aumento da criminalidade e da violência de assaltos, seqüestros e de assaltos, seqüestros e homicídios, que geram a intranquilidade e provocam uma desumana escalada de sempre mais numerosas ações indignas. Sem esquecer outros elementos do problema, como a educação para o espírito de justiça e fraternidade, o esforço para coibir os desmandos dos esquadrões da morte, a constância em eliminar a corrupção onde quer que ela tente instalar-se, etc., a CNBB deliberou apelar para as Autoridades competentes no sentido de se fazer efetivo e rigoroso controle ao comércio e ao porte de armas. Não poderá haver tranquilidade, enquanto praticamente todos que o desejam conseguem armas com a maior facilidade. Este assunto merece a atenção de todos, para que não se desfigure nosso convívio social".

Diz ainda a CNBB que o Secretário-Geral da entidade, D. Ivo Loscheiter, enviou carta ao Ministro da Justiça, Secretário de Segurança e às lideranças no Congresso Nacional".

Quase na mesma hora, a Assessoria de Imprensa da Arquidiocese do Rio de Janeiro divulgou também uma nota oficial em nome do Cardeal-Arcebispo Dom Eugênio Sales. A nota:



A casa de Roberto Marinho, que também sofreu atentado

"O seqüestro de Dom Adriano, Bispo de Nova Iguaçu, fere profundamente os sentimentos de nosso povo. Nessa oportunidade, reitero a veemente condenação desses atos terroristas, feita há poucas semanas. Aliás, eles

não atingem o alvo desejado. Triste de um País onde a conduta dos cidadãos fica há mercê da insanidade de alguns. Sei que as autoridades estão firmemente empenhadas na identificação e castigo dos criminosos".

I Exército distribui nota oficial

O Comando do I Exército distribuiu nota oficial condenando os atentados da AAB, classificando-os de fatos episódicos que não afetam a segurança da área e dizendo que a Secretaria de Segurança está empenhada em apurar as responsabilidades. É a seguinte a íntegra da nota:

1. O Comando do I Exército em face dos acontecimentos ocorridos na noite de quarta-feira na madrugada de ontem, envolvendo o Bispo de Nova Iguaçu e a residência do Dr. Roberto Marinho, tem o dever de esclarecer:

A) o Exército, como o povo brasileiro, tem a firme consciência democrática e consequentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

B) fatos episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existentes na área;

2. o Governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente inquérito policial;

3. a confiança no Governo e na Ação das Forças Legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos."

(Mais notícias sobre o atentado na página 7)

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
O Fluminense	24-9-76	

Seqüestro e atentado não são atos isolados do terrorismo

notícia do seqüestro do D. Adriano Hypólito, em companhia de seu sobrinho Fernando, causou grande impacto no povo e, em particular no Rio, que até a tarde de ontem contrava em pânico.

cerca de cem pessoas, entre sacerdotes, religiosas e representantes das diversas comunidades da diocese iguaçuana e Rio de Janeiro, estiveram reunidos na tarde de ontem, no Centro de Formação, em Moatuba, demonstrando a solidariedade ao Bispo e, ao mesmo tempo, a união da Igreja, frente à situação. Na opinião dos presentes, ali se encontravam, confortados pela nota oficial "o fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja traí-la a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas D. Adriano, mas o povo foi atingido..."

O seguinte o comunicado diocesano:

Dom Adriano Hypólito, irmão e pastor, foi seqüestrado, agredido, sequestrado, encapuçado, torturado, algemado, em companhia de Fernando, seu sobrinho, na noite do dia 22 de setembro. Os autores deste monstruoso crime nós conhecemos muito bem: são aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja, em defesa dos direitos humanos.

A cegueira desses assassinos impede-os de ver que o martírio não é um acidente na vida da Igreja; ao contrário, dar a vida pela libertação dos que são vítimas da injustiça faz parte da essência mesma da vocação cristã: "Felizes sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós" (Mateus, 5, 11-12).

O próprio Filho de Deus foi preso, torturado e morto na cruz, por amar os mais humildes. Os altares da Igreja estão repletos de santos mártires, que foram vítimas dos "filhos das trevas" os quais, em todas as épocas de opressão, tentaram abafar os "clamores do povo" (Êxodo 3, 7).

Ninguém ignora que, nesses últimos anos, nos países da América Latina, inúmeros cristãos — leigos, religiosos, padres e

bispos — foram perseguidos por causa da justiça. Recentemente, vários bispos de nosso Continente foram presos na cidade de Riobamba, no Equador. Tais fatos mostram que o seqüestro e a tortura de Dom Adriano não é um ato isolado.

O fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão que o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, todo o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo são bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas não devemos temer tais ameaças: "Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Entretanto não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. É pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação" (Lucas 21, 17-19).

Fazemos um apelo a todos os cristãos, para que se unam a nós em orações, a fim de que o Senhor nos conserve sempre firmes em nosso compromisso de anunciar a Verdade, na consciência de

que a cruz é o caminho da ressurreição. — Sacerdotes, religiosas e leigos da Diocese de Nova Iguaçu, reunidos com o Vigário Geral. — 23 de setembro de 1976".

Dom Adriano, 10 anos de bispado em Nova Iguaçu

EQUIPE DE PESQUISA

"Temos que ser sensíveis e abertos às novas questões, aos novos rumos, aos novos deveres que, em decorrência da hora presente e do Concílio Vaticano II, se impõem aqui, como em todas as dioceses" — disse Dom Adriano Mandarino Hypólito a seus padres logo após assumir a Diocese, como seu terceiro bispo, em 6 de novembro de 1966. As palavras faziam parte de seu plano pastoral, calcado na caridade e confiança recíproca para o bem da Diocese.

Dom Adriano Mandarino Hypólito, da Ordem dos Frades Menores, foi nomeado para a diocese de Nova Iguaçu em 9 de setembro de 1966, para substituir Dom Honorato Piazeria (nomeado em 18 de fevereiro daquele ano pelo Papa Paulo VI, para a diocese de Lages, em Santa Catarina). Dom Adriano, por sua vez, vinha de Salvador, onde era bispo auxiliar.

O terceiro bispo iguaçuano reuniu seus sacerdotes no dia 10 de novembro para lhes traçar as linhas gerais de seu plano: "Na concretização do Concílio, que é nosso grave dever de consciência em face da responsabilidade que nos cabe perante Deus e o Evangelho, devemos eliminar toda espécie de insinceridade e fariseísmo, toda espécie de radicalização, quer do tipo conservador, quer do tipo progressista. Acho necessário — prosseguiu Dom Adriano — imprimir ao governo de nossa diocese e aos nossos trabalhos pastorais, uma linha de prudência humilde e respeitosa, mas atuante e dinâmica, pois assim julgamos corresponder melhor à política do Reino de Deus, e portanto também à renovação profunda, existencial, preconizada pelo Concílio".

POSSE

Foi dia de grande festa em Nova Iguaçu o da posse de Dom Adriano Mandarino. Ele foi conduzido do Convento de Santo Antônio, no Rio, por uma comitiva presidida pelo então Interventor Federal Joaquim de Freitas, até os limites do município na Rodovia Presidente Dutra. Um cortejo de mais de cem automóveis recebeu ali o prelado e o conduziu até a Praça da Liberdade. Daí à Catedral, ele e sua comitiva fizeram o trajeto a pé, festivamente recebido pelo povo. A porta da Catedral, às seis horas da tarde, Dom Adriano recebeu as chaves da cidade, das mãos do Interventor, seguindo-se, no interior da Catedral, a cerimônia da posse.

Esta foi presidida pelo então Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro e assistida pelos bispos da

Província eclesiástica e por Dom Eugênio Sales, então administrador apostólico de Salvador. A missa foi concelebrada por doze padres da Diocese e, no sermão, Dom Adriano apresentou à reflexão de todos a figura do bispo "que vem para por-se a serviço da comunidade".

APOSTOLADO PROFICUO

No dia 18 de outubro, Dom Adriano Mandarino completará 34 anos de sacerdócio. Com 52 anos e 34 de sacerdócio, vai completar dez anos à frente da diocese de Nova Iguaçu em novembro próximo, sendo diversas as homenagens que lhe estão sendo preparadas pela data. Durante estes dez anos, Dom Adriano Mandarino Hypólito teve destacada participação na vida da comunidade, defendendo constantemente os mais humildes e combatendo insistentemente o "esquadrão da morte".

São muitas as obras realizadas pela Diocese neste período. Em 1967, a diocese adquiriu — por doze milhões de cruzeiros — prédio e área, em Moquetá, onde se instalará, durante algum tempo, a pretensa "Congregação dos Missionários de Cristo Sacerdote Eterno", uma quase sucursal da conhecida "Igreja Católica Brasileira". Este prédio foi totalmente remodelado e enriquecido com novas instalações, transformando-se no Centro para Formação de Líderes. Ali se realizam muitos dos numerosos encontros diocesanos, de clero e de leigos, fundamentais para a implantação da pastoral renovada.

Neste dez anos, esta obra e outras que se processaram na Diocese, como ajuda às paróquias, aquisição de terrenos, motorização do clero, conclusão de edifícios, reforma dos prédios da catedral, etc., tiveram a participação direta de Dom Adriano, com ingentes esforços financeiros, através da colaboração de instituições religiosas e amigos particulares, na Europa.

No setor pastoral, Dom Adriano Mandarino desenvolve intensa atividade. Reuniões e encontros — quer paroquiais, quer zonais ou diocesanos — dinamizam a boa vontade e a atividade de todos. Cada ano, um Planejamento, refletido em equipe, com a participação de padres, religiosas e leigos, esboça o Plano Pastoral do ano seguinte, que serve de guia aos executores da Pastoral, os párocos e vigários. Cursos catequéticos — através da reorganização do Cepac — encontros de reflexão teológica, enfim, todas as formas possíveis de dinamização da Diocese, são sábia e validamente aproveitadas e manipuladas por Dom Adriano Mandarino Hypólito, que já vê com alegria surgirem os primeiros frutos.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchive

Zeitung	Datum	Nummer
O Globo	24-9-76	

Secretaria de Segurança abre inquérito na área do DGIE

A Secretaria de Segurança Pública não divulgou ontem nenhuma informação oficial sobre os três atos terroristas da noite de anteontem, mas, segundo fonte da SSP, o inquérito já foi instaurado, e dezenas de agentes do Departamento Geral de Investigações Especiais estão trabalhando no caso. O primeiro passo será levantar uma possível ligação entre o sequestro e agressão do bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, e do seu sobrinho, Fernando Webereng, a explosão que destruiu o carro deste diante da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na Glória, e a bomba atirada sobre o telhado da residência do Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, Roberto Marinho.

O diretor do DGIE, De-

legado José Nicanor de Almeida em conversa informal com alguns repórteres, acentuou a necessidade de sigilo para o esclarecimento dos fatos. Segundo ele foram recolhidos fragmentos das bombas lançadas anteontem, para uma comparação com os fragmentos de outra bomba, que explodiu no dia 19 do mês passado, na sede da Associação Brasileira de Imprensa.

Todas as investigações estão sendo comandadas pelo Delegado Borges Fortes, titular da Delegacia de Polícia Política e Social e assistente do diretor do Departamento de Polícia Política e Social, Delegado Antônio Malifano.

Em outra área da SSP afirmou-se ontem que a demora dos laudos dos

exames sobre a bomba que explodiu na ABI é em decorrência da lentidão dos trabalhos no Instituto de Criminalística Carlos Eboli, que conta com apenas 12 peritos.

Ontem pela manhã, após se reunir com o Delegado Borges Fortes, o diretor do DGIE deu informações ao General Osvaldo Ignácio Domingues sobre as investigações. Várias reuniões do Secretário com o delegado se sucederam durante todo o dia. Informou-se ainda que os agentes do Departamento de Polícia Política e Social, apesar da demora nos trabalhos do IC, trabalham dia e noite na elucidação dos atentados, e que os primeiros frutos desse trabalho já começariam a aparecer.

Departamento especializado à frente das investigações

Todas as investigações em torno do sequestro e agressão sofridos pelo Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, e seu sobrinho, Fernando Webereng, serão conduzidas pelo Departamento de Polícia Política e Social e pela Divisão de Órgãos e Sistemas, ambos subordinados ao Departamento Geral de Investigações Especiais da Secretaria de Segurança. O mesmo acontecerá com o atentado a bomba contra a residência do Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, Roberto Marinho, e com a explosão que destruiu o carro de Fernando, num estacionamento em frente à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na Glória.

Antes que o comunicado sobre a explosão chegasse à 9ª DP, no Catete, às 23h15m de anteontem, os policiais, entre eles o Delegado Jack de Brito, já sabiam que algo de anormal tinha ocorrido na jurisdição, pois haviam escutado o barulho.

Pouco depois de chegar ao local, o delegado foi procurado por Dom Ivo Logschelter, secretário-geral da CNBB, que comentou sobre o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, e mencionou a placa do carro de Fernando,

aquele, destruído pela explosão. A essa altura os policiais já haviam recolhido sapatos e pedaços de batina no local; logo depois, com a chegada dos agentes do DPPS, a hipótese se confirmou.

O carro, segundo apuraram os agentes, foi estacionado defronte ao prédio da CNBB alguns minutos antes da explosão. Antes, admitem os policiais, ele foi utilizado pelos terroristas para deixar Fernando amarrado e despido numa lixeira, na Estrada do Catonho.

Perícia especializada

O Departamento de Polícia Social e Política avocou para si todas as peças recolhidas no local da explosão, que serão ligadas ao sequestro do bispo, tendo em vista a possibilidade de que os atentados tenham sido praticados pelo mesmo grupo. Ainda a este inquérito será anexado tudo o que foi colhido sobre o atentado na residência de Roberto Marinho no início da madrugada de ontem.

Logo que ficou evidenciado o ato subversivo, o delegado Jack de Brito entrou

em contato com a DPPS, único órgão da Secretaria de Segurança com autoridade para atuar em casos dessa natureza. O delegado Pedro Cardoso chegou ao local com seus agentes, depois de ouvir o bispo em Madureira, e passou a comandar todas as ações. Um perito especializado em explosivos esteve durante toda a madrugada junto ao carro destruído, recolhendo fragmentos que se supunha fossem da bomba colocada sob a parte dianteira do veículo. Ao amanhecer, outros pedaços foram recolhidos e, junto com os destroços do carro, levados para a sede do DPPS, no prédio da Secretaria de Segurança, onde serão submetidos a uma rigorosa perícia.

Na 9ª DP, depois que transferiu o caso para o DPPS, o delegado Jack de Brito apenas fez o registro. A ocorrência naquela delegacia será considerada "morta", porque o delegado titular, Murilo Sampaio, depois que fizer o despacho, enviará a cópia para o órgão de competência privativa, no caso o departamento especializado.



A bomba explodiu sobre o telhado, destruiu telhas e quebrou vidraças

Declaração de Roberto Marinho

O Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, nosso companheiro Roberto Marinho, fez ontem esta declaração à imprensa:

"A bomba explodiu sobre o beiral do telhado da minha casa nos primeiros minutos de hoje (ontem), destruindo pequena parte do

telhado e vidraças da casa. Não imagino qual tenha sido a motivação nem a autoria desse atentado. O caso está entregue às autoridades policiais, que desde os primeiros momentos demonstram estar empenhadas em sua elucidação. Confio totalmente nelas e estou, assim como minha família e meus

companheiros de trabalho, tranqüilo.

"O que acima de tudo lamenta é que esse ato brutal feriu um de meus empregados, que está inclusive ameaçado de perder a visão de um olho, atingido pelos estilhaços de vidro. Seu estado de saúde é, neste momento, o fator de nossa maior preocupação".

Longa vigília por D. Adriano

A catedral de Nova Iguaçu esteve cheia entre 22h de quarta-feira e 2h de ontem: eram fiéis interessados em saber sobre o destino do Bispo da Arquidiocese, cujo seqüestro fora rapidamente noticiado a partir do momento em que um padre irlandês, David J. Keegan, registrou a queixa na delegacia da cidade.

Enquanto a multidão de fiéis permanecia na igreja, uma comissão de homens escolhidos entre os participantes de vários grupos que se reúnem na sede da Arquidiocese toda semana partiu para o Rio logo foi noticiado o aparcimento do bispo, amarrado e nu, em uma rua de Jacarepaguá.

Durante todo o dia de ontem a secretária da catedral recebeu telefonemas de todo o País. Eram padres, bispos e cardeais que queriam saber notícias de D. Adriano Hipólito. A única funcionária, que não quis dizer seu nome, respondia automaticamente:

— Ele está bem e em segurança, embora não possamos dizer em que local.

As pessoas — geralmente de origem humilde — que

iam ontem à catedral em busca de notícias recebiam a mesma resposta, com um sorriso tranquilizador da funcionária, que agradecia em nome de D. Adriano a preocupação dos fiéis.

Na Rua Comendador Francisco de Oliveira, no Parque Flora, onde vive D. Adriano, os empregados diziam ontem ter recebido instruções para não dar qualquer informação a ninguém. Pouco depois das 13h chegou a irmã de D. Adriano, d. Helena Hipólito, em uma Kombi, acompanhada de dois rapazes de sua família. D. Helena chorava muito.

Adir Mera, fotógrafo da revista "Manchete", foi quem encontrou o Bispo de Nova Iguaçu amarrado, nu e com o corpo pintado de vermelho em uma rua semi-deserta de Jacarepaguá.

Adir, que chegou em casa, na Rua Dr. Bernardino, cerca de 21h de quarta-feira, lotiou a sair com sua mulher e dois filhos para ir à casa de uma amiga. Às 21h30m ele dobrou a esquina da Rua Japurá, no ponto em que existe um asilo

de velhos. Na calçada do asilo viu um homem nu, com os pés e as mãos amarrados, tentando fazer sinais com os braços.

Com medo de um assalto, Adir passou pelo ponto em que estava o homem em marcha lenta. Parou um pouco adiante e voltou, atendendo à esposa que disse ser o homem "um velhinho, e muito machucado", pois estava com o corpo "coberto de sangue".

Enquanto a mulher de Adir ia em casa buscar roupas do marido para o "velhinho", Adir, com a ajuda de outras pessoas que estavam em uma padaria, perto dali, conseguiu desamarrá-lo, e só então o homem conseguiu falar:

— Subem quem eu sou? — perguntou ele. As pessoas em volta, disseram que não.

— Sou o bispo de Nova Iguaçu. Fui seqüestrado; me machucaram muito, e estou muito preocupado com meu sobrinho, Fernando, que também foi seqüestrado.

Nova Iguaçu, um dos municípios brasileiros de maior densidade populacional (um milhão e meio de habitantes), tem em D. Adriano um bispo com a consciência da relevância dos problemas sociais, e diz ter como única arma o Evangelho. E afirma, à luz do moderno espírito da Igreja, não poder alhear-se dos problemas concretos dos homens. Por isso, tem evitado cuidadosamente deixar-se envolver pela política partidária e mais ainda pelas paixões conjunturais. Em uma entrevista recente a este jornal (UH/2º Caderno, 13 de Junho de 1976), ele expressou a sua visão do mundo e da área em que exerce a sua ação pastoral. Damos a seguir os principais temas abordados, e as respostas de D. Adriano.

“Depois da fusão,

começamos a ter esperança.”

Que crime cometeu este Pastor?

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Datum

Nummer

Ultima Hora / Revista

pensamento de D. Adriano,

Rio de Janeiro,
sexta-feira, 24 de
setembro de 1976

EXCLUSIVO

bispo de Nova Iguaçu



Dom Adriano Hipólito foi seqüestrado, espancado e seu carro explodido anteontem à noite. Em telefonema a uma rádio, a Aliança Anticomunista Brasileira assumiu a autoria das violências

UH - **Que saídas restam aos moradores da Baixada? O que devem fazer diante da violência?**

Dom Adriano - O problema é complexo e a solução parece ser complexa também. Acho que a primeira coisa a desenvolver é uma consciência clara dos problemas da Baixada e de nossas responsabilidades. Há várias frentes a serem atacadas ao mesmo tempo. A primeira delas cabe necessariamente aos poderes públicos, isto é, à Política. Como os males são inveterados, compreende-se que a erradicação custará muito suor e exigirá muito tempo. Os moradores - e eu também sou um morador - temos que tomar nossas pequenas medidas de precaução, que se não resolvem o problema, ao menos nos defendem. Solução errada, ao meu ver e no da população em geral, é a pena de Talião - olho por olho, dente por dente. Porque essa lei de violência agrava sempre mais a espiral de violência. Também não devemos exagerar a violência que ocorre entre nós. Lamentavelmente, faltam estatísticas. Mas estou certo de que a criminalidade na Baixada está aquém do que seria de se esperar numa área problemática como é a nossa.

UH - **Nos seus dez anos de vida na Baixada Fluminense, a que grandes transformações assistiu? E o que continuou igual?**

Dom Adriano - Grandes transformações de fato não houve. A Política tem melhorado. Apesar das dificuldades, tenho a impressão de que vão surgindo algumas lideranças promissoras, que aos poucos poderão alijar os velhos caciques esgotados. Menciono em primeiro lugar a Política porque, sem dúvida, ela é o principal fator de promoção do bem comum. Por natureza, por essência. Um elemento positivo apareceu também depois da fusão: começamos a ter mais esperanças. Penso no problema da água que era uma tremenda ironia: da Baixada, sem água canalizada, saía quase toda a água para o Rio. Agora já se começou a resolver esse problema. Penso também na intervenção imediata da Secretaria de Segurança para apurar os crimes das últimas semanas. Embora uma intervenção momentânea não dispense a reorganização de todo o sistema de segurança pública. Há hoje em dia uma preocupação constante do gover-

no do Estado pelos problemas da Baixada. Há por conseguinte esperanças. O que é muito.

UH - **O senhor já se referiu à Baixada como uma área neutra, uma espécie de zero social em que os migrantes recém-chegados perdem suas referências tradicionais e partem desesperadamente em busca de novos pontos de apoio e identidade. O que nos diz sobre isso? Aqui entraria uma explicação para a crescente onda de misticismo que envolve a Baixada Fluminense?**

Dom Adriano - Realmente aqui se misturam os mais diversos elementos humanos, com toda a sua riqueza e problemática. Por volta de 1930, a Baixada Fluminense tinha trinta mil habitantes, hoje são mais de dois milhões. É um fenômeno de crescimento que mais parece inchaço. Cresceu a população e as estruturas quase ficaram as mesmas. O que é a negação da comunidade, já que a comunidade supõe uma certa organicidade social. Quem vier de fora, dificilmente acha entre nós uma comunidade que o aceite e integre. Quando olho Nova Iguaçu, me parece que se trata de uma cidadezinha de vinte ou trinta mil habitantes que assiste espantada ao vaivém de um milhão de hóspedes, gente que não é de casa, nem pertence à família. É claro que esse desenraizamento dos imigrantes gera também insegurança social. Se pensarmos no fenômeno profundamente humano que é a Religião, vamos ver que a imensa maioria dos que chegam à Baixada vieram do Nordeste, de Minas, do Espírito Santo, do norte fluminense, áreas agrícolas onde a religião tradicional é o catolicismo. E um catolicismo de feição popular, de tradições folclóricas, de práticas rituais profundamente integradas na vida comunitária. Em tais situações, a religião pode ser a expressão da fé, mas pode ser também apenas um fenômeno social: a religião é mantida e carregada pela estrutura comunitária. Vindo para a Baixada que, do ponto de vista religioso, é uma área neutra - isto é, uma área em que a moldura social deixa a pessoa a vontade, permitindo que realize sua sede de Deus onde lhe parece mais imediato - seu catolicismo ambiental, sua fé carregada pela comunidade, ficam desamparados. O homem sente-se solto, desamparado, desenraizado e, em consequência, procura satisfazer suas necessidades religiosas imediatas nas "religiões" mais práticas e imediatas. O emprego, o amor, as doenças, a subsistência, as tensões familiares - tudo é levado para essas "religiões". Daí o crescimento constante das formas pentecostais do Protestantismo, e também do crescimento da Umbanda. Daí a proliferação dos milagreiros, líderes religiosos verdadeiros ou falsos (todos, se vistos mais profundamente, falsificantes) que dão a fórmula concreta imediata para as necessidades concretas imediatas do povo.

UH - **Que relações existem entre a violência e o misticismo?**

Dom Adriano - Genericamente, se pode dizer que muitas vezes violência e misticismo andam de mãos dadas, naturalmente entendendo-se aqui misticismo com deformação religiosa. Assim é curioso notar como certos jornais ditos populares exploram ao mesmo tempo o misticismo e a violência. Aos ingredientes de superstição, magia e violência se pode, ainda, unir o ingrediente sexo. Uma violência sexual que termina em esquartejamento seria um resumo desse exemplo. As manchetes variam: "Casal chacinado movimenta polícia", ou "A força mágica da cruz de Caravaca". Agora, na Baixada, o fenômeno religioso é mais simples, não atinge nem de longe a aberração. O homem religioso deixou sua comunidade, onde o catolicismo era parte integrante, e veio para essa área neutra. Procura de qualquer forma satisfazer suas necessidades espirituais imediatas, quer encontrar respostas concretas e rápidas. Essa atitude

merece respeito, mas também força a Igreja Católica a uma reflexão séria sobre sua pastoral. Na formação de uma comunidade aqui na Baixada, que acolha as pessoas e as integre, a Igreja tem um papel de importância fundamental.

UH - Mas em que medida o misticismo funciona como barreira para que a população compreenda os problemas da Baixada?

Dom Adriano - Superstição, misticismo, magia, são desvios do sentimento religioso. Enquanto a religião liberta, a magia escraviza e aliena. Poderíamos até estabelecer uma tese, discutível sem dúvida: "Só existe Cristianismo onde há um esforço consciente e constante de conscientização e libertação". Se refletirmos em profundidade sobre a mensagem de Jesus Cristo, veremos que não há força desmistificadora mais eficaz que o Evangelho. E, se aqui ou acolá, certas formas de Cristianismo alienam ou mistificam, então se trata de deformações do Evangelho de Jesus Cristo. Na Baixada Fluminense deparamos com o fenômeno. Ou porque as tradições do lugar de origem da população alienaram os imigrantes, ou porque a renovação pastoral na Igreja da Baixada se realiza insatisfatoriamente. Ou ainda porque as "religiões de consumo" - as que dão soluções imediatas aos problemas da vida concreta e são totalmente alienantes - ocuparam o vazio deixado pela Igreja e agravaram o problema da alienação e do misticismo na população.

UH - Que conseqüências essa proliferação de novas religiões de fundo intensamente místicos tem na ação pastoral da Igreja? A Igreja também estaria se distanciando da realidade da Baixada?

Dom Adriano - Isso nos força, em primeiro lugar, a uma reflexão sobre toda a nossa pastoral. Chamamos de pastoral a atividade da Igreja para libertar o homem na linha de Jesus Cristo. Essa reflexão deveria ser feita nas comunidades. Aí se deveria dar aos católicos muito mais do que a "fé ambiental". Deveria ser feita tanto nos pontos de onde as pessoas saem

na procura da Baixada e de outras áreas mais industrializadas, como na própria Baixada. Temos de apressar a constituição de comunidades católicas que acolham e integrem, da melhor maneira possível, os imigrantes católicos vindos de áreas tradicionalmente católicas. Quanto à possibilidade do Catolicismo se mistificar e, portanto, se alienar: essa possibilidade sempre existe e nos impõe uma constante volta à fonte puríssima do Evangelho e à melhor tradição da Igreja.

UH - Como vem, então, reagindo a Igreja da Baixada a essa onda de promessas místicas e novas religiões para o imigrante que chega desambientado e perdido? O que o senhor vem fazendo como bispo?

Dom Adriano - Minha reação parte sempre de um profundo respeito à pessoa humana, a sua decisão pessoal, a sua liberdade. O fenômeno religioso é sempre expressão da fome de Deus e também da fome de felicidade. Melhor é o homem supersticioso, que o homem irreligioso (se isto for, ou fosse, possível). O homem supersticioso, mágico, místico, está envolvido no processo da salvação. É o homem colocado na situação pré-Jesus Cristo. É o homem que espera o Salvador

e Libertador. Logo, a religiosidade que eu encontro na Baixada Fluminense, procurando soluções imediatas em qualquer "religião de consumo", oferece um elemento positivo para a pregação do Evangelho. Nessa visão se funda o nosso esforço pastoral. A Igreja não está chamada a destruir, mas a desenvolver o sentimento religioso.

UH - O trabalho da Igreja, diante dos problemas concretos dos homens, é simplesmente assistencial?

Dom Adriano - De modo algum. Que em certos casos concretos a gente deva fazer assistência, é fora de dúvida. Por exemplo, no caso de uma creche, ou no caso de pessoas gravemente acidentadas. Contra esse tipo de assistência não se pode protestar. Devemos protestar e evitar é contra a assistência alienante e paralizante, a assistência que conduz a pessoa à ociosidade, à dependência, à escravidão. Há por aí uma falsa caridade que se realiza às custas da justiça social. Por exemplo: a dona-de-casa que paga um salário ridículo à empregada doméstica, mas se justifica dizendo que dá presentes de Natal, dá remédios, e o resto que a fantasia inventa para criar um alibi. Por isso, o principal trabalho da Igreja ficará na faixa da conscientização. E da promoção: levar a pessoa a assumir-se e a assumir sua responsabilidade, a crescer, a desenvolver-se, a lutar por seus direitos, a cumprir os seus deveres. Esse é também o sentido da pastoral de nossa diocese. Damos preferência ao trabalho de conscientização na linha do Evangelho, que é também - apesar de certas deformações - a linha mais autêntica da Igreja.

UH - Estatísticas já revelaram que 90% da população da Baixada ganha menos que o salário-mínimo. Que relações o senhor vê entre esse dado e a crescente violência na região?

Dom Adriano - O desemprego, e mais ainda o subemprego, são uma realidade de indistigável de nossa região. Você poderá falar com os trabalhadores em qualquer bairro da Baixada, e terá sempre as mesmas respostas, que são expressão dos mesmos problemas. Mas o povo é ordeiro. Vive, como nas suas terras de origem do sertão, mais ou menos marginalizado. E são relativamente poucos os que têm consciência da injustiça social em que muitas vezes são envolvidos escandalosamente. É um povo marginalizado no processo social, mas de índole boa. Eu pelo menos não consigo ver conexões entre a injustiça dos salários e a violência suposta ou real.

UH - O que está acontecendo com a família na Baixada Fluminense? Diante de toda essa situação até aqui descrita, ela ainda consegue ser um núcleo de coesão social?

Dom Adriano - Francamente, não temos dados objetivos e seguros para responder essa pergunta. Precisaríamos ter algumas estatísticas que atingissem tanto as famílias proletárias, como as de outras camadas da população. É certo, a luta pela vida nas famílias pobres força um certo desmoronamento. O pai tem que trabalhar não apenas as 48 horas legais, mas também as horas-extras, incluindo domingos, feriados, tempo de férias, porque a família precisa sobreviver. Também a mãe deve fazer serviços fora de casa. Nessa situação, os filhos, sejam dez, ou cinco, ou

Violência - A atmosfera da Baixada pode ser de insegurança e medo, mas não de violência. O povo é pacífico e bom. Basta olhá-lo nas filas do INPS e dos hospitais. Basta olhá-lo aguardando ônibus e trens. O povo da Baixada é ordeiro, paciente. Os violentos são poucos. Mas, como ficam impunes, alimentam de um lado a ousadia de uns poucos e, de outro, a insegurança e o medo.

Esquadrão - Talvez se possa dizer que o Esquadrão da Morte é mais uma ficção que procura exprimir uma realidade, do que propriamente uma instituição. Pelo menos não temos elementos objetivos para admitir o Esquadrão da Morte como uma organização de policiais. O mais grave em tudo o que tem acontecido na Baixada é a impunidade. Os aventureiros, que aparecem em todos os setores, inclusive no religioso, têm a certeza de que o Direito, a Lei, a Ordem, não os atingem.

Política - Grandes transformações, de fato, não houve, nestes dez anos de minha vida na Baixada. A Política tem melhorado. Apesar das dificuldades, tenho a impressão de que vão surgindo

algumas lideranças promissoras, que aos poucos poderão alijar os velhos caciques esgotados. Menciono em primeiro lugar a Política porque, sem dúvida, ela é o principal fator de promoção do bem comum. Por natureza, por essência. Um elemento positivo apareceu também depois da fusão: começamos a ter mais esperanças. Penso no problema da água, que era uma tremenda ironia: da Baixada, sem água canalizada, saía quase toda a água para o Rio. Agora já se começou a resolver este problema. Penso também na intervenção imediata da Secretaria de Segurança para apurar os crimes das últimas semanas. **Embora uma intervenção momentânea não dispense a reorganização de todo o sistema de segurança pública.**

Religião - Os mais diversos elementos humanos, com toda a sua riqueza e problemática, se misturam na Baixada. Por volta de 1930, os habitantes desta região eram 30 mil, hoje são mais de dois milhões. É um fenômeno de crescimento que mais parece inchação. **Cresceu a população e as estruturas ficaram quase as mesmas.** O que é a negação da comunidade, já que a comuni-

dade supõe uma certa organicidade social. Quem vier de fora, dificilmente acha entre nós uma comunidade que o aceite e integre. **Quando olho Nova Iguaçu, me parece uma cidadezinha de 20/30 mil habitantes, assistindo espantada ao vaivém de um milhão de hóspedes, gente que não é de casa, nem pertence à família.** É claro que esse desenraizamento gera também insegurança social. Se pensarmos no fenômeno profundamente humano que é a Religião, vamos ver que a maioria dos que chegam à Baixada vieram do Nordeste, de Minas, do Espírito Santo, do norte fluminense, áreas agrícolas onde a religião tradicional é o catolicismo. E um catolicismo de feição popular, de tradições folclóricas, de práticas rituais profundamente integradas na vida comunitária. Vindo para a Baixada, que do ponto de vista religioso é uma área neutra - isto é, uma área em que a moldura social deixa a pessoa à vontade, permitindo que realize sua sede de Deus onde lhe parece mais imediato - seu catolicismo ambiental, sua fé carregada pela comunidade, ficam desamparados. O homem sente-se solto, desenrai-

zado e, em consequência, procura satisfazer suas necessidades religiosas imediatas nas religiões mais práticas e imediatas. O emprego, o amor, as doenças, a subsistência, as tensões familiares — tudo é levado para essas religiões. Daí a proliferação dos milagres, dos líderes religiosos verdadeiros ou falsos (todos, se vistos mais profundamente, falsificantes) que dão a fórmula imediata concreta para as necessidades concretas imediatas do povo.

Misticismo — Genericamente, se pode dizer que, muitas vezes, violência e misticismo andam de mãos dadas, naturalmente entendendo-se aqui misticismo como deformação religiosa. Assim é curioso notar como certos jornais ditos populares exploram ao mesmo tempo o misticismo e a violência. (...) Superstição, misticismo, magia, são desvios do sentimento religioso. Enquanto a religião liberta, a magia escraviza e aliena. **Só existe Cristianismo onde há um esforço consciente e constante de conscientização e libertação.** O Evangelho é desmistificador. Logo, se aqui ou acolá certas formas de Cristianismo alienam ou mistificam, então se trata de defor-

mações do Evangelho de Jesus Cristo.

Pastoral — O trabalho da Igreja não deve ser simplesmente assistencial. Assistência, só no caso de uma creche, ou no caso de pessoas gravemente acidentadas. Devemos protestar contra a assistência alienante e paralisante, a assistência que conduz a pessoa à ociosidade e à dependência. **Há por aí uma falsa caridade que se realiza às custas da justiça social.** Por isso, o principal trabalho da Igreja ficará na faixa da conscientização. E da promoção: levar a pessoa a assumir-se, a crescer, a desenvolver-se, a lutar por seus direitos, a cumprir os seus deveres. Esse é o sentido da pastoral da nossa diocese.

Família — O desemprego, e mais ainda o subemprego, são uma realidade da nossa região. O povo vive, como nas suas terras de origem do sertão, mais ou menos marginalizado. A luta pela vida nas famílias pobres força um certo desmoronamento. O pai tem que trabalhar não apenas às 48 horas legais, mas também as horas/extras, incluindo domingos, feriados, férias, porque a família precisa sobreviver. Também a mãe tem de trabalhar fora de

casa e, nessa situação, os filhos, sejam dez, cinco ou dois, ficam entregues à própria sorte.

Missão — A realidade é, sem dúvida, a matéria-prima da pastoral. Todo cristão engajado tem que conhecer os dados mais importantes da região em que atua. A Igreja está sempre aprendendo. Aprende, por exemplo, a simplificar suas estruturas, a desburocratizar-se ao máximo, a participar do sofrimento do povo. A Baixada é um laboratório formidável para experiências sociais, políticas, religiosas, culturais. No que toca à Igreja, tentamos tudo para a integração daqueles que se abrem à nossa influência.

Nota: sob a orientação de D. Adriano Hipólito, funcionam na Baixada um Centro de Formação de Líderes, que serve para encontros, seminários, congressos e retiros; um Centro de Pastoral Catequética, que contribui para a conscientização de catequistas, professores, trabalhadores e jovens; mais de 60 "clubes de mães".

Governo promete agir com rigor

Em todo o Brasil e no estrangeiro repercutiram intensamente, sob condenação geral, os atentados de que foram vítimas o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, seu sobrinho, Fernando Leal Worbornig e o jornalista Roberto Marinho, diretor de "O Globo".

O influente jornal "L'Observatore Romano" expressou ontem seu horror ante o "desaparecimento" do Bispo de Nova Iguaçu no Brasil, Dom Adriano Hipólito. O termo "desaparecimento" foi interpretado, a seguir, pela Rádio do Vaticano no sentido de que o prelado tivesse sido assassinado.

No Brasil, foram estas as principais repercussões:

Ministro da Justiça, Armando Falcão — "O Governo repudia, com veemência, os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro. Condena-os, par-tam de onde partirem. Estamos acompanhando as diligências de âmbito estadual, para descoberta de autoria e punição legal dos eventuais responsáveis".

Presidente da Arena, Deputado Francellino Pereira — "A Arena manifesta total repúdio a este tipo de violência, parta de onde partir. Ato desta natureza, de direita ou de esquerda, não pode receber e não tem o apoio do povo brasileiro. Trata-se de ato efetivamente condenável e que só pode ter sido praticado por tipos anômalos ou doentios".

Presidente do Congresso Nacional, Senador Magalhães Pinto — "Isso é sinal de que os radicais estão atuando e isso não é bom. Todos nós devemos nos unir na condenação aos episódios e no prestígio ao Governo no combate a eles. É estranho que peguem, ao mesmo tempo, um bispo que diz de esquerda e joguem bomba na residência do jornalista Roberto Marinho, que é veemente na condenação das esquerdas, muito nítido nesta posição".

Governador do Rio Grande do Norte, Tarcísio Maia — "Todo o trabalho do Governo e dos políticos tem sido no sentido de mostrar que os atos de terrorismo não terão qualquer reflexo sobre as eleições. Trata-se de um ato isolado, como os que ocorrem no mundo inteiro. Felizmente estamos praticamente imunes a tais ocorrências".

Deputado Faria Lima (Arena-SP) — "Lamento por sermos obrigados a ver, num País que tem tanto a construir, elementos que utilizam a destruição e a violência como argumento político. Torna-se importante extirpar este tipo de atitude que não se compatibiliza com a índole do nosso povo".

Arcebispo de São Luís, Dom João Mota — "Os atos revelam uma tentativa de fazer calar a Igreja no Brasil que, através de um de seus bispos, vem se constituindo o instrumento mais poderoso de defesa dos direitos da pessoa humana".

Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Caio Mário da Silva Pereira — "Manifestações como essas só concorrem para exacerbar os espíritos e dificultar a realização dos objetivos anunciados pelo Presidente Ernesto Geisel no sentido de se efetivar a distensão. Como Presidente da OAB e fiel nos princípios que a orientam no sentido de prestigiar a ordem jurídica, manifesto minha repulsa a esses atentados e mais uma vez formulo meus apelos para que as autoridades públicas apurem a sua autoria e coibam a sua repetição".

O Presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Prudente de Moraes Neto, visitou ontem à tarde o jornalista Roberto Marinho, na sede do jornal "O Globo", para prestar-lhe solidariedade pelo atentado a bomba contra sua residência, na noite de quarta-feira e, ao mesmo tempo, a ABI divulgou uma nota oficial em que qualifica o ato "como mais uma ação na escalada do terror".

Depois de lembrar as agressões sofridas recentemente pela ABI e pela OAB, a nota da Associação considera "sintomático que os alvos desta sanha incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa". O objetivo estratégico do extremismo, segundo a ABI, visa, na verdade, "ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais em que se envolve historicamente a Nação inteira".



Ultima Hora
Ano XXVI • sexta-feira, 24 de setembro de 1976 • 7792 • Cr\$ 3,00

**Ato do Legislativo
acaba Taxa do Lixo**
O Deputado José Pinto promulgou
o decreto legislativo e disse estar
certo de que o Governador Faria
Lima vai recorrer ao Judiciário. P. 5

Atentado ao Bispo e a Roberto Marinho

EXÉRCITO: - COM O POVO CONTRA EXTREMISTAS

Qual foi o crime deste Pastor?

1
2
3

O comandante do I Exército, General Reynaldo Melo de Almeida, em nota à imprensa, diz que o Exército condena e combate, com o povo, qualquer atividade extremista. Ato episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existentes, afirma o General.

D. Eugênio Sales afirma que o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu fere profundamente os sentimentos do povo. O cardeal confia na identificação e no castigo dos criminosos. O atentado repercutiu no Vaticano, segundo o jornal L'Osservatore Romano.

O Governo repudia com veemência os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro. Condena-os, partam de onde partirem, afirma o Ministro da Justiça.

Boatos sobre novos atentados mobilizam sistema policial

Um exemplo do que ocorreu depois de atentados terroristas contra as sedes da Associação Brasileira de Imprensa e Ordem dos Advogados do Brasil, em 19 de agosto último, o Rio de Janeiro ontem outro dia de tensão, agitada por uma onda de boatos e telefonemas anônimos anunciando novos atos da Aliança Anticomunista Brasileira. As seções especializadas da Secretaria de Segurança do Estado e organismos de segurança foram imediatamente mobilizados, para desativar bombas inexistentes no Ministério da Educação, Vale do Rio Doce, O Globo, jornal "O Globo" e até na única São Sebastião.

O primeiro boato foi na Clínica São Sebastião, no Catete, que teve suas instalações vistoriadas. Em consequência, a presa política Jesse Jane, e ali foi internada para ter filhos, acabou sendo removida para o presídio Talavera Bruce, em Bangu, 24 horas antes da alta prevista pelos médicos. A liberação para a remoção foi dada pelo médico que acompanhou o parto.

Pela manhã, um telefonema anônimo provocou nova mobilização policial para a sede da TV Globo, no Jardim Botânico, que foi totalmente revistada e liberada poucas horas depois, não sendo necessário evacuar o prédio. O mesmo ocorreu na sede do "O GLOBO" horas mais tarde. Agentes de segurança revistaram o prédio inutilmente.

A seqüência de boatos não parou aí. A agência Rio Branco do Banco do Brasil também foi revistada em consequência de uma ameaça anônima. O mesmo aconteceu na sede da Companhia Vale do Rio Doce, onde os 11 andares da empresa foram revistados sem sucesso.

Pela segunda vez o expediente do Ministério da Educação foi encerrado mais cedo por causa de um boato de bomba. Da mesma forma que 24 horas depois dos atentados, a ABI e OAB, ontem, depois das 14 horas o prédio foi evacuado e o expediente encerrado para que as autoridades policiais procurassem uma bomba inexistente.

Bispos não temem atentados



D. Ivo defende ação social da Igreja

Dom Adriano considera pouca dor, comparada à do povo

— Não fui, não sou e nunca serei comunista. Defendo os interesses do povo, dos menos favorecidos. Foi com essas palavras que Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, rebateu as acusações de dois dos seus sequestradores, que, segundo disse a amiga e colaboradora Vergília Prazeres Vergagno, eram pessoas de baixo nível cultural e que só se ligam a ele com palavras e aos seus "comunistas".

O padre David John Keegan, da sua cidade, e que também esteve com ele em Dom Adriano Hipólito confessou estar realmente feliz por ter podido compartilhar do sofrimento da população da Baixada fluminense. Na opinião, como contou Padre David, "O seqüestro e o espancamento a ele foi submetido representam pouco comparados ao sofrimento cotidiano do povo da Baixada".

Durante quase duas horas que durou o seqüestro, os dois criminosos levavam Dom Adriano pouco conversavam entre si e apenas uma vez referiram-se a outras ações que iam empreendendo, citando diretamente o nome de "Calheiros" (Dom Dir Calheiros, Bispo de Volta Redonda), segundo contou o Bispo de Nova Iguaçu ao padre David e a Vergília dos Prazeres.

Em outra nota oficial comunicando o seqüestro do bispo à comunidade da Baixada, a Diocese afirma "o fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão e o Senhor lhe confia. Não é um crime que atinge apenas Dom Adriano, o povo foi atingido: as bofetadas e tapas no Bispo foram bofetadas e tapas no povo de Deus. Mas não devemos temer tais ameaças". A nota ainda conhece "muito bem" os motivos do atentado: "São aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja em defesa dos Direitos Humanos".

O padre David o Bispo disse que os sequestradores agiam visivelmente como simples executores de ordens

emanadas de seus superiores. Toda a operação parecia ter um comandante (não o autor do plano), provavelmente o motorista do carro vermelho em que foi colocado, um homem de feições finas, o único detalhe que o Bispo pode ver antes de enfiarem o capuz em sua cabeça. Deitado no banco traseiro do veículo ele foi intermitentemente espancado, sobretudo com socos nos rins e na cabeça, ao mesmo tempo em que iam rasgando a cortando sua batina.

Para Vergília dos Prazeres Vergagno, Dom Adriano deu mais detalhes do seqüestro: contou que, naquele dia, Fernando Leal Webirrig (que não é seu sobrinho, mas amigo da família e que trabalha como seu motorista) resolveu tomar outra rua, fora do roteiro que habitualmente utilizava para levá-lo da Cúria, no Centro de Nova Iguaçu, ao Bairro da Posse, onde mora. Durante o trajeto, Fernando e Dom Adriano notaram que um carro estava tentando fechá-los, o que não conseguiu. Quando o Volkswagen de Dom Adriano chegou à bifurcação, entrou na rua fora do roteiro habitual, enquanto os dois carros dos sequestradores seguiram (e logo depois pararam) pela outra, como já deviam ter planejado após investigarem os passos do Bispo.

Dom Adriano disse a Vergília ter até comentado com Fernando que os dois motoristas estavam brigando. Na sua opinião, o seqüestro deveria ter ocorrido naquele ponto, na porta da casa de Maria Del Pilar, na Rua Paraguassu, quase esquina de Estrada do Ambai, a ação foi finalmente consumada e, a princípio, pensou que se tratava de um assalto comum. Fernando, após ser retirado do volante, chegou a dizer aos sequestradores que aquele era o Bispo de Nova Iguaçu, para demonstrar que estavam "assaltando" a pessoa errada. Os sequestradores riram e debocharam da informação de Fernando e empurraram Dom Adriano para dentro do carro vermelho, no banco de trás, acompanhado por um dos criminosos.

Nova Iguaçu reza missa em desagravo ao Bispo agredido

O povo de Nova Iguaçu está organizando um ato religioso pelo Bispo Adriano Mandarino Hipólito, que do ato participará ainda sob os efeitos do brutal atentado que sofreu na quarta-feira passada. A missa será celebrada dia 3 de outubro, na Catedral Diocesana daquela cidade e contará com a presença de religiosos e paroquianos da Região Leste-1, que inclui, além de Nova Iguaçu, Petrópolis, Rio, Niterói, Volta Redonda e Nova Friburgo.

Milhares de adesões já chegaram às mãos do Padre David, coordenador, numa viva demonstração de afeto, solidariedade e carinho ao Bispo Hipólito, e de repúdio aos seus algozes. Padre David, como toda a população iguaçuana, não entende os motivos que provocaram tanta selvageria, que também atingiu o estudante Fernando Leal Webering, sobrinho do religioso.

Padre David lembrou ser o bispo um homem corajoso, sem medo, principalmente quando em defesa do povo, do trabalhador sem segurança, da criança abandonada. Ai, frisou, ele, aborda o problema de frente, mas nunca citou nomes de responsáveis pelo que de errado existe.

— Creio — disse o padre — que alguém colocou a carapuça na cabeça e arquetizou o plano ignóbil.

O crime estúpido consternou profundamente a população de Nova Iguaçu, católicos ou não, todos perplexos com os acontecimentos, prin-

cipalmente quando a cidade tomou conhecimento de que o bispo estava internado numa casa de saúde.

As últimas informações chegadas à Catedral Diocesana de Nova Iguaçu afirmavam que o Bispo Hipólito se encontra internado numa casa de saúde, sob a responsabilidade dos membros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Falava-se também que o Bispo apresenta diversos hematomas e contusões pelo corpo, que atestam a brutalidade com que foi sequestrado.

As investigações em torno dos atentados subversivos estão a cargo da DPPS, da Secretaria de Segurança, Polícia Federal e órgãos de Segurança. Mas é na primeira que serão tomados todos os depoimentos, entre eles o do Bispo, seu sobrinho, a noiva e outras pessoas que tiveram participação no caso. Para os policiais, os elementos, que segundo declarações do Bispo e seu sobrinho, planejaram tudo antes de agir, sequestrando-o em Nova Iguaçu, fazendo o que fizeram e, em seguida, seguiram para o Largo da Glória, onde, defronte ao prédio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, do outro lado da rua, estacionaram o carro, colocaram a bomba e desapareceram, para, minutos depois, provocarem a explosão na residência do jornalista Roberto Marinho, no Cosme Velho.

DOM Ivo Lorscheiter, secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil disse ontem que o atentado contra a CNBB e o seqüestro e as violências sofridas pelo bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, "só vêm demonstrar que não estamos tão errados no que fazemos". Dom Ivo atribuiu a violência a grupos de extrema direita e reafirmou sua posição a favor da ação social e política da Igreja e disse que a CNBB não tem medo de novos atentados.

Explicando o termo político como "o exercício do poder na realização do senso comum e a conseqüente e consciente participação do povo nesta ação". Dom Ivo disse ainda que a Igreja tem aí dois papéis: inspirar o comportamento dos governantes e ao mesmo tempo educar o povo para esta participação política.

Estas palavras foram ditas ontem em entrevista à imprensa na sede da CNBB onde Dom Ivo Lorscheiter acompanhado do Bispo de Santo André — Dom Cláudio Humens — e do Bispo de Rio Branco — Dom Moacyr Grechi — também explicaram os temas debatidos na Reunião Ordinária da Presidência da CNBB, que terminou dia 24 deste mês.

Dom Ivo admitiu que o atentado poderia ter sido feito por grupos que não se sentem satisfeitos com a atuação social de Dom Adriano Hipólito na Baixada. O secretário geral da CNBB disse ainda que na realidade as violências sofridas por Dom Adriano são um atentado contra a ação social da Igreja e da CNBB. "Todo cidadão autêntico, acrescentou, deve porém dizer a todo momento: estou no mundo para melhorar o mundo."

Dom Ivo disse ainda que tem esperança de que o povo brasileiro encontrará rapidamente o seu juízo e voltará ao bom senso e à fraternidade o mais rápido possível. "Sempre, conti-

nuou Dom Ivo, em outras oportunidades o brasileiro encontrou soluções boas, por que não encontraria agora?"

— Estes atos não são só do Brasil e refletem, na realidade o atual panorama mundial. É penoso constatar que no momento em que a sociedade atinge os últimos requintes do chamado trato social estamos desaprendendo a verdadeira prática dos direitos e respeito humanos. Fico perplexo ao constatar que depois de termos atingido o máximo em termos de conquista técnica estejamos ficando mais bestas."

Dom Ivo Lorscheiter afirmou que a CNBB não tem medo de novos atentados. "Isto só encoraja a Igreja a lutar cada vez mais pelos direitos humanos." Segundo ele, o Episcopado vê Dom Adriano Hipólito como um homem bastante universal não só na sua ação social mas também em outros setores como nas vocações sacerdotais onde a sua atuação foi sempre marcante.

A CNBB recebeu a solidariedade na forma de telegramas e telefonemas de todos os bispos do Brasil. Lendo trechos do telegrama de Dom Benedito Zoze — Bispo do Rio Grande do Sul — Dom Ivo resumiu o teor de todos os outros: "Com atentados como estes todos nós na realidade somos atingidos. Mas se a Igreja é autêntica e madura não vai ser ingênua e nem vamos ficar em pânico. Expressamos a nossa solidariedade e oramos para que os que cometeram este ato se convertam a melhores sentimentos."

— Todo o episódio do seqüestro do bispo será relatado ao Papa Paulo VI pelo Núncio Apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco, informou Dom Ivo. O Núncio, que estava por acaso no Rio quando houve o seqüestro, permaneceu várias horas ao lado do Bispo de Nova Iguaçu, inclusive quando ele foi prestar depoimento no DPS.

CE

Diretor-Responsável: ALBERTO TORRES

Estado do Rio de Janeiro, sábado, 25 de setembro de 1976

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
	25-9-76	

ATENTADOS TERRORISTAS

Polícia não crê no Esquadrão. Bispo some



FOTO/ANA ELISABETH

Polícia da Baixada Fluminense não crêem que o Esquadrão da Morte possa ser responsabilizado pelo seqüestro e espancamento do Bispo Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu. Ele e o sobrinho estão escondidos, por precaução. Mas Dom Ivo Lorscheider, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, nega-se a pedir garantias, apesar das novas ameaças terroristas, inclusive em Niterói. Com a mobilização de toda a Segurança do

DOM IVO ACUSA A EXTREMA-DIREITA

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
Jornal de Hoje	25.9.76	

Jornal de Hoje 25.9.76

D. ADRIANO:

"Tragam-me livros e vestes"

O Bispo Diocesano de Nova Iguaçu, D. Adriano Hypólito Mandarino, sequestrado na noite de quarta-feira última, juntamente com seu sobrinho Fernando Leal, vítima de atrocidades, por um grupo que declara, através de panfletos ser da Aliança Anticomunista Brasileira", continua em repouso absoluto numa clínica do Rio de Janeiro.

Tanto D. Adriano, quanto seu sobrinho, foram submetidos ontem, sexta-feira a exame de "corpo delicto". Segundo informações, Fernando Leal, recebeu ordens para comparecer ontem ao DOPS, no Rio de Janeiro, a fim de prestar declarações sobre o ocorrido, mas por se encontrar ainda em estado de choque (traumatizado) e com dores no corpo não compareceu, ficando para depois suas declarações.

Embora tenha passado por uma série de humilhações e sofrimentos físicos, D. Adriano, mostra-se muito seguro e com a moral bem elevada, o que vem reafirmar sua forte personalidade e nobreza de espírito. A única coisa que D. Adriano pediu foi "tragam-me livros e vestes".

A Presidência e a Comissão Episcopal de Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB), recebeu inúmeros telegramas de solidariedade ao Bispo de N. Iguaçu, vindos de todo o Brasil e até do Exterior; A rádio BBC, de Londres fez um comentário de dez a quinze minutos sobre o caso; o "Observatore Romano", órgão oficial do Vaticano, noticiou em vários idiomas o sequestro de nosso bispo, causando grande pânico.

Além do Comunicado da Diocese de Nova Iguaçu, publicado ontem pelo JORNAL DE HOJE, o clero iguaçuano divulgou ontem à tarde, ofício-convite, convocando todas as comunidades, para a "Missa de D. Adriano", no primeiro domingo de outubro, às 16 horas, na Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, em Nova Iguaçu, que será co-celebrada por bispos e sacerdotes de todo o País. Abaixo transcrevemos na íntegra o ofício-convite:

CONVITE PARA A MISSA DE DOM ADRIANO

"Como toda a imprensa brasileira e internacional noticiou, nosso bispo diocesano Dom Adriano Hipólito, juntamente com seu sobrinho Fernando, foi traiçoeiramente sequestrado, torturado e depois abandonado, nu e ferido, por um grupo de criminosos que declarou pertencer à já notória Aliança Anticomunista Brasileira.

A história se repete e, como no caso do Cristo indefeso, os criminosos também vieram à noite e em grande número. Eles sabem que os atos de bravura podem ser praticados à luz do dia. Eles sabem que as trevas da noite e a vantagem numérica são o refúgio dos covardes, por isso fazem questão de não serem individualmente indetificados pela consciência moral do povo.

A Diocese de Nova Iguaçu está solidária com a pessoa de seu bispo, bem como com as linhas pastorais de denúncia profética contra tudo o que amedronta o povo e o marginaliza dos seus direitos. Estamos convencidos de que a Verdade, embora aparentemente perdedora de muitas batalhas, é e será a vencedora de todas as guerras. Que os fanáticos não esqueçam: eles estão desde já programados para perderem a batalha final.

Estamos ofendidos e indignados com as sádicas atrocidades perpetradas na pessoa do nosso bispo. Mas estamos também profundamente convencidos da coerência de tais fatos com tudo o que de mais glorioso aconteceu e acontece com a pessoa dos profetas, dos santos e dos mártires. Em vez de amedrontar e fazer calar, a nefanda agressão proclama que, sob a orientação de Dom Adriano, estamos no caminho certo do Cristo perseguido, torturado e morto.

Mas estamos principalmente no caminho do Cristo Ressuscitado, o Senhor da vida e da morte, aonde um dia todos chegaremos: os santos profetas e mártires, como também os seus torturadores e assassinos. Este Cristo ressuscitado e presente entre nós, através da fome e sede dos cristãos pela justiça, é a motivação única e inarredável de nossa ação pastoral.

A Diocese de Nova Iguaçu, na pessoa do seu Vigário-Geral convida você, irmão, convida todo o povo de Deus para, junto com Dom Adriano, celebrarmos a ressurreição de Cristo e sua vitória final sobre a hipocrisia e os fanatismos, sobre as maquinacões noturnas e o poder das trevas, sobre as torturas e sobre a própria morte.

Você, irmão, é o nosso convidado de honra: venha celebrar conosco e com os irmãos os louvores do Cristo vencedor, cuja arma única e invencível é a Verdade. No dia 3 de outubro (domingo), às 16 horas, na Catedral de St. Antônio de Nova Iguaçu, Dom Adriano, junto com muitos outros bispos, com seus padres e com seu povo, celebrará a Santa Missa, durante a qual daremos o nosso apoio e a solidariedade para com sua orientação pastoral. Venha se unir conosco na força vitoriosa de Cristo.

Diocese de Nova Iguaçu, 24 de setembro de 1976.
Mons. Arthur Hartmann — Vigário Geral

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15

tum

Nummer

25.9.76

O DIA • O jornal de m

Não estão prontos ainda os laudos de atentados a bomba

O assessor de Comunicação Social da Secretaria de Segurança, Osni Belo, informou ontem que ainda não estavam redigidos os laudos sobre os atentados a bomba contra o fusão do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e contra a residência do jornalista Roberto Marinho.

Como foi noticiado, a fusão explodiu em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos, na Glória, pouco depois que o bispo foi abandonado por seus sequestradores, em Jacarepaguá. Minutos depois, outra bomba explodiu sobre o telhado da residência do jornalista, na noite de quarta-feira.

FALTA DE PESSOAL

O Sr. Osni Belo acrescentou que nem os laudos sobre os atentados a bomba contra a Associação Brasileira de Imprensa e contra o Ordem dos Advogados do Brasil, ocorrido há dias, foram entregues. Ele disse que o Instituto de Criminalística está funcionando com carência de pessoal, explicando que há vaga para 200 peritos, enquanto o IC tem apenas doze. Disse, também, que até há poucos dias havia mais cerca de dez mil laudos para datilografar. O número é menor, graças ao trabalho dos 20 datilógrafos requisitados — dez da Polícia Militar e dez do Corpo de Bombeiros.

Falsando sobre o sequestro do bispo e seu sobrinho, ocorrido na última quarta-feira, disse Osni Belo que os sequestradores, submeteu-se ontem a exames de corpo de delito. Examinou-o o diretor do Instituto Médico Legal, na residência do Cardeal Dom Eugênio Sales, no Sumaré.

CORPO DE DELITO

O Bispo Dom Adriano Hipólito, ainda com várias contusões, resultantes do espancamento que sofreu nos sequestradores, submeteu-se ontem a exames de corpo de delito. Examinou-o o diretor do Instituto Médico Legal, na residência do Cardeal Dom Eugênio Sales, no Sumaré.

Uma série de telefonemas anônimos para o Setor Antibomba do Departamento Geral de Investigações Especiais e outros órgãos da Secretaria de Segurança mobilizou ontem os policiais especializados na desativação de bombas.

Os telefonemas anunciavam, sempre, a iminente explosão de um petardo em vários locais, entre eles o Clube Municipal, o Hospital Miguel Couto, o Ministério da Edu-



A presa política Jesse James foi removida às pressas da Clínica São Sebastião para o Presídio Talavera Bruce

cação, a sede da Companhia Vale do Rio Doce, o Canal 4 de televisão, e a Clínica São Sebastião.

REMOÇÃO DE PRESA

O primeiro alarme falso foi dado pela madrugada, anunciando que uma bomba estava prestes a explodir na Clínica São Sebastião, no Catete. Enquanto os especialistas procuravam o petardo, a Secretaria de Segurança providenciava a transferência da presa política Jesse James para o Presídio Talavera Bruce. Ela se encontrava internada para ter um filho e deixou a casa de saúde 24 horas antes da data prevista para a alta. Foi liberada pela manhã, pelo médico que a assistiu no parto.

EMISSORA DE TV

Pela manhã, novo telefonema fazia a Polícia deslocar-se para os estúdios do Canal 4 de televisão, no Jardim Botânico, onde todas as dependências foram examinadas e liberadas.

A sequência de alarmes falsos continuou com a denúncia de que a agência Rio Branco do Banco do Brasil iria pelos ares. Todo o pré-

dio foi vasculhado e nada encontrado.

O expediente no Ministério da Educação foi encerrado mais cedo, para facilitar o trabalho dos policiais que lá foram procurar uma bomba, atendendo a nova denúncia. Também desta vez nada havia.

ATE NA PISCINA

O porteiro do Clube Municipal, na Rua Haddock Lobo, foi avisado de que o clube prestes a ser destruído por uma explosão e chamou a polícia. Os especialistas verificaram até a piscina e constataram que se tratava de mais um alarme falso.

Também todos os andares do prédio que serve de sede à Companhia Vale do Rio Doce foram revistados, depois que circunou o boato de que ali havia sido colocada uma bomba.

Esta série de boatos, logo após o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu e explosão de seu automóvel, é uma repetição da ocorrida no dia seguinte aos atentados à sede da Associação Brasileira de Imprensa e Ordem dos Advogados do Brasil, no mês passado.

Coronhadas e óculos quebrados

O Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, recebeu a imprensa, à tarde, no Palácio São Joaquim, para falar sobre o seqüestro de D. Adriano Hipólito e da explosão ocorrida em frente à sede da CNBB.

Disse que esteve durante toda a manhã com D. Adriano, que foi medicado de ferimentos leves na cabeça, provocados por coronhadas desferidas por dois dos três seqüestradores.

BEBIDA

Contou que o Bispo de Nova Iguaçu teve os óculos bifocais quebrados e que os terroristas tentaram fazê-lo beber uma garrafa de cachaça.

«Dom Adriano reagiu e os marginais colocaram-lhe um capuz na cabeça derramando, depois, a cachaça em cima. O bispo chegou a desmaiar por duas vezes».

Dom Eugênio acrescentou que antes de saber da notícia do atentado estava em visita pastoral à Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Padre Miguel.

«Cheguei ao Palácio São Joaquim às 21h30min e logo recebi telefonemas de Nova Iguaçu, contando o seqüestro de Dom Adriano. Imediatamente liguei pelo telefone oficial para o Comandante do I Exército, General Reinaldo

Melo de Almeida, para o Secretário de Segurança, General Inácio Domingues, para o Governador Faria Lima e para o Prefeito Marcos Tanno, dando conta da situação».

Depois afirmou que, quando falava ao telefone com uma alta autoridade (não quis revelar o nome), ouviu a explosão da bomba perto da CNBB e também pensou que fosse nas obras do metrô.

NONCIO

Dom Eugênio esteve pela manhã no Colégio Santa Marcelina, onde conversou com Dom Adriano, acompanhado do Nuncio Apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco, com o Arcebispo de Niterói, D. José Gonçalves da Costa, e com o Bispo-Auxiliar do Rio de Janeiro, D. Eduardo Koellik.

Sobre a atitude dos seqüestradores e as acusações de comunistas feitas a D. Adriano, afirmou que o bispo de Nova Iguaçu saiu fortalecido em sua atitude pastoral e que não está com medo.

Dom Adriano Hopólito, que prestou depoimento no DOPS, mudou de residência ontem, por várias vezes, como medida de precaução para evitar represálias. Às 11h30min foi a uma ótica, no centro da cidade, providenciar óculos novos.

Autoridades estudam uma possível ligação

A cronologia dos atos terroristas de anteontem à noite foi o primeiro aspecto examinado pelas autoridades de segurança, em sua tentativa de determinar como eles se processaram. Oficialmente, até a noite de ontem, nenhuma informação tinha sido liberada sobre o assunto.

Dos três atentados, pelo menos dois estão comprovadamente ligados: o seqüestro do bispo D. Adriano Hipólito e seu sobrinho Fernando Webereng, e a explosão do carro do primeiro, em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Ligando os dois atos com o terceiro — a bomba lançada na casa do nosso companheiro Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe do GLOBO —, há um dado: o telefonema que foi recebido pela Rádio Jornal do Brasil, aos 30 minutos de ontem, atribuído a um dos terroristas, e que dava conta da relação entre os três atentados.

Essa cronologia foi assim estabelecida:

As 19h40m, quando foram seqüestrados o bispo e seu sobrinho, em Nova Iguaçu, por seis homens em três carros, teve início a ação. A noiva de Fernando, Maria del Pilar Iglecias Vila, e sua mãe, Maria Albina Vila Lorenzo, assistiram à cena e imediatamente levaram o fato ao conhecimento da polícia.

As 21h Fernando foi encontrado na Estrada do Catonho, em Jacarepaguá, em frente ao Motel Tabas, onde foi abandonado pelos seqüestradores (desde o primeiro instante eles sabiam que o seqüestro era do conhecimento de pelo menos duas pessoas).

As 21h30m, foi encontrado D. Adriano, também em Jacarepaguá, na Rua Japurá; ele fora levado em outro carro por alguns dos seqüestradores.

As 23h30m uma explosão destruiu o carro do bispo na Glória, na área que serve de estacionamento à CNBB.

Aos 10 minutos de ontem, uma bomba explodiu no telhado de uma área da casa de Roberto Marinho. Vinte minutos depois uma voz identificou-se como integrante de um grupo terrorista e atribuiu a este a responsabilidade pelos três atentados, num telefonema para a emissora de rádio.

Um detalhe: todas as pessoas ligadas ao bispo de Nova Iguaçu o conhecem e chamam pelo nome de D. Adriano Hipólito, que é, também, como ele assina. O nome completo porém é Adriano Mandarino Hipólito, que é o que consta dos seus documentos. Quem ligou para a emissora, ao referir-se ao bispo, chamou-o de "Dom Hipólito Mandarino".

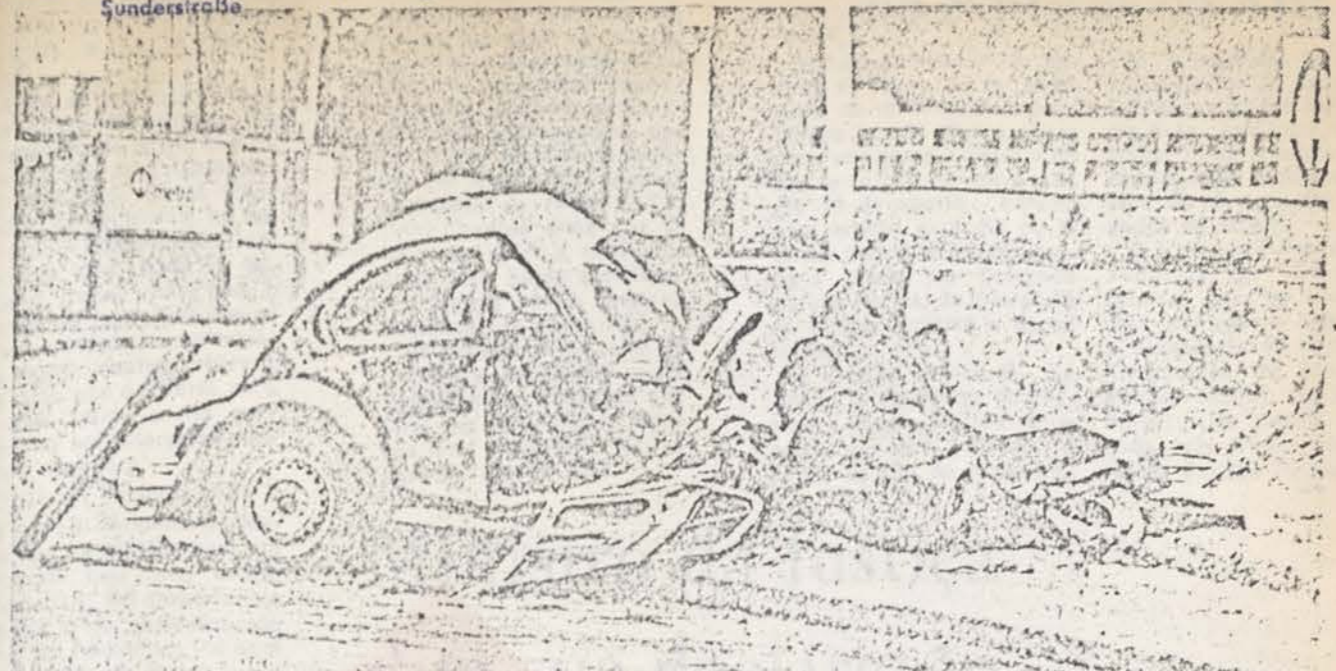
A explosão da bomba no Cosme Velho foi registrada assim, sob o nº 472, na 9a. DP:

"A zero hora deu entrada no Hospital Miguel Couto, vítima de um atentado a explosão de bomba, Teotônio de Queiroz (solteiro, 22 anos, reside e trabalha na casa de Roberto Marinho, diretor de "O GLOBO", Rua Cosme Velho 1105). A vítima sofreu feridas contusas e escoriações generalizadas. Teotônio foi trazido para o Hospital Miguel Couto por José Elias Carvalho, residente no mesmo endereço da vítima. A 9a. DP tomou ciência do fato na pessoa do detetive de plantão naquele distrito, Sérgio. O policial de plantão no Hospital Miguel Couto, que comunicou a ocorrência ao seu colega, detetive Sérgio, na 9a. DP, foi o Lima".

Ele encontrou



Foi o Sr. José Menezes, da foto acima, que encontrou Dom Adriano Hypólito, na Rua Jupurá, nas proximidades da Praça Seca, em Jacarepaguá, às 21h30min de ontem. Levou-o à residência do fotógrafo Adir Meira, que lhe emprestou roupas e sapatos, e em seguida à Casa Episcopal de Jacarepaguá. José Menezes, por ironia do destino, babalaorixá praticante naquela região, foi o primeiro a prestar ajuda ao Bispo iguaçuano e provou que o amor ao próximo ainda não morreu e que graças a sua boa vontade e espírito altruístico conseguiu aliviar os padecimentos da autoridade eclesiástica. José Menezes é candidato a vereador pelo município do Rio de Janeiro, pelo MDB, e ao ser abordado por nossa reportagem simplesmente falou: "Só o amor constrói para a eternidade".



A perícia ainda não revelou o tipo da bomba que explodiu o carro do Bispo, na Glória

Cardeal tem promessa sobre investigações

O Cardeal Dom Eugênio Sales garantiu ontem à tarde, no Palácio São Joaquim, que "estão bem adiantadas as investigações no sentido de se desvendar este atentado. As autoridades revelaram a mim o maior empenho e disposição para esclarecer tudo".

"Logo que soube do sequestro" — continuou — "comecei a telefonar para autoridades civis e da área do I Exército. Dei de 20 a 30 telefonemas. Quando estava falando com uma importante autoridade, ouvi um estrondo, fui para a janela e vi o carro estilhaçado. Mas não liguei um fato a outro. Só depois, através de dois contatos com Dom Ivo, soube que o carro era do sobrinho de Dom Adriano".

Os assessores de Dom Eugênio advertiram antes que ele só iria ler a nota oficial para as emissoras de TV e rádio e não responderia a qualquer pergunta. O próprio Cardeal, no primeiro andar do Palácio, repetiu: "Vou me limitar a ler a nota. Se fizerem alguma pergunta vou ficar calado."

— Qual a reação das autoridades com as quais o Sr falou? — perguntaram os jornalistas assim que ele acabou de ler a nota.

"Estive com Dom Adriano Hipólito no Colégio San-

ta Marcelina, pela manhã. Ele estava em bom estado físico e psicológico. No carro, deram-lhe algumas pancadas na cabeça; para que ele não a levantasse muito. Depois cortaram a batina, para que passasse pelo vexame de ficar nu. Mas não foi um vexame tão grande assim porque tudo se passou no escuro.

D Eugênio disse que quiseram que Dom Hipólito bebesse um litro de aguardente, "mas ele não o fez. Então derramaram o litro sobre ele, que se sentiu um pouco tonto.

Os sequestradores diziam, o tempo todo que Dom Adriano era comunista. Vocês sabem que isso é uma insensatez. Eu também já fiz várias declarações contra as atividades do Esquadrão da Morte. Nem por isso deixei de ir e voltar só, ontem à tarde, a um lugar longínquo, como Padre Miguel, onde fui rezar missa em comemoração ao jubileu de ouro do sacerdócio de um padre."

O Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro deveria presidir ontem pela manhã uma reunião dos vigários episcopais no Palácio São Joaquim, mas preferiu ir de encontro a Dom Adriano Hipólito, no Colégio Santa Marcelina.

Presidente interino da CNBB teme o medo

"Está se criando um ambiente meio pesado. As pessoas já começam a sentir medo. Não um medo como se sente na Argentina ou mesmo na Itália, mas de qualquer forma medo. Aqui a gente pede a Deus que a situação não fique como nestes países."

A princípio, o presidente interino da CNBB, Dom Geraldo Fernandes, Bispo de Londrina, não queria falar. Depois acabou dizendo que o fato de os recentes atentados visarem a Igreja, a Imprensa e Ordem dos Advogados deve ser "porque estas entidades são as que costumam falar. Nós é que emitimos opinião. E falamos claro".

ADVERTÊNCIA

"É claro que colocando o carro esfaqueado em frente à CNBB os terroristas pretenderam nos fazer uma advertência. Há aí um grupo que nos quer intimidar para que não defendamos os injustiçados."

Dom Geraldo Fernandes disse que a Conferência não solicitará qualquer medida de segurança especial para ela e para os bispos. "A única coisa que podemos fazer é recorrer às autoridades para ver se deslinham este caso. Se vão chegar até o fim, também não sei."

"Eu, por exemplo, estou tão tranquilo ontem como hoje e me sinto ainda mais tranquilo sem ninguém me garantindo. Durante a Re-

volução, quiseram colocar soldados na minha porta para me proteger e eu recusei. Na época dizem que eu estava numa lista para ser enforcado. A lista teria sido preparada pelos comunistas".

Ele não acredita que a razão do atentado contra o Bispo de Nova Iguaçu seja a sua intensa ação social e as denúncias contra as atividades do Esquadrão da Morte, "pois isso seria um absurdo. Também é um absurdo dizer-se que padre é só para rezar. Todos somos, por exemplo, responsáveis pela segurança".

"Não sei quem é o responsável pelo atentado. Não faço parte da Polícia, não sou detetive. Quem pode saber o que significa esta Aliança Anticomunista Brasileira? Quais os membros? Quais os métodos? Ela pode até esconder uma outra organização. Sou muito medroso para acusar quem quer que seja. O meu forte é o Direito e em Direito a gente fia muito fino".

O presidente interino da CNBB tem quase certeza de que "a Sociedade de Defesa de Tradição, Família e Propriedade (TFP) não tem nada a ver com isso. Conheço eles muito bem, fiz até amizades com alguns de seus integrantes, embora nunca participasse dela, e sei que eles não adotam esses métodos".

Também não acha que o atentado intimide os bispos: "A gente pode morrer a qualquer hora, não é

mesmo? Eu, por exemplo, talvez só sinta algum medo quando experimentar diretamente o perigo. Antes, não".

Antes da entrevista, Dom Geraldo Fernandes, em companhia do Bispo de Friburgo, Dom José Clemente, foi ao Colégio Santa Marcelina, de religiosas, no Alto da Boa Vista, visitar Dom Adriano, que ficou lá algumas horas, mas não o encontrou mais. Isso ele só revelou depois na entrevista. Antes, quando entrava no carro que o levaria para o Alto, fingiu muita surpresa ao ser interpelado sobre o sequestro.

"Não sei de nada. Não li os jornais. Realmente dormi aqui na CNBB e ouvi um estrondo, mas não muito forte. Nem dei importância porque estas explosões são hoje tão frequentes por aqui com a obra do metrô que a gente nem liga mais."

Ao voltar à CNBB, confessou: "É, me lembro que antigamente, quando vinha ao Rio, pegava um carro, passeava pelo Alto da Boa Vista e outros pontos turísticos isolados sem receio nenhum. Hoje, a gente tem até medo de pegar um táxi."

Dom Geraldo Fernandes confirmou que o Bispo de Nova Iguaçu esteve ainda de madrugada na sede da CNBB, na Glória. Depois foi para o Colégio Santa Marcelina.

"Realmente ele levou sacos e pontapés, ouviu palavras agressivas, ficou totalmente despido segundo contou, mas não foi sequestrado. Não sei mais por que não conversei com ele."

REUNIAO

Pela manhã, desde 8h, esteve reunida — como ocorre a cada dois meses — a Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, com a presença do secretário-geral, Dom Ivo Lorscheiter, o presidente Interino, Dom Geraldo Fernandes, além dos seis membros da Episcopal: os Bispos de Itapipoca (Ceará), Dom Paulo Ponté; de Teresina, José Freire Falcão; Friburgo, José Clemente Isnard; do Rio Branco, Moacir Crechi, e de Natal, Nivaldo Monte. No temário, entre outros assuntos, o comércio de armas e o assassinato de um padre, em Merure, Mato Grosso.

As 10h, interrompeu-se o temário para se discutir os termos da nota oficial sobre o sequestro de Dom Adriano Hipólito. A redação ficou pronta pouco antes de meio-dia. Até às 14h ne-

nhum jornalista pôde entrar na sede da CNBB.

Quando a entrada foi permitida, para a entrega da nota, o Secretário-Geral Dom Ivo Lorscheiter negou-se a dar qualquer declaração. Ante a insistência, pediu a Dom Geraldo Fernandes que lesse a nota para as emissoras de rádio e TV. Dom Geraldo disse que se limitaria a ler a nota pois nada mais havia a esclarecer. Depois porém resolveu responder às perguntas.

As 15h30m, o Assessor de Imprensa da CNBB padre José Goulart, anunciou que Dom Ivo Lorscheiter marcou uma entrevista coletiva para as 11h de hoje.

Ministro da Justiça dita sua declaração contra o terrorismo

Em Brasília, o Ministro da Justiça, Armando Falcão, que manteve pela manhã contato telefônico com o Governador Faria Lima, condenou os crimes praticados no Rio de Janeiro envolvendo o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e a explosão de uma bomba na residência do Sr Roberto Marinho.

Ao deixar o Gabinete do Presidente Geisel, o Ministro ditou uma declaração aos repórteres credenciados, pedindo "cuidado com aquilo que vão escrever".

Depois de perguntar a cada jornalista o órgão de imprensa a que pertencia, o Sr Armando Falcão ditou, pausadamente, a seguinte declaração: "O Governo repudia com veemência os crimes praticados, inteiramente contrários à formação e à índole do povo brasileiro. Condena-os, partem de onde partirem. Estamos acompanhando as diligências de âmbito estadual para a descoberta de autoria e punição legal dos eventuais responsáveis".

O Ministro pediu a um jornalista para ler suas anotações, "Está correto" — disse. "Com isso esgota-se, pelo menos hoje, o assunto, de minha parte". O fato segundo ele, não foi tratado com o Presidente Geisel durante a reunião, à tarde.

MAGALHAES

"Estamos de acordo em que o Governo utilize os instrumentos de que dispõe

DPPS ganha tempo na explosão da ABI

O Julz-Auditor Mário Moreira de Sousa, da 1ª Auditoria da Aeronáutica, prolongou por 20 dias o prazo para se apurar a autoria do ato terrorista contra a ABI em 19 de agosto, quando uma bomba explodiu no 7º andar de sua sede, atendendo a ofício do Delegado Borges Fortes, da Delegacia de Polícia Política e Social (DPPS).

A decisão baseou-se no Artigo 20 do Código de Processo Penal Militar e o acréscimo será contado a partir do fim do prazo in-

cial; o Inquérito foi instaurado em 20 de agosto. A DPPS enviou um outro ofício à 1ª Auditoria da Marinha, sobre a colocação da bomba (não explodiu) na sede da Ordem dos Advogados do Brasil.

O ofício do Delegado à 1ª Auditoria da Aeronáutica informa que "as investigações prosseguem, agora com a assistência do Ilustre representante do Ministério Público Militar, Sr Rubens Pinheiro de Barros, designado pelo Procurador-Geral da Justiça Militar."

FRANCELINO

"A Arena manifesta total repúdio a esse tipo de violência, parta de onde partir. Aos dessa natureza, de direita ou de esquerda, não contam com o apoio do povo brasileiro. Trata-se de ato condenável e que só pode ter sido praticado por personalidades doentias."

A afirmação é do presidente nacional do Partido, Deputado Francelino Perreira, a respeito do sequestro do Bispo de Nova Iguaçu e do atentado a bomba à casa do Sr Roberto Marinho. E acrescentou que "todas as medidas foram tomadas pelo Governo no sentido da apuração imediata dos fatos e da condenação dos culpados."

EXTREMA-DIREITA

O Deputado Aírton Soares, (MDB-SP) afirmou no pequeno expediente da Câmara federal que os atos terroristas ocorridos na noite de quarta-feira no Rio revelam "o ressurgimento da extrema-direita no Brasil". Pediu urgentes explicações ao Governo e punição para os culpados.

LAMENTAVEL

"É profundamente lamentável que fatos como esses ainda possam acontecer

num país como o nosso, sem ódios ou preconceitos, cujo Governo a todo instante prega a conciliação nacional, na busca de melhores dias para o nosso povo" comentou, também no pequeno expediente, o Deputado Darcelio Aires (Arena-SP).

Ulisses Guimarães, ao embarcar ontem à noite para Belém do Pará.

Afirmou esperar que o Governo atue com rigor na apuração das responsabilidades pelos recentes atos terroristas no Rio de Janeiro. Lembrou que o país continua aguardando os resultados das investigações de outros atentados, como os da ABI, no Rio, e o da Cebrap, em São Paulo.

GRAVE

Na mesma sessão, o Deputado Jorge Moura (MDB-RJ) advertiu que "a hora é grave, exigindo serenidade, patriotismo e, acima de tudo, união de todos os democratas que repudiam o obscurantismo do terror".

IDENTIFICAÇÃO

O Deputado Dalton Cabral (MDB-MG) que ocupou ontem a tribuna da Assembleia Legislativa mineira, condenou os atos terroristas e atribuiu a sua execução a grupos que "querem justificar a permanência das leis do arbitrio, que cobrem de vergonha a consciência do povo brasileiro".

JOGO

No mesmo expediente, o Deputado Geraldo Remaui (Arena-MG) lamentou a ação dos que "querem transformar nosso país em caos; querem jogar uns contra os outros, num processo radical e irracional".

MINORIAS

Em Porto Alegre, o presidente do MDB gaúcho, Deputado Pedro Simon, disse, em pronunciamento na Assembleia, que as minorias apelam para a violência e o terror porque pretendem "não apenas dar o pretexto de não permitir uma abertura maior, como, se depender delas, fechar ainda mais o que resta de nossas instituições democráticas".

INCOMPATÍVEL

"É uma violência incompatível contra a nossa índole", destacou o Presidente em exercício da Arena gaúcha, Sr. Otávio Cardoso.

PUNIÇÃO

O líder da bancada da Arena no Rio Grande do Sul, Deputado Hugo Maridini, afirmou que ele e seus liderados confiam na ação do Governo, que haverá de "investigar, colir e punir" os responsáveis pelos atentados recentes, com a mesma energia com que tem agido na repressão à subversão.

CLIMA

Os Deputados Edson Khair e Délio dos Santos, ambos do MDB, e Jorge David (Arena) condenaram, ontem, na sessão ordinária da Assembleia Legislativa, os últimos atentados ocorridos no Rio, estimando pela rápida apuração dos fatos, "porque a Nação não pode viver permanentemente sob o

pacote do terror".

Na mesma sessão, o Deputado Francisco Lomellino (MDB) afirmou que "a serenidade do Governo haverá de conduzir o país a rumos seguros, com a descoberta dos autores dos atentados".

ABOMINÁVEL

Na Capital balnear, o Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, D. Avelar Brandão Vilela, disse que "o abominável atentado sofrido pelo Bispo de Nova Iguaçu só tem similar nos atos de antropofagia dos índios caretés no episódio de D. Pedro Sardinha, no século XVI".

ATROPELO

O Cardeal de Porto Alegre, D. Vicente Scherer, afirmou que o sequestro de D. Adriano Hipólito "é um atropelo de um direito fundamental, não só da própria pessoa atingida como também de qualquer criatura humana".

MEDO

"Nossa única preocupação é o povo, que não pode sentir mais medo. É importante que o povo não sinta uma nova pressão, por causa do medo, ele que já vive com outros tipos de pressões, como a economia", declarou em São Paulo o Cardeal-Arcebispo D. Paulo Evaristo Arns.

Nota do I Exército

A. O Exército, como o povo brasileiro, tem uma firme consciência democrática e, conseqüentemente condena e combate qualquer atividade extremista;

B. Fatos episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existentes na área;

2. O Governo do Estado do Rio de Janeiro através de sua Secretaria de Segurança está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente Inquérito Policial;

3. A confiança no Governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos.

Nota da CNBB

"A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Weberling, cujo corpo foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal da Pastoral, em sua sessão ordinária, fulga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1. Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que a Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando.

2. Reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundido-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos e, num fato como esse, na seqüência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna de ser testemunha do sangue que se derrama com o sangue o seu testemunho cristão;

3. Agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vêm recebendo de todos os recantos do Brasil.

4. Renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venham e a quem quer que atinjam.

Nota da ABI

"Mais uma vez, a Associação Brasileira de Imprensa se vê na contingência de manifestar-se em defesa da segurança e da liberdade dos jornais e dos jornalistas, novamente agredidos, direta e indiretamente, pela ação do terrorismo.

O atentado a Riberto Marinho, diretor-geral-chefe de O Globo e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror. Depois da agressão à ABI, à Ordem dos Advogados do Brasil e a outras entidades representativas da inteligência e do pensamento liberal do país, a violência encapuzada lança-se, agora, contra a própria integridade individual, na pessoa de um bispo e de um empresário de imprensa.

É sintomático que os atos desta sanha — incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destinam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento social: a Igreja, a OAB e a Imprensa.

A ABI entende, no entanto, que o objetivo estratégico do extremismo está mais longe — visando, em verdade, ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais, em que se envolve historicamente a Nação inteira.

É por isso que, ao tornar público o seu repúdio e a sua condenação aos arreganhos do terror, a Associação Brasileira de Imprensa insiste na necessidade de que a opinião pública se concentre na expectativa e no apoio das medidas indispensáveis à urgente e completa purgação desses crimes contra a Nação".



Bomba partiu vidros, mas não afetou o antigo refúgio, nem a tapeçaria do francês Lurçat

O Bispo Adriano Hipólito (E) foi à Delegacia depois de arrumar algumas roupas emprestadas

Delegado vê ação comunista na explosão do Volkswagen

Na verdade, tudo demonstra que se trata de uma campanha comunista, com o objetivo de colocar em dúvida a segurança pública, através de uma "campanha de assaltos e seqüestros", contra os órgãos governamentais". A opinião é do Delegado da 9a. DP, Jack de Brito, que registrou a explosão do Volkswagen no Livro de Ocorrências. A anotação tem o número 365. Várias pessoas, entre as quais o bispo de Nova Iguaçu, seu sobrinho e a namorada deste, foram ouvidas no início das investigações sobre o seqüestro de D Adriano Hipólito, a explosão de uma bomba na casa do Sr Roberto Marinho e a explosão de um carro abandonado na frente à CNBB. Não houve prioridade na informação é da Assessoria de Comunicações Sociais, da Secretaria de Segurança Pública.

Pistas

A suécia do Bispo, com manchas de sangue, cordas e pedaços de esparadrapos com que o seu sobrinho foram amordados e manietados e que poderiam servir de pista na caça aos seqüestradores, foram desprezadas no momento em que as vítimas sofreram seqüestro. Trata-se de um terreno baldio na Estrada do Catonho, que

até o final dos anos 60 serviu de cemitério ao Esquadrão da Morte. Na Rua Japurá, onde D Adriano foi deixado nu, na noite de quarta-feira, ninguém comenta o assunto. Apenas um homem de cabelos grisalhos disse que uma mulher — cujo nome não quis revelar — viu quando dois homens deixaram um outro, completamente despido e amarrado, na calçada em frente ao nº 365. Os moradores da casa que fica no fundo do terreno que tem o número indicado pela testemunha afirmam que nada viram naquela noite. Dizem que se recolhem cedo porque o comércio fecha antes das 21h e, com a rua deserta, cresce o risco dos assaltos.

Bomba

Só a comparação dos fragmentos poderá determinar se a bomba lançada contra a residência do Sr Roberto Marinho, no Cosme Velho, é do tipo da que explodiu na ABI, afirmou ontem o diretor do Departamento Geral de Investigações Especiais, Delegado José Nicanor de Almeida.

Ele disse que, devido ao caráter sigiloso do inquérito, nada mais poderia revelar, a não ser a transmissão de todas as informações recebidas do Secretário de Segurança

Pública, General Osvaldo Inácio Dominguez. A maioria dessas informações foi obtida junto ao Delegado Borges Fortes.

O carro

No Livro de Ocorrência de sua Delegacia, o delegado Jack de Brito diz que no Volkswagen abandonado na Glória, após a explosão, foram encontrados sapatos, documentos pessoais e do veículo, além de pedaços de calça e camisa. Quando se encontrava no local, acrescenta, foi informado por D Ivo de que o automóvel pertencia a D Adriano Hipólito, seqüestrado horas antes em Nova Iguaçu.

O policial afirma ainda que soube, através de um soldado-bombeiro, de uma informação prestada por uma criança, segundo a qual um dos ocupantes do carro pôs um envelope num monte de terra. Nesse envelope havia uma mensagem, com ameaças, assinada pela Associação Anticomunista Brasileira. Em meio às providências que eram tomadas, destaca o Sr Jack de Brito, surgiram autoridades do Departamento Geral de Investigações Especiais, às quais foi transferido o material arrecadado, após os exames periciais realizados pelo perito Pires.

Relato na palestra quem o

— Isso é parte sem-vergonha.

Esta é uma palestra de D Adriano Hipólito, traidores, conforme o grafo Adir Mera, e num terreno

"Quando o e hematomas nas coxas, vou dos seqüestros, região dos rins", diz, pois de ver que tudo o que aconteceu

Relato

"Eu saí da casa do Couto, com meu sobrinho, do percebemos que em nossa direção meu Volkswagen. mas os carros se nos fechar. Meu sobrinho eles também. A suécia deu para nós fazer homens. Dois ficaram; outros dois a meu carro.

Dirigiram-se a um assalto. Você vale 40 milhas". apanhar. Ainda gritando agoniado guida, os carros a A corda que o preso eu não respirava; posso identificar, minha batina e os pedaços, assim como totalmente despido tina estavam sobre

A única coisa traidores é que um usava óculos de era gago. Pelo barbeador que tomávamos da, pegamos ruas parávamos muito. ruas esburacadas. deixaram de me bater há uma hora quando uma algema, velha algumas palavras surra nas minhas

Disseram que seu comunista ser morrer porque o ninguém agora." e paramos num local meio lugar, e em um líquido e pelo solina. Pelo que pelo barbeador

Descuido ajudou fuga da noiva

"Menina, se gritar ou correr vai morrer". A ameaça de um dos seis homens armados que a cercavam fez parar por uns instantes Maria Del Pilar Iglésias Vila quando ela tentava sair do banco traseiro do Volkswagen FB-7591 (RJ) — dirigido pelo seu noivo Fernando Leal Nebring e de propriedade do Bispo de Nova Iguaçu, D Adriano Hipólito, ambos sequestrados às 19h40m de quarta-feira próximo ao número 671 da Rua Paraguaçu, no Bairro da Posse.

Sob efeito de calmantes, ainda nervosa e gaguejando, Maria Iglésias disse ontem que conseguiu sair por descuido dos sequestradores e porque sua mãe apareceu atraída pelos seus gritos. Os seis homens que levaram o Bispo e seu sobrinho vinham seguindo-os desde a Cúria Metropolitana, a cerca de seis quilômetros de distância do local do sequestro — uma rua sem calçamento e sem iluminação.

Ação rápida

Maria Iglésias aparenta cerca de 20 anos e voltava, como faz diariamente, da Cúria Metropolitana — onde trabalha no arquivo — acompanhada por Fernando e o Bispo que moram perto de sua casa. Ela afirmou que já haviam notado que três carros os seguiam e, ao chegar perto de um terreno baldio ao lado de sua casa — na Rua Paraguaçu, 671 — foram abordados por um Corcel e um Volkswagen (ambos vermelhos). O terceiro veículo, não identificado, ficou estacionado próximo à esquina da Estrada do Ambaí.

Os seis homens, todos com revólveres, abriram rapidamente as duas portas do Volkswagen do Bispo, e arrancaram primeiro Fer-

nando Leal, que dirigia o veículo. Nessa hora, Maria Iglésias tentou escapar pela porta aberta mas recebeu a ameaça de um dos homens, que ela não soube descrever. Parou por alguns instantes e, quando o Bispo foi retirado do carro, pela outra porta, aproveitou e correu gritando, para sua casa.

Ela viu ainda os seis homens colocarem um capuz no rosto de D Adriano Hipólito, que já estava sendo espancado, caído no chão. Os sequestradores colocaram Fernando no banco de trás e "me parece que o Bispo foi colocado no outro carro". Em velocidade, eles desceram pela Rua Paraguaçu, dobraram à direita para a Estrada do Ambaí, e desapareceram. Nenhum vizinho ou funcionário da padaria que fica na esquina diz ter visto alguma coisa "a não ser gritos e os carros passando em velocidade".

Medo ainda

A disposição de Maria Iglésias para contar detalhes do sequestro era contida ontem pela sua mãe Albina Vila Lourenço, que, amedrontada com a presença de fotógrafos, fez a filha entrar em casa, trancando-a por volta das 10h e "pedindo que a deixassem em paz, depois de tudo o que aconteceu".

As duas portas da casa rosa e branca da Rua Paraguaçu ficaram fechadas a partir deste momento e só foram reabertas quando, duas horas depois, chegou à residência a Kombi verde FB-2335 (RJ) — com a irmã de D Adriano, Sra Helena Hipólito Cerqueira Passos — acompanhada de dois homens e outra mulher — que chorando foi falar com Maria Iglésias e sua mãe.

Ela se demorou por aproxima-

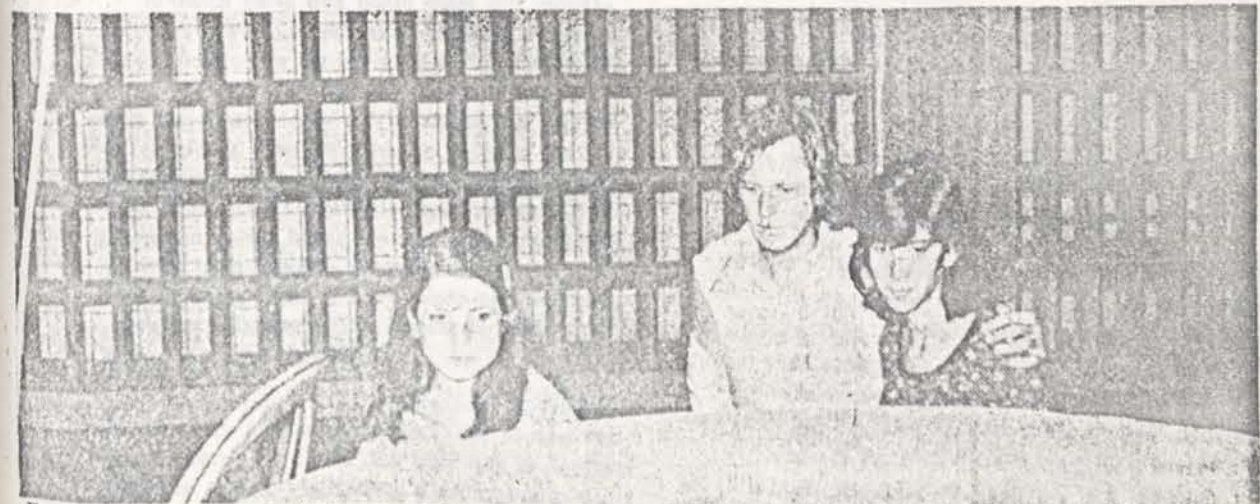
damente 10 minutos — e seus acampanhantes falaram apenas "que estavam ainda à procura de D Adriano e de Fernando, ainda não localizados nem pela família, e por favor não insistam que não temos nenhuma outra informação" — seguiu direto para a casa do Bispo (Rua Comendador Francisco Rodrigues de Oliveira, lote 2, quadra 8). Alguns minutos depois, a Kombi voltou para pegar Maria Iglésias que, segundo sua mãe, "teria ido prestar depoimento no Rio".

A Rua Paraguaçu tem pequeno trecho de ladeira, sem calçamento, e não há luz em seus 100 metros iniciais — onde Fernando e D Hipólito foram sequestrados às 19h40m. Segundo os moradores, "a rua é pouco movimentada à noite e, mesmo às escuras, não há muitos assaltos".

Registro

A delegacia de Nova Iguaçu tomou conhecimento do sequestro do Bispo e seu sobrinho às 20h15m. O livro 44, par, na ocorrência 4481 registra que o Padre irlandês David John Keegan (de 49 anos, residente na catedral de Nova Iguaçu) comunicou que seis homens, em três carros — só um, o Corcel, teve sua marca anotada — haviam levado D Hipólito e Fernando.

Diz a ocorrência que Maria Iglésias e sua mãe Albina assistiram ao sequestro, sem anotar a placa dos carros, e diz que a delegacia comunicou o fato às 20h20m para a Central de Informações (tendo recebido a mensagem do plantonista Jorge) e a Delegacia de Polícia Política e Social foi avisada 10 minutos depois, e quem recebeu o comunicado foi o plantonista Souto Maior e o delegado Borges Fortes.



Fernando Leal, sobrinho do Bispo, sai do Souza Aguiar com a noiva, Maria Del Pilar

pelo barulho, levei o chão, na po

Adir Mento em jogá-lo no Japurá com levava o B estepe no de 1955 ou

"Eram bra Mera. mulher e o casa. Quando mulhe direção. Ad sequestrado da velocidade, todo v

Como sou que fo que fica na pitão Menezes pazes fora

"Até e Cheguei pintado de e vi pelos. Ele se idei Fiquei na ao que ele sa com mi e uma can

O Bispo a Mera pa fotógrafo fato de un de Jacarep

"Chegando a c desse. Niss Exército. L que imedia pólitico. Fal Bispo não

No dis o Delegado o fato, por Nova Iguaç taria de Se cia de Nov de D Adria Jacarepagu vados para tigações E até às 6 h

Relato do padre na palavra de quem o socorreu

— Isso é para aprender, seu comunista sem-vergonha.

Esta é uma das poucas frases que o Bispo D Adriano Hipólito ouviu de seus sequestradores, conforme o relato que fez ao fotógrafo Adir Mera, que o encontrou amarrado e nu num terreno baldio em Jacarepaguá.

"Quando o encontrei, estava chelo de hematomas nas costas das pancadas que levou dos sequestradores, principalmente na região dos rins", diz Mera. Mesmo assim, "depois de ver que estava seguro, contou-me tudo o que aconteceu".

Relato do Bispo

"Eu saía da Casa Paroquial de Miguel Couto, com meu sobrinho e sua noiva, quando percebemos que dois carros arrancaram em nossa direção, assim que entramos no meu Volkswagen. A princípio não ligamos, mas os carros se aproximavam e ameaçavam nos fechar. Meu sobrinho parou de repente e eles também. A sua noiva saiu correndo e não deu para nós fazermos o mesmo. Eram seis homens. Dois ficaram, agarraram meu sobrinho; outros dois a mim. Os restantes levaram meu carro.

Dirigiram-se a nós logo dizendo que "era um assalto. Você" — referindo-se a mim — "vale 40 milhas". Em seguida começaram a apanhar. Ainda deu para ouvir meu sobrinho gritando agonizado que parassem. Logo em seguida, os carros arrancaram e fui encapuzado. A corda que o prendia estava muito apertada e eu não respirava direito. Um deles, que não posso identificar, arrancou todos os botões da minha batina e com uma tesoura a cortou em pedaços, assim como a roupa de baixo. Fiquei totalmente despido, apenas os trapos da batina estavam sobre mim.

A única coisa que posso dizer dos sequestradores é que um era alto, magro, imberbe, e usava óculos de lentes grossas. O motorista era gago. Pelo barulho que vinha da rua, percebi que tomávamos a Via Dutra. Em seguida, pegamos ruas de trânsito intenso porque parávamos muito. Logo depois rodamos por ruas esburacadas. Durante todo o trajeto não deixaram de me bater. Parecia que rodávamos há uma hora quando paramos. Eu estava com uma algema, velha, e foi quando escutei mais algumas palavras deles, antes de mais uma surra nas minhas costas.

Disseram que "isto é para você aprender, seu comunista sem-vergonha. Você só não vai morrer porque o chefe não quer que matemos ninguém agora." Voltamos a rodar um pouco e paramos num local deserto, menos que o primeiro lugar, e então jogaram no meu corpo um líquido e pelo chelo pensei que fosse gasolina. Pensei que iriam me queimar. Percebi,

pelo barulho, que era spray. Tiraram meu capuz, levei um chute nas costas e fui atirado ao chão, na posição que o senhor me encontrou."

Fotógrafo

Adir Mera encontrou D Adriano no momento em que os sequestradores acabavam de jogá-lo no terreno baldio, na esquina da Rua Japurá com Capitão Machado. Viu o carro que levava o Bispo, um Chevrolet, vermelho, com o estepe no capô da mala, que lhe pareceu ser de 1955 ou 56.

"Eram aproximadamente 21h30m" — lembra Mera. "Saí com meus dois filhos, minha mulher e o filho de um amigo para levá-lo em casa. Quando passamos na esquina, eu e minha mulher vimos um carro vindo em nossa direção. Acendi o farol alto. Era o carro dos sequestradores, vindo em minha direção, a toda velocidade. Na mesma hora, vi o Bispo caído, todo vermelho. Pensei que fosse sangue."

Como o local é muito deserto e Mera pensou que fosse um assalto, correu à padaria, que fica na esquina da Rua Japurá com Capitão Meneses, onde pediu ajuda. Quatro rapazes foram com ele ao local.

"Até então não sabia do que se tratava. Cheguei perto e um senhor, despido e todo pintado de vermelho, gemia. Aproximamo-nos e vi pelos restos da batina que era um padre. Ele se identificou como D Adriano Hipólito. Fiquei na dúvida, mas, mesmo assim, atendi ao que ele queria: umas roupas. Corri em casa com minha mulher e peguei uma calça azul e uma camisa xadrez. Esqueci dos sapatos."

O Bispo vestiu-se entrou no carro e pediu a Mera para ser levado para Nova Iguaçu. O fotógrafo quis se certificar se se tratava de fato de um bispo e o levou à Casa Paroquial de Jacarepaguá.

"Cheguei lá e fiquei um bom tempo tocando a campainha, sem que ninguém atendesse. Nisso, veio um amigo meu, Major do Exército. Logo depois atendeu o Padre Pedro, que imediatamente identificou D Adriano Hipólito. Falamos em levá-lo ao Distrito, mas o Bispo não queria. Mesmo assim fomos até lá."

No distrito de Jacarepaguá, segundo Mera, o Delegado de plantão não queria registrar o fato, porque o sequestro tinha ocorrido em Nova Iguaçu. Chegaram autoridades da Secretaria de Segurança, já alertadas pela Delegacia de Nova Iguaçu, onde a noiva do sobrinho de D Adriano Hipólito apresentou queixa. De Jacarepaguá, o fotógrafo e o Bispo foram levados para o Departamento Geral de Investigações Especiais. Ali prestaram depoimento

Exército pede "tapes" à TV

Autoridades do I Exército requisitaram ontem as duas fitas do vídeo-tape — cada uma 20 minutos — gravada na tarde de quarta-feira pelo Bispo de Nova Iguaçu para a TV Globo. Durante uma hora, D Adriano gravou para o programa **Caso Verdade**, analisando assuntos de ordem sacerdotal e das vocações, relacionando-os ao homem no mundo, na comunidade, principalmente a sua, em Nova Iguaçu.

Funcionários da Rede Globo disseram que as fitas não contém declarações políticas. A entrevista foi dada ao cineasta Joaquim Pedro de Andrade. A Kombi que a equipe de reportagem utilizou na gravação feita com D Adriano foi assaltada no pátio da emissora, no Jardim Botânico, quando o vídeo-tape tinha sido recolhido. Os filmes roubados do carro ainda não estavam operados.

Proibição

As 19h 30m de ontem, as emissoras de rádio e televisão receberam o seguinte comunicado:

"De ordem superior fica proibida a divulgação da notícia, informação ou comentário sobre o sequestro do Bispo de Nova Iguaçu e da explosão da bomba na residência do Dr Roberto Marinho. (As): Moacir Coelho, diretor-geral do Departamento de Polícia Federal".

Polícia encontra bilhete nas cala

"Se é contra a propriedade, também somos contra avôcê."

Este bilhete, como está escrito, foi encontrado pela polícia perto do muro da casa do Sr Roberto Marinho. Nenhuma autoridade, porém, se pronunciou sobre a sua importância, como também nada se comentou a respeito do telefonema recebido minutos antes da explosão da bomba nos fundos da residência por um dos seis empregados da família.

Uma hora antes do acidente, aquele empregado diz que atendeu a um telefonema "muito confuso". A pessoa falava sobre a "prisão de um bispo, de uma bomba na casa e ainda fez xingamentos." Ele desligou e não deu muita importância. Pensou que era um troço. A zero hora e 10 minutos, uma explosão destruiu o telhado dos fundos.

A casa 1 105 da Rua Cosme Velho amanheceu com o portão principal fechado a cadeado, reforçado por uma grossa corrente. Dentro, numa guarita, um vigilante uniformizado de uma empresa de segurança particular afirmava que acabara de "pegar o serviço e não podia dar nenhuma informação."

Nota

Com a assinatura do Sr Roberto Marinho foi distribuída a seguinte nota:

"A bomba explodiu sobre o beiral do telhado da minha casa aos primeiros minutos de hoje (ontem), destruindo pequena parte do telhado e vidraças da casa. Não imagino qual tenha sido a motivação nem a autoria desse atentado.

O caso está entregue às autoridades policiais que, desde os primeiros momentos, demonstraram estar empenhadas em sua elucidação. Confio totalmente nelas e estou, assim como minha família e meus companheiros de trabalho, tranquilo.

O que acima de tudo lamento é que esse ato brutal feriu um de meus empregados, que está inclusive ameaçado de perder a visão de um olho, atingido pelos estilhaços de vidro. Seu estado de saúde é, neste momento, o fator de nossa maior preocupação."

Bispos não temem

atentados



D. Ivo defende ação social da Igreja

Dom Adriano considera pouca dor, comparada à do povo

— Não fui, não sou e nunca serei comunista. Defendo os interesses do povo, dos menos favorecidos. Foi com estas palavras que Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, rebatido no banco traseiro do carro, as acusações de dois dos seus sequestradores, que, segundo disse a amiga e colaboradora Vergília dos Prazeres Vergagno, eram pessoas de baixo nível cultural e que só se referiam a ele com palavrões e aos seus de "comunista".

O padre David John Keegan, da sua diocese, e que também esteve com ele no momento, Dom Adriano Hipólito confessou estar realmente feliz por ter podido compartilhar do sofrimento da população da Baixada fluminense. Na opinião, como contou Padre David, "o seqüestro e o espancamento a ele foi submetido representam pouco comparados ao sofrimento cotidiano do povo da Baixada".

Durante quase duas horas que durou o seqüestro, os dois criminosos levavam Dom Adriano pouco conversaram entre si e apenas uma vez referiram-se a outras ações que estavam empreendidas, citando diretamente o nome de "Calheiros" (Dom Edir Calheiros, Bispo de Volta Redonda), segundo contou o Bispo de Nova Iguaçu ao padre David e a Vergília dos Prazeres.

Em outra nota oficial comunicando o seqüestro do bispo à comunidade da Baixada, a Diocese afirma: "o fato é mais uma tentativa de fazer a Igreja trair a própria missão e o Senhor lhe confia. Não é um ato que atinge apenas Dom Adriano, o povo foi atingido: as bofetadas e pontapés no Bispo foram bofetadas e pontapés no povo de Deus. Mas não temos temer tais ameaças". A nota ainda conhece "muito bem" os autores do atentado: "São aqueles que querem fazer calar a voz da Igreja em defesa dos Direitos Huma-

emanadas de seus superiores. Toda a operação parecia ter um comandante (não o autor do plano), provavelmente o motorista do carro vermelho em que foi colocado, um homem de feições finas, o único detalhe que o Bispo pode ver antes de enfiarem o capuz em sua cabeça. Deitado no banco traseiro do veículo ele foi intermitentemente espancado, sobretudo com socos nos rins e na cabeça, ao mesmo tempo em que iam rasgando a cortando sua batina.

Para Vergília dos Prazeres Vergagno, Dom Adriano deu mais detalhes do seqüestro: contou que, naquele dia, Fernando Leal Webirrig (que não é seu sobrinho, mas amigo da família e que trabalha como seu motorista) resolveu tomar outra rua, fora do roteiro que habitualmente utilizava para levá-lo da Cúria, no Centro de Nova Iguaçu, ao Bairro da Posse, onde mora. Durante o trajeto, Fernando e Dom Adriano notaram que um carro estava tentando fechá-los, o que não conseguiu. Quando o Volkswagen de Dom Adriano chegou à bifurcação, entrou na rua fora do roteiro habitual, enquanto os dois carros dos seqüestradores seguiram (e logo depois pararam) pela outra, como já deviam ter planejado após investigarem os passos do Bispo.

Dom Adriano disse a Vergília ter até comentado com Fernando que os dois motoristas estavam brigando. Na sua opinião, o seqüestro deveria ter ocorrido naquele ponto, na porta da casa de Maria Del Pilar, na Rua Paraguassu, quase esquina de Estrada do Ambai, a ação foi finalmente consumada e, a princípio, pensou que se tratava de um assalto comum. Fernando, após ser retirado do volante, chegou a dizer aos seqüestradores que aquele era o Bispo de Nova Iguaçu para demonstrar que estavam "assaltando" a pessoa errada. Os seqüestradores riram e debocharam da informação de Fernando e empurraram Dom Adriano para dentro do carro vermelho, no banco de trás, acompanhado por um dos criminosos.

O padre David o Bispo disse que os seqüestradores agiam visivelmente como simples executores de ordens.

Boatos sobre novos atentados mobilizam sistema policial

Exemplo do que ocorreu depois de atentados terroristas contra as sedes da Associação Brasileira de Imprensa e Ordem dos Advogados do Brasil, em 19 de agosto último, o Rio de Janeiro ontem outro dia de tensão, vivida por uma onda de boatos e telefonemas anônimos anunciando atos da Aliança Anticomunista Brasileira. As seções especializadas da Secretaria de Segurança do Estado e ganhos de segurança foram imediatamente mobilizados, para desativar bombas inexistentes no Ministério da Educação, Vale do Rio Doce, Globo, jornal "O Globo" e até na Igreja São Sebastião.

O primeiro boato foi na Clínica São Sebastião, no Catete, que teve suas salas vistoriadas. Em consequência, a presa política Jesse Jane, ali foi internada para ter filhos, ou sendo removida para o presídio Talavera Bruce, em Bangu, 24 horas antes da alta prevista pelos médicos. A liberação para a remoção foi dada pelo médico que acompanhou o parto.

Pela manhã, um telefonema anônimo provocou nova mobilização policial para a sede da TV Globo, no Jardim Botânico, que foi totalmente revistada e liberada poucas horas depois, não sendo necessário evacuar o prédio. O mesmo ocorreu na sede do "O GLOBO" horas mais tarde. Agentes de segurança revistaram o prédio inutilmente.

A sequência de boatos não parou aí. A agência Rio Branco do Banco do Brasil também foi revistada em consequência de uma ameaça anônima. O mesmo aconteceu na sede da Companhia Vale do Rio Doce, onde os 11 andares da empresa foram revistados sem sucesso.

Pela segunda vez o expediente do Ministério da Educação foi encerrado mais cedo por causa de um boato de bomba. Da mesma forma que 24 horas depois dos atentados, a ABI e OAB, ontem, depois das 14 horas o prédio foi evacuado e o expediente encerrado para que as autoridades policiais procurassem uma bomba inexistente.

DOM Ivo Lorscheiter, secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil disse ontem que o atentado contra a CNBB e o seqüestro e as violências sofridas pelo bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, "só vêm demonstrar que não estamos tão errados no que fazemos". Dom Ivo atribuiu a violência a grupos de extrema direita e reafirmou sua posição a favor da ação social e política da Igreja e disse que a CNBB não tem medo de novos atentados.

Explicando o termo político como "o exercício do poder na realização do senso comum e a consequente e consciente participação do povo nesta ação". Dom Ivo disse ainda que a Igreja tem af dois papéis: inspirar o comportamento dos governantes e ao mesmo tempo educar o povo para esta participação política.

Estas palavras foram ditas ontem em entrevista à imprensa na sede da CNBB onde Dom Ivo Lorscheiter acompanhado do Bispo de Santo André - Dom Cláudio Humens - e do Bispo de Rio Branco - Dom Moacyr Grechi - também explicaram os temas debatidos na Reunião Ordinária da Presidência da CNBB, que terminou dia 24 deste mês.

Dom Ivo admitiu que o atentado poderia ter sido feito por grupos que não se sentem satisfeitos com a atuação social de Dom Adriano Hipólito na Baixada. O secretário geral da CNBB disse ainda que na realidade as violências sofridas por Dom Adriano são um atentado contra a ação social da Igreja e da CNBB. "Todo cidadão autêntico, acrescentou, deve porém dizer a todo momento: estou no mundo para melhorar o mundo."

Dom Ivo disse ainda que tem esperança de que o povo brasileiro encontrará rapidamente o seu juízo e voltará ao bom senso e à fraternidade o mais rápido possível. "Sempre, conti-

nuou Dom Ivo, em outras oportunidades o brasileiro encontrou soluções boas, por que não encontraria agora?"

- Estes atos não são só do Brasil e refletem, na realidade o atual panorama mundial. É penoso constatar que no momento em que a sociedade atinge os últimos requintes do chamado trato social estamos desaprendendo a verdadeira prática dos direitos e respeito humanos. Fico perplexo ao constatar que depois de termos atingido o máximo em termos de conquista técnica estejamos ficando mais bestas."

Dom Ivo Lorscheiter afirmou que a CNBB não tem medo de novos atentados. "Isto só encoraja a Igreja a lutar cada vez mais pelos direitos humanos." Segundo ele, o Episcopado vê Dom Adriano Hipólito como um homem bastante universal não só na sua ação social mas também em outros setores como nas vocações sacerdotais onde a sua atuação foi sempre marcante.

A CNBB recebeu a solidariedade na forma de telegramas e telefonemas de todos os bispos do Brasil. Lendo trechos do telegrama de Dom Benedito Zoze - Bispo do Rio Grande do Sul - Dom Ivo resumiu o teor de todos os outros: "Com atentados como estes todos nós na realidade somos atingidos. Mas se a Igreja é autêntica e madura não vai ser ingênua e nem vamos ficar em pânico. Expressamos a nossa solidariedade e oramos para que os que cometeram este ato se convertam a melhores sentimentos."

- Todo o episódio do seqüestro do bispo será relatado ao Papa Paulo VI pelo Núncio Apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco, informou Dom Ivo. O Núncio, que estava por acaso no Rio quando houve o seqüestro, permaneceu várias horas ao lado do Bispo de Nova Iguaçu, inclusive quando ele foi prestar depoimento no DPS.



O bispo foi encontrado na rua, completamente despido e amarrado

I Exército condena e combate qualquer atividade extremista

O Comando do I Exército, ontem à noite, distribuiu à Imprensa a seguinte nota:

"1. O Comando do I Exército, em face dos acontecimentos ocorridos na noite de ontem e na madrugada de hoje, envolvendo o Bispo de Nova Iguaçu e a residência do Dr. Roberto Marinho, tem o dever de esclarecer:

a - o Exército, como o povo brasileiro, tem uma firme consciência democrática e, conseqüentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

b - atos episódicos criminosos não

afetam a tranquilidade e paz existentes na área;

2. - O Governador do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto competente inquérito policial;

3. - a confiança no Governo e na ação das Forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos.

a) Gen. Reynaldo Melo de Almeida - Comandante do I Exército."

Cardeal lamenta atentado a bispo

A Assessoria de Imprensa do Palácio São Joaquim distribuiu a seguinte declaração do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio de Araujo Sales:

"O seqüestro de Dom Adriano, Bispo de Nova Iguaçu, fere profundamente os sentimentos de nosso povo. Nessa oportunidade, reitero a veemente condenação desses atos terroristas, feita há poucas semanas. Aliás, eles não atingem a alvo desejado. Triste de um país onde a conduta dos cidadãos fica à mercê da insanidade de alguns. Sei que as Autoridades estão profundamente empenhadas na identificação e castigo dos criminosos."



Permanece vazio o palacete do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito. O sobrinho do prelado, Fernando Leal Wedering, que também foi sequestrado, sumiu. Sua noiva, Maria Del Rio Pilar, descreveu para a polícia o seqüestro.

Bispos manifestam seu repúdio a todos os atos de terrorismo

"A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A Presidência da CNBB, reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1. Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;
2. reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo

primário são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundido-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos, e num fato como esses, na seqüência de outros fatos sangrentos, longê de se atemorizar ela se enche de júbilo na certeza de ser julgada digna de milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristão;

3. agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vêm recebendo de todos os recantos do Brasil;
4. renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venham e a quem quer que atinjam."

Somem o bispo e seu sobrinho após o seqüestro e explosão

Depois do seqüestro, o Bispo Adriano Mandarino Hipólito desapareceu. Seu sobrinho, Fernando Leal Webering, após ser atendido no Hospital Olivério Kraemer, também sumiu. Ninguém sabe do paradeiro dos dois, nem Helena Hipólito Cerqueira Passos, irmã do bispo, nem Maria Del Rio Pilar, noiva de Fernando. Enquanto isso, o DGIE assume as diligências do atentado.

Nem mesmo os parentes sabem do paradeiro do Bispo Adriano Mandarino Hipólito e de seu sobrinho Fernando Leal Webering, ambos seqüestrados às 19 horas de quarta-feira, em Nova Iguaçu, e libertados em lugares diferentes, depois de seviciados.

O bispo, completamente nu e amarrado, foi abandonado em Jacarepaguá, enquanto o estudante Fernando, manietado e amordaçado, era deixado na Estrada do Catonho, em frente ao Motel Tabas. Os patrulheiros da RP-54-0110 encaminharam o jovem ao Hospital Olivério Kraemer, que ali deu entrada com escoriações, hematomas no frontal e forte hemorragia nasal.

Estranhamente, Fernando fugiu depois de medicado, acreditando-se tenha o estudante se deixado dominar pelo pavor. Sua ficha hospitalar registra seu nome e endereço, porque a todas as outras perguntas Fernando preferiu afirmar que de mais nada se lembrava.

Três delegacias registraram a ocorrência: de Nova Iguaçu, onde ocorreu o seqüestro; de Madureira (29ª DP), que anotou os fatos narrados pelo bispo, e a de Realengo (33ª DP), jurisdição em que foi encontrado o estudante. Todavia, como o fato parece ter sido obra de um grupo terrorista, cujos elementos se afirmaram ligados à Aliança Anticomunista, o Departamento Geral de Investigações Especiais assumiu a responsabilidade de seu total esclarecimento.

No palacete da Rua Francisco de Oliveira, Parque Flora, Nova Iguaçu, residência do bispo, ninguém sabe de seu paradeiro. Até mesmo sua irmã Helena Hipólito Cerqueira Passos, na Kombi FB-2335, em companhia de três pessoas amigas, procurou-o o dia todo sem sucesso.

O DIA • O jornal de maior circulação do País

Fogem do Rio terroristas que atacaram o Bispo FEDERAIS CACAM SEQÜESTRADORES

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil condenou ontem o atentado de que foram vítimas o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hipólito, de 58 anos, e seu sobrinho Fernando Leal Webering. A respeito, a CNBB distribuiu, à tarde, uma nota oficial, na qual considera «uma glória para a Igreja do Brasil, o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos».

Enquanto isso, muitas pessoas procuravam entrar em contato com Dom Adriano Mandarino Hipólito, mas este não foi encontrado na Catedral de Nova Iguaçu, onde apenas um menor não identificado informou que recebera ordens para não falar a respeito. Disse que o Bispo estava descausando em local incerto e ignorado, para se refazer do trauma sofrido no ato do seqüestro. Sobre isso, a Secretaria de Segurança Pública também distribuiu uma nota oficial, dando conta de que diligências estão sendo realizadas em caráter sigiloso, visando a descobrir os autores do seqüestro e da explosão de seu carro, no Largo da Glória.

O SEQÜESTRO

Conforme noticiamos, o Bispo Adriano Mandarino Hipólito estava em seu fuscão chapa RJ FB 75-91, em companhia de seu sobrinho, Fernando Leal Webering e da noiva deste, Maria del Pilar Iglesias Vila, quando, na Rua Paraguassu, defronte ao nº 671, onde reside a jovem, surgiram três carros, um deles um «Corcé», conduzindo seis indivíduos, que investiram contra o veículo em que se encontrava o Bispo. Maria del Pilar teve tempo para correr até sua casa, mas o sacerdote e seu sobrinho foram agarrados. No Bispo, os elementos colocaram um capuz negro, levando-o para um fuscão, enquanto outros mantinham Fernando no fuscão.

Mais tarde, sem roupas e pintado de vermelho (mercúrio cromo) o Bispo Adriano Mandarino Hipólito foi encontrado na Rua Japurá, em Jacarepaguá, onde um jornalista ali residente lhe forneceu roupas, levando-o à 29ª Delegacia Policial.

Quanto a Fernando, era encontrado, amarrado, no Jardim Sulacap, enquanto o fuscão explodia, em seguida, no Largo da Glória, em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Fernando, muito nervoso, teve que ser medicado no Hospital Olivério Kraemer. A Polícia estabeleceu um roteiro: o seqüestro ocorreu em Nova Iguaçu, tendo o Bispo sido encontrado em Jacarepaguá, seu sobrinho no Jardim Sulacap e o fuscão no Largo da Glória, sobre uma bomba que logo explodiu.

HORAS DRAMÁTICAS

Em seu único contato com as autoridades policiais, o Bispo relatou o drama que viveu durante o tempo em que esteve nas mãos dos seqüestradores. Ele se preocupava com o destino do sobrinho. Contou que os terroristas, tão logo o apanharam, colocaram-lhe um capuz e que o carro em que viajavam passou por diversas ruas, algumas calçadas e outras esburacadas. Durante a viagem, os seqüestradores cortaram sua batinha, até deixá-la em frangalhos, obrigando-o a beber cachaca, tendo ainda pintado seu corpo de vermelho, com mercúrio cromo.

Eles diziam pertencer à Aliança Anticomunista do Brasil, alegando que haviam recebido ordens de seu chefe para não mata-lo naquela ocasião.

Minutos depois da chegada do religioso à delegacia, ali apareciam o vigário da Catedral de Nova Iguaçu, Monsenhor Artur Hartemann e os padres Manuel Monteiro, André Cook e David Kingan, este o que fez a primeira comunicação à Polícia. A eles, o Bispo disse que no fuscão havia duas pastas tipo 007, uma com a importância de Cr\$ 5 mil e a outra com vários documentos importantes.

A informação de que o fuscão do religioso havia explodido no Largo da Glória chegou justamente quando a vítima ainda prestava depoimento. Naquele momento, Dom Adriano Mandarino Hipólito manifestou profunda preocupação com seu sobrinho, levado naquele carro, mas quando chegou a notícia de que o rapaz fora encontrado no bairro Su-

lacap, o Bispo deixou claro seu alívio, ao dizer «graças a Deus».

Outros detalhes sobre a explosão forneciam um quadro real: testemunhas viram os seqüestradores deixando o carro e largando um embrulho sob ele. Em seguida, a explosão, defronte à sede da CNBB.

OUTRA BOMBA

Pouco depois, explodiu uma bomba na residência do jornalista Roberto Marinho, na Rua Cosme Velho, próximo à sede da CNBB, estando a Polícia procurando estabelecer uma ligação entre os dois fatos, em diligências sigilosas, às quais ninguém tem acesso.

Saba-se, contudo, que a Polícia apreendeu perto ao Fuscão que explodiu um panfleto assinado pela Aliança Anticomunista do Brasil, anunciando que diversas autoridades eclesásticas entre outras Dom Hélder Câmara, consideradas comunistas, serão alvo de atentados semelhantes. A mensagem não foi liberada à imprensa, mas um policial forneceu a informação, sem, contudo, lembrar os nomes das próximas vítimas. A mensagem estava dentro de um envelope, que ao ser aberto provocou providências da Polícia, no sentido de que os jornalistas a ele não tivessem acesso. A Delegacia de Polícia Política e Social centralizou todas as suas investigações em torno dos atentados.

Houve uma controvérsia quanto ao registro dos fatos, ocorridos em jurisdições diferentes, mas a Delegacia de Nova Iguaçu fez o registro do seqüestro enquanto a Secretaria de Segurança advoca o caso, não se sabendo das medidas tomadas no que se refere ao registro dos acontecimentos.

Permaneceram junto aos escombros do carro, duas Patrulhas da PM e peritos do Instituto de Criminalística. O seqüestro ocorreu às 19h40min, tendo chegado ao conhecimento das autoridades de Nova Iguaçu às 20h15min, através do Padre David John Kiegan, que foi avisado pela noiva de Fernando.

DESCRIÇÃO

Os fances do seqüestro, juntando-se as informações do Bispo e de Fernando, foram, detalhadamente, os seguintes: assim que o Fuscão parou e Maria saltou, surgiram três carros conduzindo seis elementos, todos armados. O Bispo passou para outro carro e Fernando permaneceu no Fuscão. Entre os seqüestradores estava um branco, de óculos e um moreno.

O religioso, a partir do seqüestro, levou socos e pontapés, sofrendo outras torturas, até a humilhação de ter suas roupas dilaceradas e o corpo nu pintado de vermelho, com mercúrio-cromo. Dizia-se que a Polícia estava preparando um retrato-falado do homem branco, de óculos e do moreno, conforme descrição das vítimas.

CARRO ROUBADO

O Fusca de chapa RJ LI-82-90, cor azul, está sendo procurado pela Polícia. Seus ocupantes são os principais suspeitos do atentado à bomba contra a residência do jornalista Roberto Marinho. A Polícia concluiu que a bomba foi jogada pelos ocupantes, quando o carro descia a Ladeira dos Guararapes, que dá para os fundos da casa do jornalista.

NOTA OFICIAL

Ontem, pela manhã, durante a reunião ordinária da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, foram tratados diversos assuntos, mas o principal foi a análise, sob todos os aspectos, do seqüestro do Bispo Adriano Mandarino Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Webering. Na ocasião — à tarde — a CNBB distribuiu a seguinte nota oficial:

«A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

A presidência da CNBB reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral, em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

1. Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão no Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade o seu sobrinho Fernando;
2. reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu



Na Estrada do Catonho, em Jacarepaguá, a Polícia encontrou fragmentos da batina do Bispo e pedaços de cordas utilizados pelos terroristas

fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos, e num fato como esse, na seqüência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que selaram com o sangue o seu testemunho cristão;

3. agradecendo, em nome das vítimas, às inúmeras provas de solidariedade que vêm recebendo de todos os recantos do Brasil;

4. renovando, nesta circunstância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venham e a quem quer que atinjam.

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1976.

SOLIDARIEDADE

Ainda pela manhã, o Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, acompanhado do Núncio Carmine Rocco, do Arcebispo de Niterói, Dom José Gonçalves da Costa, também Secretário-Geral Leste I, que compreende todas as dioceses do Rio de Janeiro, e do Bispo Auxiliar, Dom Eduardo Kozak, avistou-se com o Bispo Adriano Mandarino Hipólito, em local desconhecido (apenas agentes de órgãos de segurança sabem onde se encontra o bispo e o mantém sob proteção), para manifestar-lhe solidariedade e comunicar-lhe todas as providências policiais que vêm sendo tomadas com o objetivo de descobrir os seqüestradores.

Ào mesmo tempo, a Associação de Imprensa do Palácio do Rio de Janeiro distribuiu a seguinte declaração oficial de Dom Eugênio Sales:

«O seqüestro de Dom Adriano, Bispo de Nova Iguaçu, fere profundamente os sentimentos do nosso povo. Nessa oportunidade, reitero a vemente condenação desses atos terroristas, feita há poucas semanas. Aliás, eles não atingem o alvo desejado. Triste de um país onde a conduta dos cidadãos fica à mercê da insanidade de alguns. Sei que autoridades estão firmemente empenhadas na identificação e castigo dos criminosos.»

NOVOS DEPOIMENTOS

As investigações em torno dos atentados

estão sendo feitas pelo DPPS, Polícia Federal e órgãos de segurança. Mas será no DPPS a tomada de depoimento do Bispo, seu sobrinho e a noiva deste. Os primeiros depoimentos foram confusos, compreendendo-se o estado psicológico das vítimas. Para a Polícia, os elementos planejaram demoradamente o seqüestro, com três campos de ação diferentes, o que não permitiu uma ação policial mais eficiente.

EXPLOSAO VIOLENTA

O delegado Jack de Brito, de plantão na 9ª Delegacia Policial, no momento da explosão, disse que ouviu o barulho, mas pensou que fosse algum acidente nas obras do metrô. Pouco depois, era informado por seus auxiliares sobre a explosão do carro. Foi ao local e ali encontrou o Bispo Ivo Lorscheider, da CNBB, que lhe falou do seqüestro de Dom Adriano Mandarino Hipólito, fornecendo a placa do carro do religioso. O policial, então, encontrou uma das rodas do carro e um pedaço do pára-lama, comunicando-se com a DPPS e a Divisão de Órgãos de Segurança. Segundo depoimentos colhidos no local, a explosão foi tão violenta que o carro se deslocoou dois metros, indo parar na calçada, ficando totalmente destruído. Num raio de vinte metros foram encontrados destroços, assim como a placa, que coincidia com o número fornecido pelo Bispo Ivo Lorscheider.

Durante toda a madrugada, as autoridades se empenharam em recolher os destroços e mínimos fragmentos na área onde o carro explodiu, tendo o material sido levado para o Instituto de Criminalística, onde está sendo submetido a exame.

POLICIA FEDERAL INVESTIGA

A propósito do seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu e atentado a bomba à residência do Sr. Roberto Marinho, apuramos que a Polícia Federal já entrou em diligência para identificação e captura dos responsáveis, atuando em consonância com o Departamento Geral de Investigações Especiais, da Secretaria de Segurança.

A atuação dos agentes da Polícia Federal se estenderá na proporção das suspeitas de que os terroristas tenham saído do Estado do Rio de Janeiro. No momento, uma das maiores preocupações da Polícia Federal é levantar os objetivos do atentado, que ainda não estão claros para as autoridades.

EXAMES DAS BOMBAS

O diretor do DGIE informou ontem que todo o efetivo do Departamento está empenhado no esclarecimento do atentado a bomba e do seqüestro do bispo e seu sobrinho. Disse, ainda, o delegado que os fragmentos das bombas usadas no carro do bispo e na residência do jornalista estão sendo analisados no Instituto de Criminalística e serão comparados aos do petardo que explodiu, há dias, na sede da Associação Brasileira de Imprensa.

Enquanto agentes do DGIE trabalham no caso na área do Grande Rio e já em outras cidades, prossegue o inquérito sigiloso instaurado sobre o caso. O delegado Borges Fortes, assistente do Departamento de Polícia Política e Social, está à frente das investigações.

ROUPAS ENCONTRADAS

Algumas das roupas utilizadas por D. Adriano Hipólito ao ser seqüestrado foram encontradas num desvio da Estrada do Catonho, em Jacarepaguá, com pedaços de corda e de esparadrapo.

Fernando, ao ser encontrado, estava amarrado, tinha os olhos vendados e a boca coberta com esparadrapo. Sangrava no rosto, por ter tentado tirar a venda suspensa a cabeça numa pedra.

A MOÇA CORREU

Maria del Pilar Iglesias, namorada de Fernando Leal e que estava em companhia dele e do bispo no momento do seqüestro, trabalha na Cúria Metropolitana de Nova Iguaçu.

Ela disse que o carro do bispo, tio de seu namorado, foi "fechado" por um fuscão e um Corcel vermelho, nos quais havia seis homens, todos armados. Segundo o relato, o fuscão do bispo estacionara em frente sua residência e ele correu, ainda chegando a ver quando os seqüestradores colocavam um capuz na cabeça de D. Adriano Hipólito.

Nova Iguaçu reza missa em desagravo ao Bispo agredido

O povo de Nova Iguaçu está organizando um ato religioso pelo Bispo Adriano Mandarino Hipólito, que do ato participará ainda sob os efeitos do brutal atentado que sofreu na quarta-feira passada. A missa será celebrada dia 3 de outubro, na Catedral Diocesana daquela cidade e contará com a presença de religiosos e paroquianos da Região Leste-1, que inclui, além de Nova Iguaçu, Petrópolis, Rio, Niterói, Volta Redonda e Nova Friburgo.

Milhares de adesões já chegaram às mãos do Padre David, coordenador, numa viva demonstração de afeto, solidariedade e carinho ao Bispo Hipólito, e de repúdio aos seus algozes. Padre David, como toda a população iguaçuana, não entende os motivos que provocaram tanta selvageria, que também atingiu o estudante Fernando Leal Webering, sobrinho do religioso.

Padre David lembrou ser o bispo um homem corajoso, sem medo, principalmente quando em defesa do povo, do trabalhador sem segurança, da criança abandonada. Ai, frisou, ele aborda o problema de frente, mas nunca citou nomes de responsáveis pelo que de errado existe.

— Creio — disse o padre — que alguém colocou a carapuça na cabeça e arquitetou o plano ignóbil.

O crime estúpido consternou profundamente a população de Nova Iguaçu, católicos ou não, todos perplexos com os acontecimentos, prin-

cipalmente quando a cidade tomou conhecimento de que o bispo estava internado numa casa de saúde.

As últimas informações chegadas à Catedral Diocesana de Nova Iguaçu afirmavam que o Bispo Hipólito se encontra internado numa casa de saúde, sob a responsabilidade dos membros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Falava-se também que o Bispo apresenta diversos hematomas e contusões pelo corpo, que atestam a brutalidade com que foi seviciado.

As investigações em torno dos atentados subversivos estão a cargo da DPPS, da Secretaria de Segurança, Polícia Federal e órgãos de Segurança. Mas é na primeira que serão tomados todos os depoimentos, entre eles o do Bispo, seu sobrinho, a noiva e outras pessoas que tiveram participação no caso. Para os policiais, os elementos, que, segundo declarações do Bispo e seu sobrinho, haviam planejado tudo antes de agir, seqüestrando-o em Nova Iguaçu, fazendo o que fizeram e, em seguida, seguiram para o Largo da Glória, onde, defronte ao prédio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, do outro lado da rua, estacionaram o carro, colocaram a bomba e desapareceram, para, minutos depois, provocarem a explosão na residência do jornalista Roberto Marinho, no Cosme Velho.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
	11-12-76	



JORNAL DO BRASIL Sábado, 11/12/76 1º Caderno

Policia já sabe como seriam

IGREJA — 19

os seqüestradores do Bispo

Primaz busca a verdade das torturas

Salvador — "O que interessa é a busca da verdade, pois a falta da verdade não interessa nem à Igreja nem ao Governo", disse o Cardeal-Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, D. Avelar Brandão Viela, a respeito da nota do Ministro da Justiça sobre o documento da Pastoral da Terra da CNBB, que denunciou torturas contra o Padre Florentino Maboni, no Pará.

D. Avelar não fez mais comentários, porque não dispõe, "ainda, de elementos para dizer se a nota do Ministério da Justiça está refletindo os fatos ou se o Padre foi realmente torturado conforme afirma o documento da Pastoral".

O Primaz do Brasil explicou que a Comissão Pastoral da Terra não é rigorosamente da CNBB. "E eu desconheço os documentos e fatos em que ela se baseou nos episódios do Araguaia. Não assumo em bloco suas decisões. Reservome o direito de analisar as coisas. É muito desagradável o que está ocorrendo. Por enquanto, porém, não tenho condições de me pronunciar com segurança. O assunto merece ser escia-recido".

Em Porto Alegre, o Padre Augusto Dalvit, secretário para assuntos de imprensa da Regional Sul da CNBB, afirmou que a Igreja não foi atingida pela nota do Ministério da Justiça.

"O que houve" — afirmou — foi um equívoco cometido pelo Governo, já que o Conselho Indigenista Missionário, a quem está vinculada a Comissão Pastoral da Terra, é um organismo autônomo, independente da CNBB. Assim, o relacionamento de cúpulas entre a Igreja e o Governo não ficará afetado".

Explicou que o Presidente da CNBB, Dom Aloisio Lorscheider, não se pronunciou sobre a nota porque não conhece o documento da Pastoral na íntegra, "e o fato de ter sido publicado por representantes da Igreja não significa que não se possa errar ou acertar".

Em Belo Horizonte, o Ar-

Quatro dias depois da explosão no depósito da Editora Civilização Brasileira e dois meses e meio depois do sequestro do Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, a Secretaria de Segurança Pública distribuiu três desenhos (retrato falado) de possíveis sequestradores do prelado.

Entre o início da escalada terrorista, com uma bomba na ABI em 19 de agosto e a descoberta de outra na Ordem dos Advogados, os terroristas explodiram o automóvel do bispo sequestrado, lançaram uma bomba na residência do Sr. Roberto Marinho, destruíram cinco carros na Zona Sul, e danificaram, com bombas, a Xtal do Brasil (empresa do Brigadeiro João Paulo Bournier) e a sede do semanário Opinião.

Ontem, acompanhando os desenhos, os jornais receberam a seguinte nota em papel timbrado da Secretaria de Segurança Pública:

"A SSP prossegue, através do Departamento de Polícia Política e Social do DGIE,

nas investigações para apurar os atentados a bomba, praticados na cidade, a partir de 19 de agosto deste ano, bem assim, o sequestro de D. Adriano Hipólito e do seu motorista. Apesar das dificuldades da apuração de fatos dessa natureza, lograram as autoridades, após persistentes trabalhos investigatórios, elaborar três "retratos falados" de participantes do referido sequestro. Estão sendo realizadas diligências para o levantamento da identidade dos retratados".

O Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio de Araújo Sales, revelou no final da cerimônia junto ao túmulo das vítimas da Intentiona Comunista (27 de novembro), que fora informado sobre a identidade dos sequestradores de D. Adriano Hipólito, embora não quisesse adiantar mais nada.

Ante a insistência de repórteres, já que na solenidade também estava o Ministro da Justiça, o Cardeal acrescentou que recebera a informação por telefone.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
J B	14/10.76	

O terrorismo em ação

Tristão de Athayde

As autoridades públicas, ao que se diz, estão empenhadas em elucidar de verdade os atentados terroristas, ultimamente praticados entre nós. E, acima de todos, a infamia cometida contra Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, que se converteu, de um momento para outro, no próprio símbolo do mais puro cristianismo brasileiro e da resistência ao mal. Os requintes de baixaza, de covardia e de obscuridade, utilizados na agressão contra o santo e humilde Bispo da Baixada Fluminense, revelam estar em jogo o que há de mais baixo e perverso no submundo nacional. A vida humana é de tal maneira imprevisível que, embora nos julgemos vacinados em matéria de degradação moral, ela nos revela surpresas de que nos julgávamos totalmente saturados. Como estou escrevendo este desabafo, logo após o revoltante acontecimento e antes que se tenha, ao menos oficialmente, qualquer indício que nos leve a desvendar essa tela diabólica, não temos o direito de adiantar qualquer conclusão definitiva, antes das prometidas investigações. Mas alguma coisa podemos desde já dizer. E' que, mais uma vez, se nada for de positivo apurado, como nos crimes do Esquadrão da Morte, para o conhecimento dos verdadeiros culpados, estaremos em face de mais um motivo grave para duvidar dos propósitos dessas investigações. E como continuamos a viver num regime em que a censura prévia continua a exercer a deletéria função de negar, ao povo brasileiro, o conhecimento exato do ambiente em que estamos envolvidos, esperamos sem muita esperança o que resultará dessas prometidas averiguações.

Por ora, podemos dizer apenas que o terrorismo da direita, que assumiu publicamente a responsabilidade de tais aten-

tados, é tão detestável como o terrorismo da esquerda. E mais ainda do que este, porque pode permitir supostas conviências com as forças da ordem e com ligações internacionais, como o que vem ocorrendo em países vizinhos. Especialmente na Argentina, peronista ou antiperonista. Nela, os dois tipos de terrorismo se defrontam publicamente, e a A. A. A. (Aliança Anticomunista Argentina) e os Montoneros (ala esquerda do peronismo revolucionário), se digladiam no meio da mais desbragada violência. Entre nós, estamos vendo que o terrorismo anticomunista (o comunismo tem costas largas) é um fato. E mesmo o mais antibrasileiro dos fatos. Ora, o terrorismo quando aproveita ao Poder constituído é tão abominável como quando se atira contra ele. Não é o objetivo que o desqualifica. E' o processo. O meio mais eficiente de o combater é preveni-lo, pelo ataque às causas que o provocam. A causa imediata é, sem dúvida, a falta de informação, isto é, a carência de liberdade de imprensa. A causa remota é a falta de legalidade política autêntica, isto é, a carência de justiça, particularmente econômica. Quando o binômio liberdade-justiça entra em crise, a violência toma o seu lugar. Bem sei que há causas mais vastas e mesmo supremas, como a substituição de valores morais por valores marciais e plutocráticos, como medida da civilização universal. No caso brasileiro há motivos particulares de atuação internacional, segundo a *Lei de repercussão*, que nos torna cada vez mais dependentes do que se passa fora de nossas fronteiras, como causa dos reflexos em nossa vida nacional. E até mesmo temperamental. Estamos longe ainda de ser independentes como desejariamos. Se não podemos remover essas causas remotas ou indiretas, senão por uma ação de-

morada e contínua, podemos ao menos remover ou atenuar as causas próximas ou menos remotas.

A começar pela aludida falta de liberdade, que nos é imposta por um regime autoritário e censório, que encobre a verdade em nome da segurança. Resultando daí uma crescente insegurança, em nossa vida cotidiana, de que esses atentados constituem a mais recente e conclusiva das provas. É um paradoxo mas é a verdade. Nossa segurança individual diminuiu na razão direta da segurança coletiva, como critério supremo de nossa vida política institucional. Assim como a falta de justiça social leva, inevitavelmente, à criminalidade. O JB transcreveu, há dias, trechos de uma folha diocesana de Nova Iguaçu, em que esse humilde Bispo franciscano, totalmente dedicado à causa da população mais pobre e abandonada dos subúrbios, assim como à luta contra a violência ilegal na repressão à criminalidade da Baixada Fluminense, denuncia os males sociais mais clamorosos da região. Será que essas denúncias é que provocaram tao sórdida vingança? Repito, não podemos concluir nada com segurança, antes que se desvendem os verdadeiros criminosos. Mas bem sabemos, como o dramatiza François Mauriac no seu romance *Les Anges Noirs*, que a maioria absoluta dos crimes fica, para sempre, incógnita e impune. Se esse atentado ainda não fez, de tão humilde portador da Palavra de Deus, um mártir da Fé, pelo menos o coloca entre os que derramaram seu sangue pela liberdade e pela justiça, palavras que a maldade humana vem tentando esvaziar, mas hoje voltam a nos indicar onde está o verdadeiro sentido da vida. Pois, muito mais importante do que descobrirmos o nome dos seus algozes é aprendermos a lição da vítima.

Daí a pouco, começou a me apalpar, à procura talvez de arma ou de carteira. Como não encontrasse nem uma nem outra, começou a cortar os botões do minha batina um por um

(A noite de 22 de setembro, 1976)

Na quarta-feira, dia 22 de setembro, pelas 19 hs, saí do meu gabinete na Cúria Diocesana. Tinha acabado o expediente normal meia hora mais tarde. O último atendido então foi nosso operário Fidélis, que foi assaltado no domingo anterior e vinha pedir um adiantamento em dinheiro. Desci à galeria, mas fiquei conversando ainda uns dez minutos com o P. Henrique e o P. David, da Catedral. No meu Volkswagen Sedan já estavam sentados meu sobrinho Fernando Leal Webering, ao volante e, no banco traseiro, sua noiva Maria del Pilar Iglesias.

Pelas 19,15 hs. me despedi, entrei no VW ao lado de Fernando e saímos. Tomamos o caminho de todos os dias. Sem notar nada de extraordinário. Íamos para casa, no Parque Flora. Pilar, que aproveita todas as tardinhas a carona, ficaria no caminho, na Rua Paraguaçu.

Ao entrarmos na rodovia Pres. Dutra (direção de São Paulo), um pouco depois do km. 13, como um caminhão passasse em alta velocidade, tivemos de nos manter no acostamento. Aí estava parado um Volkswagen vermelho, que atrapalhou um pouco a nossa entrada na Dutra. Passamos do acostamento para a rodovia e parece que o VW vermelho seguiu atrás de nós.

Passamos sob o viaduto que liga a rua Roberto Silveira com a estrada de Ambaí e o bairro da Posse mas, como fazemos nos últimos meses para evitar um cruzamento perigoso e muito movimento da praça da Posse, seguimos até o posto de gasolina e dobramos à direita pela rua Minas Gerais. Continuamos por essa rua normalmente. No ponto onde a rua Minas Gerais corta a rua Gama, na esquina à esquerda, estava parado um carro de faróis acesos que procurou avançar com rapidez na nossa frente. Fernando avançou mais rápido, pelo que o repreendi. Dobramos, como sempre, à direita, pela rua Gama, daí entrando pela esquerda na rua D. Benedita. Dois carros nos seguiam. Fernando observou: "Parecem malucos, ou estão brigando". Eu acrescentei: "Apreste mais para a gente não se envolver na briga". Ele acelerou e assim entramos à esquerda, na rua Moçambique. Neste momento, um VW vermelho nos fechou. Paramos um instante e olhamos indignados. Logo recomeçamos a viagem, sem ainda percebermos a situação real. Eu estive certo de que era mesmo uma briga dos dois carros. Galgamos a rua Moçambique, que é ladeirosa e curta, e no topo dobramos à direita para a rua Paraguaçu, que é onde mora Pilar, no fim, na penúltima casa antes de entrar na estrada de Ambaí. Eu disse a Fernando que se aproximasse mais do meio fio, para Pilar poder saltar sem perigo e os briguentos poderem passar sem nos incomodar.

Uns cinco metros antes do Portão de Pilar, o VW vermelho nos cortou pela frente e um outro carro pelo lado. Saltam cinco ou seis homens armados de pistolas, ameaçadores, e se aproximam do nosso carro. Do meu lado um grita: "É um assalto. Saia logo senão atiro". Hesitei um pouco, tentando saber de que se tratava. Com palavras abri a porta do meu lado e me puxaram. Tropecei e caí, perguntando ainda: "Meu irmão, o que foi que eu lhe fiz?"

Com brutalidade, dois elementos me arrastaram e me atiraram no banco traseiro do carro deles, com pancadas na cabeça e no corpo, para eu me acachapar. Ainda vi por dois ou três segundos a cara do que ia no volante, chamando-me atenção os óculos quadrados sem aro. O outro elemento, de cara redonda e rude, tinha as faces marcadas por cicatrizes de espinhas infeccionadas. Julgo ter visto ainda Pilar imóvel na frente do portão da casa dela e algumas pessoas, imóveis também, nas portas da padaria que fica logo depois da casa de Pilar, na esquina da rua Paraguaçu com a estrada de Ambaí.

Logo o elemento que estava ao lado do motorista se virou compancadas para mim e me encapuzou. O capuz era de fazenda grossa, parecendo lona. Senti-me asfixiar. Amarrou o capuz, mas ainda pude ver as algemas: eram pretas, talvez de ferrugem. Ainda me algo mando, deram o arranque com toda violência, sempre batendo-me na cabeça e no corpo para eu me abaixar. Logo me algemou, primeiro no pulso do braço direito e depois na mão esquerda. Senti que viraram pela estrada de Ambaí, na direção de Nova Iguaçu. Sem pre me batia, soltando palavras. A cena na porta da casa de Pilar deve ter durado uns oito a dez minutos e foi muito violenta.

Depois de uns poucos minutos de encapuzado, com as voltas do carro sempre em disparada louca, perdi totalmente a noção de espaço. Não consegui um só instante identificar os lugares por onde passávamos. Andamos por estrada asfaltada, por estrada de paralelepípedos, por estradas de barrô. Sempre em alta velocidade. Parecia uma viagem de loucos. Logo no começo, ouvi o elemento da direita dizer para o motorista: "Este serviço vai render quatro milha".

do da rua em que me encontro, um rapaz. Chega-se perto de mim e eu peço: "O sr. pode me desamarrar? Eu sou padre e fui assaltado". Começa a me ajudar. Nisto chega, vindo da direita, um carro que para e pergunta: "O que é que aconteceu?" Digo o que foi. Um senhor salta, vem me ajudar a cortar as cordas e pergunta o que eu preciso. Respondo: "Uma calça". Ele promete ir buscar, porque mora perto. Eram cerca de 21,45 hs.

Juntaram-se alguns homens que me perguntam o que aconteceu. Tento explicar. Não entendem os nomes das ruas e dos bairros. Pergunto então: "Em que bairro de Nova Iguaçu a gente está?" Aham certa graça e respondem: "O senhor está em Jacarepaguá". Perguntam ainda se estou ferido. Aí descubro que o spray me deixou todo vermelho.

Daí a pouco, o carro voltou, trazendo-me uma calça e um blusão. Convida-me em seguida a ir ver o padre da paróquia. Diz que é perto. Despeço-me das pessoas que me ajudaram e mostraram interesse por mim, entro no carro e seguimos. Aí o motorista se revela como repórter fotográfico da Manchete, Sr. Adir Mera. Revelo-me como bispo de Nova Iguaçu. E acrescento em tom de brincadeira: "O senhor aproveite o furo". Ele responde que agiu por solidariedade, que neste caso não é repórter, que é espírito, mas que todos devemos fazer o bem etc. Chegamos à Casa Paroquial, na Praça Seca. O vigário demora em atender. Neste momento passa uma rural, cheia de pessoas. Adir descobre na rural um amigo major do exército, a quem comunica o ocorrido. Aham necessário irmos à Delegacia de Madureira, para declarações à polícia. Aparece o P. Pedro, vigário da paróquia, que me conhece de nome e estranha minha situação.

Na rural, que estava fazendo propaganda eleitoral, entro com o Sr. Adir e o Major Künners. Vamos à 29ª Delegacia. O delegado Ronald me ouve, acha de início que se trata não de assalto mas de crime político e afinal declara que a jurisdição, no caso, compete a Nova Iguaçu. Seriam 22,30 hs. Foram chegando alguns padres de Nova Iguaçu, acompanhados de vários leigos, amigos meus. Faço algum relato. Vêm repórteres. Vem um funcionário do DOPS, declarando que meu caso está sob a alçada do DOPS. Era mais de meia noite, quando saímos rumo ao DOPS: dois funcionários dessa instituição de segurança, o Sr. Adir, o P. David Keegan, da catedral, e eu. Vamos num veículo do DOPS.

No DOPS, fui interrogado pelo Dr. Berges Fortes. Soube então que o meu VW tinha explodido na frente da CNBB e que meu sobrinho Fernando tinha sido encontrado; ele e a noiva estavam a caminho do DOPS. Durante meu depoimento-interrogatório, avisaram que o Sr. Núncio Apostólico queria me ver. Como demorassem em atendê-lo, entrou de repente na sala de depoimento, para me cumprimentar e trazer-me solidariedade. Depois saiu da sala, dizendo que esperava por mim até o final do interrogatório.

Depois de três horas, chegaram Fernando e Pilar. O delegado Dr. Berges Fortes mandou Fernando para o Hospital Souza Aguiar para fazer exame. O depoimento deles dois ficaria para mais tarde. Meu depoimento deve ter durado cerca de hora e meia e foi gravado. O delegado fez depois um apanhado que li e assinei.

Terminado o depoimento, fui ter com o Sr. Núncio Apostólico. Pelas três e meia, saímos o P. David e eu com o Sr. Núncio Apóstolico. Fomos primeiro à sede da CNBB, para cumprimentar o secretário D. Ivo Lorscheiter. Diante da sede da CNBB estava o meu VW quase que destruído completamente.

Conversamos um pouco com D. Ivo e, da CNBB, seguimos para o Colégio Santa Marcelina, no Alto da Boa Vista, onde ficamos hospedados com o Sr. Núncio.

Na parte da manhã, recebi a visita do Cardeal D. Eugênio, do Arcebispo de Niterói D. José Gonçalves da Costa, do bispo-auxiliar do Rio de Janeiro D. Eduardo Koaik. Com este último fui ao oculista, pois se perderam meus dois óculos no sequestro. Em seguida, me retirei para o Centro de Estudos do Sumaré, a convite de D. Eugênio, para repousar.

Nova Iguaçu, 27 de setembro de 1976

Dom Adriano Mandarino Hypolito

Bispo atribui seqüestro a missão profética da Igreja

O Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, disse ontem que não pode admitir qualquer participação ou prévio conhecimento do Governo em seu seqüestro e o atribuiu à missão profética da Igreja "que é declarar os defeitos do rei e do povo no sentido de construir um mundo melhor".

Dom Hipólito afirmou que sabe — através do delegado Borges Fortes — haver grande interesse do Presidente da República, do Governo do Estado, do Secretário de Segurança, da CNBB e do público em geral em esclarecer as condições do seqüestro. Mas até agora não teve informação oficial sobre os seqüestradores, ou sobre o andamento das diligências.

Abertura

O Bispo comentou que os elementos que assumiram a responsabilidade de seu seqüestro e o acusaram de comunista — a Aliança Anticomunista Brasileira — "com estas atitudes se colocam contra o Governo Geisel, pois contra a abertura democrática que tem havido é que se colocam essas pessoas da AAC".

Ele acha que o Governo está tentando uma democracia não de forma pura, mas de formas mais democráticas de governo e de política. "Não se pode dizer que nunca tivemos democracia; claro, se a gente quiser colocar a democracia em sentido filosófico, no seu sentido ideal, vamos concluir que em nenhuma parte há democracia,

mas há aproximações maiores ou menores.

Ao falar de eleições, disse que "eleições imperfeitas são melhores do que falta de eleições". E afirmou: "Há aí sempre, a meu ver, uma tendência totalitária de partir das imperfeições que existem de fato para se dizer ser melhor não haver eleições; a meu ver, isto é o fim".

"Tenho impressão que o Presidente Geisel está tentando corrigir, com muito boa fé, as distorções que existem", disse, mas admitiu que em certos casos políticos a Igreja deve interferir. "Por exemplo, quando a imprensa é amordaçada; a Igreja tem que tomar atitude em defesa da liberdade de imprensa, que é uma liberdade fundamental do homem; não posso admitir o que está havendo em São Paulo, pois o jornal da Diocese está sendo censurado; não quero colocar este caso isoladamente; o problema de liberdade de imprensa é um todo; um problema grave".

Missão da Igreja

Dom Hipólito considera que a missão da Igreja deve ser voltada para as condições humanas e sociais. "Quando interferimos, não é com conotação política ou ideológica, mas tipicamente evangélica", disse. "Como a pessoa humana está envolvida em problemas políticos, é claro que a Igreja também se preocupa em orientar nesse sentido; não se pode separar o homem religioso do homem social e político, que deve ser objeto de preo-

cupação da Igreja e do Evangelho", afirmou.

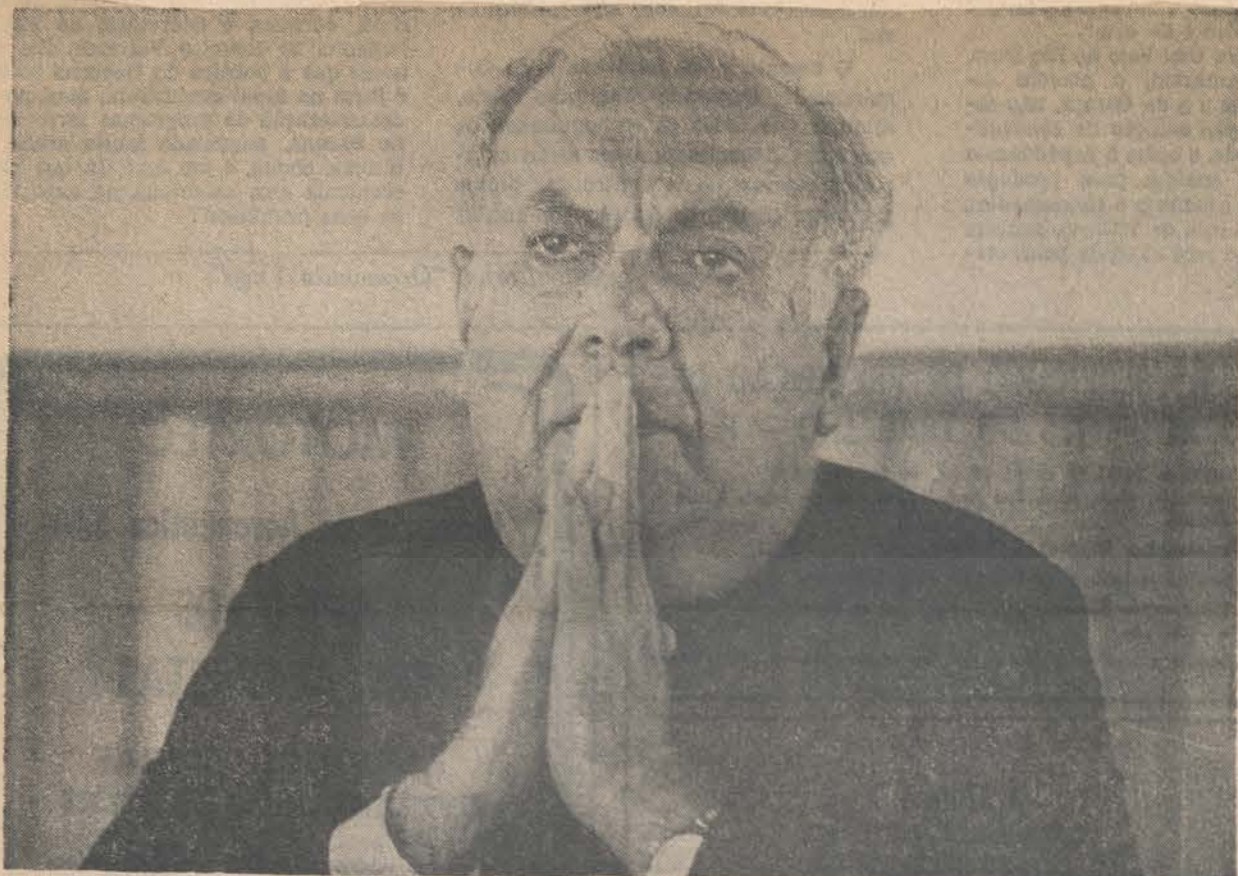
"É função da Igreja abalar as pessoas responsáveis, sensibilizá-las, para que caiam em si e procurem encontrar o que é melhor para o povo; mas esta missão é conflitante, nunca deixará de despertar conflitos; e nós da Igreja nos países sul-americanos temos nos identificado muito com o povo; isto é indiscutível!", disse Dom Hipólito.

O Bispo de Nova Iguaçu, há 16 anos em sua paróquia, acha que a situação não melhorou "a não ser em termos de atendimento médico pelo INPS". Disse que a população de sua Diocese é sofrida e "como os sinais de esperança não são muito claros, há pessoas que ainda vivem mais ou menos desesperadas".

Manifesto

Um manifesto "com dezenas de milhares de assinaturas" será encaminhado, depois de 5 de dezembro, ao Ministro da Justiça Armando Falcão para saber em que altura se encontra a diligência "para apurar o caso de seqüestro, espancamento, tentativa de desmoralização e assassinato de um bispo da Igreja".

O manifesto reclama ainda da onda de violências que vem acontecendo na Baixada Fluminense pois "é conhecida, no Brasil e no mundo, a insegurança" nesta região. "Insegurança e medo porque não sabemos mais em quem confiar, a quem recorrer, em quem nos segurarmos", diz o manifesto.



Dom Hipólito disse saber que há grande interesse das autoridades em apurar o sequestro

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Datum

Nummer

26-11-76

PM de Eng. Pedreira não tem carro

A região de Engenheiro Pedreira, em Nova Iguaçu, situada a cerca de 60 quilômetros do Centro do Rio de Janeiro, não possui delegacia policial. Para cuidar de segurança, os moradores contam com um destacamento da Polícia Militar. Mesmo assim, o posto policial do lugar não tem nenhum carro, nem telefone.

Na noite de quarta-feira da semana passada houve um assassinio na região. Como o local do crime era distante do posto, os policiais se dirigiram para lá em um táxi e solicitaram a pericia da delegacia de Nova Iguaçu que também comparecesse. A pericia só chegou no sábado pela manhã, mais de 48 horas depois.

Comunicação

Para os policiais de Engenheiro Pedreira, o maior problema é a dificuldade de comunicação. Quando necessitam transportar um preso, pedem emprestado um carro ao posto policial de Japeri (distante 22 quilômetros). Geralmente, solicitam o empréstimo pelo telefone de uma padaria, ao lado do posto.

O cabo Wilson acha que "já está na hora de Engenheiro Pedreira receber veículos, pois Japeri é um distrito bem menor e mais civilizado e o posto de lá possui dois".

O posto de Japeri também não tem telefone e utiliza o de uma estação da Rede Ferroviária Federal, em frente. Nos dois postos, no entanto, as ocorrências policiais mais constantes são as mesmas: brigas entre marido e mulher e alcoolismo. Estes casos se agravam nos finais de semana.

O responsável pelo posto policial de Japeri, sargento Ronis, diz que os habitantes do distrito são pacatos e já há algum tempo não registrado nenhum caso excepcional. Os últimos de que ele se lembra foram o de um corpo de uma moça encontrado no rio quando "há mais ou menos dois meses" e um assalto a mão armada, ocorrido há três meses. No entanto, ele faz questão de ressaltar que este assalto foi praticado por elementos de Padre Miguel.

Queimados

A delegacia de Queimados é considerada por seus policiais

como bem aparelhada. Com efetivo de 40 homens, possui cinco carros, dos quais três com rádio. Com uma média de 130 ocorrências por mês, a delegacia registrou em setembro (mês em que foram realizadas as últimas estatísticas) 18 furtos — dois a mão armada — 13 roubos — nenhum com morte — e resolveu, no mesmo mês, 58 casos de roubo e furto.

Os policiais dizem que a região, por ser "tipicamente um dormitório de Nova Iguaçu", é habitada por muitos desocupados. Nela proliferam as construções tipo cabeça-de-porco e os aluguéis de quartos variam entre Cr\$ 30 e Cr\$ 50. "São um atrativo para assaltantes", segundo os policiais.

Na quarta-feira passada, aconteceram dois casos considerados típicos pela delegacia: o roubo de uma bomba d'água já usada e o caso de uma senhora "agredida a pau" pela vizinha. Queimados é conhecido em Nova Iguaçu como o distrito em que há mais assaltos a ônibus. No entanto, nos últimos dois meses, o livro de ocorrências da delegacia não registrou nenhum caso deste gênero.

Belford Roxo

A Delegacia de Polícia de Belford Roxo dispõe de 40 policiais, cinco sedans Volkswagen e uma camioneta (camburão) para cuidar de 65 quilômetros de área. Os policiais, consideram a região como "uma das mais violentas da Baixada, embora Morro Agudo, também Município de Nova Iguaçu, tenha maior índice de criminalidade".

Os maiores problemas estão localizados nos bairros de Redentor, Vila Paulina, Calundei, Mata Moleque, Parque São José, Parque São Vicente, Farula, Nova Aurora e Babi, a maioria morros e onde os carros da polícia têm dificuldade de acesso. Nestes locais há grande incidência de assaltos a mão armada, sobretudo contra carros de entrega e casas comerciais.

A falta de comunicações — há poucos telefones — e o

medo de represálias por parte das vítimas dificultam o trabalho dos policiais. Outro grande problema é a falta de luz. Dados os problemas de segurança, muitos moradores e comerciantes resolveram começar vida nova em outros lugares.

Chatuba

Ontem ao meio-dia o armazém do Sr Augusto Nunes foi assaltado por dois homens, um armado. A queixa foi dada de imediato no Posto Policial da Chatuba, a um quilômetro do estabelecimento, e um dos três soldados de plantão do posto andou mais três quilômetros para encontrar um telefone e dar parte no quartel do 20º Batalhão da Polícia Militar.

Os assaltantes, um descrito pelo Sr Augusto Nunes, como "um rapaz mulato com esparadrapo no rosto", levaram Cr\$ 20,00, três litros de vermute e um lampião a gás. Este foi o sexto assalto ao armazém. Seu proprietário conhece de vista o assaltante com o esparadrapo, mas prefere não denunciá-lo, pois não é a primeira vez que este ladrão assalta seu estabelecimento.

Esta é rotina da Chatuba, Distrito de Nova Iguaçu, onde as maiores ocorrências policiais são agressões entre marido e mulher. O pequeno posto dispõe de apenas três soldados da PM, a cada plantão de 24 horas. Não há telefone e quando há qualquer ocorrência, um dos policiais militares anda até a garagem da empresa de ônibus Conceição, dando ciência do fato ao quartel em Mesquita.

Mesquita

Em Mesquita, onde há uma subdelegacia, com 35 funcionários, entre policiais e burocratas, a maioria das queixas é de brigas entre marido e mulher. Os assaltos também são frequentes, embora os policiais digam que "estão diminuindo". Para eles, um roubo como o ocorrido ontem na Chatuba, é feito "por pés inchados, que assaltam por fome".

No bar do seu Manoel, em São João de Meriti, um grupo tenta contar ao mesmo tempo a mesma história.

— O Tião — diz o dono — era um menino muito direito, conhecido de todo mundo por aqui. Aos poucos foi virando bandido e resolveu assaltar o bar, onde tinha trabalhado. Claro que eu o reconheci e logo que pude avisei a Polícia. Ele foi preso no dia seguinte junto com um amigo e o destino dos dois foi o mais desconcertante. Tião foi solto antes de chegar ao final dessa estrada e o outro apareceu morto tempos depois. Os dois assaltaram o mesmo bar. Quem pode entender isso?

As mortes não chocam mais do que os outros atos de violência que giram em torno delas. A frequência transforma o desespero em apatia e o medo em conformismo. Um pai que perdeu um filho em recente troca de tiros, dá seu depoimento:

— Não há nada no mundo pior do que Belford Roxo. Meu filho tinha 22 anos e sempre pensei que ele poderia morrer da mesma forma que muitos outros da sua idade. Ele morreu e ninguém pôde fazer nada, nem falar. Por isso sempre quis ter muitos filhos. Um vai embora, mas restam os outros.

Ele disfarça as lágrimas, tem vergonha delas. Ali, todos precisam ser valentes, saber manejar muito bem uma arma. Mas à noite "todo mundo some", e, janelas e portas bem trancadas, experimenta um pouco de tranquilidade diante do aparelho de TV.

— Dentro de casa não tenho medo, não — diz o dono de um bar no bairro de Nossa Senhora de Fátima, em Nova Iguaçu. Mas já precisamos comprar um remédio e ninguém teve coragem de sair. Além do medo, há a falta de luz nas ruas, a falta de condução, a falta de policiamento.

Nas imediações de Piam, em Belford Roxo, os caminhões de entrega de mercadorias preferem perder fregueses a correr o risco de um assalto.

— Os caminhões do gás, da Piraquê, da Kibon não entregam mais mercadorias em

São Francisco. O pessoal tem até medo de presenciar uma execução e ser considerado "perigoso" para a Polícia. Quem vê qualquer coisa por aqui, só não morre por muita sorte. A gente também ouve tiros e tudo o mais, mas no dia seguinte age como se nada tivesse acontecido.

A desconfiança em relação à polícia é geral. Numa bem equipada loja de materiais de construção, perdida no meio do mato, na Estrada de Adrianópolis, falar em polícia e assaltante causa logo apreensão.

— Precisamos ter muito cuidado. Os assaltos não têm hora para acontecer. Já vieram aqui de manhã, à tarde, tanto faz. Entretanto, há semanas em que não vemos um só carro de Polícia. Eles só dão cobertura a quem participa da *caixinha* e não estou aqui para trabalhar e dar dinheiro para a Polícia. E' incrível, mas eles vêm atrás de *Micharia*. Contentam-se com Cr\$ 10,00, com Cr\$ 20,00.

— Estamos tão perturbados que já não sabemos mais tratar os fregueses. Se entra alguém diferente, a gente logo acha que é assaltante ou polícia.

Ninguém pensa em soluções porque ninguém acredita em que elas existam.

— E' muito triste dizer isso, mas nosso lugar não tem mais jeito. Quando a gente pensa que vai melhorar, aí é que as coisas pioram de vez, como agora, com essas mortes todas. Não adianta perguntar por aí se alguém viu algum crime. Quem vê, fecha os olhos e finge que sonhou; quem não vê, faz tudo para ignorar até as notícias no dia seguinte.

— Como poderá parar uma violência de tantos anos? Como parar de matar, de morrer, de roubar e ser roubado? Parece que tudo está errado e a gente não sabe por onde começar a consertar. A Baixada é um local estratégico. Muitas entradas, muitas saídas, fuga rápida e acesso rápido. Como reprimir um bairro como Belford Roxo, com 78 quilômetros quadrados, 340 mil habitantes e 13 vias de acesso que levam rapi-

damente à Via Dutra, à Estrada Rio—São Paulo? Para isso, Belford Roxo conta com cinco viaturas em péssimo estado e pessoal despreparado. Claro que é o local mais violento de toda a Baixada, um verdadeiro quintal de Caxias, Meriti e Nova Iguaçu.

Ser o mais violento, na definição de uma autoridade policial, não quer dizer muita coisa. Os moradores sabem que Nova Iguaçu e São João de Meriti estão mais bem aparelhados, mas não acreditam que um mais bem equipado aparato policial signifique muito.

— Já nos acostumamos a ver a Polícia com desconfiança. Não sabemos se atrás de um *carroção* vem a tranquilidade ou mais uma rajada de balas. Não importa quem tem culpa, pensamos apenas nas vítimas de toda essa loucura.

Quem fala é um advogado da área que se autodenomina "advogado de porta de xadrez". "Tudo que alguém contar será superficial. Só conhece a Baixada quem vive aqui e, assim mesmo, conhece uma parte. Os bairros são distantes uns dos outros e as comunidades não têm muito contato entre si. O denominador comum é o medo, a violência sem salvação. No fundo todos são vítimas e culpados. Não quero dar fórmulas para resolver nada, mas sei que como a coisa está, não pode continuar".

Com esse quadro mal desenhado e nada animador, alguns "saem ganhando". O lucro cresce rapidamente com o aumento dos crimes. Uma multidão de jornalistas e pessoas envolvidas com a tragédia enchem as churrascarias que anunciam "preços reduzidos em função da grande afluência". Agências funerárias e lojas de flores colocam cartazes nas portas, bares e restaurantes "festejam" os acontecimentos, aumentando o volume dos rádios. Esse é o lado grotesco de uma longa história cuja atriz principal, segundo um delegado da área, é a opinião pública, cada dia mais temida pelos personagens principais.

Igreja pede garantias a Falcão

BRASILIA (O GLOBO) — O representante da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em Brasília, Monsenhor Alfonso Hannes, esteve ontem pela manhã no Ministério da Justiça, para solicitar ao Ministro Armando Falcão providências visando à apuração de responsabilidades no caso do seqüestro do bispo de Nova Iguaçu. A CNBB pediu também ao Ministro que sejam dadas garantias de segurança à entidade e a outras que tenham propósitos iguais aos seus.

Monsenhor Alfonso disse que a CNBB continuará lutando pela Justiça, e que as bombas não impedirão o trabalho que vem realizando:

— Nós queremos que a sociedade siga o seu caminho com serenidade e que todos sejamos irmãos. Mas infelizmente nem todos pensam assim. Há gente que quer dividir a sociedade em dois grupos, e enquanto houver isto não haverá serenidade.

CNBB: há relação entre atentados

O presidente em exercício da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Geraldo Fernandes, disse ontem que "existe uma relação muito clara entre os recentes atentados a bomba às sedes da Associação Brasileira de Imprensa e Ordem dos Advogados do Brasil, e o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, que culminou com a explosão do carro de seu sobrinho em frente à CNBB, na noite de anteontem:

— A relação entre os três é que nós costumamos falar, e falar claro. Somos nós que emitimos opinião.

Dom Geraldo disse não acreditar que Dom Adriano tenha sido agredido simplesmente por sua atuação social na Baixada Fluminense. Indagado sobre se o seqüestro não teria relação com suas críticas constantes ao Esquadrão da Morte, ele respondeu que não podia relacionar os dois fatos.

— Ele tem se manifestado contra o Esquadrão, mas não é só ele. O Arcebispo da Bahia, Dom Avelar Brandão, também tem feito severas críticas. Eu me pergunto qual seria a razão do atentado.

Dom Geraldo — que é vice-presidente da CNBB — emitiu sua opinião sobre o modo como a Ação Anticomunista do Brasil assumiu a autoria do seqüestro, dizendo que acha "um pouco ingênua essa forma de se apresentar, dando nome, tudo".

Venda de armas

Dom Geraldo Fernandes admitiu uma possível relação entre a violência contra Dom Adriano e as recentes cartas enviadas pela CNBB aos Secretários de Segurança do País, pedindo um controle maior na venda de armas, principalmente na Baixada Fluminense. Na época o Secretário de Segurança de São Paulo se manifestou através da imprensa contra o que ele qualificou de "intromissão da Igreja nos assuntos da Polícia". A esse respeito, o presidente em exercício da CNBB esclareceu:

— Posso adiantar a vocês que numa carta enviada a Dom Ivo Lorscheiter ele disse que apoiava a idéia, que achava certo; exatamente o contrário do que disse para a imprensa.

O presidente em exercício da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil adiantou que o órgão não pretende adotar nenhuma medida excepcional de segurança para prever possíveis atentados contra sua sede, na Glória.

— Se é por mim, estou tão tranquilo hoje quanto ontem. Mas infelizmente isso vai criando um clima um tanto pesado. Eu me lembro que antigamente vinha ao Rio e ia com o chofer dar um passeio no Alto da Boa Vista, ver a mata. Agora a gente já tem medo. Aqui a gente pede a Deus que não aconteça o mesmo que em outros países.

Dom Geraldo Fernandes disse que a única medida que a CNBB vai tomar em relação ao atentado contra Dom Adriano Hipólito será

"recorrer às autoridades para ver se é possível deslindar esse caso".

Ele disse que o fato de os terroristas explodirem o carro do sobrinho de Dom Adriano, em frente à sede da CNBB, mostra que eles querem "intimidar" a entidade.

A explosão

Segundo Dom Geraldo, era quase meia-noite quando — ainda acordado — ele ouviu a explosão em frente à CNBB.

— Não me apavorei, nem meu colega de quarto, o Arcebispo de Teresina, Dom José Freire Falcão. Só fiquei sabendo do ocorrido pela manhã, durante o café.

Foi também a essa hora que ele tomou conhecimento de que Dom Adriano Hipólito estivera pela madrugada na CNBB, depois de prestar esclarecimentos ao DPPS.

Nota oficial

A presidência e a Comissão Episcopal de Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil distribuíram ontem a seguinte nota oficial conjunta:

"A opinião pública de todo o Brasil foi informada do ato de terrorismo ocorrido ontem à noite, do qual foram vítimas Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho, Fernando Leal Webering, cujo carro foi feito explodir posteriormente diante da sede da CNBB.

"A presidência da CNBB, reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral, em sua sessão ordinária, julga de seu dever pronunciar-se a respeito:

"1. Manifestando de público sua mais incondicional solidariedade com seu irmão do Episcopado, Dom Adriano, que na Igreja de Nova Iguaçu vem dando admirável exemplo de testemunho cristão a favor dos desvalidos, incluindo na mesma solidariedade seu sobrinho Fernando;

"2. Reafirmando que considera uma glória para a Igreja no Brasil o fato de seus filhos serem objeto da sanha daqueles que, no seu fanatismo primário, são incapazes de compreender o profundo sentido cristão do compromisso com os oprimidos, confundindo-o com inspirações ideológicas que radicalmente repudiamos. A Igreja conhece a sordidez das armas empregadas contra seus filhos, e num fato como esse, na seqüência de outros fatos sangrentos, longe de se atemorizar, ela se enche de júbilo, na certeza de ser julgada digna da milenar tradição daqueles que celeram em o sangue o seu testemunho cristão;

"3. Agradecendo, em nome das vítimas, as inúmeras provas de solidariedade que vêm recebendo de todos os recantos do Brasil;

"4. Renovando, nesta circunsância, o seu repúdio a todas as formas de terrorismo e de violência, donde quer que venham e a quem quer que alinjam. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1976".

De Brasília, Geisel telefona, solidário

O Presidente Ernesto Geisel telefonou ontem ao nosso companheiro Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, hipotecando-lhe sua solidariedade pelo atentado à sua residência.

Pessoalmente, por telefone e carta, centenas de manifestações de solidariedade chegaram ontem a Roberto Marinho e ao GLOBO. Entre essas, estavam as das seguintes pessoas:

General Huro Abreu, Ministro-Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República; Ministro Armando Faício, da Justiça; Ministro Reis Veloso, Chefe da Secretaria de Planejamento; Ministro dos Transportes Dirceu Nogueira; Cardeal Dom Eugênio Sales; Governador Faria Lima; Governador Auréliano Chaves, de Minas Gerais; General João Batista Figueiredo, Ministro-Chefe do SNI; General Reinaldo de Almeida, Comandante do Exército; Prefeito Marco Tamayo Prudente de Moraes, neto, presidente da ABI; Antônio Carlos Magalhães, presidente da Eletronbras; Senador Gilberto Marinho; Professor Raymundo Muniz de Aragão, do Conselho Federal de Cultura; Carlos de Araújo Lima, Raul Floriano, Osvaldo Souza Valle e Francisco Alves Pinheiro, diretores da Ordem dos Velhos Jornalistas; Senador Arthur Bernardes Filho; Antônio Galloti; Eduardo Magalhães Pinto; Cônsul Geral do México, José Castillo de Miranda; e ex-governador Chagas Freitas.

I Exército: atividade extremista condenável

O Comando do I Exército distribuiu ontem nota sobre os atentados. É o seguinte o seu texto:

"1. O Comando do I Exército, em face dos acontecimentos ocorridos na noite de ontem e na madrugada de hoje, envolvendo o Bispo de Nova Iguaçu e a residência do Dr. Roberto Marinho, tem o dever de esclarecer:

a. O Exército, como o povo brasileiro, tem a firme consciência democrática e, conseqüentemente, condena e combate qualquer atividade extremista;

b. Fatos episódicos criminosos não afetam a tranquilidade e paz existentes na área.

2. O Governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria de Segurança, está empenhado na apuração das responsabilidades, tendo aberto o competente Inquérito Policial;

3. A confiança no Governo e na ação das forças legais deve continuar sendo a tônica do comportamento de todos."

Em São Paulo

O Comandante do II Exército, General Dilermando Gomes Monteiro, ao ser indagado, ontem, em São Paulo, sobre os atentados de anteontem, afirmou que sua área está na mais absoluta calma e tranquilidade, "pois temos em São Paulo uma população conscientizada, dedicada a seu trabalho normal e confiante na segurança de suas autoridades".

ABI: uma agressão à liberdade de imprensa

A Associação Brasileira de Imprensa, a Ordem dos Advogados do Brasil, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais distribuíram ontem notas oficiais condenando os atentados ocorridos no Rio.

Para a ABI, "o atentado a Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe de O GLOBO e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror".

A OAB entende "que esses atos, a par de constituírem-se em absoluto desrespeito à dignidade dos direitos fundamentais da pessoa humana e da ordem pública, refletem, à evidência, interesses excusos de minorias extremistas que se intitulam de direita, às quais não interessa o restabelecimento da Democracia em nosso País".

É a seguinte a íntegra da nota da ABI: "Mais uma vez, a Associação Brasileira de Imprensa se vê na contingência de manifestar-se em defesa da segurança e da liberdade dos jornais e dos jornalistas, novamente agredidos, direta e indiretamente, pela ação do terrorismo.

"O atentado a Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe de O GLOBO e presidente do maior sistema brasileiro de rádio e televisão, configura uma escalada do terror. Depois da agressão à ABI, à Ordem dos Advogados do Brasil e a outras entidades representativas da inteligência e do pensamento liberal do País, a violência encapuzada lança-se, agora, contra a própria integridade individual, na pessoa de um Bispo e de um empresário de imprensa.

"É sintomático que os alvos desta sanha — incompatível com a índole brasileira e com as tradições nacionais — sejam as instituições que se destacam entre as que melhor traduzem o espírito democrático e o anseio de desenvolvimento, social, a Igreja, a OAB e a Imprensa.

"A ABI entende, no entanto, que o objetivo estratégico do extremismo está mais longe — visando, em verdade, ao processo permanente de conquistas democráticas, econômicas e sociais, em que se envolve historicamente a Nação inteira.

"É por isso que, ao tornar público o seu repúdio e a sua condenação aos arreganhos do terror, a Associação Brasileira de Imprensa insiste na necessidade de que a opinião pública se concentre na expectativa e no apoio das medidas indispensáveis à urgente e completa apuração desses crimes contra a Nação."

Nota da OAB

"A Ordem de Advogados do Brasil repudia todo e qualquer ato extremado e consubstanciado na violência praticado por terroristas. A própria sede da entidade, no Rio de Janeiro, sofreu há pouco, atentado semelhante. Entendemos que esses atos, a par de constituírem-se em absoluto desrespeito à dignidade dos direitos fundamentais da pessoa humana e da ordem pública, refletem, à evidência, interesses excusos de minorias extremistas que se intitulam de direita, às quais não interessa o restabelecimento pleno da Democracia em nosso País.

"Releva notar que a reiteração desses fatos, interligados pelos panfletos distribuídos, demonstra a onda crescente que está a exigir das autoridades constituídas, enérgicas medidas, para o seu esclarecimento e devida punição dos culpados. — Valdemar Zvelter — Presidente da OAB — Seção Rio de Janeiro."

Sindicatos

Trecho da nota do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo:

"O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo manifesta seu mais veemente repúdio aos novos atentados a bomba praticados ontem à noite no Rio de Janeiro, atingindo a residência do jornalista Roberto Marinho, Diretor do jornal O GLOBO, e à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, assim como às violências de que foi vítima o bispo Dom Hipólito Mandarino."

Diz a nota do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais:

"Toda vez que se tenta calar a voz de um jornal, é a própria democracia que está ameaçada. Todo jornal que perde a sua autonomia, seja por meio de censura, seja pela ação, criminosa dos extremistas, assinala um passo atrás na caminhada democrática. O atentado contra a residência do Sr. Roberto Marinho, diretor do jornal O GLOBO, parece ter um objetivo mais amplo: atemorizar todos aqueles que, embora professando idéias diferentes, elegeram a palavra e o diálogo como instrumentos de debate dos problemas nacionais e aperfeiçoamento democrático."

O presidente da Associação Riograndense de Imprensa, jornalista Alberto André, enviou o seguinte telegrama ao Diretor de O GLOBO: "A Associação Riograndense de Imprensa manifesta seu repúdio ao atentado contra a residência do ilustre colega, esperando sejam punidos seus autores".

Políticos manifestam a sua repulsa

O presidente do Congresso, Senador Magalhães Pinto, os presidentes da Arena e do MDB, senadores, deputados federais e estaduais condenaram ontem o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e o atentado contra a residência do Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, nosso companheiro Roberto Marinho.

Para o Senador Magalhães Pinto, "esses fatos demonstram que os radicais estão atuando, o que não é bom, e todos nós devemos nos unir contra isso". Tais acontecimentos, segundo o presidente do Congresso, "não devem atrasar o processo democrático, pois isso seria dar ganho de causa aos radicais, que fazem isso porque não estão satisfeitos com as eleições e com o ambiente atual".

O Governo — concluiu Magalhães Pinto — tem os instrumentos para coibir, e deve ser prestigiado em seu combate a esses radicais.

Arena

O presidente da Arena, Deputado Francellino Pereira, manifestou, em nome de seu partido, "total repúdio a esse tipo de violência, para de onde partir", ao comentar, em Brasília, o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu e o atentado à residência do jornalista Roberto Marinho.

Atos dessa natureza, de direita ou de esquerda, não podem receber e não têm o apoio de qualquer segmento do povo brasileiro. Trata-se de atos efetivamente condenáveis e que devem ter sido praticados por tipos de personalidade anômala, doantia. Todas as medidas foram tomadas pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, no sentido da apuração imediata dos fatos e da condenação dos culpados — disse Francellino Pereira.

MDB

O presidente nacional do MDB, Deputado Ulisses Guimarães, afirmou ontem em Brasília que o seu partido "é inteiramente contrário a todas as ocorrências que prejudiquem a ordem e a tranquilidade do País".

Cumpra ao Governo — prosseguiu — fazer uma rigorosa apuração dos atentados ocorridos no Rio; neste setor de manutenção da ordem e da paz pública o MDB se situa no sentido de prestigiar a ação governamental, com vistas ao restabelecimento da tranquilidade no País.

Senado

A respeito dos atentados terroristas no Rio, o líder da Arena, Senador Petrólio Portella, fez ontem a seguinte declaração: — Reitero o que venho dizendo: os terroristas da direita e da esquerda se nivelam nos maus e se confundem nos fins. Fanáticos, desprezam o diálogo democrático e não creem no poder de persuasão, preferindo a violência. Tem o nosso mais veemente repúdio; e, por isso mesmo, atingem a Imprensa, cuja valia é de suma importância para a vida democrática que eles repelem.

O líder do MDB no Senado, Franco Montoro, disse que os meios de comunicação deveriam evitar a divulgação de atentados como os que ocorreram no Rio.

É exatamente isso que seus autores estão pretendendo; esses atentados são bárbaros e dignos de toda a nossa repulsa, mas se ninguém os noticiasse eles se frustrariam naturalmente e tudo cairia no esquecimento.

Câmara

Ao receber a notícia dos atentados terroristas no Rio, o vice-líder no exercício da liderança da Arena na Câmara, Deputado Jorge Vargas, disse que "o espírito cristão e humanitário do povo brasileiro sempre repeliu a prática de atos terroristas e de seqüestros como forma de ação política ou de arregimentação da opinião pública".

O Governo sempre agiu duramente contra tais práticas, em consonância com esse comportamento do nosso povo. Não será agora, acredito, que uma minoria insignificante de maus brasileiros vá conseguir impor ato somente praticado por ideologias extremistas que o nosso povo sempre repudiou.

O Deputado Marco Maciel, presidente da Fundação Milton Campos, da Arena, disse ontem que, "como das vezes anteriores, o Governo vai tomar todas as providências para descobrir e punir os autores de atos terroristas no Rio".

O povo brasileiro repele, por sua própria formação, todos os atos de radicalismo. Acredito que, agindo assim, esse grupo não alcançará qualquer êxito político, embora se deva reconhecer que este, na maioria dos casos, não é o objetivo de tais radicais, cujas ações não podem ser aferidas por critérios racionais.

Três deputados do MDB e dois da Arena condenaram ontem na Câmara os atentados terroristas ocorridos no Rio. Darcílio Aires e Eduardo Gall, ambos da Arena do Rio de Janeiro, solicitaram ao Presidente Geisel "urgentes providências" no sentido de apurar responsabilidades pelos atos terroristas.

Os deputados Celso Barros, Ailton Soares e Jorge Moura, do MDB, repudiaram os atentados, "por terem ferido a dignidade e a liberdade humana".

Minas

O deputado federal Marcos Tito (MDB-MG) disse ontem, em Belo Horizonte, que "a escalada terrorista, que começa a ser ensaiada de forma esparsa no País, deve ser reprimida energeticamente pelo Governo, para que o exemplo não seja imitado".

Marcos Tito comentou que os atos de terrorismo "parecem partir de um plano organizado para tumultuar o aperfeiçoamento do processo político, que é desejado por todos, e também conturbar o processo eleitoral que se avizinha".

É suspeito — disse o deputado — que sejam os jornalistas e figuras da Igreja o alvo preferido dos terroristas. A Imprensa, como a hierarquia católica, bate-se pela liberalização do nosso sistema político. É fácil identificar a quem interessa o terror: interessa aos inimigos da liberdade, aos inimigos do povo brasileiro e de sua paz.

Assembléia do Rio

Diversos deputados protestaram ontem, na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, contra o terrorismo, e apresentaram sua solidariedade a Dom Adriano Hipólito e ao jornalista Roberto Marinho.

O primeiro a falar foi o Deputado Mário Saladini (MDB), condenando os atos de vandalismo. Outro deputado, Antônio Gomes (MDB), congratulou-se com as autoridades policiais, "que agiram imediatamente e foram ao local entrevistar-se com o bispo e tomar as providências necessárias".

O Deputado Délio dos Santos, o último orador a falar sobre os atentados, perguntou:

— Agora, quem será a próxima vítima? Será o Poder Legislativo, serão os deputados que têm a coragem de denunciar as violações dos direitos humanos? Na medida em que há omissão dos democratas, o fascismo se fortalece em nosso país.

Niterói

O diretório do MDB em Niterói distribuiu ontem nota oficial manifestando o seu repúdio aos atentados terroristas no Rio. Diz a nota em certo trecho:

"A Comissão Executiva do Diretório Municipal do MDB em Niterói expressa o seu mais profundo repúdio à violência sofrida pelo Bispo de Nova Iguaçu e pelo diretor do GLOBO. Os atos perpetrados demonstram inequivocamente a soléncia daqueles que anonimamente impedem a plena redemocratização da Nação."

"A Igreja e a imprensa foram atingidas covardemente na calada da noite, e a nítida consciência democrática repele atos dessa natureza, contrários aos direitos humanos, como nos obriga a visualizar um comportamento democrático de todos que acreditam no diálogo como forma única e possível de se aperfeiçoar a sociedade."

São Paulo

Os presidentes regionais da Arena e do MDB e o presidente da Câmara Municipal de São Paulo manifestaram ontem, em notas distribuídas à imprensa, seu repúdio aos atentados ocorridos anteontem no Rio.

O presidente regional da Arena em São Paulo, Cláudio Lombo, distribuiu a seguinte nota:

"Todas as formas de violência repugnam à alma nacional. Após eventuais momentos de tensões e debates, a trajetória de nossa história reflete sempre a obtenção do consenso em torno dos temas básicos. Ora, neste instante, ao lado de outras questões, o tema fundamental é o aperfeiçoamento do processo político, que só pode se verificar no interior do regime democrático."

"Todos os brasileiros, pois, em momentos como os ora vividos no Rio de Janeiro, devem ter em mente que os cidadãos só podem desenvolver suas potencialidades através da democracia e que existe um sentimento básico na nacionalidade, que jamais deve ser rompido, que é o da cordialidade."

O presidente regional do MDB, Deputado Federal José Camargo, disse que seu partido "repudia qualquer tipo de atentado à pessoa humana, porque, ao ferir o povo brasileiro, eles ferem a nossa soberania; o momento não indica a necessidade de radicalismos, pois o País vive, no aspecto político, em bastante tranqüilidade".

A Câmara Municipal de São Paulo distribuiu a seguinte nota:

"O povo brasileiro repudia todas as formas de violência contra a liberdade de expressão e de pensamento, perpetradas por minorias intolerantes e radicais, cuja atuação nefasta conflita com a formação democrática de nossa população. Estamos certos de que o Presidente Geisel atuará com energia e extremo rigor para conter e punir os adeptos da violência, cujos atentados a Nação abomina, sejam quais forem as origens, as vinculações e os objetivos dos mesmos."

"Os atos criminosos contra instituições religiosas, órgãos de imprensa e outras entidades representativas de segmentos da sociedade evidenciam a necessidade impostergável da união de todos os brasileiros conscientes e de formação democrática, para que a radicalização e o banditismo político não terminem prevalecendo e se sobrepondo ao procedimento equilibrado, sério e responsável do Presidente da República."

Rio Grande do Sul

O presidente em exercício do diretório regional da Arena no Rio Grande do Sul, Octávio Omar Cardoso, enviou o seguinte telegrama ao jornalista Roberto Marinho: "Em nome do diretório regional da Arena do Rio Grande do Sul, manifesto a vossa senhoria veemente repúdio ao gesto irresponsável dos que tentam perturbar a segurança individual e a paz pública com atos de terror incompatíveis com a índole do povo brasileiro".

Octávio Cardoso enviou ainda um telegrama ao Cardeal Eugênio Sales, condenando o seqüestro do bispo de Nova Iguaçu: "Deus concedeu-nos a graça de ter um povo ordeiro, fraterno e paciente e com todo o empenho haveremos de preservar essas virtudes. Rejubilamo-me pelo fato de o ilustre prelado de Nova Iguaçu e seu sobrinho terem sido encontrados com vida. Em nome dos arenistas do Rio Grande do Sul, manifesto veemente repúdio".

O presidente do diretório regional do MDB no RS, Deputado Pedro Simon, condenou ontem na Assembleia Legislativa os atentados ocorridos no Rio, acentuando que "o atentado a um prelado da Igreja Católica é um fato inédito na história religiosa do País" e que "a bomba lançada na residência do diretor-presidente do jornal O GLOBO é um atentado que está a exigir providências e tomada de posição da parte dos responsáveis neste País".

Paraná

Destacando o trabalho de Roberto Marinho, o líder do MDB na Assembleia Legislativa do Paraná, Deputado Osvaldo Macedo, pediu ontem, em requerimento aprovado por unanimidade, um voto de solidariedade ao diretor das Organizações Globo, Osvaldo Macedo pediu que o voto de solidariedade fosse estendido ao bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Zeitung

Datum

Nummer

O EXPRESSO

**EX-COMUNISTAS
EM UMA SECRETARIA
DE SÃO PAULO**

**UM RETRATO DO
CARDEAL ARNS**

**OS DOCUMENTOS SECRETOS
DE RIOBAMBA**

O SUSTO DA ABI

O n.º 46: à venda em várias bancas

Revistas O Expresso Ltda., José Antônio Oliveira Machado. Isso causou também algum transtorno para a clientela do *Expresso* (40 000 exemplares por edição, segundo seus diretores), possivelmente atraída pela grande manchete de primeira página sobre a presença de ex-comunistas no governo do Estado.

"Conhecemos vocês" — Os comunistas, na verdade, não estavam apenas no governo do Estado, mas entinchados em cada uma das dezesseis páginas do jornal — um deles seria o secretário de Planejamento estadual, Jorge Wilhelm, "que em 1953 teria participado de reuniões para apoiar o jornal comunista *Novos Rumos*". O senador arenista Teotônio Vilela é descrito como "outrora admirador de Fidel Castro" e seu companheiro Petrônio Portella como "antigo defensor de João Goulart". Relatando fatos mais recentes, chama o filme "Dona Flor e Seus Dois Maridos" de "obra pornográfica e filomarxista" e Pier Paolo Pasolini de "homossexual que morreu na lama, como merece".

Esse tipo de informação, que formou o estilo do *Expresso* ao longo dos 46 números publicados desde o seu lançamento, em janeiro, jamais lhe trouxe problemas com a Censura, segundo o presidente da empresa, Carlos Barbieri. De fato, na sexta-feira ele recebeu um telefonema tranqüilizador de Richard de Bloch, funcionário da Polícia Federal: "Não mandamos apreender nada. Já conhecemos o jornal de vocês". Finalmente, desfeito o equívoco, Barbieri denunciou uma campanha para prejudicar *O Expresso* — segundo ele, originada na "Igreja progressista" e fomentada pela imprensa que divulgou os protestos da ABI e do sindicato, "com o objetivo de nos indispor com as autoridades".

um copo contra o deputado Paulo Sampaio, tirou o paletó e sapateou sobre ele. Não satisfeito, ele retomou o microfone para improvisar o fecho do discurso: "Todos os deputados do MDB são comunistas", concluiu, sem que ninguém entendesse nada.

Esse espetáculo, de todo modo, apenas coroou uma movimentada seqüência de retaliações emedebistas, que revelaram aspectos desconhecidos das relações entre o Executivo e o Legislativo amazonenses. Soubese, por exemplo, que quase todos os deputados da oposição são freqüentemente socorridos por empréstimos do Banco do Estado do Amazonas em transações que, se não chegam a violar normas legais, pelo menos colidem frontalmente com os princípios éticos de um partido de oposição. Enfim, caso o MDB amazonense não corrija urgentemente o bizarro comportamento de seus militantes, a Arena poderá repetir em 1978 a bem-sucedida tática eleitoral deste ano, quando inundou os jornais de Manaus com ataques à oposição e elogios ao governo — todos formulados nos dois últimos anos por deputados do próprio MDB.

IMPrensa

Nada consta

O que teria levado a Polícia Federal, ou quem quer que seja, a apreender a última edição do semanário *O Expresso*? Divulgada na última quinta-feira pelo jornal *O Globo*, segundo o qual 15 000 exemplares haviam sido retirados de circulação "por conterem matéria considerada ofensiva às autoridades constituídas do Estado", a apreensão gerou imediatamente notas de protesto da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio, e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, antes mesmo que ela pudesse ser confirmada ou desmentida junto à direção do jornal ou junto a quem quer que seja.

De fato, no fim da semana passada, o jornal estava circulando livremente nas bancas de São Paulo, embora notícias partidas da própria redação do *Expresso*, dando conta da apreensão, tivessem chegado à redação de *O Estado de S. Paulo*. Desenhava-se para a imprensa, assim, um mistério tão intrincado quanto a própria distribuição do semanário — tão precária, segundo donos de bancas, que poderia mesmo ser atribuída a ela a confusão com alguma medida por parte da Censura.

Muitas bancas de São Paulo, na verdade, vêm deixando de receber *O Expresso*, há mais de dois meses. Pelo menos parte da edição supostamente apreendida foi distribuída pessoalmente pelo próprio diretor vice-presidente da empresa Editora de Jornais, Livros e

TERRORISMO

Pistas, afinal?

Reinaldo Marinho dos Santos, vigia noturno de uma empresa de engenharia situada em frente ao depósito da Editora Civilização Brasileira, viu quando dois rapazes cabeludos desceram de um automóvel parado em frente ao número 225 da rua Frei Jaboatão, no bairro carioca de Bonsucesso. Ambos cruzaram a rua e enquanto um espalhava folhas de papel datilografadas pelo chão, o outro colocava um pacote diante da porta do depósito. Tão calmamente quanto haviam chegado, os dois rapazes entraram no carro e foram embora.

O pacote continha uma bomba — e minutos depois, na madrugada da segunda-feira passada, o artefato explodiu, abrindo um rombo na porta de metal do depósito da editora. Ao mesmo tempo, era arrancado o motor de uma perua Kombi usada na distribuição de livros. A Variant de Enésio de Lima, gerente da editora, que naquela noite dormia no galpão foi simplesmente partida ao meio. E ficava marcada a presença, pela sexta vez desde agosto, do grupo terrorista Aliança Anticomunista Brasileira, a AAB.

Como das outras vezes, a AAB desapareceu sem deixar nenhuma pista: em seu rastro ficaram apenas panfletos e, neles, a ameaça de novos ataques. A bomba colocada na porta da editora consistia numa lata de manteiga carregada de 2 quilos de dinamite e um mecanismo para retardar a explosão e permitir a fuga dos terroristas. Segundo os policiais do Departamento de Polícia Política e Social, a bomba era "de confecção caseira", mas preparada por um técnico "altamente treinado".

Ajuste de contas — A notícia da explosão, de resto, não chegou a causar grandes surpresas — a começar pela própria vítima principal, o editor Enio Silveira, presidente da Editora Civilização Brasileira. Três meses atrás, Silveira teve seu primeiro contato com a AAB através de um ameaçador bilhete datilografado em papel de seda, enviado de uma agência postal do bairro do Méier, no Rio de Janeiro, e em um envelope de papel pardo. Uma madrugada, dois meses mais tarde, o segundo contato, desta vez por telefone, avisava em linguagem obscena: "Seu comuna... Brevemente você ou seu filho vão pagar".

Nos panfletos espalhados em frente ao depósito atingido pela explosão — sempre datilografados em papel de seda e em uma máquina, segundo a polícia, "já fora do mercado" — os terroristas estendem essas ameaças "aos comunistas encapuzados de intelectuais", citando nominalmente o professor Cândido Men-

Niterói

O diretório do MDB em Niterói distribuiu ontem nota oficial manifestando o seu repúdio aos atentados terroristas no Rio. Diz a nota em certo trecho:

"A Comissão Executiva do Diretório Municipal do MDB em Niterói expressa o seu mais profundo repúdio à violência sofrida pelo Bispo de Nova Iguaçu e pelo diretor do GLOBO. Os atos perpetrados demonstram inequivocamente a soléncia de alguns

Rio Grande do Sul

O presidente em exercício do diretório regional da Arena no Rio Grande do Sul, Octavio Omar Cardoso, enviou o seguinte telegrama ao jornalista Roberto Marinho: "Em nome do diretório regional da Arena do Rio Grande do Sul, manifesto a vossa senhoria veemente repúdio ao gesto irresponsável dos



Bomba na editora: contra "comunistas encapuzados de intelectuais"

des, os escritores Alceu Amoroso Lima, Barbosa Lima Sobrinho, Nelson Werneck Sodré, Roland Corbisier e Geraldo Melo Mourão, o ex-deputado Max da Costa Santos e o teatrólogo Dias Gomes, prometendo que "nós iremos procurá-los em breve para um ajuste de contas".

Na sexta-feira, Ênio Silveira e sete dos oito visados — exceção apenas de Cândido Mendes — pediram proteção às autoridades contra as ameaças da AAB. Num manifesto entregue aos jornais e aos correspondentes de publicações estrangeiras lembram que "a segurança de todos nós incumbe à autoridade pública, que dispõe de polícias estaduais fortemente armadas, de uma polícia federal e de um serviço nacional de informações". Segundo os signatários, a polícia sempre teve oportunidade de revelar sua eficiência, identificando os autores de seqüestros de embaixadores e de aviões ou de assaltos a bancos.

Dentro dos presídios — A Secretaria da Segurança Pública, na semana passada, não parecia a caminho de satisfazer a Silveira e seus companheiros. Em primeiro lugar, informou que não tem pessoal suficiente para dar as garantias pedidas. E, quanto à identificação dos autores dos atentados, confessa não ter qualquer pista até agora. E, na verdade, como ocorreu em episódios semelhantes, os terroristas têm podido penetrar nos mais bem guardados recintos e escapar sem deixar qualquer indício de sua passagem.

É o que constatou o próprio Ênio Silveira na semana passada, quando prestava seu depoimento na 21.ª Delegacia. A certa altura, o comissário que o atendia precisou interromper o trabalho para atender o telefonema de uma mulher, que se identificou com sendo da AAB e pediu que o policiamento fosse reti-

rado da editora para que "pudessem completar o serviço". "Parece que estão na nossa frente e não poderemos fazer nada", lamentou o policial. Mas a polícia, também, parece estar se acostumando a esse tipo de audácia. Folhetos da AAB circulam nos presídios políticos de São Paulo, contendo ameaças aos presos e a pessoas de suas famílias.

Três dias mais tarde, na quinta-feira, a 1.ª Auditoria da Aeronáutica recebeu uma pasta magra e verde contendo o resultado das investigações realizadas pelo Departamento de Polícia Política e Social sobre o fracassado atentado à sede da Ordem dos Advogados do Brasil, no Rio de Janeiro, no dia 18 de agosto, data em que começaram a ser jogadas as bombas — no mesmo dia, uma outra chegou a explodir na sede da Associação Brasileira de Imprensa, também no Rio. A pasta continha um pedido de prazo para novas investigações, alegando não ter sido possível executar melhor a tarefa devido ao "acúmulo de trabalho na delegacia especiali-

zada e exigência de novas diligências". O inquérito policial sobre a explosão da outra bomba na ABI não alcançou, até agora, melhores resultados. Da mesma forma, continuam sem pistas as investigações sobre o atentado a bomba contra o jornal *Opinião*, igualmente no Rio, no dia 16 de novembro.

Ação do Exército — Os únicos trunfos obtidos pela polícia até o momento parecem ser os três retratos falados dos seqüestradores do bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hypolito, e autores do atentado a bomba contra a residência do jornalista Roberto Marinho, em setembro. Os retratos foram elaborados com base na descrição feita pelo bispo no dia seguinte ao seu seqüestro mas divulgados somente na última sexta-feira. Apesar dessa demora, e dos traços pouco reveladores entregues à vigilância da população, os superiores eclesiásticos de dom Adriano parecem satisfeitos com o rumo das investigações.

Na quinta-feira passada, depois de rezar na Igreja da Candelária a missa de comemoração ao Dia da Justiça, o cardeal da arquidiocese do Rio de Janeiro, dom Eugênio Salles — que recentemente esteve com o presidente Ernesto Geisel para agradecer a presença de autoridades na sagração da nova catedral do Rio —, declarou-se seguro de que as atividades da AAB serão reveladas em breve. Com as autoridades "dando à opinião pública todas as informações e esclarecimentos de que ela é merecedora".

Essa confiança nasce da convicção — obtida também pelos juristas que visitaram o general Reynaldo Melo de Almeida, então comandante do I Exército — de que o Exército também está empenhado em identificar e localizar os autores dos atentados. E suas investigações, destinadas não à formação de processos judiciais mas à eliminação de todos os focos de subversão, ao que parece, já têm elementos muito mais concretos que os obtidos pela Polícia Civil.



Retratos falados: única pista dos seqüestradores de dom Hypolito

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Presseearchiv

Zeitung	Datum	Nummer

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

1.B. 5-4-78

Comissão de Justiça e Paz de Nova Iguaçu denuncia ameaças contra D Adriano

Brasília — Um comunicado para ser lido em todas as missas e reuniões religiosas de domingo, que denuncia novas ameaças ao Bispo Dom Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, foi distribuído ontem pela CNBB. O objetivo é "despertar em todas as comunidades um movimento de orações e solidariedade a D Adriano".

O documento foi preparado pela Comissão de Justiça e Paz da Diocese de Nova Iguaçu e diz que as ameaças fazem parte "de um plano arquitetado por quem perdeu o sentido de justiça social e que não compreende o esforço da Igreja para conseguir a paz".

Justiça e Paz denuncia ameaças a D. Adriano

Correio da Lavoura
9.4.78 (CONCLUSÃO)

todas as reuniões do próximo domingo dia 09 de abril, para despertar em todas as comunidades um movimento de orações e de solidariedade em favor de Dom Adriano. Todos entraremos em vigília de fé e de fraternidade.

Nova Iguaçu, 02 de abril de 1978.

Comissão Diocesana de Justiça e Paz, em seu próprio nome e em nome da Cúria Diocesana e do Conselho Presbiterial da Diocese de Nova Iguaçu".

Zeitung	Datum	Nummer
---------	-------	--------

O COMUNICADO

"Na última Quinta-Feira Santa, tomamos conhecimento de que novas ameaças foram feitas ao nosso Bispo Diocesano, Dom Adriano Hipólito. O Bispo de Nova Iguaçu não aprendeu a lição", por isso estaria em andamento o plano de novo "castigo" desta vez mais violento, de modo que este Bispo "que não quer calar a boca" passaria uns meses no hospital." Para isto Dom Adriano, já faz algum tempo, estaria sendo seguido, inclusive de helicóptero, em suas viagens e visitas às diversas comunidades, no seu trabalho pastoral. Uma data teria sido fixada para o "castigo", mas falhou e foi adiada.

"Meros boatos, como tantos que surgem, muitas vezes sem fundamento? Balão de ensaio? Tentativa de intimidação? Ou guerra psicológica para atrapalhar a pastoral de nossa diocese?"

"Alguns fatos permitem crer que não se trata de boato apenas, mas de um plano arquitetado por quem perdeu o sentimento de justiça social e de amor ao próximo, por quem não compreende o esforço da Igreja em construir a paz.

"Poderíamos ignorar tudo ou entender tudo como boato, caso não houvesse as ameaças precedentes, o fato do sequestro, que revoltou a opinião pública nacional e internacional, e os inquéritos que, apesar de tantos interrogatórios e promessas de seriedade, foram afinal arquivados pelas autoridades competentes do Exército e da polícia "por falta de provas".

"Seria ingênuo e mesmo irresponsável não nos preocuparmos com as ameaças veladas ou claras que são feitas primeiramente à pessoa do nosso Bispo, mas nele visam realmente a atingir a Igreja Católica em nosso país e a silenciar a pastoral de nossa Diocese que optou, numa linha de inteira fidelidade a Jesus Cristo e ao Evangelho, pela

conscientização do povo da Baixada Fluminense e pela defesa dos marginalizados por uma ordem social injusta.

"Diante dos fatos e das denúncias recebidas, o Conselho Presbiterial da Diocese de Nova Iguaçu, em sessão de 28 de março passado, encarregou a Comissão Diocesana de Justiça e Paz de coordenar a posição da Diocese, em face das presentes ameaças. Não podemos calar. Temos de iniciar o povo, sobretudo os fiéis de nossa Diocese.

"A Comissão Diocesana de Justiça e Paz reuniu-se, no dia 1.º de abril último, em sessão extraordinária e deliberou, pela unanimidade de seus membros, dar todo apoio e solidariedade ao Bispo Diocesano, protestar contra essas violações dos direitos humanos e da ordem jurídica do país, planejadas e cometidas, agora como tantas outras vezes, por um poder paralelo que, no anonimato, com dinâmica própria, se investe de uma autoridade que não tem e se mostra capaz de todas as violências, para executar suas metas criminosas.

"Chegou a hora de mais uma ação conjunta de toda a nossa Diocese, em favor da justiça. E preciso mobilizar a opinião pública. É preciso denunciar publicamente a insegurança em que vivemos, inclusive para lembrar o sequestro e outros crimes não investigados seriamente nem punidos.

"Em nome da Cúria Diocesana, em nome do Conselho Presbiterial da Diocese, a Comissão Diocesana de Justiça e Paz pede que esta comunicação urgente e necessária, seja transmitida aos fiéis em todas as santas missas e em todas as reuniões do próximo domingo dia 9 de abril, para despertar em todas as comunidades um movimento de orações e de solidariedade em favor de Dom Adriano. Todos entraremos em vigília de fé e de fraternidade."

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer

Bispos paulistas chocados com ameaças a Dom Adriano se queixam de insegurança

São Paulo — "Acredito na segurança do país e no seu futuro, quando a todos os cidadãos for assegurado o direito de viver e de poder participar", afirmou, ontem, Dom Mauro Morelli, coordenador da Assembléia Regional (paulista) da CNBB, em Itaiçi, a propósito das notícias de ameaças ao Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito.

Todos os bispos participantes da Assembléia, disse, "ficaram chocados" com essas notícias. "Todos nos sentimos solidários a Dom Adriano e não o defendemos só porque é Bispo; mas, defendemos o direito que todo o cidadão tem à vida, o direito de colocar seu ideal, sua inteligência, seus dons a serviço do bem comum", acrescentou.

SEGURANÇA

Os trabalhos da Assembléia encerram hoje, quando os bispos paulistas darão por concluída sua proposta para o documento final a ser elaborado na Assembléia Nacional da CNBB com vista à 3a. Conferência Episcopal Latino-Americana, a realizar em Puebla, no México. Serão, ainda, sugeridos seis nomes de bispos paulistas para candidatos a delegados do Brasil na Assembléia latino-americana.

De acordo com Dom Mauro Morelli, os participantes da Assembléia Regional paulista colocaram entre as primeiras sugestões para seu documento "o anúncio, promoção e defesa dos direitos humanos, particular-

mente dos pobres e marginalizados" e, como pontos de ação, "defender os direitos que são violados nas estruturas social, política e econômica e empreender uma ação de frente à injustiça institucionalizada (prostituição, violência, situação dos índios, dos camponeses, etc.), e de superar o medo de lutar".

"A segurança que nós pedimos", afirmou, "é a segurança em primeiro lugar das pessoas, o livre direito de manifestação de idéias e o direito de agir de forma pacífica e co-responsável na tarefa de reorganização constante da sociedade humana, para que todas as estruturas sociais estejam a serviço do homem e da comunidade."

JB 6/4/78

Zeitung	Datum	Nummer

0 012 7.4.78

Seguem as ameaças ao Bispo de Nova Iguaçu

O noticiário nos jornais e os comentários em toda a Baixada Fluminense, dando conta de que o Bispo Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, está ameaçado de morte pelo Esquadrão, pegaram de surpresa o Delegado Nemésio Vidal Garcia e o Promotor José Pires Rodrigues, da 4.ª Vara Criminal de Nova Iguaçu. Durante todo o dia de ontem, vários jornalistas visitaram os locais onde provavelmente Dom Adriano Hipólito poderia estar. Mas ele não foi encontrado e nenhum de seus auxiliares deu qualquer informação precisa sobre seu paradeiro. As imediações de sua residência estão guardadas pela Polícia.

HOUE AMEAÇA

Nem na residência oficial do bispo nem na sede da diocese de Nova Iguaçu havia informações precisas sobre o local onde D. Adriano poderia ser encontrado. Um de seus auxiliares limitou-se a confirmar que houve as ameaças — e continuam havendo — em resposta a recente manifestação de D. Adriano contra a atuação dos grupos de extermínio. Mas acrescentou que o bispo não teme essas ameaças e está disposto a enfrentá-las. Continuará lutando pelos direitos humanos e contra a matança indiscriminada na Baixada. Por enquanto, só se rendeu muito a Deus.

Houve comentários de que D. Adriano teria sido convidado por D. Eugênio Sales para pas-

sar uns dias em sua residência oficial, no Rio de Janeiro. Mas o bispo de Nova Iguaçu teria afirmado que a aceitação do convite poderia ser interpretada pelos homens do Esquadrão da Morte como uma atitude covarde.

VIGILANCIA FOLICIAL

O delegado de Nova Iguaçu, Nemésio Vidal Garcia, passou a tarde de ontem na Secretaria de Segurança. Ao retornar à sua delegacia não quis fazer comentários sobre os assuntos tratados com o Secretário. Aparentemente, o problema do bispo Dom Adriano Hipólito esteve em pauta, mas o delegado não confirmou.

Disse apenas a autoridade que, embora não tenha recebido qualquer pedido oficial de garantias de vida para o bispo, tem mantido turmas especiais de detetives nas imediações dos locais onde Dom Adriano poderá estar, como por exemplo sua residência, a sede da diocese e as obras de caridade.

O Promotor José Pires Rodrigues mostrou-se surpreso com as ameaças do Esquadrão ao bispo e lastimou que tudo isto esteja acontecendo. Disse estar solidário com Dom Adriano Hipólito na luta contra o Esquadrão e manifestou confiança em que, brevemente, haverá uma solução para o problema da insegurança de todos aqueles que vivem na Baixada Fluminense.

ESQUADRÃO AMEAÇOU BISPO DE NOVA IGUAÇU

0 Dia 6.4.78

DUQUE DE CAXIAS (Sucursal) — O Bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, resfirmou ontem, a jornalistas de São Paulo que vem sofrendo ameaças de seqüestro, cuja autoria não soube dizer e teme que haja ligação com o «Esquadrão da Morte», cujas atividades na Baixada Fluminense ele e sua Diocese vêm denunciando constantemente. A Comissão de Justiça e Paz enviou um relatório à Conferência dos Bispos do Brasil e outro poderá ser dirigido ao Vaticano.

D. Adriano contou que na Semana Santa viajara para Volta Redonda em companhia do sobrinho Fernando, que dirige seu carro (o mesmo que em 27 de novembro de 1976 foi seqüestrado junto com o Bispo em Nova Iguaçu), e durante longo trecho da Rodovia Presidente Dutra foram seguidos.

Os telefonemas ameaçando o bispo de seqüestro foram recebidos por dois funcionários da Diocese, e na última reunião da Comissão de Justiça e Paz, ficou decidido que as ameaças seriam levadas ao conhecimento da CNBB através de um relatório. D. Adriano não sabe a quem atribuir as ameaças, mas acredita que tudo esteja relacionado com o fato de tanto a Diocese como a Comissão

vrem denunciando as atividades do «Esquadrão da Morte» na Baixada e pedirem mais ação das autoridades. O bispo diz temer o «Esquadrão».

NENHUMA QUEIXA

A Secretaria de Segurança do Estado do Rio desconhece as denúncias feitas pela CNBB sobre ameaças que vêm sendo feitas ao bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito. A assessoria de comunicação social informava ontem, oficialmente que nenhuma queixa foi feita a qualquer Delegacia e que, por isso, o próprio General Brum Negreiros não determinou qualquer providência sobre o assunto.

O delegado do DPDS (Departamento de Polícia Política e Social), Brito Pereira, confirmou que o inquérito que apura o seqüestro do bispo, ocorrido no ano passado, foi arquivado por «falta absoluta de provas», não chegando a ser transformado em processo, embora admita conhecer muito pouco das investigações feitas, porque «aquela época era apenas delegado da Distrital de Brás de Pina, quanto ao caso atual, segundo ele, somente com uma queixa ao DPDS é que providências poderiam ser tomadas.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer

FATO ABSURDO

A ameaça que envolve D. Adriano de sofrer novo seqüestro fere a nossa sensibilidade cristã e, além disso, nos amedronta e estimula o pânico naqueles que pretendem lutar em defesa dos direitos humanos neste País. Não sabemos de detalhes que possam identificar este ou aquele agressor. Mas a verdade é que, pelo anonimato, o aparelho repressivo se resguarda de possíveis sanções e denúncias e se mantém, por extensão, distante da condenação pública. Vivemos um período de apreensão e medo, já se disse, em que as liberdades públicas se vêem ameaçadas por forças paralelas ao Governo — e por isto incontroláveis —, que promovem a intimidação pelo terror, o conformismo pela violência. O caso de D. Adriano é típico de um sistema que pretende, na verdade, subverter a ordem jurídica, acuando, à exaustão, todos aqueles que pretendem promover a justiça e a paz social. D. Adriano se insere no rol daqueles que querem promover o bem comum, utilizando-se de meios pacíficos no sentido de tornar a nossa sociedade mais fraterna e solidária, contra todas as iniquidades patentes e condenáveis de um regime que, por incrível que pareça, admite reformar-se sob a chancela do arbítrio.

Não admitimos a violência de qualquer espécie, sobretudo quando ela se coloca a serviço dos que pretendem manter sob controle um povo naturalmente passivo e dócil, encarando-o como um bando de marginais, ao qual só se deve legar a miséria e, quando muito, as sobras de uma minoria privilegiada.

Correio da Lavoura 9.4.78
DO EDITOR

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Datum

Nummer

Carta ao Ministro tem repercussão nacional

A carta enviada pela Comissão Diocesana de Justiça e Paz de Nova Iguaçu, cujo esboço fora aprovado na reunião realizada no último dia 18, foi ontem (sexta-feira) amplamente divulgada pela imprensa carioca e nacional. Deram divulgação ao documento os seguintes jornais da capital do Estado: "O Dia" e "Jornal do Brasil". Também "O Fluminense", de Niterói, e "O Pontual", de Nova Iguaçu, deram destaque à carta enviada ao Sr. Ministro da Justiça Armando Falcão, de análise sobre o surto de criminalidade na Baixada Fluminense.

A carta ainda foi divulgada na íntegra pelos jornais paulistas "O Estado de São Paulo" e "Jornal da Tarde", além da revista "Veja". Cópias da carta enviada ao Sr. Armando Falcão foram ainda dirigidas ao Governador do Estado do Rio, ao Secretário de Segurança do Estado e ao Presidente da OAB, Sr. Raimundo Faoro.

A CARTA

Eis alguns trechos da carta enviada ao Ministro da Justiça pela Comissão Diocesana de Justiça e Paz:

"A Comissão Diocesana de Justiça e Paz, órgão da Diocese de Nova Iguaçu, no momento em que a Nação se mobiliza num esforço comum no sentido de lutar pelos Direitos Humanos, não poderia de forma alguma deixar de relatar a V. Exa. alguns fatos que vêm alarmando, em escala crescente a população da Baixada Fluminense. A Comissão de Justiça e Paz quer se referir, neste momento, ao recrudescimento da criminalidade, nesta importante mas sofrida região do País, onde a insegurança de todos, face ao clima de vio-

lência, gerado pela repressão policial, vem certamente criando um estado de tensão, apreensão e medo, na maioria das pessoas que aqui vivem e trabalham ordeiramente e que, por esse justo motivo, confiam em que as autoridades deste País, no setor de Segurança Pública, possam criar meios para que a convivência social se estabeleça sob o primado da paz e da justiça".

A carta prossegue tecendo considerações sobre o estado geral de violência que vive a sociedade brasileira negando que as manifestações dessa ordem sejam fatos isolados. História a seguir a violenta repressão que tem ocorrido na Baixada, onde, desde janeiro, já apareceram noventa e cinco corpos, nos quais se observou um detalhe que poderia chamar a atenção dos menos avisados, mas que representa apenas uma "dolorosa" rotina: em todos os corpos, além das sevícias, há indícios de que foram previamente algemados. Não cabem nas circunstâncias - prossegue a carta - maiores indagações, mas infelizmente constatar: noventa e cinco mortos, torturados, mutilados e com sinais de algemas". Um dado para refletir, argumenta a Comissão.

AS CAUSAS

A carta conclui afirmando: "Enquanto se constroem pontes, viadutos, centros de convenções para desfiles de modas e dos últimos inventos tecnológicos etc., os marginalizados, carentes de todos os recursos, queiram ou não, tomam conhecimento dessas benesses e procuram apoderar-se ilegalmente das sobras. Daí a marginalidade, a delinquência, os assaltos".

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Correio da Lavoura 9.4.76

JUSTIÇA E PAZ DENUNCIA AMEAÇAS A D. ADRIANO

Convocada extraordinariamente no último sábado (dia 19), a Comissão Diocesana de Justiça e Paz discutiu, por sugestão de seu Presidente, D. Adriano Mandarino Hypólito, a maneira pela qual seriam denunciadas as ameaças que o ilustre prelado vem sofrendo, no sentido de fazê-lo passar pelas mesmas humilhações e até mesmo vitimá-lo com agressões ainda maiores do que as que se verificaram em setembro de 76, quando D. Adriano se viu seqüestrado e sequestrado por um grupo identificado como sendo da AAB (Aliança Anticomunista do Brasil). Debatidos os prós e os contras, a Comissão Diocesana de Justiça e Paz, pela maioria de seus membros, resolveu emitir um comunicado para ser lido em todas as missas deste fim de semana, dirigido "a toda a população, especialmente aos jovens, religiosos e católicos da Diocese de Nova Iguaçu". O comunicado, já distribuído à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), foi publicado em vários jornais de grande imprensa, tendo o JB, que o divulgou, ressaltado o objetivo de "despertar em todas as comunidades um momento de orações e solidariedade a D. Adriano".

O COMUNICADO

"Na última quinta-feira Santa, tomamos conhecimento de que novas ameaças foram feitas ao nosso Bispo Diocesano, Dom Adriano Hypólito. "O Bispo de Nova Iguaçu não aprendeu a lição", por isso estaria em andamento o plano de novo "castigo", desta vez mais violento, de modo que este Bispo "que não quer calar a boca passaria uns meses no hospital". Para isto, Dom Adriano, já faz algum tempo, estaria sendo seguido, inclusive de helicóptero, em suas viagens e visitas às diversas comunidades, no seu trabalho pastoral. Uma data teria sido fixada para o "castigo", mas falhou e foi adiado.

Meros boatos, como tantos que surgem, muitas vezes sem fundamento? Balão de ensaio? Tentativa de intimidação? Ou guerra psicológica para atrapalhar a pastoral de nossa Diocese?

Alguns fatos permitem crer que não se trata de boato



apenas, mas de um plano arquitetado por quem perdeu o sentimento de justiça social e de amor ao próximo, por quem não compreende o esforço da Igreja em construir a paz.

Poderíamos ignorar tudo ou entender tudo como boato, caso não houvesse as ameaças procedentes, o fato do seqüestro, que revoltou a opinião pública nacional e internacional, e os inquéritos que, apesar de tantos interrogatórios e promessas de seriedade, foram afinal arquivados pelas autoridades competentes do Exército e da Polícia "por falta de provas".

Seria ingênuo e mesmo irresponsável não nos preocuparmos com as ameaças veiculadas ou claras que são feitas primeiramente à pessoa de nosso Bispo, mas nele visam realmente a atingir a Igreja Católica em nosso País e a silenciar a pastoral de nossa Diocese que optou, numa linha de inteira fidelidade a Jesus Cristo e ao Evangelho, pela conscientização do povo da Baixada Fluminense e pela defesa dos marginalizados por uma ordem social injusta.

Diante dos fatos e das denúncias recebidas, o Conselho Presbiterial da Diocese de Nova Iguaçu, em sessão de 28 de março passado, encarregou a Comissão Diocesana de Justiça e Paz de coordenar a posição da Diocese, em face das presentes ameaças. Não podemos calar. Temos de informar o povo, sobretudo os fiéis de nossa Diocese.

A Comissão Diocesana de Justiça e Paz reuniu-se, no dia 1.º de abril último em sessão extraordinária e deliberou, pela unanimidade de seus membros, dar todo apoio e solidariedade ao Bispo Diocesano; protestar contra essas violações dos direitos humanos e da ordem jurídica do País, planejadas e cometidas, agora como tantas outras vezes, por um poder paralelo que, no anonimato, com dinâmica própria, se investe de uma autoridade que não tem e se mostra capaz de todas as violências, para executar suas metas criminosas.

Chegou a hora de mais uma ação conjunta de toda a nossa Diocese, em favor da justiça. É preciso mobilizar a opinião pública. É preciso segurança em que vivemos, denunciar publicamente a inclusive para relembrar o seqüestro e outros crimes não investigados seriamente nem punidos.

Em nome da Cúria Diocesana, em nome do Conselho Presbiterial da Diocese, a Comissão Diocesana de Justiça e Paz pede que esta comunicação, urgente e necessária, seja transmitida aos fiéis em todas as Santas Missas e em

Zeitung	Datum	Nummer
---------	-------	--------

Comissão Diocesana poderá pedir novas investigações sobre seqüestro de Bispo

A Comissão Diocesana de Justiça e Paz se reúne no sábado para discutir se pedirá ou não a reabertura do inquérito sobre o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito — suspenso pela polícia por falta de provas — e o que fazer para proteger dois dos seus integrantes, que afirmam estar sendo seguidos por desconhecidos.

Em todas as 250 igrejas da Diocese de Nova Iguaçu foi lida ontem, ao final de cada missa, a nota de solidariedade a Dom Adriano Hipólito, divulgada na semana passada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O Bispo de Nova Iguaçu recebeu na Semana Santa ameaças de que seria novamente seqüestrado num prazo de seis meses porque não teria "aprendido a lição na primeira vez".

AMEAÇAS

Seqüestrado na noite do dia 22 de setembro de 1976 por desconhecidos que se identificaram como integrantes de Ação Anticomunista Brasileira, Dom Adriano Hipólito prestou depois vários depoimentos no Departamento de Polícia Política e Social até que o então diretor, delegado Borges Fortes, resolveu parar o inquérito "por falta de provas". Para Dom Adriano, a certeza da impunidade é que estaria gerando "as novas ameaças, feitas, suponho, pelas mesmas pessoas que participaram do seqüestro há pouco mais de um ano".

Essas ameaças começaram na quinta-feira da Semana Santa quando "dois amigos meus vieram me contar que uma pessoa, residente aqui em Nova Iguaçu, afirmou-lhes que estariam novamente programando meu seqüestro e eu ficaria dois ou três meses no hospital". Para que não houvesse dúvidas sobre a veracidade das informações, "a tal pessoa disse que eu estava sendo seguido já há algum tempo e citou inclusive a participação de um helicóptero no esquema". "Essa afirmação realmente é de quem está sabendo dos fatos e daí eu fiz uma ligação: realmente, no início de março, um helicóptero me seguiu, sobrevoando meu carro, no percurso entre a Serra das Araras e Volta Redonda, na Via Dutra, e só depois de eu chegar ao Centro de Formação nesta cidade, é que ele foi embora. Mesmo eu tendo trafegado em estradas de terra para chegar ao local, não dei importância ao fato pensando tratar-se de um helicóptero da Polícia para fiscalizar excessos de velocidade", disse o Bispo de Nova Iguaçu.

Alguns dias depois do primeiro aviso, a mesma pessoa falou com os dois amigos de D Adriano, informando que a data, anteriormente marcada para o novo seqüestro, havia sido adiada e que o prazo seria de seis meses. Como os dois amigos quisessem saber

mais detalhes, o informante se esquivou dizendo "que se falasse mais seria prejudicado". Para o Bispo de Nova Iguaçu, que não deu qualquer queixa à delegacia policial, nem remeteu documentos à Secretaria de Segurança, "a identidade da pessoa que está dando informações, e que, evidentemente, deve estar ligada aos que querem me seqüestrar, não me interessa, nem farei nada para conhecê-la".

Sorridente, e afirmando que tem tomado algumas precauções, D Adriano Hipólito diz que as ameaças têm cunho político e "isso deve ser um engano porque fazemos neste tom, pelo menos com os problemas de política-partidária ou contra o atual sistema de governo no Brasil". Segundo ele, "o nosso trabalho é somente inspirado na linha da CNBB e do Vaticano II, não havendo qualquer intenção de corrida ao Poder".

SUSPEITAS

As ameaças a D Adriano Hipólito não voltaram a se repetir, mas dois integrantes da Comissão Diocesana de Justiça e Paz — composta de 12 membros, entre padres e leigos — disseram que suspeitam estar sendo seguidos há alguns dias por desconhecidos. No próximo sábado, a Comissão vai se reunir para estudar o caso e decidir também se pedirá a reabertura do processo para descobrir os responsáveis pelo seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu em 1976.

Nas 250 igrejas da Diocese de Nova Iguaçu, a rotina só foi alterada com a leitura da nota, distribuída na semana passada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e que pede "uma ação conjunta de toda a nossa Diocese em favor da justiça" explicando que "é preciso denunciar publicamente a insegurança em que vivemos, inclusive para lembrar o seqüestro e outros crimes não investigados seriamente nem punidos".

Homenagem alemã

Na opinião de um dos mais antigos catedráticos da Universidade de Tübingen, na Alemanha Ocidental, "foi uma cerimônia tão significativa que não se pode fugir à tentação de classificá-la como tendo sido de inigualável significado".

E, de fato, a concessão do título de doutor *honoris causa* em Teologia, no último dia 10, a quatro personalidades que exprimem admiravelmente a amplitude do pluralismo pós-conciliar — o bispo brasileiro Adriano Hypolito, de Nova Iguaçu (RJ), o teólogo soviético Evgeniy V. Barabanow, o abade de Jerusalém Laurentius Klein e o físico e filósofo alemão Carl Friedrich von Weizsaker, diretor do Instituto Max Planck — foi um dos pontos altos das comemorações dos 500 anos da instituição.

Fundada no século XVI, 23 anos antes da descoberta do Brasil, a Universidade de Tübingen é hoje considerada um dos maiores centros de estudos teológicos do mundo, bem como de candentes debates sobre o ecumenismo, realizados em suas vetustas dependências num clima de inteira liberdade. À frente de sua Faculdade de Teologia Católica, por exemplo, como diretor do Instituto de Pesquisa Ecumênica, está o teólogo suíço Hans Küng, que conquistou notoriedade internacional justamente por questionar, poucos anos atrás, a infalibilidade do papa e o dogma da concepção de Maria.

Dos quatro distinguidos, só deixou de comparecer a Tübingen o teólogo Barabanow, também um renomado estudioso da arte e da história, hoje inscrito entre os "dissidentes" pelo governo de seu país. As autoridades soviéticas negaram-lhe a concessão do passaporte e sua embaixada em Bonn manifestou "inteira incompreensão pela escolha". Por isso mesmo, reitores, professores e estudantes presentes à cerimônia, procedentes de toda a Alemanha e de diversos países da Europa, aplaudiram demoradamente a solene exibição de sua fotografia e, sobretudo, o momento em que Küng leu em voz alta um trecho da obra de Barabanow: "Nossa vocação é pisar sobre escorpiões e dragões e anunciar o reino de Deus. A grande responsabilidade dos cristãos diante do mundo exige de nós iniciativas e ações. No derradeiro tribunal da História Humana, prestaremos contas não apenas a respeito de nossa alma, mas também sobre o destino do mundo que nos foi confiado".

Luta destemida — Já para dom Adriano, o primeiro brasileiro laureado com o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Tübingen, Küng teve palavras altamente elogiosas: "Ele se desta-

cou através de um humanismo cristão e de uma luta destemida em prol do respeito aos direitos humanos e de uma maior justiça social no Brasil. E tem participado com trabalhos teológicos de profundidade na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Além disso, criou muitas pontes entre a Igreja Católica do Brasil e a da Alemanha".

Com efeito, dom Adriano, que tem viajado seguidamente para a Alemanha, é um antigo freqüentador dos círculos católicos do país, especialmente das obras beneficentes "Misereor" e "Adveniat". E desde o dia 22 de setembro de 1976, quando foi seqüestrado em Nova Iguaçu e maltratado por um grupo

Servir ao homem — Foi também baseado nesse seu trabalho pastoral que o bispo de Nova Iguaçu pronunciou o sermão, durante a missa celebrada com o abade Klein, de Jerusalém, e o decano da Faculdade de Teologia Católica, na Igreja de São João, pouco antes de receber a láurea.

Com a voz pausada e num alemão fluente, perfeitamente inteligível pelos presentes, dom Adriano declarou: "Muitos estão cheios de louvores para com a segurança política do Brasil, mas o inacreditável progresso beneficia apenas as camadas privilegiadas". E, mais adiante: "Acusam-nos de sermos idealistas, de não entendermos nada das leis



D. Adriano, na Universidade de Tübingen: destacado pelo humanismo

até hoje não identificado, seu prestígio cresceu bastante. Ainda assim, seria exagero creditar a uma eventual compaixão ou intenção de desagravo as razões da escolha de seu nome. Pois há muito tempo qualquer episódio significativo envolvendo o bispo de Nova Iguaçu encontra repercussão na Alemanha. Em meados deste ano, por exemplo, alguns órgãos de imprensa chegaram a noticiar a falsificação do jornalzinho de sua diocese, *A Folha* — uma edição clandestina datada de 29 de maio reproduziu na íntegra o documento no qual dom Geraldo Proença Sigaud, bispo de Diamantina, acusava de comunista seu colega dom Pedro Casaldáliga, de São Félix do Araguaia. "Acho que me escolheram pelas atividades de bispo numa situação difícil, política e socialmente, e pelas minhas tentativas de integrar as pessoas nos direitos humanos", disse dom Adriano ao correspondente de VEJA em Bonn, Carlos Struwe.

econômicas. Mas um sistema econômico deve servir ao homem e não o contrário. É preciso mudar a situação das pessoas no Brasil, no sentido do Evangelho".

Um fato significativo, notado pelo teólogo Küng, foi a rara ausência de manifestações estudantis. Ainda recentemente, durante cerimônia semelhante, ruidosos grupos de jovens empunharam cartazes com dizeres do tipo de "500 anos já são demais". Ao contrário, na Faculdade de Teologia Católica, local da entrega dos títulos, a atmosfera permaneceu não apenas calma como marcada pela espontaneidade e informalidade, devidas em parte ao próprio dom Adriano, que a certa altura quebrou o protocolo e acenou para a multidão. "As coisas muito solenes não dão com o temperamento de um sergipano e ainda por cima franciscano, como eu", disse o bispo de Nova Iguaçu, empunhando seu diploma escrito em latim.

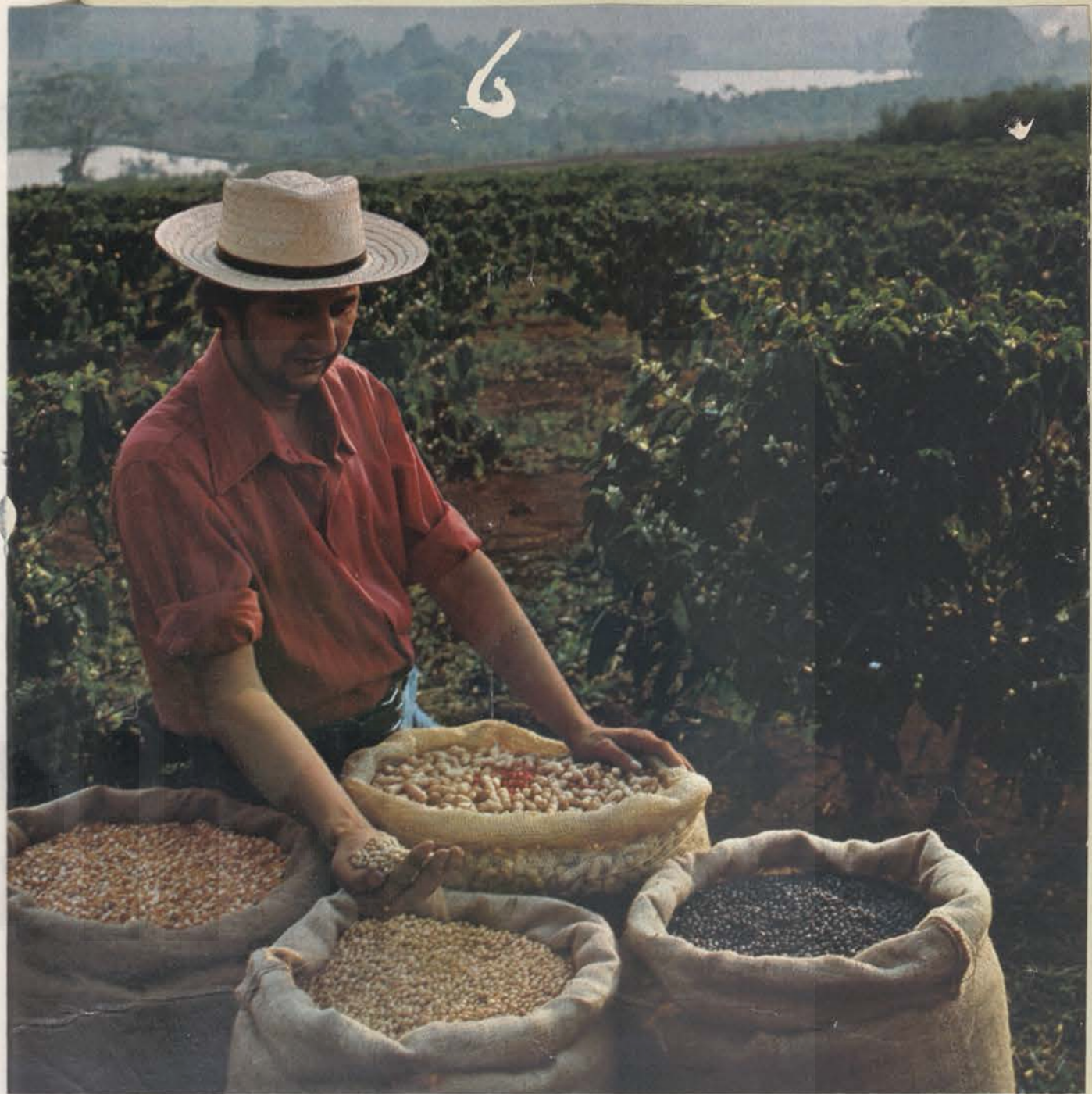
19. Okt. 1977

Auf Grund des feucht-warmen Klimas und dank des Roterde-(Ferra-Roxa) Bodens breitere sich einst der tropische, an Nützlicheren reiche Wald, die Mata Atlantica von Rio Grande do Norte bis zum Rio Grande do Sul aus und erreichte im Gebiet des Staates Sao Paulo seine größte Dichte. Von diesem Atlantischen Wald (einst 82,2% der Landesfläche) blieben im Territorium von Sao Paulo ganze drei bestehende Herbergen. Die übrige in den Hanglagen des Meeresgebietes, im Gipfelgebiet von Jaraguá und der Wald von Gaúcaia, 30 km von der Stadt Sao Paulo entfernt. Gerade um dieses letztere Waldstück erbrannte erst noch vor kurzem ein heftiger Streit zwischen Umweltschützern und Landesregierung, denn von diesem ca. 6000 Hektar großen Waldgebiet sollten für den neuen Flughafen Sao Paulo 805 Hektar gerodet werden. Während der Gouverneur Paulo Egydio Martins meinte, es handle sich um einen schutzigen Wald, um einen bedauernswerten Zwerghain, bewiesen die

4. Vegetation

Die sich anschließenden Landschaftsformen nehmen noch 3/4 der Fläche zurück. des Staates ein. Der Bruchabfall erstreckt sich über 120 km von NO nach SW, er weist durchschnittlich 550-650 m Höhe auf, seine permo-triassischen Schichtstufen machen im allgemeinen keine 60 m Höhenunterschiede aus, so daß sich das Land mehr oder weniger eben darstellt. Das etwas wellige westliche Hochland (Planalto Ocidental), das sich zum Süden hin in das Planalto Meridional (Südbrasilianisches Hochland) fortsetzt, senkt sich in weiteren Schichtstufen von 800 m auf 250-300 m Höhe über NN zur Räumänderung des Paraná ab.

Geologischer Aufbau
Von der Küste in das Landesinnere unterscheidet man vier unterschiedliche Höhenlagen: Küstensaum (Litoral), Atlantische Hochebene (Planalto Atlantico), Bruchabfall (Depressão Paranaica) und westliche Hochebene (Planalto Ocidental). Der Küstensaum (Beira Mar), begrenzt von der steil abfallenden, bis zu 1200 m hohen Serra do Mar, zieht sich über 622 km Länge hin, im Norden schmal und oft von vereinzelt kristallinen Erhebungen (Morros) unterbrochen, wird er von der Santos-Bucht an gleichförmiger, breite Schwemmlandstufen und weitaufgehende Inseln sind São Paulo. Die bedeutendsten der vorgelagerten Inseln sind São Paulo, Bacia de Santos, Santa Amara und Cardoso. Dieses Gebirge durchzieht das Land von SW mit der Serra do Mar, ein altes kristallines Küstengebirge beginnt in NO-Richtung parallel zur Küste, die einzelnen Gebirgszüge tragen die Namen wie Paranaíta, Agudos, Grande, Quatana, Neben diesen Gebirgszügen wird die Landschaft von den "Morros" geprägt. Im Norden des Staates verläuft von NO in SW-Richtung das Mantiquetan-Gebirge mit seinen zahlreichen steil abfallenden Gebirgszügen. In dieser Gebirgskette liegt auch der höchste Berg des Landes der Pico dos Martins mit seinen 2422 m Höhe. Die Landschaftsformen des Planalto Oberlauf des Flusses Tiete gelegen, bildet sich z. B. an einer Stelle, wo der Fluß ein kleines Sedimentbecken, das sog. Becken von Sao Paulo, durchfließt. Die Sedimentfolge besteht auch hier aus einer monotonen, kaum geschichteten, fossilfreien grau-rötlichen Masse aus tonig-siltigen Sedimenten. Die sandig-kieselige oberste Schicht geht auf die jüngsten Terrassenbildungen des Tieté-Flusses zurück.



Ovo mandamento: rotegei os frutos da terra.

Após desenvolver sofisticada tecnologia em produtos industriais, a Union Carbide volta-se agora para a terra, com sua tradicional determinação de contribuir para uma vida melhor, com produtos essenciais que resultam de intensas pesquisas e demorados testes: seus novos defensivos agrícolas biodegradáveis, que não deixam resíduos nas culturas tratadas.

Eles protegem os frutos da terra contra as pragas, para que a terra continue produzindo mais e melhores alimentos para a nossa mesa.

E para a mesa de milhões de pessoas em todo o mundo.

A Union Carbide tem uma presença constante em nossa vida: ela fornece produtos químicos que entram na composição de tintas e corantes, dando cores e alegria a quase tudo o que vemos e usamos; produz as pilhas e lanternas Eveready, que acionam aparelhos eletrônicos e fornecem luz nos momentos de emergência; fabrica o polietileno, plástico que está nos brinquedos, embalagens, utensílios domésticos e numa infinidade de artigos que trazem conforto e comodidade.

A Union Carbide do Brasil emprega mais de 1.500 funcionários e trabalha há quase 30 anos por uma vida melhor.

Por isso, adota o novo mandamento.

Para proteger e multiplicar os frutos da terra.

Para uma mesa mais farta.



continuação da página 54

namento da seguinte forma: que entre as atribuições da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil está também o adequado relacionamento com o poder público. O encaminhamento de soluções que visem ao verdadeiro bem comum.

VEJA — *Haveria, do mesmo modo, uma preocupação de identificação com os problemas das classes sociais menos favorecidas?*

DOM IVO — Se citássemos um dos mais importantes documentos do Concílio Vaticano II, o "Gaudium et Spes", teríamos de dizer isso, com as palavras textuais do próprio Concílio: "A alegria e a esperança, o sofrimento e a tristeza do homem de hoje devem ser também a alegria e a esperança, o sofrimento e a tristeza da Igreja". É nesse sentido que o Concílio apregoa essa identificação de uma Igreja que deve ser para todos — para os ricos, para os governantes, para os poderosos, mas deve ser principalmente a Igreja que dá voz e vez aos pobres e aos mais desamparados.

VEJA — *Dentro da CNBB existem diversas tendências. Quais são os seus pontos de divergência?*

DOM IVO — Mas isso não ocorre só no Brasil. Ocorre no mundo inteiro e creio até que é da própria natureza da Igreja. É evidente que todos os bispos do Brasil e do mundo dirão que devemos ser fiéis ao Evangelho, devemos defender e manter os valores que não podem ser mudados, devemos nos adaptar à história nas coisas acidentais que podem ser modificadas. O problema surge quando se vai dizer em que consistiria essa adaptação acidental, qual vai ser o ritmo dessa adaptação. Qual vai ser a estratégia de ação para que toda a Igreja se adapte nessas coisas acidentais. E é nisso que a Igreja sempre experimentou essas dificuldades concretas. Mas isso não nos assusta. Penso que essas tensões e essas divergências nos fazem mais atentos para que não caiamos numa certa facilidade de talvez nos deixar levar por nossa opção pessoal, mas também prestar atenção aos outros e fazer nossa auto-crítica. E, embora possa às vezes ser um pouco doloroso, quando há divergências mais declaradas e notórias, como ultimamente aconteceu no Brasil, acho que no fundo isso não nos desanima.

VEJA — *Mas esses episódios, como o recentemente ocorrido com dom Sigaud acusando dom Pedro Casaldáliga de comunista, não enfraquecem a posição da Igreja no atual momento político brasileiro?*

DOM IVO — Eu até não gostaria de voltar a falar sobre isso porque me parece que tudo que se devia dizer já foi

dito. E, depois, como o assunto foi também atribuído à Santa Sé, não gostaria de voltar a esse tema. Mas acho que a Igreja deve ser realista, ela deve caminhar com os percalços que lhe acontecem e sem com isso desanimar. Se com isso ela ficou enfraquecida ou não, deixaria aos observadores detectarem e comentarem.

VEJA — *E como o senhor analisa o atual momento político brasileiro?*

DOM IVO — Vejo que aqui se manifesta o que é até um sinal de saúde do povo brasileiro, um sinal de maturidade, pois o povo quer participar, quer um estado pleno de direito, onde, através da participação e liberdade, ele seja realmente povo e não massa conduzida.



Dom Ivo: "A CNBB não é um partido"

E como povo consciente ele exerça sua responsabilidade.

VEJA — *Como se daria essa participação? A Constituinte seria o caminho?*

DOM IVO — A questão da Constituinte para nós seria um detalhe de opção estratégica sobre a qual a Igreja não se pronuncia. Com Constituinte ou sem Constituinte, acho que haveria opções ainda bastante variáveis, contanto que se leve a sério a participação do povo.

VEJA — *Quais seriam essas opções para ouvir o povo?*

DOM IVO — Ele pode ser ouvido através de suas entidades representativas, que seriam, primeiro, partidos políticos que sejam verdadeiramente liberdade de opção. Depois suas entidades de classe, se sim, pelas e todas as outras entidades

que representem categorias importantes da sociedade.

VEJA — *A CNBB mantém a preocupação de em hipótese alguma ser vista como um partido político?*

DOM IVO — É evidente. Acho, inclusive, que aí está uma das falsas visões que alguns setores da opinião pública têm da CNBB. Acham a CNBB um partido de oposição ou coisa parecida, o que ela não quer absolutamente. A Igreja vai continuar seu trabalho, vai falar quando achar que deve falar e vai calar quando achar que deve calar.

VEJA — *De que maneira a Igreja enfrenta as acusações de que, com sua atividade social, estaria se afastando de sua função principal, as pastorais?*

DOM IVO — Acho que de vez em quando um questionamento é útil para todos porque nós queremos conservar o justo modo de fazer pastorais que envolvem sempre o fim transcendente da Igreja, que é a graça. Que é o sobrenatural, que é o eterno, mas que deve pretender influir já aqui neste mundo. Então, essa tensão entre o transcendente e o temporal, entre o eterno e o histórico, não é uma coisa fácil e, quando alguém critica, acho até que isso ajuda a purificar os conceitos e a rever posições. Mas isso é normal e essas discussões ajudam.

VEJA — *Um avanço no sentido social da Igreja não aumentaria as divergências com o Estado?*

DOM IVO — Mesmo que isso aconteça, não devemos levar isso em conta. A Igreja não pode ser oportunista, preocupada com isso. A Igreja deve cumprir sua missão, buscar seu caminho.

VEJA — *E, nesse caminho, a Igreja concorda com que medidas tomadas até agora pelos diferentes governos revolucionários?*

DOM IVO — Nós não fazemos esse tipo de diagnóstico. A Igreja vai tocando com seus princípios, não estamos preocupados em fazer uma lista de possíveis convergências ou divergências. Eu, pessoalmente, não saberia dizer.

VEJA — *Mas a Igreja, como instituição, gostaria que houvesse o maior número possível de convergências?*

DOM IVO — Não sei, não. A própria história da Igreja mostra que as divergências sempre foram tantas que ela quase se acostumou a não ter muitas facilidades. Essa não é uma preocupação da Igreja porque ela tem de viver em qualquer regime e deve fazer o bem em qualquer regime. A Igreja não vai provocar divergências, mas também não vai deixar de fazer o que deve se isso causar divergências.

CE

IM

Bibliothek
3828
Institut für Brasilienkunde
METTINGEN

CEDIM

Institut für Brasilienkunde